

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

JULIANY FRAIDE NUNES

**VOCABULÁRIO DO *CORPO HUMANO* NAS REGIÕES NORTE E SUL DO
BRASIL: PERSPECTIVAS SEMÂNTICA E GEOSOCIOLINGUÍSTICA**

Campo Grande – MS
Janeiro-2017

JULIANY FRAIDE NUNES

**VOCABULÁRIO DO *CORPO HUMANO* NAS REGIÕES NORTE E SUL DO
BRASIL: PERSPECTIVAS SEMÂNTICA E GEOSOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação
do(a) Prof^(a) Dr^(a) Aparecida Negri Isquerdo.
Área de Concentração: Descrição e Análise Linguística.

Campo Grande – MS
Janeiro 2017

JULIANY FRAIDE NUNES

**VOCABULÁRIO DO *CORPO HUMANO* NAS REGIÕES NORTE E SUL DO
BRASIL: PERSPECTIVAS SEMÂNTICA E GEOSOCIOLINGUÍSTICA**

APROVADA POR:

APARECIDA NEGRI ISQUERDO, DOUTORA (UFMS)

ELIZABETE APARECIDA MARQUIES, DOUTORA (UFMS)

CARLA REGINA DE SOUZA FIGUEIREDO, DOUTORA (UEMS)

Campo Grande, MS, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, Andrino e Zulmira, pelo exemplo, pelo amor e pela alegria em que levam a vida. Estar com eles é ter a certeza de que Deus existe!

AGRADECIMENTOS

Com este trabalho, finalizo uma fase da vida. Ao todo, foram seis anos de muito conhecimento, desde a graduação com a Iniciação Científica até o Mestrado. Nesse tempo, aprendi muitos valores, não só do meio científico, mas, também, de convivência, de ajuda ao próximo e de respeito. Porém, esse caminho não trilhei sozinha, preciso, antes de mais nada, agradecer:

a Deus, meu amparo, que sempre me colocou as situações e as pessoas certas para o meu crescimento e aprendizagem. Quando pensava que o fardo era maior que conseguia carregar, aconteciam verdadeiros milagres para me auxiliar;

à minha querida orientadora, Aparecida Negri Isquerdo, por tudo que me ensinou, não só na vida acadêmica, mas, também, em situações pessoais. Agradeço, especialmente, a finalização da dissertação em que muitas vezes achei não ser possível;

à minha família, mãe, pai, irmão, cunhada, avós e tios, que sempre estiveram comigo, mesmo quando não entendiam, tentavam de alguma forma me ajudar, me acalmar e, sobretudo, me fazer feliz. Abranjo esse agradecimento à família do Marcos, em especial, seus pais, que também cuidaram de mim e de tudo que precisei;

ao meu doce Marcos, amigo, namorado, noivo e esposo. Esteve presente em todos os momentos, no cuidado dos dados, das cartas linguísticas, das porcentagens, ou mesmo, apenas ao meu lado, no incentivo quando julgava não conseguir, até “puxando a orelha” para me fazer ver mais longe e dizendo que só chorar não adiantaria muito;

ao projeto ALIB, coordenado pela professora Suzana Alice Cardoso, pela disponibilização dos dados desde a Iniciação Científica, com a oportunidade de trabalhar com o campo semântico do *corpo humano*;

a todas as meninas que desenvolvem ou desenvolveram projetos sob a orientação da professora Aparecida Negri Isquerdo. Em cada momento do trajeto, houve sempre quem me ajudasse e tornasse o percurso mais leve e agradável;

à minha turma do Mestrado, especialmente, Raquel, Letícia, Eliana e Larissa pelos conhecimentos compartilhados, pela convivência prazerosa e, pelo mais importante, pelo ombro amigo sempre disponível;

às professoras Elizabete Aparecida Marques e Regiane Pereira Coelho Reis, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação que muito contribuíram para o resultado final deste trabalho;

a Luciene Gomes Freitas Marins, pela amizade e incessantes ajudas para tornar este mestrado real;

aos queridos Thyago e Letícia pelas traduções das citações de línguas estrangeiras e pelo abstract da dissertação;

aos meus amigos, de perto e de longe, de muito e de pouco tempo, pelo apoio, pela certeza de estarem comigo. Em especial, Suellen e Marcelo (*in memoriam*);

à CAPES, pelo apoio financeiro e a oportunidade de conhecer novas culturas e novos conhecimentos;

aos secretários, Ana Carla, Angela, Munyz e Wellington, pelas orientações quanto a questões de prazos e documentos relacionados ao Mestrado;

a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este projeto acontecesse, o meu muito obrigada!

NUNES, Juliany Fraide. *Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil: perspectivas semântica e geossociolinguística*. 2017. 258 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS.

RESUMO

Os estudos dialetais registram a língua em um espaço geográfico e fornecem dados linguísticos que evidenciam o reflexo de condicionantes históricos no uso da língua. Dentre esses dados, situa-se o léxico, acervo vocabular que os indivíduos utilizam para se comunicar. Segundo Biderman (2001), é o nível menos linguístico da língua, uma vez que é o que mais recebe influências extralinguísticas. Nessa perspectiva, o léxico de uma língua é uma rica fonte para estudo da cultura, da identidade e da tradição de uma comunidade de falantes. Esta Dissertação teve como objetivo mais amplo o estudo do léxico, a partir da área semântica do *corpo humano*, com dados geolinguísticos do Banco de Dados do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil das regiões Norte e Sul, obtido por meio de entrevistas realizadas com 308 informantes, 72 das capitais e 236 das localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil. Os informantes selecionados têm o seguinte perfil: duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos), de ambos os sexos, nível de escolaridade: ensino fundamental (nas as capitais, foram entrevistados também quatro informantes com curso superior), nascidos e criados nas localidades pesquisadas, com pais, preferencialmente, da mesma região linguística. O *corpus* estudado foi constituído por denominações fornecidas para quatro perguntas do QSL – Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, área semântica do *corpo humano*: 091 – caolho; 092 – vesgo; 102 – tatu/meleca; 109 – cheiro nas axilas. Como resultados da pesquisa, não só se ratificaram as diferenças em termos de norma lexical entre regiões Norte e Sul, como também foram identificadas subáreas dialetais dentro de cada região. Além disso, a pesquisa deu mostras da interferência de variáveis sociais na fala dos informantes, além de ter evidenciado tanto a presença de tabus linguísticos na nomeação de partes do corpo humano como o uso de expressões fixas para nomear conceitos como caolho, vesgo, sujeira do nariz e cheiro das axilas. Para tanto, foram utilizadas as bases teóricas da Lexicologia, da Dialetoлогия, da Geolinguística e da Semântica.

Palavras-chave: 1) Léxico; 2) *Corpo humano*; 3) Projeto ALiB; 4) Norma lexical; 5) Norte e Sul do Brasil.

NUNES, Juliany Fraide. *Lexicon of the human body in the Northern and Southern regions of Brazil: semantic and geossociolinguistic perspectives*. 2017. 258 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

Dialectal studies register the language used in a geographical space and, thus, provide linguistic data that show reflex of historical conditioners relative to language use. Among these data is the lexicon, a vocabulary collection that individuals use to communicate. According to Biderman (2001), it is the least linguistic level of the language, since it is the one that receives the most extralinguistic influences. Therefore, studies on dialectal and lexical end up in a rich source of culture, identity and traditions of a community of speakers. This work aims to study the lexicon, specially the semantic area of the *human body*, based on geolinguistic data from the ALiB Project Database (Linguistic Atlas of Brazil) from the Northern and Southern regions of Brazil, obtained from interview responses provided by 308 informants, 72 from capital cities and 236 from localities in the hinterlands of those regions' states. The informants belong to two age groups (18 to 30 and 50 to 65 years), from both genders, elementary education as level of schooling (in the capital cities were interviewed informants with higher education), born and raised in the surveyed area and with both parents, preferably from the same linguistic region. The corpus studied was composed by four questions from the QSL - Semantic-Lexical Questionnaire Alib Project, semantic area of the human body: 091 – caolho (one-eyed), 092 – vesgo (strabismus), 102 – tatu/meleca (snot); 109 – cheiro nas axilas (body odor). As a result of the research, not only the differences in terms of lexical standard between North and South regions were ratified, but dialectal subareas were also identified within each region. In addition, the research showed the interference of social variables in the informants' speech, in addition to having evidenced both the presence of linguistic taboos in the naming of parts of the human body and the use of fixed expressions to name concepts such as one-eyed, snot and smell of armpits. For that, the theoretical bases of Lexicology, Dialectology, Geolinguistics and Semantics were used.

Keywords: 1) Lexicon; 2) Human body; 3) ALiB Project; 4) Lexical standard; 5) Northern and Southern Regions of Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - REPRESENTAÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO PROPOSTO POR SAUSSURE (2012 [1916]).....	49
FIGURA 2 - ETAPAS DE FIXIDEZ SEGUNDO MEJRI (1997).....	53
FIGURA 3 - MAPA DO BRASIL COM AS DIVISÕES GEOGRÁFICAS	66
FIGURA 4 - REDE DE PONTOS DA REGIÃO NORTE DO BRASIL.....	80
FIGURA 5 - REDE DE PONTOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL.	82
FIGURA 6 - PLANILHA DE ARMAZENAMENTO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	88
FIGURA 7 - PLANILHA DE ARMAZENAMENTO DO <i>CORPUS</i> POR PERGUNTA/QSL.	89
FIGURA 8 - TELA INICIAL DO BANCO DE DADOS.	90
FIGURA 9 - TELA INICIAL DO SISTEMA DE ARMAZENAMENTO DO BANCO DE DADOS.	91
FIGURA 10 - TELA ILUSTRATIVA DO SISTEMA DO BANCO DE DADOS – FILTRAGENS DE ACESSO ÀS CIDADES.	92
FIGURA 11 - TELA ILUSTRATIVA DO SISTEMA DO BANCO DE DADOS – FILTRAGENS DE ACESSO AOS INFORMANTES.	92
FIGURA 12 - TELA ILUSTRATIVA DO SISTEMA DO BANCO DE DADOS – ACESSO AO RELATÓRIO DE QUESTÕES/RESPOSTAS.	93
FIGURA 13 - TELA ILUSTRATIVA DO SISTEMA DO BANCO DE DADOS – ACESSO AO RELATÓRIO DE PERCENTUAIS “GERAL”	94
FIGURA 14 - TELA ILUSTRATIVA DO SISTEMA DO BANCO DE DADOS – ACESSO AO RELATÓRIO DE PERCENTUAIS “GERAL”	94
FIGURA 15 – <i>CEGO DE UM OLHO</i> / RESPOSTAS PARA A QUESTÃO 091/QSL NAS CAPITALS DA REGIÃO NORTE.....	109
FIGURA 16 – <i>CEGO DE UM OLHO</i> / RESPOSTAS PARA A QUESTÃO 091/QSL NAS CAPITALS DA REGIÃO SUL	110
FIGURA 17 - <i>CEGO DE UM OLHO</i> / RESPOSTAS PARA A QUESTÃO 091/QSL EM LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE.....	122
FIGURA 18 - <i>CEGO DE UM OLHO</i> / RESPOSTAS PARA A QUESTÃO 091/QSL EM LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL	122
FIGURA 19 - DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES LÉXICAS SEGUNDO OS TRAÇOS SEMÂNTICOS ESTABELECIDOS POR POTTIER (1978).	132

FIGURA 20 - VESGO / RESPOSTA PARA A QUESTÃO 092/QSL NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE.	140
FIGURA 21- VESGO / RESPOSTA PARA A QUESTÃO 092/QSL NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL.	141
FIGURA 22 - VESGO / RESPOSTA PARA A QUESTÃO 092/QSL NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE.	153
FIGURA 23 - VESGO / RESPOSTA PARA A QUESTÃO 092/QSL NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL.	154
FIGURA 24 - DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES LÉXICAS SEGUNDO OS TRAÇOS SEMÂNTICOS ESTABELECIDOS POR POTTIER (1978).	164
FIGURA 25 - SUJEIRINHA DURA DO NARIZ / RESPOSTA À QUESTÃO 102/QSL – CAPITAIS DA REGIÃO NORTE.	174
FIGURA 26 - SUJEIRINHA DURA DO NARIZ / RESPOSTA À QUESTÃO 102/QSL – CAPITAIS DA REGIÃO SUL.	175
FIGURA 27 - SUJEIRINHA DURA DO NARIZ / RESPOSTA À QUESTÃO 102/QSL – LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE.	189
FIGURA 28 - SUJEIRINHA DURA DO NARIZ / RESPOSTA À QUESTÃO 102/QSL – LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL.	190
FIGURA 29 - DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES LÉXICAS SEGUNDO OS TRAÇOS SEMÂNTICOS POR POTTIER (1978).	200
FIGURA 30 - MAU CHEIRO NAS AXILAS / RESPOSTA À QUESTÃO 109/QSL – CAPITAIS DA REGIÃO NORTE.	209
FIGURA 31 - MAU CHEIRO NAS AXILAS / RESPOSTA À QUESTÃO 109/QSL – CAPITAIS DA REGIÃO SUL.	210
FIGURA 32 - MAU CHEIRO NAS AXILAS / RESPOSTA À QUESTÃO 109/QSL – LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE.	223
FIGURA 33 - MAU CHEIRO NAS AXILAS / RESPOSTA À QUESTÃO 109/QSL – LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL.	224
FIGURA 34 - REGISTRO DE ZOOMORFISMOS COMO RESPOSTAS PARA A PERGUNTA 109 / QSL - REGIÃO NORTE.	226
FIGURA 35 - ASA / RESPOSTAS PARA A QUESTÃO 109 / QSL - REGIÃO SUL	227
FIGURA 36 - DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES LÉXICAS SEGUNDO OS TRAÇOS SEMÂNTICOS POR POTTIER (1978).	237

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE.	106
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL.	107
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	112
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA DENOMINAÇÃO <i>CAOLHO</i> PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	113
GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	114
GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE <i>CAOLHO</i> COMO DENOMINAÇÃO DE <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	115
GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”.	116
GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA DENOMINAÇÃO <i>CAOLHO</i> PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”.	117
GRÁFICO 9 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE.	119
GRÁFICO 10 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL.	120
GRÁFICO 11 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	125
GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	126
GRÁFICO 13 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO UM OLHO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	128

GRÁFICO 14 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”	129
GRÁFICO 15 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE.....	137
GRÁFICO 16 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL.	137
GRÁFICO 17 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.....	143
GRÁFICO 18 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”	144
GRÁFICO 19 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.....	145
GRÁFICO 20 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	146
GRÁFICO 21 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”.....	147
GRÁFICO 22 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”.	148
GRÁFICO 23 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE.....	150
GRÁFICO 24 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL.	150
GRÁFICO 25 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”..	157
GRÁFICO 26 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	158
GRÁFICO 27 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”...	159
GRÁFICO 28 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>VESGO</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	160
GRÁFICO 29 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA A <i>SUJEIRA DURA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE.	170

GRÁFICO 30 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA A <i>SUJEIRA DURA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL.	171
GRÁFICO 31 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	177
GRÁFICO 32 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”...178	
GRÁFICO 33 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	179
GRÁFICO 34 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	180
GRÁFICO 35 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”.	181
GRÁFICO 36 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”.	182
GRÁFICO 37 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE.	185
GRÁFICO 38 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL.	186
GRÁFICO 39 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	192
GRÁFICO 40 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	193
GRÁFICO 41 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	195
GRÁFICO 42 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>SUJEIRINHA DURA DO NARIZ</i> NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	196

GRÁFICO 43 – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE.	206
GRÁFICO 44 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL.	207
GRÁFICO 45 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”. ...	212
GRÁFICO 46 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.....	213
GRÁFICO 47 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	214
GRÁFICO 48 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”.	215
GRÁFICO 49 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”	216
GRÁFICO 50 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “ESCOLARIDADE”.	217
GRÁFICO 51 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”.	229
GRÁFICO 52 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “IDADE”	230
GRÁFICO 53 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO NORTE, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO.	231
GRÁFICO 54 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O <i>MAU CHEIRO</i> NAS AXILAS NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL, SEGUNDO A VARIÁVEL “SEXO”	232

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- MEIOS DE SUBSTITUIÇÃO DAS PALAVRAS TABUIZADAS.....	59
QUADRO 2 - PARCELA DA ÁREA TERRITORIAL E DA POPULAÇÃO BRASILEIRA DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL	66
QUADRO 3 - LOCALIDADES DO INTERIOR DA REGIÃO SUL E RESPECTIVAS ORIGENS DOS IMIGRANTES.	75
QUADRO 4 - REDE DE PONTOS DO PROJETO ALiB NA REGIÃO NORTE.....	81
QUADRO 5 - REDE DE PONTOS DO PROJETO ALiB NA REGIÃO SUL.	82
QUADRO 6 - RELAÇÃO DAS QUESTÕES REFERENTES À ÁREA SEMÂNTICA DO <i>CORPO</i> <i>HUMANO</i> , DO QSL – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO ALiB.....	84
QUADRO 7 - PERFIL DOS INFORMANTES DO PROJETO ALiB.	86
QUADRO 8 - PERGUNTAS SELECIONADAS PARA A PESQUISA.....	95
QUADRO 9- <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	97
QUADRO 10 – QUESTÕES DO QSL SELECIONADAS PARA ANÁLISE E NÚMERO DE VARIANTES LEXICAIS REGISTRADAS.....	101
QUADRO 11 - DICIONARIZAÇÃO DAS UNIDADES LÉXICAS PARA NOMEAR <i>SUJEIRINHA</i> <i>DURA DO NARIZ</i>	198
QUADRO 12 RELAÇÃO DOS CAMPOS LÉXICOS QUE NOMEIAM O MAU CHEIRO NAS AXILAS COM SEUS RESPECTIVOS ARQUILEXEMAS.....	220
QUADRO 13 DICIONARIZAÇÃO DAS UNIDADES LÉXICAS QUE NOMEIAM O MAU CHEIRO NAS AXILAS	221
QUADRO 14 - RELAÇÃO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS REGISTRADOS NA ÁREA SEMÂNTICA DO CORPO HUMANO – PROJETO ALiB.....	233

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA CEGO DE UM OLHO NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	103
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	104
TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA <i>CEGO DE UM OLHO</i> NAS CAPITAIS DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	105
TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA “CEGO DE UM OLHO” NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.	118
TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA VESGO NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.	134
TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA VESGO ENTRE AS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.	134
TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA VESGO NAS CAPITAIS DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.	135
TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA VESGO NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.	149
TABELA 9- DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA SUJEIRINHA DURA DO NARIZ NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	166
TABELA 10 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA SUJEIRINHA DURA DO NARIZ NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	167
TABELA 11 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA SUJEIRINHA DURA DO NARIZ NAS CAPITAIS DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	168
TABELA 12 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA A SUJEIRINHA DURA DO NARIZ NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.	183
TABELA 13 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O MAU CHEIRO EMBAIXO DOS BRAÇOS NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	202
TABELA 14 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA O MAU CHEIRO EMBAIXO DO BRAÇO NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	203
TABELA 15 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O MAU CHEIRO NAS AXILAS NAS CAPITAIS DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.....	204

TABELA 16 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DENOMINAÇÕES PARA O MAU CHEIRO NAS AXILAS NAS LOCALIDADES DO INTERIOR DAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL.	218
TABELA 17 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA O MAU CHEIRO NAS AXILAS DAS LOCALIDADES DO INTERIOR DOS ESTADOS DA REGIÃO NORTE DO BRASIL.	220
TABELA 18 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS DESIGNAÇÕES PARA O MAU CHEIRO NAS AXILAS DAS LOCALIDADES DO INTERIOR DOS ESTADOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL.	221

LISTA DE SIGLAS

AC - Acre

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

AM – Amazonas

AP – Amapá

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PA – Pará

PR – Paraná

QFF – Questionário Fonético-Fonológico

QMS – Questionário Morfossintático

QSL – Questionário Semântico-Lexical

RO – Rondônia

RR – Roraima

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS	28
1.1 Cultura e sociedade: reflexão sobre a linguagem.....	28
1.2 Norma linguística.....	35
1.3 Dialektologia: percurso e método	39
1.4 Lexicologia.....	44
1.5 Fraseologia: expressões fixas	51
1.6 As palavras-tabus	54
1.7 O <i>corpo humano</i> na linguagem	60
CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA-GEOGRÁFICA...	65
2.1 Brasil: Contextualizando de Norte a Sul	65
2.1.1 Região Norte	67
2.1.2 Região Sul.....	72
CAPÍTULO 3 – PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	77
3.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB	77
3.1.1 Rede de Pontos	78
3.1.2 Questionário linguístico	83
3.1.3 Informantes.....	85
3.2 Procedimentos metodológicos de armazenamento do <i>corpus</i>	86
3.2.1 Sistema <i>Agium Search</i>	89
3.3 Proposta de Análise	94
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS.....	97
4.1 - QSL 091 – A pessoa que só enxerga com um olho.....	103
4.1.1 Análise geossociolinguística	104
4.1.1.1 Capitais.....	104
4.1.1.1.1 Dimensão diageracional	111

4.1.1.1.2 Dimensão diassexual	114
4.1.1.1.3 Dimensão diastrática.....	116
4.1.1.2 Localidades do interior	118
4.1.1.2.1 Dimensão diageracional	125
4.1.1.2.2 Dimensão diassexual	127
4.1.2 Análise semântica	130
4.1.2.1 Tabus linguísticos	132
4.2 - QSL 092 – A pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes.....	134
4.2.1 Análise geossociolinguística	135
4.2.1.1 Capitais.....	135
4.2.1.1.1 Dimensão diageracional	142
4.2.1.1.2 Dimensão diassexual	145
4.2.1.1.3 Dimensão diastrática.....	147
4.2.1.2 Localidades do interior	149
4.2.1.2.1 Dimensão diageracional	157
4.2.1.2.2 Dimensão diassexual	159
4.2.2 Análise semântica	161
4.2.2.1 Tabus linguísticos	164
4.3 - QSL 102 – A sujeirinha dura que se tira do nariz	166
4.3.1 Análise geossociolinguística	168
4.3.1.1 Capitais.....	168
4.3.1.1.1 Dimensão diageracional	176
4.3.1.1.2 Dimensão diassexual	179
4.3.1.1.3 Dimensão diastrática.....	181
4.3.1.2 Localidades do interior	183
4.3.1.2.1 Dimensão diageracional	192
4.3.1.2.2 Dimensão diassexual	194

4.3.2 Análise semântica	197
4.3.2.1 Tabus linguísticos	200
4.4 - QSL 109 – O mau cheiro embaixo dos braços	202
4.4.1 Análise geossociolinguística	204
4.4.1.1 Capitais	204
4.4.1.1.1 Dimensão diageracional	211
4.4.1.1.2 Dimensão ditassexual	213
4.4.1.1.3 Dimensão diastrática	216
4.4.1.2 Localidades do interior	218
4.4.1.2.1 Dimensão diageracional	228
4.4.1.2.2 Dimensão ditassexual	231
4.4.2 Dimensão semântica	233
4.4.2.1 Tabus linguísticos	237
4.5 Expressões fixas	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
REFERÊNCIAS	248
ANEXOS	254

INTRODUÇÃO

Estudar a língua portuguesa no Brasil requer, antes de mais nada, um conhecimento da dimensão continental do país, uma vez que a língua falada no território nacional não contempla as mesmas características de Norte a Sul. Assim, ao situar essas duas regiões geográficas, verifica-se que, além de serem localizadas em dois extremos do Brasil, em termos geográficos, também sofreram processos colonizatórios distintos. De um lado, está a região Norte que concentra a maior área territorial do país, 45% da área geográfica do Brasil, e é composta por sete estados que reúnem uma população de 15.864.454¹ habitantes, segunda menor entre as regiões do Brasil, perdendo apenas para a Centro-Oeste que reúne uma população de 14.058.094 habitantes. De outro lado, está a região Sul que, em termos geográficos, representa 7% do território nacional e que reúne três estados e uma população média de 27.386.891 habitantes.

A comparação entre essas duas regiões geográficas, localizadas nos extremos do Brasil, suscita a expectativa de existência de diferentes normas lexicais, motivadas por fatores geográficos, sociais, históricos e culturais de um polo a outro. Neste estudo, o termo norma está sendo utilizado no conceito já solidificado na Linguística Moderna, ou seja, na acepção proposta, primeiramente, por Louis Hjelmslev (1943) e sistematizado e aplicado pelo linguista romeno Eugenio Coseriu (1979). Por norma, entende-se, pois, o conjunto de escolhas legitimadas pelo uso, aceitas por um grupo de falantes.

Em um país como o Brasil, embora haja uma norma que aproxime todos os falantes, há também realizações regionais que evidenciam peculiaridades motivadas por fatores extralinguísticos, como a cultura e a geografia, entre outros.

Uma das formas de se estudar a norma de uma região é a partir do léxico, entendido como o “conjunto de palavras” disponíveis no sistema linguístico do qual o falante se vale para se comunicar com os demais membros de sua comunidade. Neste trabalho, a norma regional foi analisada a

¹ Fonte dos dados numéricos: IBGE – Censo 2010.

partir de uma amostra do acervo vocabular de falantes das regiões Norte e Sul do Brasil.

A escolha desse nível linguístico como objeto de estudo está sustentada no fato de o léxico da língua ser o nível da língua que melhor evidencia a identidade de um grupo social, pois reúne peculiaridades motivadas por fatores extralinguísticos, como a cultura e a história, por exemplo.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir do Banco de Dados do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, que reúne os áudios das entrevistas pelos pesquisadores vinculados a esse projeto realizadas com informantes dos sexos masculino e feminino, de duas faixas etárias: I (18-30 anos) e II (50-65 anos), nascidos e criados nas localidades pesquisadas cujos pais fossem da mesma região linguística. A área contemplada para o estudo são as localidades da rede de pontos do ALiB situadas nas regiões Norte e Sul do Brasil, a primeira com 18 localidades do interior e seis capitais e a segunda, 41 localidades do interior e três capitais. A diferença quanto ao número de localidades de cada região tem relação com a densidade demográfica de cada umas delas, pois embora a região Norte seja a maior do Brasil em relação à área territorial, é composta grande parte pela floresta amazônica, isto é, em sua maioria, regiões quase inabitáveis, uma vez que a vegetação é muito densa. Ao todo, o Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB reúne 32 perguntas relacionadas à área semântica do *corpo humano*, das quais, para este trabalho, foram selecionadas quatro: 091 (cego de um olho); 092 (vesgo); 102 (meleca/tatu); 109 (cheiro nas axilas). A escolha das questões foi pautada na relação diatópica entre as regiões e evidências de tabus linguísticos. Como essa área semântica reúne um rico vocabulário relacionado a partes do *corpo humano* que deixam transparecer o uso de variantes lexicais com traços semânticos que divergem do normalmente esperado para nomear o conceito expresso pela pergunta. Com a intenção de evitar o uso de itens léxicos que, segundo o imaginário popular, atraem fluidos negativos, o falante os substitui por outros designativos com carga semântica mais neutra. Esses itens léxicos, evitados pelos falantes por serem tidos como “maléficos”, são classificados como tabus linguísticos.

O estudo do tabu pode ser realizado a partir de diferentes pontos de vista no ramo das ciências humanas como, por exemplo, o psicológico, o social, o antropológico e o linguístico. Porém, a gênese do tabu sempre passará, primeiramente, pela dimensão antropológica, pois as palavras eivadas de tabu nascem no seio de uma cultura.

No Brasil, o grande estudioso do tema foi o linguista Rosário Guérios que, em seu livro *Tabus Linguísticos* (1979), propõe uma extensa lista de meios de substituição de palavras-tabus. Como produto de dissertação e de tese, até onde se pode apurar, o tabu linguístico já foi estudado em três trabalhos: Almeida (2007) que propõe uma classificação para os tabus linguísticos a partir de dados geolinguísticos de atlas já publicados; Vilaça (2009) que verificou a presença dos tabus na publicidade e por Benke (2012) que, com base em dados do Projeto ALiB, estudou as respostas relativas a cinco perguntas do Questionário Semântico-lexical: *menstruação, pessoa pouco inteligente, marido traído, mulher que se vende e quem está no inferno*, circunscrevendo o estudo aos dados das capitais brasileiras.

A escolha da área semântica do *corpo humano* como objeto desta pesquisa foi motivada pelos estudos desenvolvidos de 2010 a 2013, como bolsista de Iniciação Científica, também com base em dados do Projeto ALiB, recolhidos nas localidades da rede de pontos no Centro-Oeste e em algumas da região Norte. Os resultados desses estudos demonstraram a utilização de variados itens léxicos eivados de tabus linguísticos, dentre eles, *canhoto, gogó* e *peito*. Nesse sentido, trata-se de um estudo inédito, pois, até onde se tem notícias, ainda não foi estudado o uso dos tabus linguísticos a partir de dados do *corpo humano*, área que, como já comprovado, representa uma rica fonte de palavras-tabus.

Esta pesquisa a partir de dados inéditos do Projeto ALiB vem a somar a outros estudos com base em dados geolinguísticos realizados por meio de dissertações e teses. Em especial, na Regional MS do Projeto ALiB esta é a sexta dissertação com dados desse projeto, depois de Marins (2012), Benke (2012), Costa (2012), Saraiva-Portilho (2013) e Carvalho (2015). Cada uma dessas pesquisas estudou os dados nas diferentes perspectivas, desde o enfoque sob a questão rural/urbano, na influência da língua indígena na língua

portuguesa, na relação dos tabus linguísticos, no léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis, até a relação entre norma lexical e meio ambiente.

Como foco, além da verificação da influência do uso de tabus linguísticos nas escolhas lexicais dos indivíduos das localidades pesquisadas, o estudo cotejou o vocabulário dos informantes das regiões Norte e Sul com vistas a apurar traços regionais.

A recolha dos dados lexicais foi orientada pelos pressupostos da Dialetoлогия, ramo da Linguística que se ocupa do estudo das variedades da língua dentro de um dado espaço geográfico. Como produto de estudos dialetológicos, podem-se produzir atlas linguísticos, que são constituídos por uma reunião de mapas que evidenciam a realização de diferentes níveis linguísticos e que, além de retratarem as escolhas dos falantes de uma região geográfica, evidenciam condicionantes históricos e culturais da sociedade que subjaz a essas escolhas dos falantes.

No Brasil, o primeiro atlas linguístico produzido foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al, 1963); na sequência, tem-se o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al, 1977); o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO, 1984); o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al, 1987); o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994); o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007), entre outros. Com a publicação de atlas regionais, pesquisadores de diferentes regiões do Brasil viam a necessidade de produção de um atlas nacional que fosse capaz de retratar a diversidade linguística do português brasileiro. Esse objetivo foi proposto, desde Nascentes (1953) que, além de indicar uma divisão dialetal para o Brasil, ponderou sobre dificuldades para a execução de um projeto nacional dada a dimensão territorial do Brasil e a escassez de pesquisadores com formação na área de Dialetoлогия.

Somente, em 1996, no Seminário de Geolinguística, Caminhos e Perspectivas, promovido pela Universidade Federal da Bahia UFBA, um grupo de pesquisadores, liderados por Suzana Cardoso, lançou o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, de cunho interinstitucional com sede na UFBA que tem como objetivo geral o registro do falar de habitantes de grandes, médios e pequenos centros urbanos, com vistas a se traçar um panorama da realidade

linguística brasileira no início do século XXI. Em 2014, foram publicados os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al, 2014a).

Na relação entre as disciplinas linguísticas da Lexicologia e da Dialectologia, situa-se este trabalho que teve como objetivo geral identificar, descrever e discutir a questão das escolhas lexicais dos falantes das localidades da rede de pontos do Projeto ALiB relativas às regiões Norte e Sul do Brasil que integram a rede de pontos do ALiB, para nomear elementos da área semântica do *corpo humano*, com vistas a verificar possíveis influências de crenças populares e religiosas na forma de nomear partes do *corpo humano*, área semântica muito produtiva em termos de tabus linguísticos.

Além do objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- ✓ analisar, diatópico e semanticamente, as unidades lexicais que nomeiam referentes relacionados à área semântica do *corpo humano* documentados pelo Projeto ALiB nas regiões Norte e Sul do Brasil;
- ✓ estabelecer comparação entre os dados das duas regiões geográficas selecionadas;
- ✓ verificar aspectos das mudanças e da manutenção do léxico que nomeiam referentes associados ao vocabulário do *corpo humano*;
- ✓ realizar distribuição diatópica das variantes por meio de cartas linguísticas, com vistas a traçar possíveis isoléxicas;
- ✓ contribuir para o conhecimento da realidade linguística regional brasileira, no que se refere ao vocabulário do *corpo humano*, por meio dos estudos de variantes lexicais coletadas nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. O Capítulo I discute as teorias linguísticas que orientam o estudo. No tópico 1.1, *A cultura e a sociedade: reflexão sobre a linguagem*, foram discutidos a influência de

fatores culturais e sociais no nível lexical; no tópico 1.2, *Norma linguística*, discute-se como a língua se caracteriza a partir da comunidade de que faz parte, ao evidenciar os fatores culturais e sociais de determinado grupo linguístico; 1.3, *Dialetologia: percurso e método*, traça-se um panorama dos estudos dialetológicos no Brasil com enfoque na metodologia que orienta essa perspectiva de pesquisa; no tópico 1.4, *Lexicologia* focalizam-se alguns dos princípios teóricos que embasam a pesquisa; no tópico no tópico 1.5, *Fraseologia: expressões fixas*, apresentam-se as unidades léxicas com grau de fixidez; no tópico 1.6, o *corpo humano na linguagem*, destacam-se as formas de nomear partes do corpo humano por meio da linguagem e, por fim, no 1.7, as *palavras-tabus*, discute-se como o ato de nomear determinadas áreas do *corpo humano* perpassam o fenômeno do tabu.

O capítulo II contém aspectos da história das Norte e Sul do Brasil, com destaque para informações básicas em relação à economia, à geografia e à cultura dessas regiões. O capítulo III é dedicado à metodologia da pesquisa, contemplando os critérios adotados desde a recolha, a organização e o armazenamento dos dados documentados, até a proposta de análise desenvolvida no capítulo IV. Também nesse capítulo é contextualizado o Projeto ALiB, ao qual este trabalho se vincula. Por fim, no capítulo IV, são apresentados os dados e disponibilizada a análise desses dados. A dissertação é finalizada com as Considerações finais, as referências consultadas e os anexos.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo discute os pressupostos teóricos e, para isso, foi dividido em sete tópicos que focalizam, desde a relação língua, sociedade e cultura até a questão da utilização de palavras-tabus. Também se discorre sobre as disciplinas que fornecem os fundamentos teóricos para este trabalho como a Lexicologia e a Dialetologia. Por analisar dados de língua oral, também é abordado o conceito de norma linguística. Por fim, traz uma discussão voltada para a importância do estudo das designações para partes do *corpo humano*.

1.1 Cultura e sociedade: reflexão sobre a linguagem

A cultura de uma sociedade é manifestada, entre muitos meios, pela linguagem, ou seja, a partir de atos de comunicação do ser humano, é possível depreender condicionantes sociais e geográficos que o rodeiam. Assim, sociedade/cultura/língua formam uma tríade capaz de retratar as vivências e as experiências do ser humano dentro de uma comunidade linguística.

Enquanto parte característica da sociedade, a cultura é dinâmica, pois se modifica conforme os diferentes grupos humanos, uma vez que “a história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, sejam movidas por suas forças internas, sejam em consequência [de] contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos” (SANTOS, 1985, p. 07).

Nesse sentido, a cultura pode ser entendida como o “‘depósito’ de certos processos [de interação], dos seus produtos e de comportamentos humanos definidos” (SCHAFF, 1964, p. 262), que se altera conforme as transformações pelas quais passa uma sociedade. Deste modo, revela a realidade social de uma comunidade, razão pela qual a cultura se renova a cada novo processo, pois “es algo aprendido, heredado de generación a través de las acciones humanas, casi siempre tomando la forma de una interacción cara a cara y, desde luego, mediante la comunicación lingüística” (DURANTI, 2000, p. 48)².

² “É algo aprendido, herdade de geração por meio das ações humanas, quase sempre tomando a forma de uma interação frente a frente e, consequentemente, mediante a comunicação linguística”. (TN – tradução nossa)

Nesse ponto de vista, entende-se que a cultura perpassa o homem em todas as suas escolhas e atos, por isso o estudo de uma sociedade não pode ser independente da estrutura cultural. Sobre isso, Malinowski (1948, p. 16) entende que “la cultura, por ser el contenido más amplio de la conducta humana, es tan importante para el psicólogo como para el investigador de lo social, para el historiador como para el lingüista”³.

Malinowski (1948) propõe, antes de mais nada, um trabalho sistemático da cultura junto aos fatores naturais, sociais e humanos. Em síntese, o antropólogo define que

[...] la cultura es un compuesto integral de instituciones, en parte autónomas y en parte coordinadas. Está constituida por una serie de principios tales como la comunidad de sangre a través de la descendencia; la contigüidad en el espacio, relacionada con la cooperación; las actividades especializadas; y el último, pero no menos importante principio del uso del poder en la organización política. Cada cultura alcanza su plenitud y autoeficiencia por el hecho de satisfacer el conjunto de necesidades básicas, instrumentales e integrativas. Por lo tanto, sugerir, como recientemente se ha intentado, que cada cultura abarca sólo un pequeño segmento de su ámbito potencial, es radicalmente erróneo, por lo menos en uno de los sentidos⁴ (MALINOWSKI, 1948, p. 54).

Se, por um lado, cultura e sociedade são inseparáveis, por outro lado, a linguagem também é indissociável das duas, pois, por meio da comunicação o indivíduo revela o seu *hábitat* natural, a sua maneira de perceber a realidade circundante. Lyons (1987), com base em Hudson (1980), pondera que a “cultura pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente; isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade” (LYONS, 1987, p. 274). Completa ainda o autor que “não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua nativa é

³ “A cultura, por ser o conteúdo mais amplo da conduta humana, é tão importante para o psicólogo como para o investigador do social, para o historiador como para o linguista” (Tn).

⁴ “A cultura é o composto integral das instituições, em parte autônomas e em parte coordenadas. Está constituída por uma série de princípios tais como a comunidade de sangue por meio da descendência; a contigüidade no espaço, relacionada com a cooperação; as atividades especializadas; e o último, mas não menos importante princípio de uso do poder na organização política. Cada cultura alcança sua plenitude e autoeficiencia pelo ato de satisfazer o conjunto de necessidades básicas, instrumentais e integrativas. No entanto, sugerir, como recentemente há proposto, que cada cultura abarca somente um pequeno segmento de seu âmbito potencial, é radicalmente errôneo, pelo menos em um dos sentidos” (Tn).

culturalmente transmitido: é adquirido, embora não necessariamente aprendido, em virtude do indivíduo ser membro de determinada sociedade” (LYONS, 1987, p. 274-275).

O uso da linguagem desperta, desde Aristóteles, na Grécia Antiga, a curiosidade de muitos estudiosos. Há, também, os que creem ser a linguagem originária de uma concessão divina, o que pode ser observado no excerto bíblico “toda a terra tinha uma só língua, e servia-se das mesmas palavras” (GEN. 11,1) que se relaciona à conhecida história da Torre de Babel; ou no trecho “no princípio era verbo, e o Verbo estava junto de Deus [...] E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (JOÃO, 1, 1-14) em que o apóstolo João narra a vinda do Filho de Deus.

É fato aceito a existência da linguagem e a sua importância na construção da sociedade. Hjelmslev, por exemplo, tece a seguinte consideração acerca do valor da linguagem:

A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o e todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana (HJELMSLEV⁵, 2013, p. 01).

Assim, a linguagem é social, uma vez que evidencia a visão de mundo e categoriza tudo o que existe em uma comunidade linguística, esta referida aqui em seu valor social por “abranger todo um círculo de pessoas que, habitando uma mesma área geográfica, vivem e participam juntas, não deste ou daquele interesse particular, mas de todo um conjunto de interesses” (TORRE, 1977, p. 113).

Ainda sobre o conceito de comunidade, Labov (2008)⁶ pondera que uma comunidade de fala requer algumas características próprias que a diferenciam de outra: “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos

⁵ A obra de Louis Hjelmslev, *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, foi publicada pela primeira vez em 1961. Para este trabalho foi consultada a 3ª reimpressão da 2ª edição brasileira de 2003, publicada pela Editora Perspectiva.

⁶ A obra de William Labov, *Padrões Sociolinguísticos*, foi publicada em seu idioma original em 1972 e traduzida para o português brasileiro em 2008, versão essa utilizada neste trabalho.

as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008, p. 188).

A sistematização dos estudos da língua como fato social, na Linguística Moderna, tem início com a contribuição de Saussure que afirmou ser a língua “social em sua essência e independente do indivíduo” (SAUSSURE⁷, 2012, p. 51). Embora Saussure tenha concebido a língua como fato social, na construção da sua teoria, a princípio, não considerou fatores extralinguísticos, pois, naquele momento, considerou apenas a língua. Dessa forma, a língua era concebida apenas como instrumento de comunicação e, assim, não retratava a realidade externa ao sistema linguístico.

William Labov (2008), por sua vez, após a célebre obra do mestre genebrino, organizada por seus ex alunos, centrou suas pesquisas à faceta social da língua, defendendo a sua interdependência com fatores extralinguísticos e, como consequência, acrescentou novas teorizações ao estudo da língua.

As pesquisas, a partir de dados empíricos, constataram que a língua não é isolada do meio externo, mas “um patrimônio social, preexistente aos indivíduos, [que] classifica-se como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade, por exemplo” (BIDERMAN, 2001a, p. 13). Nessa concepção de língua baseia-se este trabalho.

Diferentes teorias embasam disciplinas linguísticas, dentre elas, a Etnolinguística e a Sociolinguística. A primeira é fundamentada, essencialmente, pelo estudo de Sapir (1969), enquanto a segunda é teorizada e sistematizada, principalmente, por Labov (2008).

Segundo Oliveira (1999, p. 13), esses dois ramos da Linguística se organizam da seguinte forma:

A *Sociolinguística* trata das relações entre traços linguísticos e fatores socioculturais, no seio da comunidade, objetivando verificar até que ponto as alterações que ocorrem na língua se

⁷ O livro póstumo *Curso de Linguística Geral*, escrito pelos discípulos de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, teve sua primeira publicação em 1916 e foi traduzido para o português brasileiro em 1970. A versão utilizada neste trabalho é a 28ª edição de 2012.

prendem, sistematicamente, a fatores de natureza extralinguística e à frequência com que ocorrem, a fim de se poder determinar seu grau de pertinência. Por outro lado, a *Etnolinguística* aborda problemas que se referem às relações entre a língua e a visão de mundo de uma comunidade linguística, estudando a língua enquanto expressão de uma cultura, tendo por referência a situação de comunicação.

É comum a referência à Sociolinguística como uma disciplina iniciada por William Labov (2008), pesquisador que se debruçou sobre o estudo da variação e da mudança da língua, porém, antes dele, outros pesquisadores também se preocupavam com essa relação. A diferença é que linguistas como Humboldt, Whitney e Paul, além de analisarem a língua em uma perspectiva diacrônica, defendiam que o estudo da variação poderia ser feito por meio das estruturas internas da língua, enquanto, Labov (2008) rompeu com essa corrente ao propor que se poderia estudar aspectos sociais a partir de um recorte sincrônico.

Nesse sentido, Tarallo (2007)⁸, sociolinguista brasileiro conhecido, dentre outras, por sua obra *A pesquisa sociolinguística*, marco na linguística brasileira como o primeiro manual dessa disciplina linguística, defende: “foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 2007, p. 07).

Com base em suas pesquisas, Labov observou a lacuna existente nos estudos linguísticos, no que diz respeito à questão da mudança linguística. Assim, apoiado por Uriel Weinreich, propôs e desenvolveu um estudo da fala da comunidade linguística Marthas's Vineyard, defendida como dissertação de Mestrado em 1962. A partir desse estudo, Labov discute o percurso da mudança dentro de um sistema linguístico e verifica três problemas fundamentais que perpassam a mudança, a saber: “a origem das variações linguísticas, a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística” (LABOV, 2008, p. 19).

⁸ A obra de Fernando Tarallo, *A pesquisa sociolinguística*, foi publicada pela primeira vez em 1986.

A mudança da língua é possibilitada pela variação⁹, seja uma ou um conjunto de variações que compõem uma variável linguística, isto é, “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 105). Entende-se por variante toda a forma de se dizer a mesma coisa sem que ocorra a mudança de significado, essa troca pode ocorrer em todos os níveis linguísticos, fonético, sintático, semântico, lexical, entre outros. Em relação às variações, Labov (2008, p. 19-20) esclarece que

[...] podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo.

As variações podem ocorrer em diferentes níveis dentro de um sistema linguístico e são mais comuns as de origem geográfica e social. A variação geográfica ou diatópica se dá no âmbito espacial e se relaciona às diferenças entre o falar de uma região e o de outra e é mais analisada em trabalhos dialetológicos¹⁰. Já as variações sociais abarcam um conjunto de fatores que afetam o indivíduo, como a escolaridade, a idade, a classe social e o contexto social. Sob essa perspectiva, Labov ressalta que não se pode estudar a mudança na língua

[...] sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Observa-se, pois, que a Sociolinguística se ocupa do estudo da língua em seu contexto social, logo, verifica em que proporção fatores como idade, sexo, entre outros, influenciam o uso da língua por falantes de uma comunidade linguística. Em uma mesma relação, mas levando em consideração, principalmente, o aspecto cultural, situa-se a Etnolinguística. Como Bortoni-Ricardo (2014) salienta, é difícil contrastar com clareza as duas

⁹ Compreende-se variação como “fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social” (DUBOIS et al, 2006, 609).

¹⁰ Ver tópico 1.3 Dialetologia: percurso e método, p. 44.

disciplinas, visto que, na gênese das duas perspectivas de análise, encontram-se aspectos em comum.

A *Etnolinguística* considera que é a língua que evidencia a cultura da sociedade, isto é, a forma de ver o mundo, a categorização da realidade. Nesse sentido, cada língua deve ser estudada isoladamente, pois é formada a partir dos construtos culturais de um determinado grupo. Sobre isso, Velarde (1991, p. 11) acrescenta que “el producto cultural, por excelencia, de la actividad del hombre está representado por las lenguas, vinculadas a la capacidad específicamente humana del lenguaje”¹¹.

Em suma, os estudos etnolinguísticos analisam como a cultura se forma no seio da sociedade a partir do uso da língua pelos falantes. Essa disciplina foi teorizada a partir dos estudos de Sapir e, essa teoria, posteriormente, foi denominada de relativismo linguístico, também conhecida como a hipótese Sapir-Whorf. Edward Sapir, etnólogo e linguística, teve como mestre Franz Boas, antropólogo que se debruçou sobre a análise e descrição das línguas indígenas americanas. A partir das investigações da escola de Franz Boas, Sapir construiu as ideias fundamentais do relativismo linguístico. Para o linguista, a língua é uma herança cultural, transmitida de geração em geração:

Toda língua tem uma sede. O povo que a fala, pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, a língua não existe isolada de uma cultura, isto é de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas (SAPIR, 1971, p. 205).

Posteriormente à contribuição de Sapir, Whorf continuou as pesquisas de seu mestre e, a partir da aplicação da teoria, realizou o trabalho empírico, de estudo de línguas ameríndias. Em suma, conforme sintetiza Schaff: “o essencial – o princípio da relatividade linguística com todas as suas consequências – procede de Sapir. Whorf aceita esse princípio e faz dele a pedra angular da sua concepção” (SCHAFF, 1964, p. 116).

¹¹ “O produto cultural, por excelência, da atividade do homem está representado pelas línguas, vinculadas à capacidade especificamente humana da linguagem” (Tn).

A teoria do relativismo linguístico foi muito discutida na década de 60 do século XX e, segundo Lyons (1987, p. 278), muito criticada, mais pelos estudos de Whorf considerado de relativismo extremo, ao contrário dos trabalhos de Sapir que defenderam um relativismo moderado. Esse último mais aceito nos trabalhos linguísticos.

Os princípios teóricos das disciplinas Sociolinguística e Etnolinguística possuem alguns pontos em comum, como a concepção de língua como fato social que reflete a cosmovisão de seus falantes, a influência que os fatores extralinguísticos exercem sobre a língua, alterando-a à medida das necessidades de seus falantes. Dessa forma, “o indivíduo humano percebe o mundo e capta-o intelectualmente através de “lunetas sociais”, - tanto no sentido das influências atuais como no sentido da ação das experiências acumuladas pelas gerações passadas” (SCHAFF, 1964, p. 240).

Os fundamentos dessas duas disciplinas embasam esta pesquisa, pois, como se trabalha com dados orais, é imprescindível retomar aspectos sociais e culturais de cada localidade pesquisada, para melhor entender as escolhas lexicais dos falantes das áreas analisadas.

Finalizado este tópico, passa-se às considerações acerca da norma linguística, teoria fundamental para o estudo, tanto de dados sociolinguísticos, quanto de dados etnolinguísticos.

1.2 Norma linguística

O estudo das realizações de uma língua demonstra que os falantes se comunicam de formas distintas, ou seja, não há uma homogeneidade linguística. Assim, ao se observar as características das duas regiões geográficas selecionadas para este trabalho, já se pode antever que os falantes de cada uma delas poderão evidenciar um repertório lexical próprio bem distinto um do outro. A esse conjunto de padrões linguísticos que tem a aceitação coletiva da comunidade e delimita as possíveis escolhas dos falantes dá-se o nome de norma.

O conceito de norma é tão importante em um estudo de natureza linguística que perpassa todas as perspectivas de análise, adaptando-se a

cada nível linguístico. A teorização do conceito de norma é atribuída a Eugenio Coseriu (1979), mas, antes dele, outros linguistas já discutiam o teor da dicotomia *langue/parole* proposta por Saussure. Esse conceito foi largamente discutido na “Conferência de Semântica”, realizada em Nice em 1951, onde renomeados linguistas refletiam sobre a concepção de norma. Hjelmslev, por exemplo, ofereceu suas contribuições de forma mais concreta no capítulo *Norma*, do seu livro *Ensaio Linguístico*, publicado, pela primeira vez, em 1943.

Todavia, foi o linguista romeno quem melhor sistematizou o conceito de norma. A teoria foi estabelecida a partir da dicotomia proposta por Saussure, *língua versus fala*. Para o mestre genebrino, a língua é abstrata e contém todos os elementos linguísticos disponíveis no sistema, enquanto a fala é concreta e individual e compreende as escolhas dos falantes. Sobre essa dicotomia, Saussure (2012, p. 45) esclarece:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação.

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1° - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2° - mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Coseriu, na tentativa de melhor elucidar essa proposição, propõe que entre o nível abstrato e o nível concreto situa-se a norma, “um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e (que) varia segundo a comunidade” (COSERIU, 1979, p. 74).

O conceito de norma acrescenta uma nova configuração à dicotomia saussuriana, uma vez que, a partir desse nível, concebe-se que a língua não é um sistema fechado que não admite variações. Segundo Lucchesi (2015), um dos estudiosos de norma linguística no Brasil,

Coseriu pretende eliminar o que considera uma das mais graves imprecisões da concepção saussuriana: a identificação entre sistemático e social entre assistemático e individual, pois

o que é sistemático na língua se comprova no falar individual, e o que é social não é necessariamente sistemático, ou seja, funcional (LUCCHESI, 2015, p. 72).

Nessa perspectiva, Coseriu defende que “uma língua não é uma “coisa feita”, um produto estático, mas um conjunto de “modos de fazer”, um sistema de produção, que, a todo instante, somente em parte surge como já realizado historicamente em produtos linguísticos” (COSERIU, 1982, p. 23).

Assim, o linguista entendia que não era possível a existência da língua sem variação, fenômeno não considerado por Saussure ao definir a dicotomia *língua* versus *fala*. Desse modo, “para dar conta dessas variantes, [Coseriu] propõe um nível de abstração intermediário entre a fala e o sistema que seria ocupado pelo que ele chama de sistema normal, ou simplesmente norma” (LUCCHESI, 2002, p. 71).

O conjunto de padrões linguísticos, isto é, a norma, atua em dois polos opostos: tanto funciona como um padrão uniforme de escolhas linguísticas que regem um grupo de falantes, quanto é o conjunto de particularidades de uma comunidade linguística que a diferencia de outra.

Essa segunda vertente incorpora a dimensão social da língua, ou seja, o sistema linguístico que também é composto pelas variações sociais, teoria fundamentada por Weinreich, Labov e Herzog (2006). O conceito de norma sistematiza o estudo sociolinguístico, uma vez que, as peculiaridades de uma comunidade de fala são representadas pela norma, que se torna um dos objetos de estudo da Sociolinguística.

Sobre isso, Lucchesi (2015, p. 75) propõe um novo conceito, o de *norma sociolinguística*. O teórico apresenta dois fatores que embasam a sua proposta: i) o conjunto de variantes linguísticas caracterizam um grupo social em detrimento de outro e; ii) a avaliação que o próprio grupo faz de sua forma de comunicar, a própria percepção da diferença em relação ao outro.

Segundo o linguista, três parâmetros amparam a norma sociolinguística:

- (i) a frequência relativa de uso das variantes linguísticas entre os membros de cada grupo social;
- (ii) a avaliação subjetiva das variantes linguísticas comum aos membros de cada grupo;
- (iii) as tendências de mudança em curso em cada grupo social (LUCCHESI, 2015, p. 75).

Nessa perspectiva, restringindo o conceito de norma ao nível lexical, é possível, muitas vezes, recuperar a história e a tradição de uma comunidade linguística, pois, pelo fato de o léxico de cada região sofrer variação, ele funciona como veículo de identidade de cada grupo de falantes. Assim, “uma primeira distinção se faz necessária: existe uma *norma geral* – da sociedade global ou da nação – e as *normas parciais*, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade” (BIDERMAN, 2001a, p. 20). Em suma, as normas regionais são particularidades de cada região.

Em um país como o Brasil, devido a sua extensa área territorial, embora haja uma norma que aproxime todos os falantes, há também normas regionais que evidenciam peculiaridades motivadas também por fatores extralinguísticos. No caso do português do Brasil,

[...] essa norma foi se desenhando de forma distinta nas diferentes regiões brasileiras, motivada por condicionantes extralinguísticos, como os fatores físico-geográficos que as individualizam, os contatos étnicos que ali se processaram, as atividades econômicas predominantes, enfim, pela história social das várias áreas culturais que foram se formando, nos mais diferentes rincões do Brasil, ao longo de sua história (ISQUERDO, 2006, p. 18).

O conceito de regionalismo, fundamental no estudo dialetal, é complexo e impreciso. Para defini-lo, deve-se considerar, sobretudo, a história cultural e social de uma comunidade linguística. Biderman, tomando como base a definição de Boulanger (1985), define regionalismo como

[...] qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) peculiar a uma ou outra variedade regional do português falado no Brasil, excetuando a variedade empregada no eixo linguístico Rio/São Paulo, considerada a variedade de referência, ou seja, o português brasileiro padrão, e excluindo também as variedades usadas em outros territórios lusófonos (BIDERMAN, 2001b, p.136).

Essa definição de regionalismo já foi muito difundida, mas, atualmente, pode ser repensada a partir de trabalhos de natureza dialetal desenvolvidos nas diferentes regiões do Brasil. Exemplo é a publicação do segundo volume

do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014), que já apresenta dados mapeados que evidenciam uma realidade linguística muito mais complexa que a defendida por Biderman (2001b). Ainda assim, seu ponto de vista torna-se primordial para o estudo do léxico regional.

Outra pesquisadora que fornece uma relevante contribuição para a definição de regionalismo é Oliveira (1999) que, em sua tese de doutorado, analisou os brasileirismos registrados no Dicionário Aurélio, edição eletrônica de 1998. A autora realizou um trabalho exaustivo dos itens lexicais classificados como brasileirismos no Dicionário Aurélio e, a partir disso, teceu importantes considerações acerca desse fenômeno. Desse modo, adota-se, neste trabalho, a definição de regionalismo brasileiro, proposta por essa estudiosa do léxico: “todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa” (OLIVEIRA, 1999, p. 93).

Partindo desse pressuposto, considerando as áreas geográficas analisadas neste trabalho, acrescenta-se à definição de Oliveira (1999) que os itens lexicais considerados regionalismos serão classificados, levando em consideração o universo pesquisado, isto é, a região Norte e Sul do Brasil e não o território nacional em sua totalidade. Finalizada a explanação sobre a norma linguística, inicia-se o próximo tópico em que o foco é a Dialectologia e a metodologia de um atlas linguístico.

1.3 Dialectologia: percurso e método

De acordo com Figueiredo (2014, p. 26), o início da Dialectologia se deu com o interesse de estudar a história da língua. Nesse sentido, buscava descrever a constituição das línguas, em sua variante de maior prestígio, não importavam fatores sociais, como idade, escolaridade e sexo, por isso, normalmente, os informantes era de apenas um perfil.

Nesse primeiro momento, segundo aponta Coseriu (1982), a Dialectologia tinha um papel puramente de auxílio à Filologia, assim, seus pressupostos teóricos não eram todos traçados como, por exemplo, a definição de dialeto. “En efecto, los dialectólogos se han ocupado mucho y bien de la técnica de la

investigación dialectal, pero muy poco, en cambio, del concepto de dialecto, que, sin embargo, es el concepto básico de su disciplina”¹² (COSERIU, 1982, p. 06). O autor esclarece que o dialeto deve ser considerado a partir de sistema linguístico, isto é, o conjunto de determinadas variedades de uma língua se denominaram como dialeto, uma estrutura que viesse abaixo da língua (COSERIU, 1982, p. 06).

Já para Alvar (1996, p. 13), um dialeto se configura como “un sistema de signos; desgajado de una lengua común, viva o desaparecida, normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común”¹³. Já os dialetólogos Chambers e Trudgill (1994, p. 20) ponderam que todo falante faz parte de pelo menos um dialeto e que é muito difícil distinguir dialeto de língua, mas que essa dicotomia pode ser esclarecida pelo fato de que “una lengua es un conjunto de dialectos mutuamente inteligibles”¹⁴. Salienta-se que as discussões propostas por Coseriu (1982), Alvar (1996), Chambers e Trudgill (1994) dizem respeito à Dialetologia monodimensional, ou seja, investiga as variedades linguísticas levando em conta, sobretudo, a relação espacial.

Porém, a partir das pesquisas dialetológicas, verificou-se que, a partir das entrevistas, era possível analisar além da questão diatópica, questões sociais, como escolaridade e idade, por exemplo.

Nesse sentido, em seus estudos, Thun (1998) diferencia a Dialetologia em duas categorias: a Dialetologia areal e a pluridimensional. A primeira estuda a língua somente no enfoque diatópico e para isso apenas um informante idoso, sedentário, analfabeto, normalmente um homem por localidade respondia a um questionário. O teórico alerta que essa abordagem da Dialetologia é limitada por contemplar unicamente uma perspectiva de estudo da língua. Já a segunda modalidade, a pluridimensional, constitui em uma espécie de “junção” da Dialetologia com a Sociolinguística, o que resulta na

¹² “Em efeito, os dialetólogos ocuparam-se muito bem da técnica da investigação linguística, mas muito pouco, entretanto, do conceito de dialeto, que, sem dúvidas, é o conceito básico de sua disciplina” (Tn).

¹³ “Um sistema de signos; desmembrado de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente, com uma concreta limitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação em relação a outros de origem comum” (Tn).

¹⁴ “Uma língua é um conjunto de dialetos mutuamente inteligíveis” (Tn).

pluridimensionalidade, à medida que passa a contemplar não só aspectos diatópicos, como também diageracionais, diassexuais, diastráticos e diafásicos e, para tanto, nas pesquisas de campo, passa a entrevistar mais de um informante por localidade de diferentes faixas etárias, dos dois sexos e com níveis distintos de escolaridade.

Como já salientado, o português do Brasil é diversificado em todos os rincões do território nacional. Logo, o interesse em estudar a língua portuguesa ao longo da extensão do território brasileiro justifica-se pelo fato de que

[...] o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito naquele espaço no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p. 15).

O estudo das variedades da língua no âmbito de um determinado espaço geográfico é objeto de investigação da Dialectologia que tem como objetivo “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

No Brasil, o primeiro estudo dialetológico de que se tem conhecimento é o de 1826, a contribuição do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao Atlas Etnographique Du Globe de Adrien Balbi (CARDOSO, 2010, p. 11). Em 1920, Amadeu do Amaral publica seu *Dialeto Caipira* e, desse modo, produz a primeira tentativa de um estudo dialetal de uma fala regional:

[...] Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados (AMARAL, 1982¹⁵, p. 41).

Dois anos após o *Dialeto Caipira*, Antenor Nascentes (1922) publicou o livro *Linguajar Carioca* que, também, apresentava preocupações quanto à

¹⁵ A primeira versão da obra foi publicada em 1920. Este trabalho utiliza a 4ª edição.

delimitação de uma língua nacional. Em 1953, Nascentes propõe uma divisão dialetal do português do Brasil, com vistas a demarcar a realidade linguística brasileira, argumentando: “Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (NASCENTES, 1953, p. 24). Até a atualidade essa proposta serve de parâmetros para estudos dialetológicos.

Outra importante contribuição foi a de Serafim da Silva Neto que escreveu, em 1957, o *Guia para Estudos Dialectológicos*, livro que traz importantes informações sobre a Dialetologia e o Português do Brasil, além de orientações para se desenvolver um atlas linguístico. Aliada à Dialetologia, a Geolinguística fornece o método para a representação de dados dialetológicos por meio de mapas linguísticos. Coseriu esclarece que a Geolinguística

[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território (COSERIU, 1982, p. 79).

Assim, os atlas linguísticos que são produtos de trabalhos dialetológicos desenvolvidos com metodologia específica consistem em

[...] reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente. Cada carta apresenta um instantâneo dialetal da área explorada: nelas podemos observar, sincronicamente, todas as maneiras de dizer, pronunciar, construir frases, enfim, todos os meios de expressão de que dispõe o grupo humano estudado (SILVA NETO, 1957, s/p.).

De acordo com a dimensão territorial coberta, os atlas linguísticos podem ser de diferentes domínios. O dialetólogo italiano Alinei (1994, p. 21), por exemplo, classifica os atlas em: “quattro tipi di atlanti, dal più piccolo al più grande: (i) regionali, (ii) nazionali, (iii) di grupo linguístico, (iv) continentali”¹⁶. O

¹⁶ “quatro tipos de atlas, do menor ao maior: (i) regional, (ii) nacional, (iii) de grupo linguístico, (iv) continental” (Tn).

pesquisador também alerta para o fato de não haver atlas de uma família linguística inteira e nem um atlas mundial.

Nesse sentido, entende-se que o atlas linguístico está estritamente ligado ao espaço geográfico coberto, suas dimensões e metodologia. Isso posto,

[...] o conhecimento diatópico da realidade espacial, seja numa visão mais aprofundada – a dos atlas regionais -, seja a que proporcionam os atlas nacionais, é seguido do empenho em retomar-se uma macro-visão dos fatos linguísticos, pondo em confronto regiões distintas e línguas diversas (CARDOSO, 2010, p. 77).

Os estudos geolinguísticos, para garantirem a representatividade dos dados mapeados, seguem uma metodologia rígida que, necessariamente, precisa considerar os seguintes elementos: i) a *rede de pontos* deve ser bem traçada para que abranja toda a região estudada e; ii) os *informantes* são selecionados segundo o mesmo perfil; iii) o *questionário* deve ser o mesmo para toda a coleta de dados e, por fim, iv) o *inquiridor* deve ter preparação específica para a realização das entrevistas.

Dessa forma, como produto dos atlas linguísticos, há a documentação das peculiaridades da língua em um dado espaço geográfico, o que permite a delimitação de possíveis isoglossas, ou seja, “linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12-13). À vista disso, a isoglossa revela a realidade linguística de determinada área geográfica em um dado tempo:

[...] a rede de isoglossas que deriva de um estudo de geografia dialetal frequentemente representa o equivalente sincrônico do problema da transição – isto é, a trilha pela qual uma mudança linguística está completando para se completar (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 90).

Assim, as possíveis isoglossas, embora não representem a visualização completa das mudanças da língua, possibilitam a direção em que as variedades ocorrem e, dessa maneira, associadas à história social da comunidade linguística pesquisada, podem fornecer pistas para a identificação de mudanças linguísticas ocorridas ou ainda em curso.

Como uma característica fundamental dos atlas linguísticos é a documentação da língua na dimensão diatópica, tornam-se uma fonte segura de regionalismos, ou seja, especificidades de cada região linguística que conferem a cada espaço geográfico um falar próprio e diferente dos demais:

O falar regional é o meio de expressão oral de um grupo humano, de uma aldeia, de um município, que tem consciência de certas particularidades linguísticas que o distinguem de um grupo vizinho. O que caracteriza o falar é, de um lado, as suas discrepâncias da língua comum e, de outro, essa consciência que une os membros do grupo e os distingue dos grupos vizinhos. Podemos assim conceituá-lo como um feixe dos traços distintivos (SILVA NETO, 1957, s/p.).

A partir de um atlas linguístico podem ser estudados todos os níveis da língua: fonético, morfológico, lexical, pragmático, entre outros. Neste estudo, o foco é o léxico, por essa razão, no próximo tópico são discutidos princípios teóricos da Lexicologia.

1.4 Lexicologia

Para o estudo de dados lexicais, há quatro disciplinas que analisam diferentes aspectos do léxico, a saber: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Fraseologia.

Segundo Biderman (2001b, p. 17), a Lexicologia é uma disciplina antiga que se ocupa de três problemas básicos: a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Essa é uma disciplina que faz fronteira com muitas outras, como a Semântica, a Dialectologia, a Psicolinguística e a Neurolinguística. Isso se deve ao fato de ela analisar não só a significação de cada unidade lexical, mas também o processo mental de formação e sua conceitualização no mundo.

A Lexicografia é a ciência dos dicionários (BIDERMAN, 2001b, p. 17), atividade antiga e tradicional que dá base à construção de obras lexicográficas, enquanto a Terminologia, área em grande expansão nos últimos anos, é voltada para o estudo de termos de áreas de especialidade, pois em toda área do conhecimento há termos muito peculiares do público que tem acesso à área em questão. A Fraseologia será tema do tópico 1.5, deste capítulo.

Todas as teorias lexicais se tornam essenciais para a análise de dados linguísticos, pois, para viver em sociedade, o homem necessita nomear e classificar os seres e objetos ao seu redor e faz isso com o auxílio do léxico, isto é, o acervo vocabular que lhe permite a comunicação. A rigor,

[...] o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades (BIDERMAN, 2001a, p. 179).

Assim, ao utilizar o léxico, o falante de uma língua, mesmo sem consciência disso, retrata o ambiente em que vive a partir de suas escolhas lexicais, oriundas de condicionantes históricos, geográficos e culturais. De acordo com a mesma pesquisadora, o léxico se relaciona com o processo de nomeação e cognição da realidade, visto que,

[...] ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas (BIDERMAN, 2001b, p. 13).

Nesse sentido, não se consegue estudar esse nível linguístico isolado da sociedade, pois é o léxico que melhor evidencia aspectos da vida social dos indivíduos. A relação entre léxico e fatores extralinguísticos é o foco de estudos de inúmeros pesquisadores, dentre eles, Georges Matoré que em 1953 publicou a importante obra *La méthode en Lexicologie*, em que o autor salienta que por representarem e comunicarem as necessidades da sociedade, as palavras são “‘témoins de l’histoire’, ils sont le reflet d’un état de société¹⁷” (MATORÉ, 1953, p. 43).

Nesta perspectiva, o conjunto de palavras que os indivíduos de uma comunidade utilizam se torna uma relevante fonte para as pesquisas linguísticas e de, maneira geral, para os estudos nas ciências humanas. Sapiir

¹⁷ “testemunhos da história, elas são o reflexo de um estado da sociedade” (Tn).

(1969), ao relacionar léxico e ambiente, defende que, dentre os níveis da língua, o léxico

[...] é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade (SAPIR, 1969, p. 45).

Frente ao exposto, nota-se que o estudo do léxico favorece a recuperação de fatores extralinguísticos e evidencia a presença dos regionalismos na norma lexical de um grupo social. Isquierdo (2003, p. 166) alerta que, para o estudo da norma linguística no nível lexical, deve-se considerar, sobretudo, a questão da variação, ao classificar um item léxico como regionalismo em detrimento de outro. Isso se deve ao fato de a norma lexical de uma comunidade estar solidificada na variação espacial da língua, analisada, por exemplo, a partir de dados dialetais.

Nessa perspectiva, examinar um léxico regional significa necessariamente considerar o eixo do espaço e o eixo do tempo. O primeiro, ligado às especificidades regionais e a consequente mobilidade dessas especificidades de um espaço geográfico para outro, em decorrência de processos migratórios: o segundo, relacionado à tendência conservadora da língua, que normalmente se manifesta de forma mais acentuada em regiões menos susceptíveis a influências dos meios de comunicação de massa (ISQUERDO, 2003, p. 166).

As escolhas lexicais são norteadas pelas necessidades dos falantes, por essa razão, o estudo de dados orais, tende a revelar expressões regionais. Como já mencionado, a definição de regionalismo é polêmica e remete ao conceito de relativismo linguístico, pois traduz a visão do falante acerca do objeto nomeado.

Essa problemática não é diferente quando se trata do conceito de palavra, considerado pouco científico por Biderman (2001a, p. 100), dada a dificuldade de delimitar com exatidão uma palavra. O léxico de uma língua nada mais é que o conjunto de todas as palavras que o falante utiliza para se comunicar com o mundo. Porém, antes de estudar cada item do vocabulário, é necessário atribuir determinados limites ao termo “palavra”.

Segundo Biderman (1998), a palavra é o nível da linguagem que pode ser considerado o mais concreto, o mais alcançável pelos estudiosos e, também, pelas pessoas que a utilizam. De acordo com a autora, a palavra pode ser estudada sob diferentes dimensões, dentre elas, a mágico-religiosa, a cognitiva e a linguística.

Ao tratar da mágico-religiosa, a linguista elucida o seguinte:

Em muitas religiões e culturas acredita-se que foi a linguagem que ordenou o caos primitivo transformando-o num cosmos significativo. Cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primevo através de seus mitos. A *palavra* assume assim nos mitos de cada cultura uma forma transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a *palavra* tende a constituir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na *palavra* instituidora do universo (BIDERMAN, 1998, p. 81).

O homem, nas diferentes fases da vida, sempre utiliza a língua nessa dimensão mágico-religiosa. Atribui-se, por exemplo, à *palavra*, a criação do mundo e de todas as coisas que o compõem, também atribuem a ela o poder de amaldiçoar ou abençoar algo, como as *palavras* proibidas e as sagradas. Um exemplo disso são os tabus linguísticos, tema a ser focalizado na sequência deste capítulo.

Outra dimensão apontada por Biderman (1998) é a cognitiva, por meio da qual se categoriza o conhecimento e se nomeia a realidade:

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feitas por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (BIDERMAN, 1998, p. 88).

O léxico é a forma utilizada pelo ser humano para “etiquetar” suas experiências, porém, esse processo não é aleatório, é constituído mentalmente e com base em fatores sociais. De acordo com Biderman (2001b), o homem adquiriu a capacidade de associar as palavras com traços em comum e, assim,

nomear a realidade. Em vista disso, estudiosos, tanto linguistas quanto neurolinguistas, instigados por essa capacidade humana, têm pesquisado esse processo que acontece na mente do homem. Esses estudos foram desenvolvidos de diferentes maneiras a partir da noção de rede associativa proposta por Saussure (2012, p. 17) e deram origem a teorias sobre campos semânticos, campos léxicos, campos conceituais, campo nocionais, entre outros.

Na Linguística, quem iniciou esse estudo foi J. Trier por volta da década de 30 do século XX. O linguista, partindo do conceito de rede associativa de Saussure, propõe o conceito de campo léxico e, para tanto,

[...] concibe el vocabulario de un estado lingüístico sincrónico como una totalidad semánticamente articulada, estructurada precisamente en <campos léxicos>, que pueden estar entre sí en una relación de coordinación o jerárquica. A su vez, el <campo léxico> o <campo lingüístico de signos> representa <un todo articulado, una estructura>¹⁸ (GECKELER, 1971, p. 118).

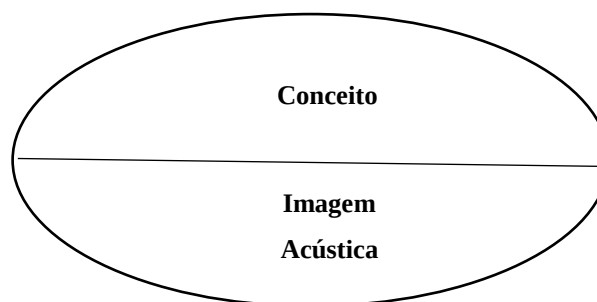
No Brasil, Biderman (1981, p. 138) avança um pouco mais, ao relacionar as escolhas lexicais com a estrutura mental dos falantes:

[...] existe, porém, uma outra organização estruturada do léxico também de cunho material: os padrões neuronais dos cérebros dos indivíduos [...] qualquer indivíduo, mesmo o adulto, estará sempre aprendendo novos elementos léxicos, pois o tesouro vocabular da língua se expande continuamente.

Enfim, a terceira dimensão proposta por Biderman (1998), a linguística, engloba os conceitos cunhados por Saussure para signo. Para o mestre genebrino, o signo linguístico é composto por duas faces: o significado e o significante que, juntos compõem uma palavra, como se apresenta na figura I, na sequência.

¹⁸ “concebe o vocabulário de um estado linguístico sincrônico como uma totalidade semanticamente articulada, estruturada precisamente em <campos léxicos>, que podem estar entre si em uma relação de coordenação ou hierarquia. Por sua vez, o <campo léxico> ou <campo linguístico de signos> representa um <todo articulado, uma estrutura> (Tn).

Figura 1 - Representação do signo linguístico proposto por Saussure (2012 [1916]).



Fonte: Saussure (2012 [1996]).

A partir do conceito de signo, o linguista salienta que

Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, quer a palavra com a qual o latim designa o conceito “árvore”, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes com a realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Ao definir o signo linguístico, Saussure defende a arbitrariedade, isto é, entre o significado e o significante não há uma motivação, o indivíduo não escolhe como chamar as coisas, pois elas já têm um nome que independe de fatores extralinguísticos. O mestre genebrino defende ainda que o signo é imutável, ou seja, não está ao alcance dos indivíduos a troca do nome de um referente. Assim, os únicos signos que fogem à regra do arbitrário são os relativamente motivados, como exemplo, signo dezenove, que tem por motivação a própria base das palavras dez mais nove.

A teoria de Saussure constitui o marco na linguística moderna e foi analisada e contrastada por outros teóricos que o sucederam, muitos deles não concordando com a arbitrariedade total do signo proposta pelo linguista de Genebra.

Benveniste, por exemplo, entendia que a relação entre significante e significado, longe de ser arbitrária, era necessária: é de fato entre signo (conjunto formado do significante e do significado) e o referente (a “coisa”, o

objeto ou processo do mundo exterior, da realidade não-linguística) que a relação é arbitrária (DUBOIS et al, 2006, p. 442).

O semanticista Guiraud (1980¹⁹, p. 31), por seu turno, defendeu que “todas as palavras são etimologicamente motivadas, mas – e eis o ponto capital – tal motivação não é determinada nem determinante” e divide a motivação em externa (fonética e metassêmica) e interna (morfológica e paronímica). Em suma, para Guiraud (1980, p. 33):

A palavra é sempre motivada, seja porque exista uma relação natural entre a forma acústica e a coisa significada (onomatopeias, exclamações), ou seja porque haja uma relação intralinguística entre as palavras no interior da língua, relação que pode ser de ordem morfológica (derivação, composição), ou semântica (mudanças de sentido).

Já Ullmann (1964, p. 167-195), ao tratar da motivação dos signos, trabalhou com a noção de palavras transparentes e opacas. Para o semanticista, “todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes” (ULLMANN, 1964, p. 169). A teoria de Ullmann é bastante defendida acerca do princípio saussuriano de arbitragem, pois implica a discussão da relação entre as palavras arbitrárias e as palavras motivadas. Para o semanticista, a motivação engloba três níveis: o fonético, o morfológico e o semântico que explicam quase todos os processos de nomeação da língua.

Baldinger (1970, p. 29-33), por sua vez, a exemplo de Saussure, alerta que “el significante no está motivado por la realidad”²⁰, por isso o signo é arbitrário, pois se as palavras fossem motivadas, no mundo teria só uma língua. Para o teórico, a única forma de motivação que pode ser direta é a das onomatopeias, palavras imitativas de sons como, bater à porta *toc toc*, ou ainda, o cachorro quando late *au au*.

Enfim, após a contextualização dos conceitos de *palavra*, signo linguístico e motivação, importa salientar que não será utilizado o termo palavra

¹⁹ Primeira publicação em 1955.

²⁰ “o significante não está motivado pela realidade” (Tn).

para nomear os designativos registrados na análise dos dados, por ser como Biderman afirma pouco preciso. Dessa forma, com base nos estudos do léxico, “será melhor o termo *lexema* para denominar as unidades virtuais que compõem o léxico e chamar de *lema* sua representação canônica no dicionário” (BIDERMAN, 1999, p. 176). E ainda, “estabeleceríamos as seguintes oposições e correlações: *léxico* é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; *vocabulário* é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades” (BIDERMAN, 1999, p. 176). Neste trabalho, na análise dos dados, será utilizado os seguintes termos: designação, designativo, item léxico e variante lexical.

Finalizado o tópico sobre a Lexicologia, na sequência, serão discutidas as expressões fixas.

1.5 Fraseologia: expressões fixas

A fraseologia é um ramo dos estudos do léxico que se ocupa das combinatórias léxicas, ou ainda, unidades fraseológicas²¹. Charles Bally (1909) foi o precursor da disciplina ao chamar a atenção para essas combinatórias não livres de palavras. “Según él, las combinaciones de palabras presentan diversos grados de cohesión dentro de los límites de dos casos extremos” (TRISTÁ, 1988, p. 2-3).

Tristá (1988) pondera que, embora Bally tenha sido o que primeiro discute a fraseologia, a maior contribuição para a sistematização dos estudos fraseológicos veio da escola russa com os trabalhos, principalmente, de Vinogradov por volta da década de 40. A autora ainda salienta que “la fraseología constituye una rama especial de la Lingüística, con sus métodos y objetos de estudio”²² (TRISTÁ, 1988, p. 10), não é consenso entre os pesquisadores se a Fraseologia é um ramo da Lexicologia ou uma disciplina autônoma, mas, como Penadéz Martínez (2010) assevera, a Fraseologia tem

²¹ O termo técnico unidades fraseológicas é cunhado pela teórica espanhola Corpas Pastor (2006).

²² “A fraseologia constitui-se como um ramo especial da Linguística, com seus métodos e objetos de estudo” (Tn).

seu objeto de estudo bem definido, o que permite ser uma disciplina do mesmo nível da Lexicologia.

Esse ramo da ciência pode ser estudado sob diferentes perspectivas teóricas como, por exemplo, a espanhola de Tristá e Corpas Pastor e a francesa de Gross e Mejri. Para esta pesquisa, a escolha pela escola francesa se deu pela forma em que tratam os dados fraseológicos.

Os autores franceses nomeiam as combinatórias não livres da língua por meio da noção de fixidez. Gross (1996, p. 9), por exemplo, esclarece que

Pour désigner le phénomène linguistique que nous décrivons dans ce livre, le terme le plus approprié est celui de figement, car il permet de rendre compte à la fois de phénomènes de nature très diverse mais qui ne sont pas indépendants les uns des autres.²³

O autor aponta onze (11) propriedades comuns que caracterizam a fixidez: a polilexicalidade, a opacidade semântica, o bloqueio das propriedades transformacionais, não atualização dos elementos, o escopo da fixidez, os graus de fixidez, o bloqueio de paradigmas sinonímicos, a não inserção, a desfixidez, a etimologia e as locuções reduzíveis à categorias. Para o autor, cada expressão tem graus de fixidez, isto é, dentro de uma expressão composta, pode, tanto as duas unidades de uma expressão terem uma fixidez total, quanto pode apenas um elemento estar fixo e o outro poder ser trocado. Assim, Gross (1996) divide as unidades fraseológicas pelo grau de fixidez. Podem ser classificadas em fixidez completa, como *calcanhar de Aquiles* e fixidez de uma parte do grupo nominal, como *levar um susto*. O pesquisador defende que o item fixado é originado por dois processos, o metafórico e o metonímico, dos dois, o primeiro é bem mais produtivo.

Partindo da teoria de Gross, Mejri (1997) também defende que a expressão fixa tem diferentes graus de fixidez que perpassam a linha do *continuum*, isto é, cada unidade fraseológica traz consigo uma evolução de cristalização, não é de uma hora para outra que uma expressão muda de

²³ “Para designar o fenômeno linguístico que nós descreveremos neste livro, o termo mais apropriado é o de fixidez, pois dá conta de tantos fenômenos de natureza muito diversas, mas que não são independentes uns dos outros” (Tn).

transparente a opaco. No quadro, a seguir, podem ser observadas as etapas dessa transformação.

Figura 2 - Etapas de fixidez segundo Mejri (1997).

séquence libre sens compositionnel	séquence figée sens compositionnel	séquence figée sens abstrait déductible des éléments de la séquence.
<i>la chère âme s'est tournée et retournée comme une anguille.</i>	<i>- il est glissant comme une anguille.</i>	<i>- pas à pas, à petits pas, un pas de géant.</i>
séquence figée dont le sens est déductible à la fois à partir de ses éléments et du contexte	séquence figée dont le sens n'est déductible que des éléments fournis par le contexte	séquence figée dont le sens n'est pas déductible de ses constituants.
• <i>sable mouvant</i> • <i>de la plus belle eau</i> • <i>mordre la poussière</i>	• <i>être sur son trente-et-un</i> • <i>avalier des couleuvres</i>	• <i>étouffe-chrétien</i> • <i>victoire à la pyrrhus</i> • <i>ouvrage à la Pénélope</i>

Fonte: MEJRI, 1997, p. 49.

A partir da figura, observa-se que Mejri (1997, p. 49) propõe que para uma expressão se tornar com fixidez total passa por seis etapas: i) sequência livre, sentido composicional – *olho torto*; ii) sequência fixa, sentido composicional – *dente do juízo*; iii) sequência fixa, sentido deduzível pelos elementos da sequência – *capela do olho*; iv) sequência fixa, o sentido é deduzível a cada vez a partir do sentido dos elementos e do contexto - *perna de baladeira*; v) sequência fixa, o significado é deduzível a partir dos elementos fornecidos pelo contexto - *instalação trocada*, e; vi) sequência fixa, o sentido não é deduzível de seus constituintes – *perna de pau*. A partir dessa nomenclatura, observa-se que, quando se analisa uma unidade não se pode considerar apenas se é uma sequência livre ou uma sequência fixa, mas, todas as características de cada etapa e, também, analisar os aspectos que a definem, como proposto por Gross (1996). Por fim, Mejri (1997, p. 29) define a sequência fixa como “est un syntagme formé conformément à la syntaxe de la langue et qui, une fois réutilisé et entré dans l’usage, sera lui aussi une

séquence figée²⁴". Para esta pesquisa, será utilizada como base as etapas de fixidez de Mejri para classificar uma sequência como fixa.

Terminado o tópico sobre os aspectos da fraseologia, o próximo aborda as palavras-tabus.

1.6 As palavras-tabus

O tabu, antes de ser linguístico, é um fenômeno que abarca toda a sociedade de modo a restringir determinados comportamentos e formas de um indivíduo se comunicar. Na verdade, o tabu se comporta como uma norma regional, uma vez que se adequa à cultura e à ideologia subjacentes no seio da sociedade. Funciona, nesse sentido, como uma norma tabuística para cada região, em que determinados itens, comportamentos e formas de agir são evitados e, por consequência, substituídos por formas mais neutras.

Ao certo não se sabe com exatidão como o tabu foi definido e rotulado na sociedade, porém, é sabido que pode ser concebido como uma série de regras a que os indivíduos estão sujeitos.

A palavra *tabu* foi encontrada, primeiramente, na cultura dos povos malaio-polinésios e traduzida como "*sagrado-proibido*" ou "*proibido-sagrado*":

[...] foi o navegante inglês James Cook (1728-1779) quem, no relato de sua última viagem na Oceania, registrou o comportamento chamado *Tapu*. Os nativos das ilhas Tonga usavam essa palavra para adjetivar tudo aquilo que era ao mesmo tempo sagrado e proibido. Ninguém, por exemplo, devia tocar na pessoa do rei, a não ser, é claro, gente de sua linhagem ou dignitários especialmente treinados para lidar com ele (AUGRAS, 1989, p. 13).

Para Augras (1989), o tabu pode ser classificado como sagrado ou proibido, pois na língua latina a palavra tem essas acepções: "quando opostos se fundem, quando a ordem classificatória se dilui em desordem, quando mensagens contraditórias convivem no mesmo espaço" (AUGRAS, 1989, p. 42).

²⁴ "é um sintagma formado conforme à sintaxe da língua e que, uma vez reutilizada e que entrou em uso, será uma sequência fixa" (Tn).

O tabu é estudado por diferentes áreas das ciências humanas, dentre elas, a Antropologia e a Psicologia. No campo antropológico, um estudo que merece destaque é o de Leach (1983) que em seu livro *Antropologia* dedica um capítulo ao estudo dos aspectos antropológicos da linguagem e nele discute alguns aspectos do fenômeno tabu. Em um primeiro momento, Leach (1983, p. 170) discorda da concepção de tabu fornecida pela Psicologia de que se trata de uma interferência aos indivíduos. Para o teórico, o tabu é criado pelo homem e alaistrado pela sociedade. O pesquisador defende que, por ser a linguagem o meio principal de comunicação do ser humano, torna-se o objeto de estudo da Antropologia com alguns limites que devem ser respeitados.

Dentre os aspectos antropológicos situa-se o tabu. Para o autor, muitas vezes, o tabu é iniciado na língua por alguma interdição fonética ou semântica, e, por algum elo, passa a ser entendido como um tabu comportamental (LEACH, 1983, p. 171). Para defender o seu ponto de vista, o antropólogo apresenta como exemplos a palavra *queen*, em inglês, que nomeia *rainha* e seu quase homônimo *quean* que nomeia *prostituta*. Em resumo, para Leach:

O tabu é simultaneamente comportamental e linguístico; social e psicológico. Como antropólogo, estou particularmente interessado nos aspectos sociais do tabu. [...] todas essas variedades de repressão estão tão enredadas na trama da linguagem, que qualquer discussão sobre uma das três molduras – a antropológica, a psicológica ou a linguística – deve inevitavelmente tomar para alguma consideração as outras duas (LEACH, 1983, p. 172).

Outro antropólogo que aborda o tema tabu é Levi-Strauss, principalmente, em dois livros: *Totemismo hoje* (1975) e *O pensamento selvagem* (1989), em que considera o totem e o tabu como “sistemas classificatórios que permitem pensar o mundo” (AUGRAS, 1989, p. 32). Para o antropólogo, de maneira geral, o tabu se instaura justamente na ausência do totem, assim, quando o totem separa grupos sociais por determinados elementos, o tabu acolhe esses grupos e os torna diferenciados (AUGRAS, 1989, p. 40). O conceito de totem tem sua autoria na obra de Freud, é o oposto do tabu, por ser a energia boa, aquela que auxilia as pessoas em seu cotidiano.

O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos, e, mesmo quando é perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos (FREUD, 2013, p. 8).

Já no ramo da Psicologia, o tema tabu foi estudado, dentre outros, por Sigmund Freud, inventor da psicanálise. Para explicar o conceito de tabu, ora sagrado, ora profano, Freud constrói seu próprio mito que consegue estabelecer a relação da dicotomia, o da Horda Primitiva. Para o estudioso, “a fonte do tabu é atribuída a um poder mágico especial que é inerente às pessoas e espíritos e podem ser transmitidos por eles através de objetos inanimados” (FREUD, 2013²⁵, p. 14). O tabu pode ser permanente e temporário, como, por exemplo, uma interdição ligada à religião é considerada permanente, já a menstruação, fenômeno do corpo feminino, é temporário.

Freud (2013), baseado na contribuição de Wundt, relata que o “tabu é o mais antigo código de leis não escritas da humanidade. Considera-se geralmente que o tabu é mais antigo que os deuses e remonta a épocas anteriores a qualquer religião” (FREUD, 2013, p. 13).

No Brasil, o livro de Josué de Castro, *Fisiologia dos tabus*, é a publicação mais antiga sobre tabu realizada em território nacional, datado em 1938. Para o estudioso,

[...] o conceito nuclear do tabu é o de interdição, de uma proibição categórica, sem uma explicação racional. Interdição que não é ordenada por ninguém, mas que parece se ter constituído por si mesma, sem nenhum fundamento, nem ao menos nenhuma insinuação da lógica (CASTRO, 1954²⁶, p. 8).

O livro conta com uma detalhada explicação sobre o tabu e suas possíveis causas, informa que esse fenômeno precede a todo conceito religioso, relacionados a divindades. Retoma autores como Freud, Wundt e Pavlov e restringe a lei do tabu ao nível fisiológico: “como produtos de reflexos condicionados, nos quais a coisa, pessoa ou palavra, isto é, o objeto tabu

²⁵ A primeira publicação da obra *Totem e tabu* foi em 1913. Utilizamos neste trabalho a versão de 2013.

²⁶ Utiliza-se a segunda edição da obra.

desempenha o papel de estímulo condicionado a outro estímulo reflexo, provocador de um reflexo de medo” (CASTRO, 1954, p. 22).

De maneira geral, salienta-se que os autores citados e suas diferentes perspectivas de análise do tabu são entre si complementares, uma vez que defendem o tabu como um conceito complexo que está situado entre o sagrado e o profano. Devido à mística envolvida, o tabu se torna uma rica fonte de investigação em todas as áreas das ciências humanas, por se tratar de um assunto que está no dia a dia do ser humano, ainda que não com esse nome.

No campo da linguagem, atribui-se a Meillet a introdução do termo tabu nas pesquisas linguísticas. Diversos autores trataram da utilização de palavras-tabus, cada um a seu modo, como Ullmann (1964), Ducrot (1972), Guérios (1979), Coseriu (1982), Teruel (2006), entre outros.

De acordo com o dicionário de Linguística, de Dubois et al (2006, p. 580):

Há coerções sociais que, em certas circunstâncias, impedem ou tendem a impedir a utilização de certas palavras; esses tabus linguísticos são caracterizados pelo fato de que a palavra existe realmente, mas não pode ser usada: é vedado “nomear” a coisa. [...] Na cultura das comunidades dos países desenvolvidos, existem também palavras tabus (tabus sexuais, religiosos e políticos); a transgressão dos tabus comporta, conseqüentemente, a rejeição do falante pelo grupo social ou, pelo menos, a depreciação então ligada a seu comportamento.

Já Ullmann (1964, p. 429-32) defende que o tabu é um dos meios de mudança semântica que é classificada em quatro pilares: causas linguísticas, causas históricas, causas sociais e causas psicológicas. Essa última é definida como as “mudanças de significado que provêm de algum aspecto ou tendência profunda do espírito da pessoa que fala”, podendo ocorrer por dois motivos: 1) *emotivos*: fatos corriqueiros que se mencionam várias vezes, a ponto de surgir comparações a experiências vividas anteriormente e, 2) *tabus linguísticos*: termos que, segundo o imaginário popular, atraem fluidos negativos e, por essa razão, são substituídos por outros designativos com carga semântica mais neutra.

Ullmann (1964, p. 429-32) divide os tabus em três categorias: tabu de medo, tabu de delicadeza e tabu de decência. Os tabus linguísticos

relacionados à área semântica do *corpo humano*, objeto deste estudo, se enquadram na categoria de decência.

Ducrot (1972, p. 13), por sua vez, pondera que uma das causas dos tabus é o fato de que “muitas vezes temos necessidade de, ao mesmo tempo, dizer coisas e de poder fazer como se não as tivéssemos dito; de dizê-las, mas de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-las dito”. Nessa perspectiva, o estudioso trabalha com dois conceitos o implícito e a pressuposição linguística. O tabu, segundo esse autor, são os conceitos implícitos utilizados no momento da comunicação.

Contemporaneamente, Teruel (2006), com base em estudos sobre as mudanças de significado atribuídos às palavras, discute essa questão de mudança e esclarece que

[...] los cambios que el paso del tiempo introducen en todos los aspectos de la realidad cotidiana se reflejan en los vocablos, que van acomodando su significado a las nuevas situaciones en que los hablantes se desenvuelven²⁷ (TERUEL, 2006, p. 02).

Teruel (2006), como Ullmann (1964), pondera que as mudanças semânticas são classificadas de acordo com a sua causa e, também, classifica o fenômeno tabu em quatro tipos: linguísticos, históricos, sociais e psicológicos. Segundo o mesmo teórico, a causa psicologizante ocorre quando

[...] los hablantes evitan pronunciar ciertas palabras por motivos religiosos, supersticiosos, de índole social, etc.; y recurren, para iludir a los significados que expresan, a metáforas, paráfrasis elusivas o deformaciones más o menos cómicas de las propias palabras²⁸ (TERUEL, 2006, p. 12).

Segundo Guérios (1979, p. 01), “as palavras exteriorizadas podem ter forças sobrenaturais benéficas ou maléficas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas, a fim de se evitarem malefícios dos mesmos

²⁷ “As mudanças que o passar do tempo introduzem em todos os aspectos da realidade cotidiana se refletem nos vocábulos, que vão acomodando seu significado às novas situações em que os falantes se desenvolvem” (Tn).

²⁸ “Os falantes evitam pronunciar certas palavras por motivos religiosos, supersticiosos, de índole social, etc.; e recorrem, para iludir aos significados que expressam, a metáforas, paráfrases, elusivas ou deformações mais ou menos cômicas das próprias palavras” (Tn).

poderes. Esses vocábulos são tabus”. Esse mesmo autor classifica o tabu linguístico como *próprio* e *impróprio*:

Propriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça. Impropriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira (GUÉRIOS, 1979, p. 05).

Quando determinado item léxico é evitado por remeter a algum comportamento inapropriado ou a alguma superstição, é considerado uma palavra tabuizada. Há diversas formas de substituição para uma palavra-tabu: eufemismo, disfemismo, metonímia, expressão genérica, hipocorístico, entre outras. O Quadro 1, a seguir, visualiza e caracteriza os principais meios de substituição de palavras-tabus, segundo Guérios (1979):

Quadro 1- Meios de substituição das palavras tabuizadas

Meio de substituição	Conceito	Exemplo
Eufemismo	Suavização do termo	Prostituta – Madalena
Disfemismo	Expressão agravante	Tuberculose – Doença-ruim
Metonímia	Troca de um termo por outro de carga semântica neutra	Esquerdo – Canhoto
Expressão Genérica	Troca da palavra tabu por termos vagos, gerais	Raposa – O animal
Metáfora		Perna de alicate – pernas tortas.

Fonte: Guérios (1979, p. 11-23).

Com a contribuição de Coseriu (1982), conclui-se que os tabus linguísticos são apenas uma característica de um fenômeno que abrange não

só palavras relacionadas a crenças e a mau agouros, mas, também, a vocábulos que são considerados descorteses por diversas razões: educação, decência e amabilidade. Esse fenômeno é classificado pelo autor como interdição do vocabulário em que são evitadas “expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas ou [...] indecentes” (COSERIU, 1982, p. 71). Na sociedade, são muito comuns essas interdições vocabulares, pois os conceitos do indivíduo sobre a realidade mudam conforme suas experiências de vida.

No campo da linguagem, o tabu não pode ser sempre categorizado como expressões que não são ditas a fim de evitar maus agouros ou maus presságios. Muitas das vezes, ele é utilizado justamente com o intuito de enfatizar características, ainda mais quando se trata de partes do *corpo humano*. Uma das causas dessa ressemantização do tabu se deve ao fato de, na sociedade atual, determinadas crendices relacionadas a palavras mal ditas, com tons pejorativos ou ofensivos, não serem levadas tão a sério.

Apresentada a teoria que define o tabu linguístico, no próximo tópico é discutida a questão do *corpo humano* na linguagem.

1.7 O *corpo humano* na linguagem

O estudo do *corpo humano* em suas diferentes dimensões é objeto de pesquisa de muitos estudiosos, uma vez que, por ser a primeira via de acesso ao mundo do ser humano, traz consigo a identidade e as experiências de cada indivíduo na sociedade. Nesse sentido, Luna (2010, p. 21) pondera que,

Desde la Antigüedad, el hombre ha pretendido desentrañar las relaciones que existen entre la mente, el cuerpo y la realidad externa a él. Se puede considerar una de las cuestiones fundamentales de la filosofía de todos los tiempos²⁹.

O *corpo* se torna, assim, a escala entre a mente e a realidade, pois, muitas vezes, quando o indivíduo não sabe denominar determinado objeto da

²⁹ “Desde a Antiguidade, o homem pretende entender as relações que existem entre a mente, o corpo e a realidade externa a ele. Pode-se considerar uma das questões fundamentais da Filosofia de todos os tempos” (Tn).

forma correta, por processos de figuras de linguagens, como analogias e metáforas, utiliza partes do corpo para dar nomes a objetos externos. Rodrigues (2006), em seu livro *Tabu do corpo*, analisa a relação do *corpo* com a sociedade e as representações resultantes do contato social. Embora se trate de um trabalho antropológico, fundamenta a teorização do processo de nomeação de partes do *corpo* que se faz a partir da perspectiva linguística. Dessa forma, de acordo com esse autor,

[...] no seu próprio corpo, o homem concebeu relações entre os astros, as estações, as coisas, os animais e os deuses; reconhecemos no nosso corpo e no das pessoas que conosco se relacionam um dos diversos indicadores da nossa posição social e o manipulamos cuidadosamente em função desse atributo (RODRIGUES, 2006, p. 49).

E, não diferente de outros aspectos da sociedade, a utilização do *corpo* na representação social perpassa a cultura, a ideologia e a religião de cada grupo social, seja na hora de nomear partes da estrutura anatômica, seja quando se vale do conhecimento adquirido do *corpo* para nomear outros objetos. Essa problemática está arraigada no seio das sociedades desde tempo memoriais, na relação entre o sagrado e o profano.

Ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social e que ao mesmo tempo não estão subordinados diretamente ao corpo. O mundo das representações se adiciona e se sobrepõe a seu fundamento natural e material, sem provir diretamente dele. As forças físicas e as forças coletivas estão simultaneamente juntas e separadas (RODRIGUES, 2006, p. 49).

Nessa perspectiva, os estudos linguísticos a partir do *corpo humano*, não só analisam aspectos da língua, mas também fatores extralinguísticos inerentes ao processo de nomeação. A maior preocupação situa-se na compreensão dos mecanismos utilizados pela mente humana para o conhecimento da realidade. Um dos primeiros autores a estudar a nomeação de partes do *corpo humano* numa perspectiva linguística foi Pierre Guiraud (1980), na sua obra *A linguagem do corpo*. O autor discute como os códigos corporais refletidos no sistema linguístico auxiliam a mudança do léxico e, por decorrência, a formação da língua. Esse estudo foi realizado a partir da

observação dos processos de criação léxica na nomeação das partes do corpo. Em resumo, o teórico ressalta que

El campo semántico de esas analogías corporales ocupa un lugar importante en el ámbito de nuestros conocimientos del lenguaje que las expresa y las estructura. En realidad, podemos preguntarnos si, desde el punto de vista etimológico, todas las palabras (y los conceptos correspondientes) no estarían relacionadas con imágenes del cuerpo. Efectivamente, toda palabra que viene de otra palabra que viene... de tal modo que la etimología dirige consecutivamente cada palabra hacia experiencias cada vez más arcaicas y generales que no pueden ser otras que las de nuestros sentidos y las relaciones de nuestro cuerpo con los objetos³⁰ (GUIRAUD, 1986, p. 49).

Iniciados por Guiraud em uma perspectiva semântica, os estudos linguísticos a partir do *corpo humano*, certamente, tiveram maior desenvolvimento na linguística cognitiva com Lakoff e Johnson. Os dois teóricos publicaram o livro *Metaphors we live by* (1987) em que analisam a conceitualização do conhecimento a partir da metáfora como um dos principais meios do ser humano representar as experiências do *corpo humano*. Segundo os autores,

[...] es en el contacto con la realidad, es decir, en la creación de experiencia, cuando el cuerpo humano interviene y se convierte en el vehículo que permite que se generen tanto el conocimiento como el pensamiento y las emociones³¹ (LUNA, 2010, p. 29).

Os estudos desenvolvidos por Lakoff e Johnson utilizam como perspectiva de análise a linguística cognitiva, que estuda a relação da língua com a experiência humana. Com base em Luna,

Un de los rasgos definitorios más característicos de esta corriente teórica es la afirmación de que el origen de los

³⁰ “O campo semântico dessas analogias corporais ocupa um lugar importante no âmbito de nosso conhecimento de linguagem que as expressa e a estrutura. Na realidade, podemos nos perguntar se, desde o ponto de vista etimológico, todas as palavras (e os conceitos correspondentes) não estariam relacionadas com imagens do corpo. Efectivamente, toda palavra que vem de outra palavra que vem... de tal modo que a etimologia dirige consecutivamente cada palavra até experiências cada vez mais arcaicas e gerais que não podem ser outras que as de nossos sentidos e as relações de nosso corpo com objetos” (Tn).

³¹ “É no contato com a realidade, isto é, na criação de experiência, quando o corpo humano intervém e se converte no veículo que permite que se gerem tanto o conhecimento como o pensamento e as emoções” (Tn).

pensamientos y de la estructura cognitiva y, en consecuencia, de las producciones lingüísticas –que son reflejo de ésta- surge de la interacción que se establece entre el hombre y su entorno, esto es, de su experiencia³² (LUNA, 2010, p. 23).

Frente ao exposto, faz-se necessário recuperar alguns termos técnicos da Linguística cognitiva acerca da conceituação do *corpo* advindo da Antropologia para fundamentar a análise do vocabulário relacionado a essa área semântica com base em dados dialetológicos recolhidos sobre o léxico do *corpo humano*. O único trabalho a que se teve acesso é a tese de doutorado *Estructura y variación en el léxico del cuerpo humano*, defendida por Carolina Julia Luna, em 2010, na Universidade Autônoma de Barcelona. Nesse substancial trabalho, Luna, com base nos designativos para os dedos da mão, oriundos dos atlas linguísticos europeus, tece importantes considerações acerca do estudo do vocabulário do corpo humano. Dentre elas, pautando-se em Ullmann (1963) e em Heyne (1997), elenca três fatores que mais ocorrem no ato de nomear partes do *corpo humano*:

- (a) Por un lado, se observa que los nombres de las partes del cuerpo suelen ser fuente de un número nada desdeñable de nombres de objetos, ideas abstractas, propiedades y otras realidades. Ejemplos de este tipo se encuentran, en su mayoría, un infinidad de compuestos (sintagmáticos o léxicos) y unidades fraseológicas (colocaciones, locuciones y enunciados fraseológicos) como es el caso del compuesto sintagmático *cabeza de ajos* y de la locución adverbial *a la cabeza*.
- (b) Por otro lado, en numerosas ocasiones, se advierte que los nombres de algunas partes de nuestro cuerpo están formadas por nombres referidos a otras realidades. En este sentido, el caso de las denominaciones de la *pupila* es ejemplar: esta pequeña parte del ojo, según se ha podido estudiar en Júlia (2009a), puede denominarse con el sustantivo *pupila* o con expresiones como *niña del ojo*, *niña*, *niñita*, *bola*, *cristal del ojo* o *señorita del ojo*, entre otras muchas.
- (c) Finalmente, se aprecia también que algunas partes del cuerpo se designan con nombres de otras partes del cuerpo. La mayor parte de este tipo de designaciones son compuestos sintagmáticos del tipo *boca del estómago* en el

³² “Um dos traços definitórios mais característicos desta corrente teórica é a afirmação de que a origem dos pensamentos e da estrutura cognitiva e, em consequência, das produções linguísticas – que são reflexo desta- surge da interação que se estabelece entre o homem e seu entorno, isto é, de sua experiência” (Tn).

que se emplea el término mediante el que se designa una parte externa, la boca, para designar un parte de un órgano interno³³ (LUNA, 2010, p. 44-45).

A autora elenca ainda cinco tipos mais comuns de processos de renovação do significado na nomeação de partes do *corpo humano*, a saber: a categorização, a metáfora, a metonímia, a polissemia e a mudança semântica. Desses cinco tipos, enfatiza a metáfora que abarca outros subitens, como animais, vegetais e espaço. Esses processos são muito comuns na nomeação de determinadas características do corpo como, por exemplo, ao denominar o mau cheiro oriundo das axilas. Neste estudo, os falantes das regiões norte e sul do Brasil citaram animais como gambá, porco, mucura e caititú como designação desse mau cheiro. Esse processo de metaforização, muito comum, não só no exemplo citado, mas em todo o *corpus* estudado. Em suma, contextualizado a partir desse tópico a importância do estudo do *corpo humano* na linguagem. Finalizada a revisão da literatura inicial sobre os fundamentos que embasam este trabalho, o próximo capítulo atém-se à fundamentação histórica.

³³ “(a) Por um lado, observa-se que os nomes das partes do corpo costumam ser fonte de um número nada desprezível de nomes de objetos, ideias abstratas, propriedades e outras realidades. Exemplos deste tipo se encontram, em sua maioria, uma infinidade de compostos (sintagmáticos ou léxicos) e unidades fraseológicas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos) como é o caso do composto sintagmático *cabeza de ajos* y da locução *adverbal a la cabeza*.

(b) Por outro lado, em numerosas ocasiões, adverte-se que os nomes de algumas partes do nosso corpo estão formadas por nomes referidos a outras realidades. Neste sentido, o caso das denominações da pupila é um exemplo: esta pequena parte do olho, segundo se pode estudar em Júlia (2009), pode se denominar com o substantivo *pupila* ou com expressões como *niña del ojo*, *niña*, *niñita*, *bola*, *cristal del ojo* ou *señorita del ojo*, entre outras muitas.

(c) Finalmente, parece também que algumas partes do corpo se designam com nomes de outras partes do corpo. A maior parte deste tipo de designações são sintagmáticas do tipo *boca del estómago* em que se emprega o termo mediante o que se designa uma parte externa, la boca, para designar uma parte de um órgão interno” (Tn).

CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA- GEOGRÁFICA

Este capítulo apresenta considerações histórico-geográficas das duas regiões geográficas do país em estudo, Norte e Sul. Para isso, foram utilizados como base, principalmente, três livros: *O provo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (RIBEIRO, 1995), *História do Brasil* (FAUSTO, 2008), *Formação do Brasil Contemporâneo* (PRADO JR, 2011), além do capítulo *A rede de pontos* de Isquerdo e Teles (2014).

2.1 Brasil: Contextualizando de Norte a Sul

A grande área territorial brasileira colabora não só para uma grande variedade linguística, como também, para uma variedade de culturas, tradições e crenças. O país tem uma configuração de 8.515.767,048 km² e uma população de 206.087.537 habitantes, distribuídos em 26 estados e mais de 5.570 municípios que se distribuem pelas cinco grandes regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Na figura 3 podem ser visualizadas as regiões e seus respectivos estados.

Figura 3 - Mapa do Brasil com as divisões geográficas



Fonte: geografiaparatodos.com.br, acesso em 20 dez 2016.

Além de estarem em extremos opostos, observa-se, a partir do mapa, que as duas regiões têm tamanhos distintos. No quadro 2, visualiza-se a parcela de área territorial e densidade populacional de cada uma delas.

Quadro 2 - Parcela da área territorial e da população brasileira das regiões Norte e Sul do Brasil

Região do Brasil	Parcela da área territorial do Brasil (%)	Parcela da população brasileira (%)
Norte	45	8,3
Sul	09	14,4

Fonte: Isquierdo; Teles (2014). Adaptação da autora.

Haja vista as diferenças dessas duas regiões em relação à área territorial e à parcela da população, já se pode pensar em duas regiões totalmente diferentes em relação à história, à geografia e ao processo de colonização. Dessa forma, primeiro serão apresentados os aspectos de formação da região Norte, e em seguida, os da região Sul.

2.1.1 Região Norte

A região Norte do Brasil é formada por sete estados, a saber: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Essa região é mais conhecida por nela estar localizada a floresta Amazônica, maior bioma do mundo. Dada essa característica, as cidades dessa região, em sua maioria, são de difícil acesso, muitas vezes, só possível por embarcações. Ribeiro (1995) classifica essa parcela do território brasileiro como o Brasil caboclo dada a grande influência indígena.

O processo colonizatório dessa região datada por volta de 1616, quando os portugueses fizeram morada na foz do rio Amazonas a fim de expulsar ingleses e holandeses que também vieram com o intuito de devastar. Para o processo de exploração, necessitavam de mão de obra, no caso a indígena, porém a comunicação não foi muito satisfatória. Dessa forma, a região norte foi a que mais recebeu padres catequizadores, em missões, com o objetivo de “domesticar” os índios.

As missões católicas catequizadoras do gentio, sobretudo os padres da Companhia de Jesus; seguidas de perto pela colonização leiga, provocada e animada pela política da metrópole, tão ativa neste setor, e sustentada pela exploração dos produtos naturais da floresta amazônica: o cacau, a salsaparrilha e outros (PRADO JR, 2011, p. 36).

Em um primeiro momento, a coroa portuguesa acreditava que, com a catequização dos índios, seria mais fácil convencê-los ao trabalho exploratório. Contudo, as missões, embora tentassem que os índios se assemelhassem à cultura europeia, também, os aconselhava em relação ao trabalho excessivo.

Estima-se que, em torno de 1740, cerca de 50 mil índios viviam em aldeias jesuíticas e franciscanas. Foi importante a ação do Padre Antônio Vieira, que chegou ao Brasil em 1653 como provincial da Ordem dos Jesuítas e desenvolveu intensa pregação no sentido de limitar os abusos cometidos contra os índios (FAUSTO, 2008, p. 91).

É inegável o interesse dos portugueses pela região, visando à riqueza da floresta, seja por meio de missões jesuíticas, de investimentos nas cidades, ou ainda, de incentivo a novos moradores.

Empenhada em consolidar a ocupação na Amazônia, fez grandes investimentos na área, custeadas pelo ouro de Minas Gerais, construindo uma rede de cidades urbanizadas e dotadas de serviços públicos e igrejas que chegara a ser suntuosos para a região (RIBEIRO, 1995, p. 315).

Diferentes de outros países como os Estados Unidos, que nunca pensaram em inserir os índios como parte da sociedade (PRADO JR, 2011), no Brasil, o pensamento era o que já se tinha a mão de obra, o que era preciso, então, era a educação dessa mão de obra. “Os colonos viam nele um *trabalhador* aproveitável; a metrópole, um *povoador* para a área imensa que tinha de ocupar, muito além de sua capacidade demográfica” (PRADO JR, 2011, p. 95).

Sobre isso, Ribeiro acrescenta que a população que se formava no Brasil, ademais dos nativos, havia o incentivo de filhos dos portugueses com as índias da região, uma vez que era difícil as mulheres portuguesas virem morar no Brasil. Assim, “a coroa acabou por dignificar através da lei e por estimular mediante a regalias e prêmios o cruzamento com mulheres da terra” (RIBEIRO, 1995, p. 314).

Mesmo com incentivo, o povoamento foi bem lento, dada as características da região, e a economia, com a falta de mão de obra, estagnou. Para a coroa portuguesa, essa região era a menos próspera, pois os únicos produtos de venda eram as chamadas “drogas do sertão”, baunilha, salsaparrilha e, especialmente, o cacau. Todas essas matérias-primas eram retiradas da floresta pelos índios e mestiços e levadas às metrópoles. Segundo Fausto (2008, p. 90) essa foi a região que mais sofreu com a falta da moeda,

então, tornaram-se comuns as trocas de produtos ou ainda de pano de algodão.

No final do século XIX e início do século XX, nessa região ocorreu um grande processo de povoamento: os nordestinos migraram para a Amazônia. Esse fato ocorreu devido a exploração da borracha. Como já mencionado, a região sofria com a decadência e falta de produtos nativos, então, “a borracha estava destinada [...] a transformar-se na matéria-prima de procura em mais rápida expansão no mercado mundial” (FURTADO, 2007, p. 190).

A economia da borracha se desenvolve em duas fases: i) emergência na procura de mão de obra e; ii) produção organizada em bases racionais. A primeira fase foi marcada pela busca de mão de obra, quase que na sua totalidade de nordestinos, pois o Nordeste já entrava em decadência com a baixa na produção açucareira. Assim, vislumbrados com as excelentes condições de propagandas feitas por agenciadores, os nordestinos partiam em direção ao Norte a procura de nova vida. Porém, não era o que encontraram, já iniciavam endividados, com a viagem e moradia, tinham um árduo trabalho na retirada da seringa e as condições de vida eram bem precárias.

Ainda que com todas essas dificuldades, “as exportações de borracha extrativa brasileira subiram de média de 6 mil toneladas nos anos 70 do século XIX para 11 mil nos anos 80, 21 mil nos anos 90 e 35 mil no primeiro decênio do século XX” (FURTADO, 2007, p. 192).

A segunda fase da seringa, no período da segunda guerra mundial, foi marcada por um grande incentivo, em especial com o investimento dos Estados Unidos, foram construídos bancos de investimento, hotéis e bases de transportes. Furtado (2007, p. 194) assinala ainda a terceira fase, o início da fabricação da borracha sintética.

Com ciclos da borracha deu-se um *boom* na população do Norte, porém, diferente da região Sul, em que migrantes e imigrantes se solidificaram e fincaram morada, no território nortista, era um povoamento apenas por exploração, com a decadência da borracha, muitos voltaram para suas cidades de origem, ocorrendo o esvaziamento do território.

É inegável que na formação da região Norte, os índios foram de extrema importância, não só no trabalho de exploração, mas, principalmente, na cultura

e tradição arraigadas na região e em seus habitantes. Freyre (2003) cita que a alimentação era uma forma de resistência indígena em relação ao domínio europeu e que “ainda hoje o vasilhame de qualquer casa brasileira do norte ou do centro sul do Brasil contém numerosas peças de origem ou feitiço puramente indígena” (FREYRE, 2003, p. 190).

Retomando o capítulo *A rede de pontos* do ALiB – Atlas linguístico do Brasil de Isquierdo e Teles (2014) e dados do IBGE (2010), recuperam-se algumas informações importantes acerca das localidades pesquisadas neste estudo.

No Amapá, além de sua capital Macapá, ponto 002, fruto de um destacamento militar nas ruínas da Antiga Fortaleza de Santo Antônio por volta de 1740, situa-se o Oiapoque, ponto 001 do ALiB, que se localiza no extremo norte do Brasil, antes domínio da república francesa, integrado em território nacional em 1900.

Em Roraima, devido a sua baixa densidade demográfica, é ponto do ALiB apenas a capital, Boa Vista, ponto 003, que foi elevada a capital em 1940.

Já a Amazônia abriga cinco localidades da rede: São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Benjamin Constant, Humaitá e a capital Manaus. São Gabriel da Cachoeira (ponto 004) situa-se em uma região de difícil acesso, 852 quilômetros de Manaus. Acredita-se que 74% da população seja indígena e em 22 de novembro de 2002 por uma lei municipal tornaram-se leis municipais três línguas indígenas: o nheengatu, o tucano e o baníua. Tefé, ponto 005, foi elevada à categoria de cidade em 1855 e está a 575 quilômetros de distância de Manaus. Benjamin Constant (ponto 007) encontra-se na divisa entre o Brasil e o Peru, foi elevada à cidade em 1938 e está 1118 quilômetros distante da capital. A localidade de Humaitá foi elevada a cidade em 1888, habitada principalmente por indígenas, faz fronteira com Rondônia e situa-se a 675 quilômetros da capital. Por fim, a capital Manaus, foi criada por volta do século XVII, grande metrópole, ponto de comunicação entre a coroa portuguesa e os trabalhadores.

A rede de pontos do ALiB no Pará é formada por 10 localidades: Soure (009), Óbidos (010), Almeirim (011), Belém (012), Bragança (013), Altamira (014), Marabá (015), Jacareacanga (016), Conceição do Araguaia (017) e

Itaituba (018). Todas estão situadas em caminhos de rios. Soure fica localizada na ilha de Marajó quase no oceano Atlântico, enquanto Bragança, situada a margem do rio Caetê, é uma das cidades mais antigas do Pará, com quase quatro séculos de história. Os municípios de Óbidos (ponto 010) e Almeirim (011) se encontram nas margens do rio Amazonas. Jacareacanga (ponto 016) e Itaituba (ponto 018), por seu turno, ficam no caminho do rio Tapajós. Altamira (ponto 014) e Marabá (ponto 015), respectivamente, nos rios Xingú e Itacaiúnas. Conceição do Araguaia (ponto 017), como o próprio nome já menciona, é rodeada pelo rio Araguaia. Por fim, a capital Belém (ponto 012), fundada em 1616, assim como Manaus grande metrópole, vínculo entre a coroa e os colonizados.

O Acre abriga dois pontos: Cruzeiro do Sul e Rio Branco. Esse território foi, inicialmente, da Bolívia, no início do século XX, após um acordo entre os países, como pagamento, o governo brasileiro deveria construir uma linha de trem para facilitar o transporte da borracha entre os países. Cruzeiro do Sul (ponto 019) está localizada em uma área de bilinguismo, contato português-espanhol, encontra-se a 632 quilômetros da capital. Rio Branco (ponto 020) é uma cidade oriunda dos seringais, segundo aponta Isquerdo e Teles (2014, p. 67), sua população é, em sua maioria, de base nordestina, muito difícil encontrar pessoas que não tenham essa descendência. Representam o estado de Rondônia dois pontos: Guajará Mirim (ponto 022) e Porto Velho (ponto 021), a capital.

A população dessa capital representa um caso *sui generis*, pois, se, de um lado, a região abrigou grandes contingentes de nordestinos que se deslocaram para o trabalho nos seringais, de outro, recebeu uma enorme massa de estrangeiros – espanhóis, portugueses, antilhanos (sobretudo barbadianos), americanos, alemães, italianos, colombianos, bolivianos, venezuelanos, peruanos, gregos, franceses, dentre muitos outros – para participar da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912) que ligava Guajará-Mirim (fronteira com a Bolívia) a Porto Velho, com o fim precípua de transportar a borracha produzida na Bolívia e na fronteira brasileira com esse país limítrofe (ISQUERDO; TELES, 2014, p. 67).

Enfim, o último estado da região Norte, Tocantins com duas localidades: Pedro Afonso (ponto 023) e Natividade (ponto 024). Essa região foi elevada a

estado em 1988, desmembrada de Goiás, “uma conquista da população que empreendeu muitas lutas nesse sentido, também em busca de melhores condições de desenvolvimento daquela porção territorial tão marcada pelo isolamento” (ISQUERDO; TELES, 2014, p. 53). Finalizada a contextualização histórico-geográfica da região Norte, no próximo tópico, serão apresentados alguns dados relativos à região Sul.

2.1.2 Região Sul

A região Sul do Brasil é constituída por três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ribeiro (1995, p. 407) classifica essa região como *Brasis sulinos: Gaúchos, matutos e gringos* e defende que

A característica básica do Brasil sulino, em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é sua heterogeneidade cultural. Os modos de existência e de participação na vida nacional dos seus três componentes principais não só divergem largamente entre si como também com respeito às outras áreas do país.

A região Sul só se desenvolveu realmente no século XVII com a imigração de estrangeiros, pois antes, os únicos que se deslocaram até o extremo sul do país, além dos índios que ali moravam, foram os jesuítas espanhóis com a missão de catequização.

No começo do século XVII, os bandeirantes, em uma de suas missões, entraram na região do Paraná e de lá foram desbravando rumo ao interior, passando por Santa Catarina e chegando a Porto Alegre. Como nessa região não havia mineração, iniciaram a criação de gado, muitos bandeirantes se fixaram nesse território com esse novo ofício. Posteriormente, para vender esses animais, seguiam de volta ao Sudeste e esse caminho de transporte e venda ficou conhecido como tropeirismo.

Os tropeiros partiam das campinas gaúchas tão logo terminasse o inverno, quando os pastos, ressequidos pelas geadas, rebrotavam. Viajavam lentamente, parando mais nos locais em que as pastagens fossem melhores, como no sopé de Santa Catarina, menos onde houvesse escassez de capim,

fazendo chegar os animais ao destino (feira de Sorocaba) em boas condições para o comércio, alcançando bons preços. Normalmente em fins de março as tropas já se encontravam nos campos que iam desde Sorocaba até Itapetininga (ROMANO, 2015, p. 38).

Além desse primeiro processo de povoamento, a heterogeneidade da região sul teve outros fluxos, que diferente das demais, foi planejado pela coroa, pois até antes do século XVII, ainda era pouca a população dos estados sulistas, pois, além de distantes das metrópoles, ainda eram formados por uma área geográfica de difícil acesso com muitos morros e montanhas. Dessa forma, com medo de perder o domínio dessa região, a coroa portuguesa começou a intensificar que estrangeiros viessem morar no Brasil em troca de um pedaço de terra.

O estímulo para o povoamento do Sul do país com a vinda de imigrantes estrangeiros significava, para a Coroa Portuguesa, a garantia da posse do território, pela consolidação dos limites territoriais que esse povoamento propiciava. Essa estratégia ressaltava que a preocupação geopolítica estava presente na mentalidade dos governantes desde os tempos coloniais (SANTOS, 1994, p. 08).

Além da preocupação do domínio da região, os governantes também pensavam que com novos colonos, poderia crescer a produção de alimentos para a venda tanto em mercado interno quanto externo. Outro ponto que também favorecia essas correntes migratórias era o fato de que como não eram escravos, não teriam esse gasto de compra de mão de obra e os novos moradores trabalhariam melhor, pois seria para sua própria subsistência. A abertura dos portos para estrangeiros ocorreu em 1808 por D. João VI, porém só se efetivaria em 1850 com a proibição do tráfico negreiro.

Prado Jr (2011, p. 51) informa que os primeiros imigrantes foram da ilha de Açores por volta de 1820, eram casais que vinham, principalmente, para povoar a região litorânea de Santa Catarina.

Nesse primeiro momento, Ribeiro (1995, p. 427) alerta que

A colonização açoriana foi um fracasso no plano econômico, como seria inevitável. Ilhados em pequenos nichos no litoral deserto, despreparados, eles próprios, para o trabalho agrícola em terras desconhecidas, estavam condenados a uma lavoura

de subsistência, porque não tinham mercado consumidor para a colheita.

Na região sulina, além dos açorianos, houve dois grandes fluxos migratórios, o dos alemães e o dos italianos.

Os alemães ou os italianos que deixaram seus países para tentar a sorte em terras estranhas, além de não estarem satisfeitos com as situações econômicas e política de seus países, tinham de estar subjetivamente predispostos a enfrentar o desconhecido (SANTOS, 1994, p. 10).

Os primeiros a chegarem foram os alemães por volta de 1824. Nesse primeiro contato, fundaram a cidade de São Leopoldo no Rio Grande do Sul. Nos anos de 1829, 1848 e 1850 chegaram mais imigrantes, não havia uma profissão em comum entre eles, vieram artesãos, lavradores, intelectuais, entre outros. O grande número de imigrantes também remete à fase da história da Alemanha, uma vez que

Desde o início do século XIX, a Alemanha vivia um processo de desintegração de sua estrutura feudal, paralelamente à ocorrência de uma revolução agrícola: aumento da produtividade das terras com o emprego de menos mão de obra. [...] Os pequenos produtores rurais, os servos da gleba do período feudal, perderam o direito de trabalhar a terra e de sobreviver com esse trabalho. Para agravar ainda mais essa situação, a população aumentou consideravelmente, graças à revolução agrícola (SANTOS, 1994, p. 11).

Com o grande deslocamento de imigrantes alemães para o Brasil, o governo decidiu colocar freios no processo, assim, se antes pagava todas as despesas para os imigrantes virem, agora eram eles mesmos que tinham de custear suas despesas. Com isso, o governo pretendia filtrar a população imigrante para que viessem os que tivessem algum poder econômico. Com a queda da vinda dos alemães, inicia-se o processo de imigração italiana. Os italianos, em sua maioria, eram de agricultores que queriam continuar a plantar e a colher. Mudaram-se para o Brasil para tentar melhorar de vida, pois havia problemas com a economia na Itália. A primeira região sulista em que foram

destinados foi no Planalto Rio-grandense, em 1875, área não muito valorizada pelos portugueses.

As terras ocupadas pelos primeiros imigrantes, em geral com famílias grandes, logo revelaram-se escassas, ou mesmo pouco produtivas, para abrigar e dar sustento a todos os descendentes. Com isso, muitos se deslocaram em busca de novas terras, estendendo-se a ocupação, no Rio Grande do Sul, até o rio Uruguai e Região Nordeste, e, em seguida, o Centro-Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná (MARGOTTI, 2004, p. 36).

A partir das informações referentes ao processo de povoamento da região Sul, já se espera uma região marcada pelo bilinguismo, seja do alemão e do italiano, mas também do espanhol, uma vez que os três estados fazem fronteira com Paraguai, Argentina e Uruguai.

Seis localidades da rede de pontos do projeto ALIB da Região Sul, fazem fronteira com um desses países, são elas: no Paraná, São Miguel do Iguaçu (ponto 217), fronteira com o Paraguai, Barracão (ponto 223) fronteira com a Argentina e com o estado de Santa Catarina; em Santa Catarina, São Miguel do Oeste (ponto 226), fronteira com a Argentina; Rio Grande do Sul, São Borja (ponto 239) e Uruguiana (ponto 245), fronteira com a Argentina e Santana do Livramento (ponto 247) e Chuí (ponto 250), fronteira com o Uruguai.

Outras oito localidades foram povoadas por imigrantes europeus, conforme mostra o quadro 3.

Quadro 3 - Localidades do interior da região Sul e respectivas origens dos imigrantes.

Estado	Localidade	Origem dos imigrantes
Paraná	Cândido Abreu (213)	poloneses, alemães, franceses e ucranianos
	Morretes (221)	Italianos
	Guarapuava (219)	alemães, poloneses e ucranianos
Santa Catarina	Blumenau (227)	alemães
	Concórdia (229)	italianos e alemães
	São Francisco do Sul (225)	espanhóis
Rio Grande do Sul	Santa Cruz do Sul (241)	alemães
	Flores da Cunha (240)	italianos

Fonte: Isquierdo; Teles (2014). Adaptação da autora.

Nesse sentido, a região Sul é constituída por diferentes processos colonizatórios e, dessa maneira, se torna heterogênea em seu território. A partir desse pensamento, pesquisadores estudam diferentes hipóteses que marcam dialetalmente a região Sul. Dentre eles, Koch (2000), a partir com um estudo com dados fonéticos, analisou particularidades de cada área territorial e formulou hipóteses de diferentes falares sulistas. Anos mais tarde, Altenhofen (2005), recupera os estudos de Koch (2000) e com as cartas linguísticas do ALERS (2001) revisita as hipóteses e as recontextualiza. Em síntese, o autor propõe:

Distinguem-se, além das áreas bilíngues e de transição, três “corredores de projeção de traços” e “três zonas laterais (poder-se-ia dizer de acomodação?)”, a saber:

- 1 – Área de transição (Leque Catarinense, postulado por Koch 2000);
- 2 – Corredor central de projeção paranaense;
- 3 – Corredor oeste de projeção rio-grandense;
- 4 – Corredor leste de projeção rio-grandense (Feixe Rio-Grandense, na interpretação de Koch 2000);
- 5 – Zona lateral açoriano-catarinense;
- 6 – Zona lateral do Paraná do norte (Feixe Paranaense, na interpretação de Koch 2000);
- 7 – Zona lateral da fronteira sul rio-grandense;
- 8 – Áreas bilíngues de português de contato (ALTENHOFEN, 2005, p. 197).

Para a análise de dados da região Sul, serão utilizadas as hipóteses propostas por Altenhofen (2005). Finalizada a fundamentação histórica, o próximo capítulo apresenta os pressupostos metodológicos.

CAPÍTULO 3 – PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo discute as escolhas metodológicas adotadas para este trabalho. Em primeiro lugar, contextualiza-se o Projeto ALiB, sua história e os princípios metodológicos de uma pesquisa geolinguística. Em seguida, explicita-se a constituição do *corpus* selecionado para a pesquisa, o armazenamento dos dados geolinguísticos e a proposta de análise.

3.1 Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante, Projeto ALiB, iniciado no ano de 1996, é desenvolvido em âmbito nacional, com as atividades coordenadas por um Comitê Nacional composto por sete integrantes, a saber: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Diretora-Presidente / Bahia, UFBA/CNPq); Jacyra Andrade Mota (Diretora executiva / Bahia, UFBA/CNPq); Maria do Socorro Silva de Aragão (Diretora Científica / Paraíba/Ceará, UFPB/UFCE); Vanderci de Andrade Aguilera (Diretora Científica / Paraná, UEL/CNPq); Aparecida Negri Isquerdo (Diretora Científica / Mato Grosso do Sul, UFMS/CNPq); Abdelhak Razky (Diretor Científico / Pará, UFPA) e Felício Wessling Margotti (Diretor Científico / Santa Catarina, UFSC). Com sede na UFBA – Universidade Federal da Bahia, o Projeto conta também com regionais localizadas nas diferentes regiões geográficas do Brasil: Pará, Ceará, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul, que são coordenadas pelos diretores científicos, membros do Comitê Nacional.

A partir do desenvolvimento de um atlas linguístico que cobre todo o território do Brasil, um desejo de grandes dialetólogos brasileiros, como Antenor de Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, mas que, por diversos motivos, dentre eles, o financeiro, não puderam dar continuação ao antigo Projeto.

Assim, no dia 06 de novembro de 1996 com a carta de Salvador foi iniciado esse ambicioso Projeto com pesquisadores de todo o território nacional. Cardoso et al (2014b, p. 32) elenca os objetivos gerais do Projeto ALiB:

- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas), consideradas na perspectiva da Geolinguística pluridimensional.
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos e da demais áreas dos estudos linguísticos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e básico, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino / aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

Para que esses objetivos fossem atingidos, foram traçados os princípios metodológicos do Projeto segundo os parâmetros da Dialetoлогия pluridimensional e da Geolinguística. A seguir, são apresentados pressupostos metodológicos do Projeto ALiB, relativos à rede de pontos, ao questionário e ao perfil dos informantes.

3.1.1 Rede de Pontos

A rede de pontos de um atlas linguístico é um dos critérios fundamentais para garantir rigor metodológico das pesquisas dessa natureza. Ela deve ser pensada de maneira a cobrir toda a região analisada e, assim, garantir a variação diatópica da língua em uso. Nessa perspectiva, a rede de pontos do Projeto ALiB foi estruturada a partir dos seguintes critérios:

- (a) Análise da rede de pontos apresentada por Antenor de Nascentes.
- (b) Exame das redes de pontos dos atlas regionais brasileiros publicados.
- (c) Conhecimento sistemático da história, do povoamento e do processo de desenvolvimento das diferentes áreas brasileiras (CARDOSO et al, 2014b, p. 36-37).

Com base nesses critérios foi definida uma rede de pontos de 250 pontos linguísticos, distribuídos em 225 localidades do interior e 25³⁴ capitais. Para esta pesquisa, foram contempladas as regiões Norte e Sul do Brasil, com suas respectivas capitais e localidades do interior, em um total de 68 localidades. A seguir, são apresentados os mapas dessas duas regiões com o respectivo detalhamento da rede de pontos do ALiB.

³⁴ Não foram selecionadas as capitais de Brasília e Palmas por terem em média 50 anos de fundação e, desse modo, não terem pessoas da faixa etária II (50-65 anos) nascidas nessas localidades.

Figura 4 - Rede de pontos da região Norte do Brasil



Fonte: <http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-norte.jpg>, acesso em 08 out 2015.

Conforme os dados do quadro 4, a rede de pontos do ALiB na região Norte reúne 24 localidades, assim distribuídas por Estado:

Quadro 4 - Rede de pontos do Projeto ALiB na região Norte

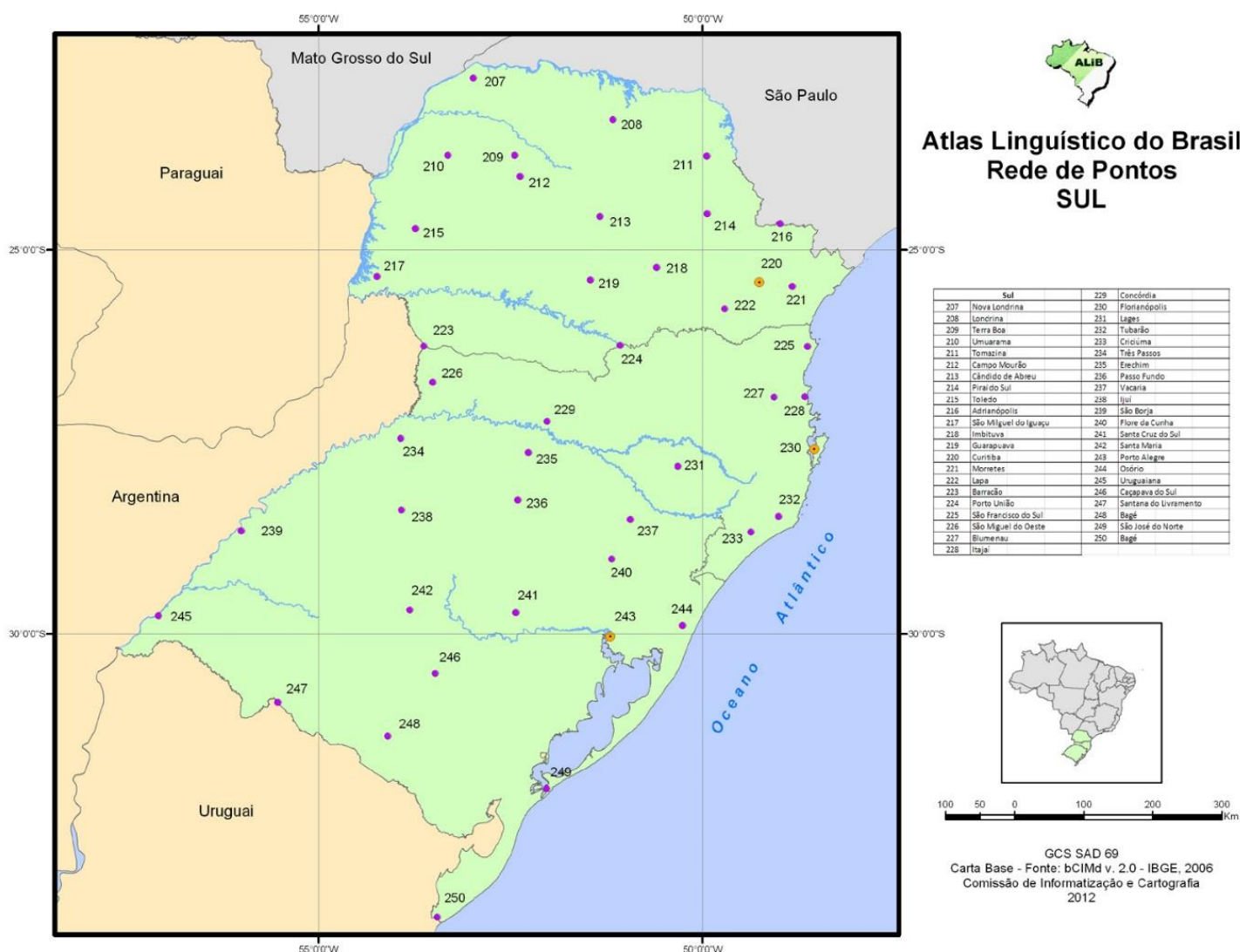
Estado	Nº. Ponto	Localidade
Amapá	1	Oiapoque
	2	Macapá ³⁵
Roraima	3	Boa vista
Amazonas	4	São Gabriel da Cachoeira
	5	Tefé
	6	Manaus
	7	Benjamin Constant
	8	Manicoré
Belém	9	Soure
	10	Óbidos
	11	Almeirim
	12	Belém
	13	Bragança
	14	Altamira
	15	Marabá
	16	Jacareacanga
	17	Conceição do Araguaia
Acre	18	Itaituba
	19	Cruzeiro do Sul
	20	Rio Branco
Rondônia	21	Porto Velho
	22	Guajará Mirim
Tocantins	23	Pedro Afonso
	24	Natividade

Fonte: Site do Projeto ALiB (<http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-norte>), acesso em 08 out 2015.

Na sequência, apresenta-se a rede de pontos da Região Sul.

³⁵ As capitais dos estados do Norte encontram-se em destaque.

Figura 5 - Rede de pontos da região Sul do Brasil.



Fonte: <http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-sul.jpg>, acesso em 08 out 2015.

No Quadro 5 apresenta-se o detalhamento da rede de pontos na região Sul do ALiB, capitais e localidades do interior, com 44 pontos linguísticos.

Quadro 5 - Rede de pontos do Projeto ALiB na Região Sul.

Estado	Nº. Ponto	Localidade
	207	Nova Londrina
	208	Londrina
	209	Terra Boa
	210	Umuarama
	211	Tomazina

Paraná	212	Campo Mourão
	213	Cândido Abreu
	214	Piraí do Sul
	215	Toledo
	216	Adrianópolis
	217	São Miguel do Iguaçu
	218	Imbituva
	219	Guarapuava
	220	Curitiba
	221	Morretes
	222	Lapa
	223	Barracão
Santa Catarina	224	Porto União
	225	São Francisco do Sul
	226	São Miguel do Oeste
	227	Blumenau
	228	Itajaí
	229	Concórdia
	230	Florianópolis
	231	Lages
	232	Tubarão
	233	Criciúma
Rio Grande do Sul	234	Três Passos
	235	Erechim
	236	Passo Fundo
	237	Vacaria
	238	Ijuí
	239	São Borja
	240	Flores da Cunha
	241	Santa Cruz do Sul
	242	Santa Maria
	243	Porto Alegre
	244	Osório
	245	Uruguaiana
	246	Caçapava do Sul
	247	Santana do Livramento
	248	Bagé
	249	São José do Norte
	250	Chuí

Fonte: Site do Projeto ALiB (<http://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-sul>), acesso em 08 out 2015

Finalizada a exposição da rede de pontos contemplada por este estudo, o próximo tópico destina-se ao questionário linguístico.

3.1.2 Questionário linguístico

Para garantir a representatividade de dados em uma pesquisa geolinguística é necessário um questionário linguístico para ser utilizado como instrumento de coleta de dados junto a todos os informantes da pesquisa.

Nesse sentido, os membros do Comitê Nacional do Projeto ALiB formularam um questionário que fosse capaz de evidenciar fenômenos linguísticos do português em sua variante brasileira: “A maioria das questões tem como objetivo apurar a variação diatópica no português do Brasil, com vistas ao estabelecimento e à caracterização de áreas dialetais” (CARDOSO et al, 2014b, p. 42).

O questionário linguístico, instrumento de coleta de dados, foi estruturado em três partes, o QFF (Questionário Fonético-Fonológico): 159 questões; o QSL (Questionário Semântico-Lexical) que abriga 14 áreas semânticas: 202 questões e o QMS (Questionário Morfossintático): 49 questões, além das questões de prosódia, pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e texto para leitura.

Para a escolha das perguntas referentes ao QSL – Questionário semântico-lexical, a equipe

Levou em conta, além da orientação onomasiológica, o objetivo de documentar o registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos (CARDOSO et al, 2014b, p. 42).

Esta pesquisa analisa os dados de natureza semântico-lexical, mais precisamente, os recolhidos como respostas para as 32 questões relacionadas à área semântica do *corpo humano* (089 a 120) que são apresentadas no Quadro 6:

Quadro 6 - Relação das questões referentes à área semântica do *corpo humano*, do QSL – Questionário Semântico-Lexical do ALiB

Área semântica	Número da pergunta	Conceito
CORPO HUMANO	089	“esta parte que cobre o olho”
	090	“alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando”
	091	“a pessoa que só enxerga com um olho”
	092	“a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”
	093	“a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos”
	094	“a bolinha que nasce na _____ (cf. item 89), fica vermelha e incha”
	095	“a inflamação no olho que faz com que o

		olho fique vermelho e amanheça grudado"
	096	"aquela pele branca que dá em pessoas mais idosas"
	097	"esses dois dentes pontudos"
	098	"os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta"
	099	"esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 98)"
	100	"a pessoa que não tem dentes"
	101	"a pessoa que parece falar pelo nariz"
	102	"a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo"
	103	"este barulho que se faz? <i>soluçar</i> "
	104	"... isto? Apontar" (nuca)
	105	"esta parte alta do pescoço do homem? Apontar"
	106	"o osso que vai do pescoço até o ombro? Apontar"
	107	"a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (mímica)?"
	108	"esta parte aqui? Apontar" (axila)
	109	"o mau cheiro embaixo dos braços"
	110	"a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? <i>Completar com o gesto</i> "
	111	"a parte do corpo da mulher que ela amamenta os filhos"
	112	"se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê"
	113	"a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer"
	114	"a pessoa que não tem uma perna"
	115	"a pessoa que puxa de uma perna"
	116	"a pessoa de pernas curvas"
	117	"o osso redondo que fica na frente do joelho"
	118	"isto? Apontar" (tornozelo)
	119	"isto? Apontar" (calcanhar)
	120	"Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé"

Fonte: COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (2001, p. 28-30).

Após apresentadas as questões da área semântica analisada, o próximo tópico trata do perfil dos informantes da pesquisa.

3.1.3 Informantes

Como a rede de pontos e o questionário, para a representatividade dos dados geolinguísticos é necessário a definição do perfil dos informantes a

serem inquiridos em todas as localidades pesquisadas. O Projeto ALiB segue a seguinte caracterização dos informantes:

Quadro 7 - Perfil dos informantes do Projeto ALiB.

Número do informante	Escolaridade	Faixa etária	Sexo	Localidades
1	Ensino Fundamental	18 a 30 anos	Masculino	Interior/capital
2	Ensino Fundamental	18 a 30 anos	Feminino	Interior/capital
3	Ensino Fundamental	50 a 65 anos	Masculino	Interior/capital
4	Ensino Fundamental	50 a 65 anos	Feminino	Interior/capital
5	Curso Superior	18 a 30 anos	Masculino	Capital
6	Curso Superior	18 a 30 anos	Feminino	Capital
7	Curso Superior	50 a 65 anos	Masculino	Capital
8	Curso Superior	50 a 65 anos	Feminino	Capital

Fonte: Site do Projeto ALiB: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaGeral>, acesso em 08 out 2015.

Além dos critérios de escolaridade, faixa etária e sexo, todos os informantes devem ser nascidos e criados nas localidades pesquisadas, com seus pais preferencialmente da mesma região linguística. A pessoa entrevistada não pode ter morado em outra localidade mais de 1/3 de sua vida. É aconselhado que na busca dos possíveis informantes, a fim de minimizar interferências linguísticas, evitem-se pessoas com profissões que exigem mobilidade como caminhoneiro, militar, entre outros.

3.2 Procedimentos metodológicos de armazenamento do *corpus*

A definição do *corpus* da pesquisa teve como parâmetro os estudos desenvolvidos, como bolsista de iniciação científica, entre 2010 e 2013, com a área semântica do *corpo humano*, dados fornecidos pelo Projeto ALiB. Assim, a partir das análises realizadas com base nas respostas às questões desta área semântica, foi possível verificar o terreno fértil para estudo e, nessa perspectiva, decidiu-se que, para o Mestrado, seria dada continuidade à pesquisa só que a partir de recorte do *corpus* mais denso em vista da finalidade da pesquisa.

Para tanto, foram selecionadas, com base em critérios geográficos e históricos, duas regiões focalizadas nos extremos do país, em termos de

localização geográfica. Além das características físicas, as duas regiões registram histórias distintas de povoamento. Enquanto a região Sul recebeu um grande contingente de imigrantes europeus, o que favoreceu o desenvolvimento dos estados sulinos, a região Norte, teve seu processo de povoamento originado, basicamente, por processos migratórios centrados na seringa e no ouro, entre outros.

O levantamento dos dados geolinguísticos foi realizado por meio de consulta aos inquéritos sonoros relativos às localidades das regiões Norte e Sul, disponibilizados pelo Projeto ALiB. Vale ressaltar que a utilização dos dados foi autorizada pelo Comitê Nacional do Projeto por meio da diretora-presidente Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso. Também leva-se em conta o fato da dissertação ser orientada por uma das diretoras científicas que integra o Comitê Nacional do Projeto, condições para a liberação de dados inéditos para pesquisas acadêmicas.

Foram levantadas as respostas fornecidas por 308 informantes, divididos em 59 localidades do interior e 9 capitais das regiões selecionadas para 32 perguntas do QSL relativas à área semântica do *corpo humano*. Nesse levantamento, foram consideradas todas as respostas fornecidas e os contextos utilizados, inseridos em forma de comentários. As respostas que não foram disponibilizadas pelos informantes, foram marcadas pela sigla *NR* (não resposta).

O Banco de dados foi hospedado em plataformas desenvolvidas por meio do programa Excel da Microsoft, esse modelo de excel vem sendo usado pela Regional MS do Projeto ALiB há algum tempo e permite o manuseio dos dados de forma prática, ao aplicar filtros na característica que se quer analisar. Cada planilha é dividida por colunas com os fatores que correspondem às respostas, como pode ser observado na Figura 6.

Figura 6 - Planilha de armazenamento do *corpus* da pesquisa

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
	Região	Estado	Localidade / Ponto	Nº questão	Inf.	1ª resposta	2ª resposta	3ª resposta	4ª resposta	5ª resposta	Data
1	Norte	AP	Oiapoque / 001	089 / QSL	1	NR					
2	Norte	AP	Oiapoque / 001	089 / QSL	2	NR					
3	Norte	AP	Oiapoque / 001	089 / QSL	3	pestana					
4	Norte	AP	Oiapoque / 001	089 / QSL	4	pele do olho					
5	Norte	AP	Oiapoque / 001	090 / QSL	1	cisco	ferpa				
6	Norte	AP	Oiapoque / 001	090 / QSL	2	cisco					
7	Norte	AP	Oiapoque / 001	090 / QSL	3	cisco					
8	Norte	AP	Oiapoque / 001	090 / QSL	4	cisco					
9	Norte	AP	Oiapoque / 001	091 / QSL	1	caolho					
10	Norte	AP	Oiapoque / 001	091 / QSL	2	aleijada	defeituosa				
11	Norte	AP	Oiapoque / 001	091 / QSL	3	cego de um lado					
12	Norte	AP	Oiapoque / 001	091 / QSL	4	cego					
13	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	1	vesgueta	vesgo	olho torto			
14	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	2	zanolho					
15	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	3	vesgo					
16	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	4	vesgo	zanolho				
17	Norte	AP	Oiapoque / 001	093 / QSL	1	cegueta	cego	embaçado			
18	Norte	AP	Oiapoque / 001	093 / QSL	2	NR					
19	Norte	AP	Oiapoque / 001	093 / QSL	3	tá ruim da vista	falta vista				
20	Norte	AP	Oiapoque / 001	093 / QSL	4	vista curta	vista cansada				
21	Norte	AP	Oiapoque / 001	094 / QSL	1	NR					
22	Norte	AP	Oiapoque / 001	094 / QSL	2	terçol					
23	Norte	AP	Oiapoque / 001	094 / QSL	3	como resposta					

Fonte: Base de armazenamento de dados desenvolvido pela Regional MS.

A partir da figura 6, observa-se que cada planilha é nomeada por uma localidade do interior, dividida por colunas com os seguintes itens: região, estado, localidade, número da questão, informante e respostas. Verifica-se, também, que a partir do banco de dados, pode-se empregar o recurso do filtro para levantar dados parciais com apenas uma pergunta, todos os informantes de uma faixa etária; distribuição de uma variante, entre outros.

Outra forma de armazenar os dados foi a organização das respostas a partir de cada pergunta, o que facilitou a análise de designações para cada conceito, por localidade, conforme visualiza-se na figura 7.

Figura 7 - Planilha de armazenamento do *corpus* por pergunta/QSL.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
	Região	Estado	Localidade /Ponto	Nº questão	Inf.	1ª resposta	2ª resposta	3ª resposta	4ª resposta	5ª resposta
1	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	1	vesgueta	vesgo	olho torto		
2	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	2	zanolho				
3	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	3	vesgo				
4	Norte	AP	Oiapoque / 001	092 / QSL	4	vesgo	zanolho			
5	Norte	AM	São Gabriel / 004	092 / QSL	1	vesgueta				
6	Norte	AM	São Gabriel / 004	092 / QSL	2	NR				
7	Norte	AM	São Gabriel / 004	092 / QSL	3	vesgo				
8	Norte	AM	São Gabriel / 004	092 / QSL	4	vesgo				
9	Norte	AM	Tefé / 005	092 / QSL	1	zanoio				
10	Norte	AM	Tefé / 005	092 / QSL	2	estrábico	zanoio			
11	Norte	AM	Tefé / 005	092 / QSL	3	zanoio				
12	Norte	AM	Tefé / 005	092 / QSL	4	zanoio				
13	Norte	AM	Benjamin / 007	092 / QSL	1	zanoio	vesgueta			
14	Norte	AM	Benjamin / 007	092 / QSL	2	zanoio				
15	Norte	AM	Benjamin / 007	092 / QSL	3	zanoio	instalação trocada			
16	Norte	AM	Benjamin / 007	092 / QSL	4	zanoio	vesgueta			
17	Norte	AM	Humaitá / 008	092 / QSL	1	zanoio				
18	Norte	AM	Humaitá / 008	092 / QSL	2	zanoio				
19	Norte	AM	Humaitá / 008	092 / QSL	3	vesgo				
20	Norte	AM	Humaitá / 008	092 / QSL	4	zanoio				
21	Norte	PA	Soure / 009	092 / QSL	1	vesgo				
22	Norte	PA	Soure / 009	092 / QSL	2	vesgo				
23	Norte	PA	Soure / 009	092 / QSL	3	zanoio				
24	Norte	PA	Soure / 009	092 / QSL	4	vesgo				

Fonte: Base de armazenamento de dados desenvolvido pela Regional MS.

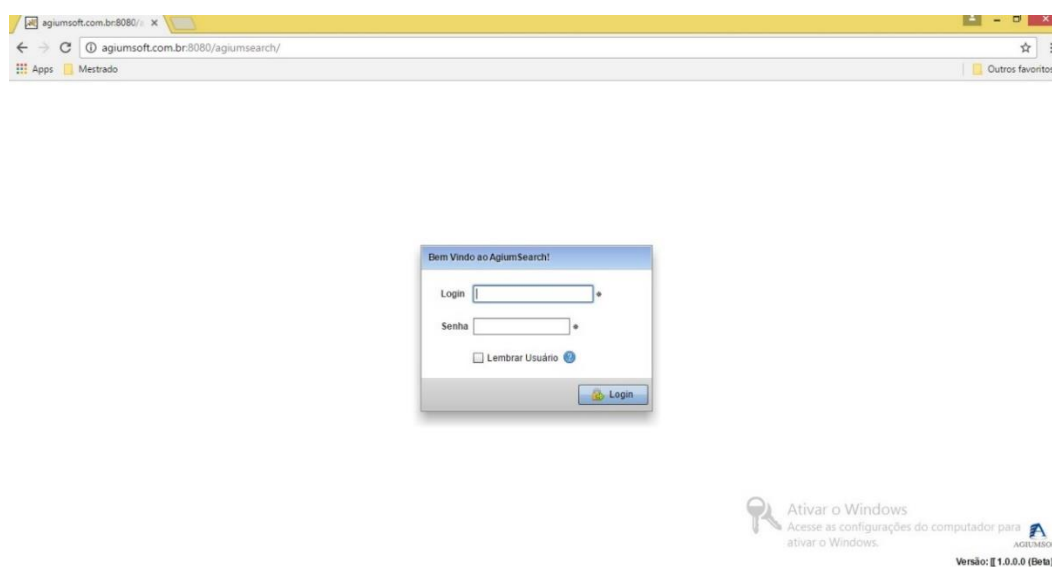
A partir da figura 7, pode-se verificar que, no caso de armazenamento dos dados por pergunta, os filtros se tornam muito produtivos, visto que se pode ter uma amostra geral dos dados catalogados para cada pergunta, o que facilita o cálculo da produtividade dos dados com maior facilidade. Além dos recursos do excel utilizados, também lançou-se mão de um sistema computacional de armazenamento de dados, assunto do próximo tópico.

3.2.1 Sistema *Agium Search*

Após todo o levantamento do *corpus* e registro em planilhas do Excel, sentiu-se a necessidade de um recurso que melhor organizasse os dados. Em vista disso, a partir de pesquisas anteriores que já utilizaram o sistema, como Marins (2012), Benke (2012), Reis (2013) e Carvalho (2015), optou-se por utilizar também esse recurso, uma ferramenta computacional Web *Agium Search* (produto da empresa de venda e aluguel de sistemas *Agium Sorft Ltda*). O sistema foi desenvolvido pelo profissional de Análise de sistemas Wallace Nascimento Marins.

O sistema é composto por três camadas físicas: i) o modelo (model); ii) o controle (control) e, iii) a visualização (view). As primeiras camadas são responsáveis pelo armazenamento e gerenciamento dos dados a partir de uma linguagem de programação JAVA, linguagem criada em 1995 pela Sun Microsystems, destaque pela agilidade e segurança. Já a última camada é a acessada pelo usuário em que são possíveis o cadastro dos dados para armazenagem e visualização. A fim de ilustrar esses processos, seguem algumas imagens do Sistema, a primeira mostra a tela de acesso com solicitação de *login* e senha.

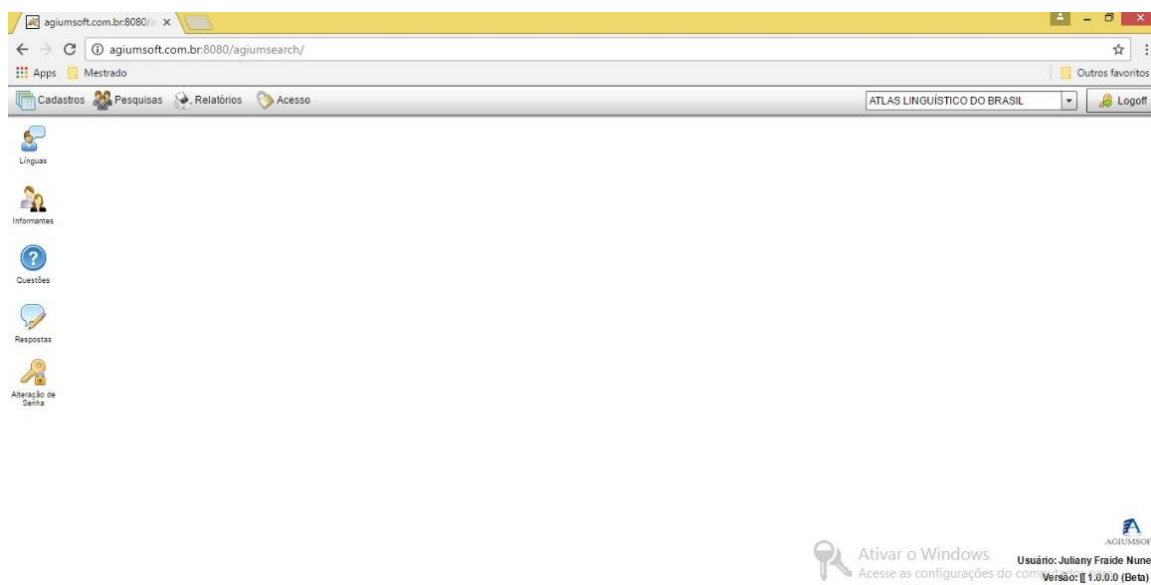
Figura 8 - Tela inicial do Banco de dados.



Fonte: Agium Search.

A segunda imagem ilustra a primeira imagem do sistema em que se pode observar todas as ferramentas possíveis de uso, na parte acima e na esquerda da tela. A partir dessa tela, pode-se navegar no cadastro, nas pesquisas e nos relatórios. O item “cadastro” permite acesso às cidades e aos estados da pesquisa, enquanto o item “informante” fornece dados de cada um dos entrevistados e em “questões” estão armazenados todos os dados de pesquisas.

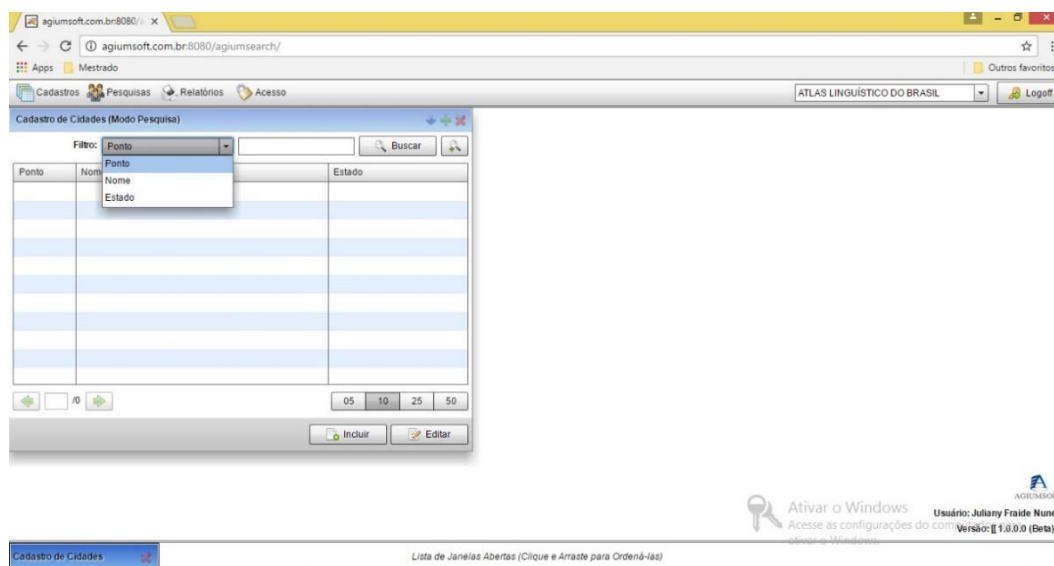
Figura 9 - Tela inicial do sistema de armazenamento do banco de dados.



Fonte: *Agium search*.

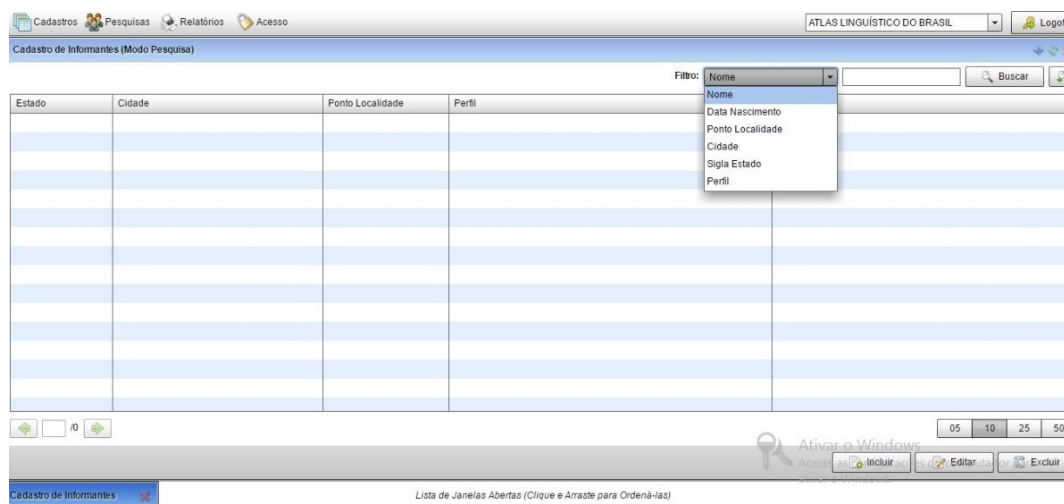
As próximas telas apresentam formas de filtragem a partir das cidades e dos informantes e os cadastros de perguntas e respostas. No item “cidade” há três formas de filtro: número de ponto (localidade), o nome da cidade ou o nome do Estado. Já em “informante” os filtros são mais variados, podendo gerar relatórios por: número da cidade, nome da cidade, nome do estado, número que corresponde o perfil do informante, nome ou data de nascimento.

Figura 10 - Tela ilustrativa do Sistema do Banco de Dados – Filtragens de acesso às cidades.



Fonte: Agium search.

Figura 11 - Tela ilustrativa do Sistema do Banco de Dados – Filtragens de acesso aos informantes.



Fonte: Agium search.

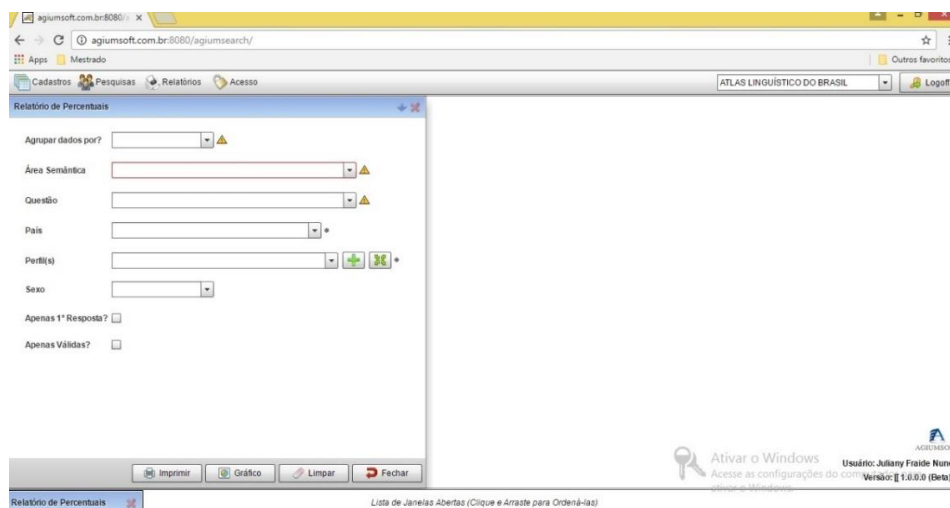
Cadastrados os dados, o sistema possibilita a geração de relatórios em que são possíveis variados filtros, como: por localidade, por estado, por pergunta, por faixa etária, por escolaridade, entre outros. Para isso, fornece três tipos de relatórios: o de questões/respostas, o de percentual “geral” e o de percentual “detalhado”. O primeiro relatório visualiza todas as variantes registradas nas localidades, podendo, para tanto, serem utilizados diferentes

filtros, segundo a necessidade do estudo. O segundo relatório apresenta os resultados percentuais dos dados catalogados. Por fim, o terceiro relatório é o “detalhado”, consegue fornecer dados do “universo” de uma variante específica, com as diferentes variações sociais. A seguir, as figuras que ilustram cada tipo de relatório.

Figura 12 - Tela ilustrativa do Sistema do Banco de Dados – acesso ao relatório de questões/respostas.

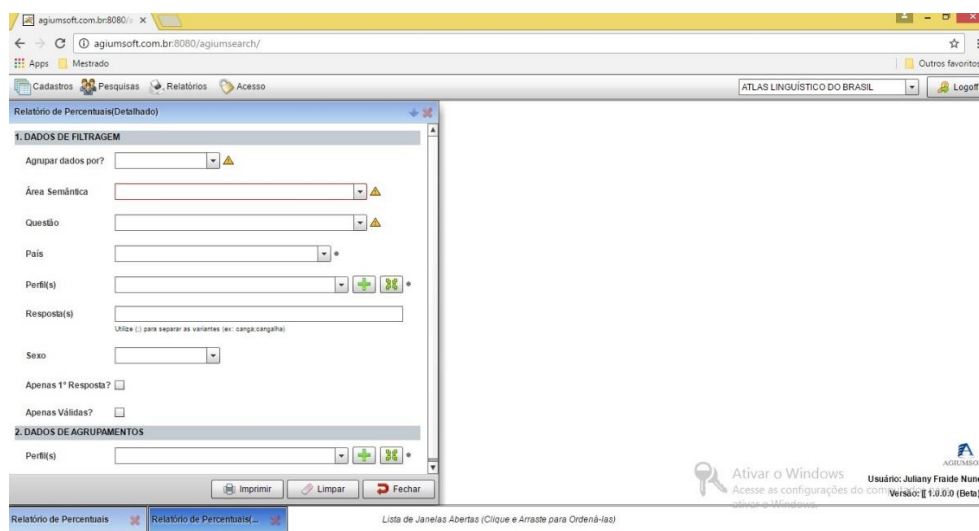
Fonte: *agium search*.

Figura 13 - Tela ilustrativa do Sistema do Banco de Dados – acesso ao relatório de percentuais “geral”.



Fonte: *agium search*.

Figura 14 - Tela ilustrativa do Sistema do Banco de Dados – acesso ao relatório de percentuais “geral”.



Fonte: *agium search*.

3.3 Proposta de Análise

Para a análise dos dados, após o levantamento de todo *corpus* e devido registro nas planilhas do formato Excel foram analisadas as 32 perguntas do QSL – Questionário Semântico-Lexical a fim de estabelecer critérios de análise. Assim, após observação de cada questão e respostas fornecidas, notou-se que 17 delas (cisco, catarata, desdentado, fanhoso, soluço, nuca, clavícula,

corcunda, axila, canhoto, vomitar, rótula/pataca, tornozelo, calcanhar e cócegas) não foram produtivas, pois no máximo ofereceram duas variantes lexicais como resposta.

Após essa primeira triagem, verificou-se a questão da diatopia de cada questão, isto é, a partir do universo da pesquisa, Norte e Sul do Brasil, em que medida as respostas fornecidas eram dispostas nas regiões em estudo. Vencida essa etapa, foi possível perceber que os designativos fornecidos para as questões *pálpebras*, *míope*, *terçol/viúva*, *conjuntivite/dor d'olhos*, *dentes caninos*, *dentes do siso*, *dentes molares*, *seios* e *útero* não apresentavam diatopia entre as regiões, ou seja, foram uniformes em relação ao registro nas regiões Norte e Sul.

Por fim, o último critério foi o comportamento dos dados em relação às palavras-tabus, evidenciando o exame das respostas seguindo esses critérios, foram definidas quatro perguntas a serem tomadas como objeto de análise (quadro 8).

Quadro 8 - Perguntas selecionadas para a pesquisa.

Número da pergunta	Cabeça da pergunta	Conceito
091	Cego de um olho	Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho?
092	Vesgo	Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?
102	Meleca/tatu	Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
109	Cheiro nas axilas	Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?

Fonte: COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. (2001, p. 28-30)

A seguir, foram obedecidas as seguintes etapas para a análise das respostas obtidas para cada pergunta:

- 1) Para a validação das respostas foram consultados dicionários de diferentes datações a fim de verificar se o item léxico corresponde ao conceito solicitado. Para tanto, foram consultadas as seguintes obras: *Dicionário Aurélio* (2004); *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa* (2001), de Antônio Houaiss; *Vocabulario Portuguez & Latino* (1712-

1728), de Raphael Bluteau e *Diccionario da língua portuguesa* (1813), de Antônio de Moraes Silva. Os dois últimos dicionários são disponibilizados pela plataforma Brasileira - USP. Os comentários fornecidos pelos informantes também foram dados fundamentais para a validação das respostas;

- 2) Análise geossociolinguística com vistas à análise dos dados segundo fatores sociais, tais como idade, sexo, escolaridade, além da possibilidade de delimitações de isoléxicas traçadas nas regiões pesquisadas. Para a análise, partiu-se do mais geral para o mais específico, assim, primeiro os dados catalogados foram apresentados em uma amostra geral, e em seguida divididos segundo capitais e localidades do interior e dentro desse universo, em dados da região Norte e dados da região Sul;
- 3) Análise semântico-lexical dos designativos com base no auxílio dos dicionários consultados e nas informações dos informantes. Nessa etapa são analisadas as etimologias das unidades lexicais e, a partir da teoria dos traços semânticos proposta por Pottier (1978), classifica as unidades lexicais fornecidas para cada questão em cinco pilares: i) designação genérica; ii) designação específica; iii) designação múltipla escolha; iv) zoomorfismo; v) expressão fixa. Também é verificada a presença ou não de casos que se configuram como tabu linguístico e seus meios de substituição;
- 4) A cartografia dos dados foi realizada a partir dos universos da pesquisa, assim, para cada pergunta, foram desenvolvidas quatro cartas linguísticas³⁶: para apresentar a disposição diatópica dos dados das regiões Norte e Sul, capitais e localidades do Interior. Quando necessário, foram utilizadas cartas fenotípicas para demonstrar fenômenos específicos.

Finalizada a apresentação da metodologia adotada para este estudo, o próximo capítulo foi dedicado à análise dos dados.

³⁶ As bases das cartas linguísticas encontram-se no anexo deste trabalho.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Este capítulo é dedicado à análise do *corpus* selecionado para esta pesquisa. Ao todo, foram catalogadas as respostas para as 32 perguntas relacionadas à área semântica do *corpo humano* do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, documentadas nas regiões Norte e Sul do Brasil.

No universo pesquisado, foi apurado um total de 265 designativos que estão listados no Quadro 9 de acordo com a questão que motivou a resposta e a região em que foram registrados. Vale lembrar que o quadro apresenta os dados brutos, ou seja, ainda não validados segundo os referentes nomeados.

Quadro 9- *Corpus* da pesquisa.

N°. da questão	Conceito	Região Norte	Região Sul
089	“A parte que cobre o olho”	<i>pestana, palpa do olho, sobancelha, pálpebras, supercílio, carapela, capa do olho, capela do olho, pele do olho, beira do olho;</i>	<i>pestana, couro do olho, pálpebras, capa do olho, capela do olho, pele do olho;</i>
090	“Sujeirinha que cai no olho”	<i>cisco, ferpa, argueiro, granito;</i>	<i>cisco, arguero;</i>
091	“A pessoa que só enxerga com um olho”	<i>Caolho, aleijada, enxerga só com um olho, cego de um lado, cego, perdeu a vista, só enxerga de um lado, zambeta, só tem um olho, doente do olho, deficiente visual, cegueta, piloto, deficiente do olho;</i>	<i>Caolho, aleijada, enxerga só com um olho, cego de um lado, cego, perdeu a vista, só enxerga de um lado, zambeta, só tem um olho, doente do olho, deficiente visual, cegueta, piloto, deficiente do olho;</i>
092	“A pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”	<i>vesgo, zanolho, estrábico, instalação trocada, olho torto, olho atravessado;</i>	<i>vesgo, zanolho, estrábico, olho torto, birolho, mirolho.</i>

093	“A pessoa que enxerga longe, e tem que usar óculos”	<i>cegueta, cego, dificuldade na vista, falta da vista, falta da vista, deficiente visual, curto da vista, míope, ruim da vista, vista curta, vista fraca, doente na vista, baixa visão, vista cansada, olho embaçado.</i>	<i>míope, sem foco de vista, falta da vista, vista fraca, dificuldade de visão, cego, problema de vista, vista cansada, vista curta, não enxerga direito, pouca visão, ruim de visão.</i>
094	“A bolinha que nasce em cima do olho, fica vermelha e incha”	<i>terçol, carne crescida, iatinhim, bilida;</i>	<i>terçol, viúva;</i>
095	“A inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado”	<i>conjuntivite, dor-de-olhos, mal de olho, sapatão, remela de gato, guaxinina, constipação;</i>	<i>conjuntivite, dor-de-olhos, dor na vista;</i>
096	“Aquele pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas”	<i>catarata, carne crescida;</i>	<i>catarata, nata;</i>
097	“Os dois dentes pontudos”	<i>presa, dente canino, incisivo;</i>	<i>presa, dente canino, dentes carnívoros, incisivo;</i>
098	“Os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta”	<i>dente do siso, dente do juízo, dente de leite, dente queiro, queixal, último dente, panela;</i>	<i>dente do juízo, dente de leite, dente do siso.</i>
099	“Os dentes grandes no fundo da boca”	<i>dente molar, dente queixal, panela, incisivo;</i>	<i>dente molar, panela, dente queixal, dente chato, canino;</i>
100	“A pessoa que não tem dentes”	<i>banguela, desdentado, sem dente, boca mucha, sorriso liso;</i>	<i>banguela, sem dente;</i>
101	“A pessoa que parece falar pelo nariz”	<i>fanhoso, fonfom, fonfom, anasalada;</i>	<i>fanhoso, fanho;</i>
102	“A sujeirinha dura”	<i>cataraca, sujeira, bolinha, tatu,</i>	<i>sujeira, bolinha,</i>

	que tira do nariz com o dedo”	<i>catarro, cacá, meleca, catoca, cascudo, casca, titica, bustela, tipura, massa, potoca ;</i>	<i>tatu, catarro, meleca, catoca, ranho, cascudo, casca, tipura, massa, potoca ;</i>
103	“Esse barulhinho que se faz? <i>soluçar</i> ”	<i>solução;</i>	<i>solução, jojoca;</i>
104	“A parte de trás do pescoço”	<i>nuca, cangote, tutiço, pescoço, coluna;</i>	<i>nuca, cangote;</i>
105	“A parte alta do pescoço do homem”	<i>gogó, fruta do Adão, nó da garganta, nó, maçã de Adão, pomo de Adão, goela, papo, nó na goela;</i>	<i>gogó, gorgominho, fruta do Adão, nó, maçã de Adão, pomo de Adão, goela, papo, nó na goela, baga de Adão, caroço de Adão, gargalo, maçã de Eva;</i>
106	“O osso que vai do pescoço até o ombro”	<i>clavícula, titela, cantareira, saboneteira, caroço, espinhela;</i>	<i>clavícula, saboneteira, paleta;</i>
107	“A pessoa que tem um calombo grandes nas costas”	<i>corcundo, jamanchi, lombi, lombo suspenso,;</i>	<i>corcundo, giga, maginga, goba;</i>
108	“A parte embaixo dos braços”	<i>axilas, sovaco;</i>	<i>axilas, sovaco;</i>
109	“O mau cheiro embaixo dos braços”	<i>suor forte, inhaca, gambá, catinga, cecê, porquinho, maldô, catinga de porco, sovaquim, cheiro forte, mucura, suor forte, catingoso, vencido, odor, mau cheiro, caitituzão, caititú, fedor de caititú, gaeiro, sovaqueira, fedor, catinga de sovaco, suor, mau cheiro, cheiro de sovaco;</i>	<i>suor forte, inhaca, gambá, catinga, cecê, cheiro forte, suor forte, catingoso, vencido, odor, mau cheiro, sovaqueira, asa, porquidade, fedor, catinga de sovaco, suor, mau cheiro, fedendo cebola, cheiro de sovaco, vudum, cheiro de</i>

			<i>asa;</i>
110	“A pessoa que faz tudo com a mão esquerda”	<i>canhoto, é o esquerdo, esquerdo, canhoto, adestro, esquerdista;</i>	<i>canhoto, canhoto, esquerdistista;</i>
111	“A parte do corpo da mulher que ela amamenta os filhos”	<i>seio, mama, peito, teta, busto, mamilo;</i>	<i>seio, mama, peito, teta;</i>
112	“Acontece quando uma pessoa come muito e bota para fora o que comeu”	<i>vomitar, provocar, baldear;</i>	<i>vomitar, lançar;</i>
113	“A parte do corpo da mãe onde fica o bebê”	<i>útero, barriga, bolsa d’água, ventre, bucho, placenta, ovário, na madre;</i>	<i>útero, barriga, bolsa, ventre, placenta, pança;</i>
114	“A pessoa que não tem uma perna”	<i>aleijado, pernetta, cotó, deficiente físico, cotó, coxó, amputado, saci, moleto;</i>	<i>aleijado, pernetta, deficiente, coxo, maneta, perna só, manco, perna amputada, falta de uma perna, petenga, moleto;</i>
115	“A pessoa que puxa de uma perna”	<i>aleijado, deficiente físico, coxo, manco, pernetta, zambeta, cachinga, conxé, capenga, manqueta;</i>	<i>manco, coxo, capenga, deficiente físico;</i>
116	“A pessoa de pernas curvas”	<i>cambota, perna torta, perna de alicate, perna de arco, perna de baladeira, perna de cambito, garrincha, defeituoso, cambaio, zambeta;</i>	<i>cambota, perna torta, perna de alicate, perna de arco, perna de baladeira, perna de cambito, garrincha, defeituoso, cambaio, zambeta;</i>
117	“O osso redondo que fica na frente do joelho”	<i>bolacha do joelho, rótula, patela, jabuti, pratinho do joelho, bacural, osso do joelho, cachuleta, roda do joelho;</i>	<i>tampa do joelho, rótula, pataca, patela, tramela do joelho, parte do joelho, pataca;</i>

118	“Segmento ou saliência óssea que, em cada um dos membros inferiores, se situa entre a perna e o pé”	<i>tornozelo, ossinho do piador, mocotó, rejeito;</i>	<i>tornozelo, ossinho do pé;</i>
119	“A parte posterior, arredondada, do pé humano, abaixo do tornozelo e atrás do arco do pé”	<i>calcanhar, garrão, tendão de Aquiles, rejeito, tendão de Aquiles;</i>	<i>calcanhar, garrão;</i>
120	“A criança sente quando se passa o dedo na sola do pé”	<i>cócega, cosca, cosquinha;</i>	<i>cócega, cosca;</i>

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Quadro elaborado pela autora.

Das 32 perguntas do QSL relacionadas à área semântica do *corpo humano*, foram selecionadas quatro para a análise, segundo os critérios apresentados no Capítulo 3. O Quadro 10 apresenta o número de variantes registradas como respostas para essas perguntas.

Quadro 10 – Questões do QSL selecionadas para análise e número de variantes lexicais registradas

Pergunta	Total de Variantes
091 – QSL	08
092 – QSL	09
102 – QSL	11
109 – QSL	24

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Quadro elaborado pela autora.

Para a organização das variantes lexicais catalogadas, o *corpus* foi dividido segundo as perguntas que motivaram as designações e analisado em duas dimensões: geossociolinguística e semântica. Na primeira, verificou-se a distribuição diatópica, ou seja, a distribuição espacial das variantes

documentadas nas duas regiões geográficas selecionadas e, também, as variações sociais, isto é, a interferência de fatores como idade, sexo e escolaridade nas escolhas dos informantes. Já na segunda dimensão, examinaram-se os traços semânticos de cada designativo considerando as explicações fornecidas pelos informantes e a definição dicionarizada. Além disso, são considerados possíveis traços tabuísticos.

Na sequência, apresenta-se o tratamento dos dados. Para tanto, cada pergunta foi analisada segundo dois parâmetros: i) geossociolinguístico e ii) semântico.

4.1 - QSL 091 – A pessoa que só enxerga com um olho

No conjunto de respostas para “a pessoa que só enxerga com um olho” foram computadas 8 variantes lexicais válidas em um total de 221 ocorrências.

Tabela 1- Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas regiões Norte e Sul do Brasil

Variante	Ocorrência	Porcentagem
<i>Caolho</i>	142	64%
<i>Cego de um olho</i>	44	20%
<i>Zarolho</i>	12	5%
<i>Deficiente do olho</i>	10	4%
<i>Falta de uma vista</i>	5	2%
<i>Só tem um olho</i>	4	1,8%
<i>Aleijado do olho</i>	2	0,9%
<i>Piloto</i>	2	0,9%
<i>Pícego</i>	2	0,9%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Além das respostas válidas, foram documentadas outras sete variantes consideradas inválidas como denominação para o conceito em pauta: *cego* – não responde a pergunta; *vesgo*, *birolho*, *torto do olho* – respostas válidas para a pergunta 092³⁷/QSL, *só enxerga com um olho* – parte da pergunta; *ruim da vista* – resposta válida para a pergunta 093³⁸/QSL. Dentre as não válidas, chama a atenção a variante *cego* com 46 ocorrências, porém, ainda que muito frequente, não pode ser considerada válida, pois não responde a pergunta que solicita o nome da pessoa não que tem apenas um olho, mas aquela desprovida dos dois olhos para, dessa forma, se configurar cego. As não-respostas também tiveram um número significativo, 24 dos 308 informantes não responderam a pergunta, umas das possíveis causas é o não uso de um nome específico para a pessoa só com um olho. É mais comum a pessoa cega ou a pessoa que tem os olhos voltado para direções opostas. A seguir, na

³⁷ Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?

³⁸ Como se chama a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

tabela 2, podem ser observadas as variantes léxicas selecionadas como respostas válidas distribuídas entre as regiões Norte e Sul do Brasil.

Tabela 2 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Caolho</i>	50	59%	92	68%
<i>Cego de um olho</i>	21	24,71%	23	17%
<i>Zarolho</i>	2	2%	10	7%
<i>Deficiente do olho</i>	8	9%	2	1%
<i>Fata de uma vista</i>	1	1%	4	3%
<i>Só tem um olho</i>	1	1%	3	2%
<i>Aleijado do olho</i>	2	2%		
<i>Pícego</i>			2	1%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Os dados lexicais da Tabela 2 mostram uma distribuição equilibrada entre as respostas obtidas nas duas regiões, não havendo, pois, uma distinção muito acentuada entre os dois universos pesquisados. Para a análise dos dados, as respostas fornecidas pelos informantes foram distribuídas em duas categorias: capitais e localidades do interior.

4.1.1 Análise geossociolinguística

4.1.1.1 Capitais

No universo das capitais, foram registradas cinco variantes lexicais em um total de 61 ocorrências. Na Tabela 3 pode ser verificada a produtividade de cada uma delas.

Tabela 3 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas capitais das regiões Norte e Sul do Brasil

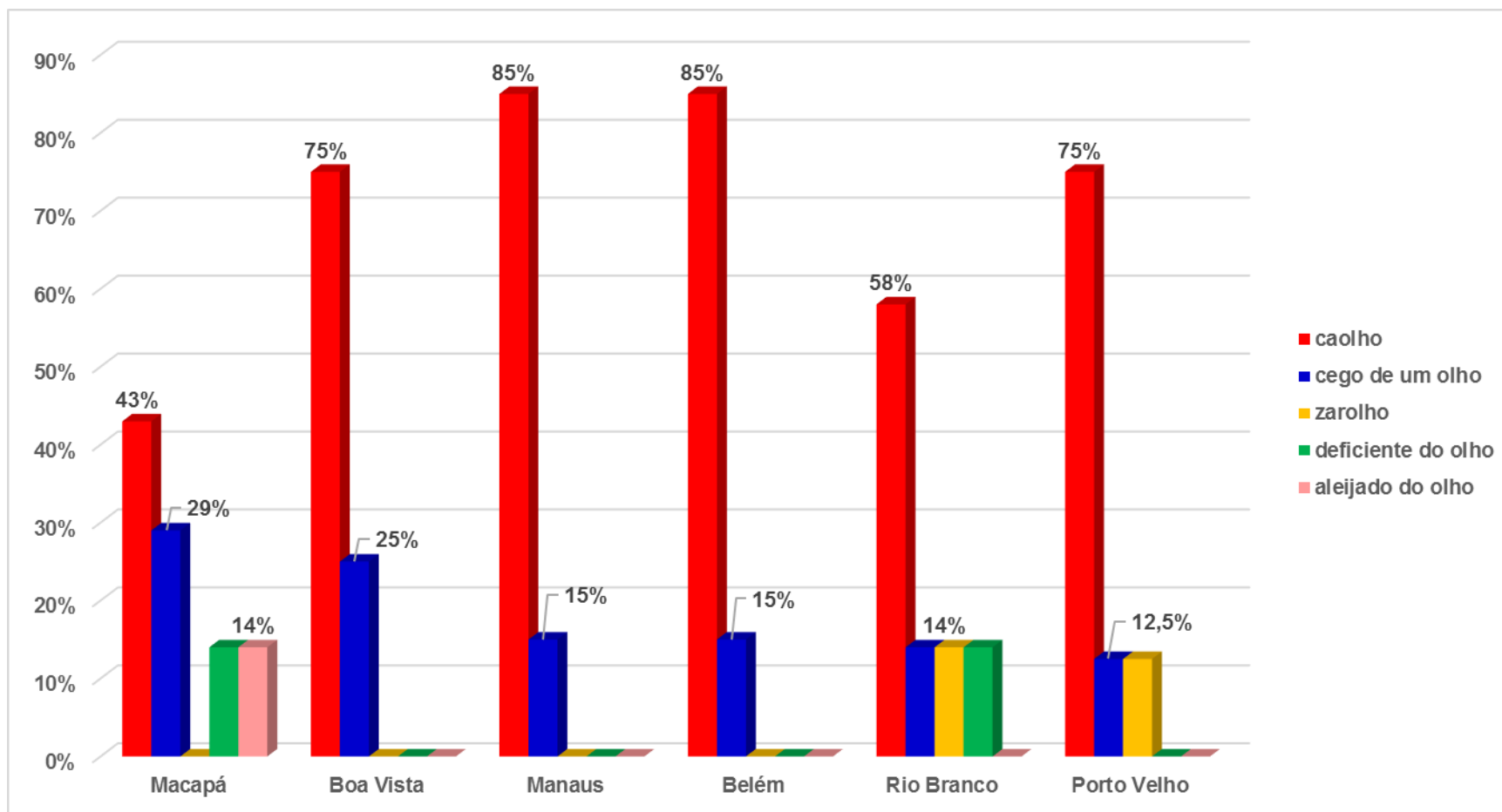
Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Caolho</i>	28	70%	18	87%
<i>Cego de um olho</i>	7	17,50%	1	4%
<i>Zarolho</i>	2	5%	2	9%
<i>Deficiente do olho</i>	2	5%		
<i>Aleijado do olho</i>	1	2,50%		
Total	40	100%	21	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Nota-se, pelos dados da Tabela 3, que *caolho* foi a unidade léxica mais produtiva das duas regiões estudadas. Como segunda mais produtiva, obteve-se *cego de um olho* na região Norte e *zarolho* na região Sul. A partir dos dados, observa-se que essa questão da área semântica do *corpo humano* não apresenta muitas variações, pois se trata de uma característica muito específica do *corpo humano* que, muitas das vezes, os informantes desconhecem ou confundem com outros traços do corpo.

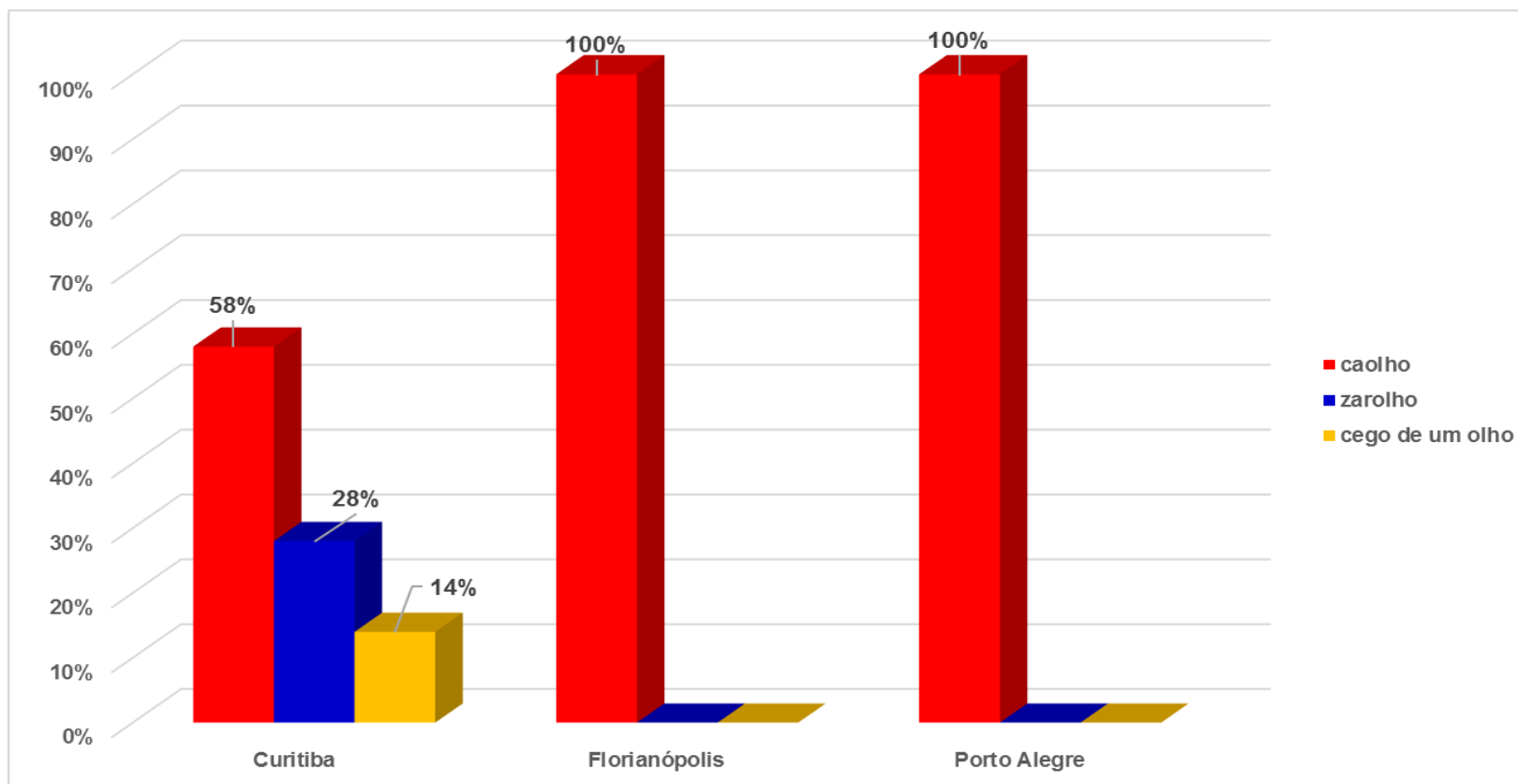
A variante léxica *zarolho* fornecida nas duas regiões é muito frequente como resposta para a pergunta 092/QSL que apura denominações para a “pessoa de olhos voltados para diferentes direções”. A resposta foi considerada válida para as duas perguntas, uma vez que a unidade lexical *zarolho* está dicionarizada nas duas acepções. Na sequência, nos Gráficos 1 e 2, podem ser visualizadas a produtividade das variantes léxicas em exame nas capitais do Norte e do Sul do Brasil.

Gráfico 1 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas capitais da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Gráfico 2 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas capitais da região Sul.

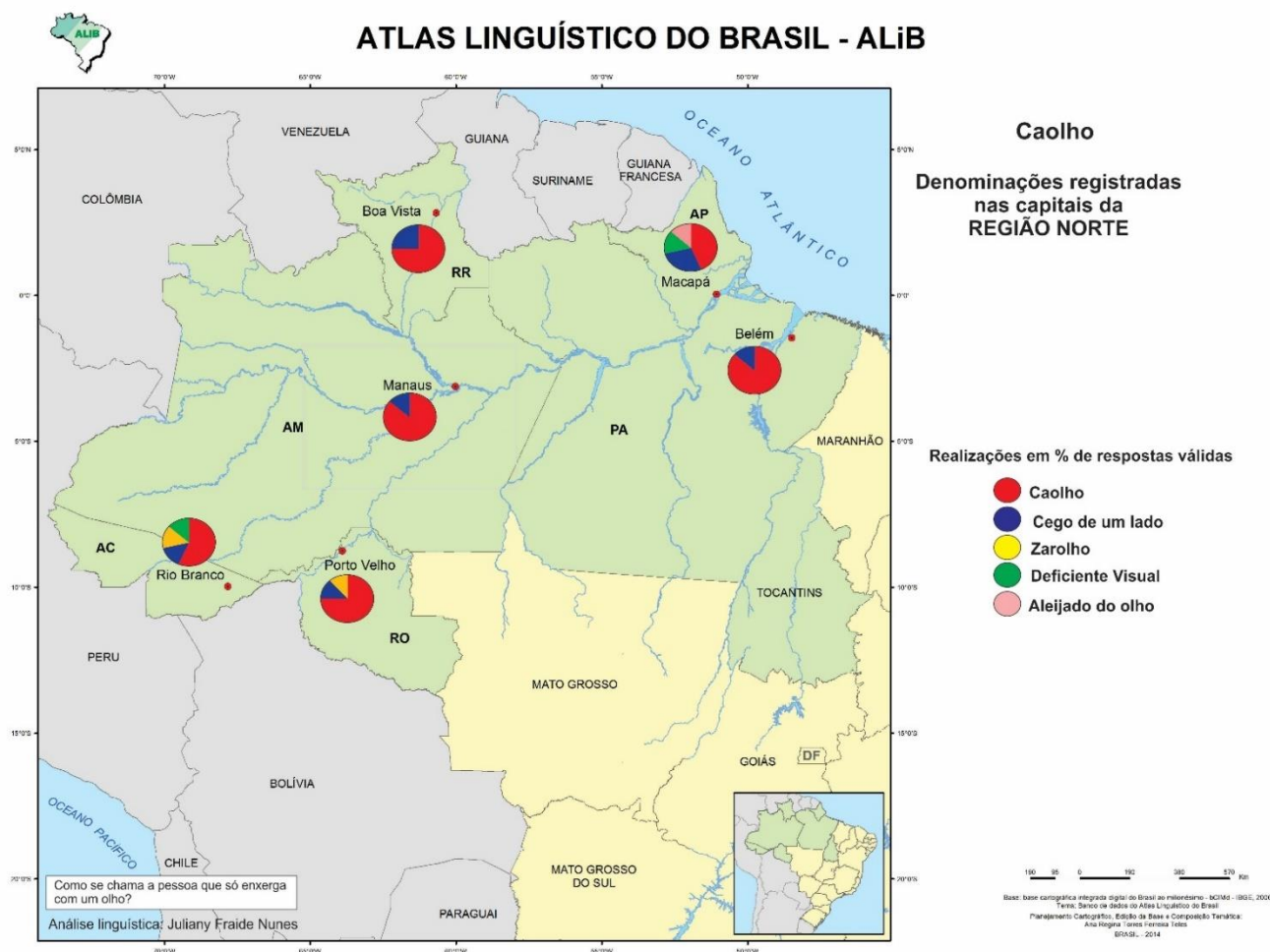


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nota-se, no Gráfico 1, que *caolho* figura como a variante mais frequente nas seis capitais da região Norte, seguida de *cego de olho*. *Zarolho* é mencionado em Rio Branco e em Porto Velho, enquanto *deficiente do olho* apareceu em Macapá e em Rio Branco e *aleijado do olho* apenas em Macapá.

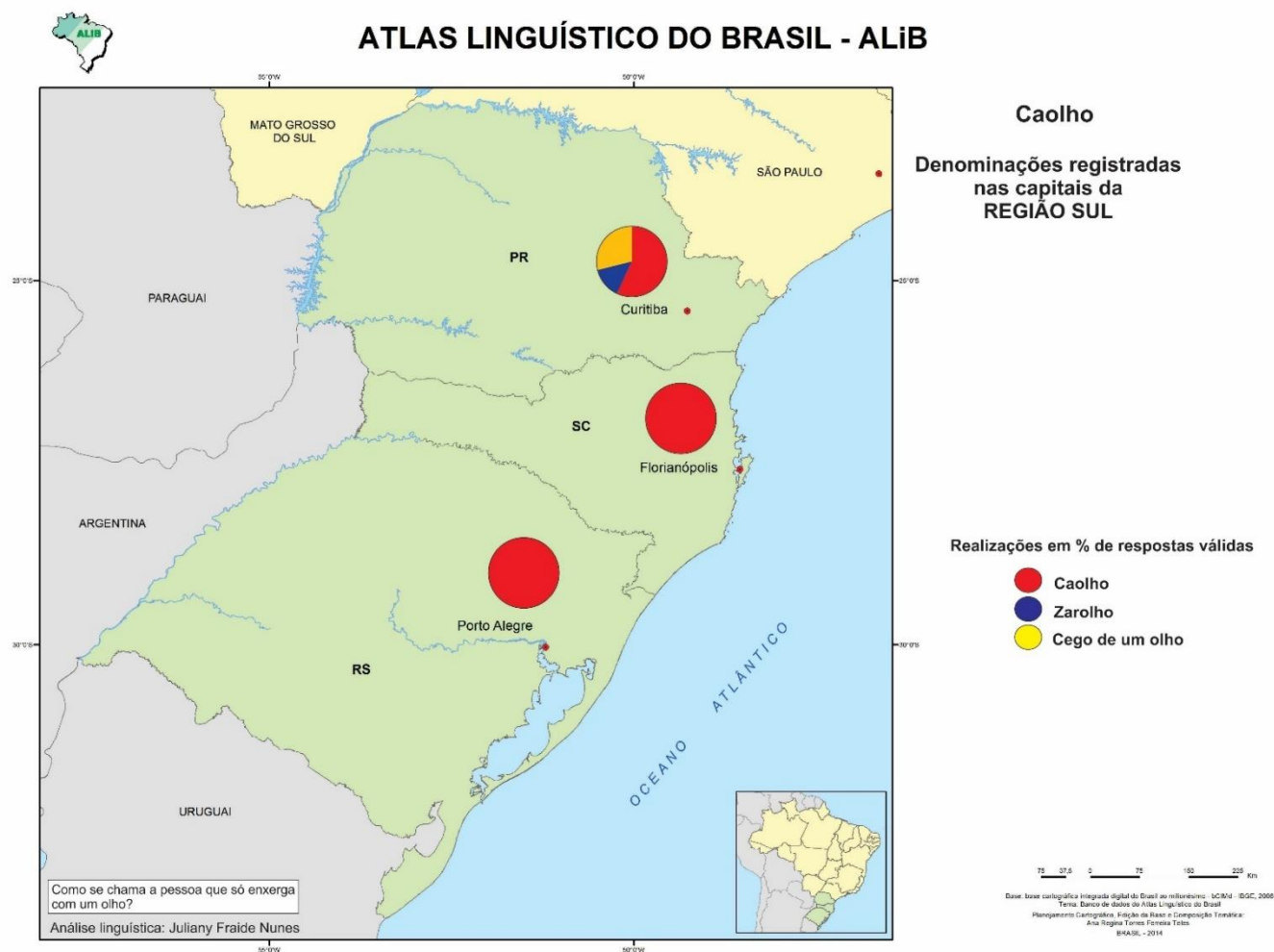
Nas capitais do Sul, *caolho* alçou 100% de produtividade em Florianópolis e em Porto Alegre, enquanto em Curitiba divide espaço com as formas léxicas *zarolho* e *cego de um olho*. Com os dados das capitais das duas regiões, pode-se verificar a predominância de *caolho* e a não presença de uma forma léxica em competição direta, porém, *cego de um olho* é registrada em sete das nove capitais. Na sequência, nas Figuras 15 e 16, podem ser visualizadas a disposição dos dados lexicais nas capitais das regiões Norte e Sul.

Figura 15 – Cego de um olho / respostas para a questão 091/QSL nas capitais da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Figura 16 – Cego de um olho / respostas para a questão 091/QSL nas capitais da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

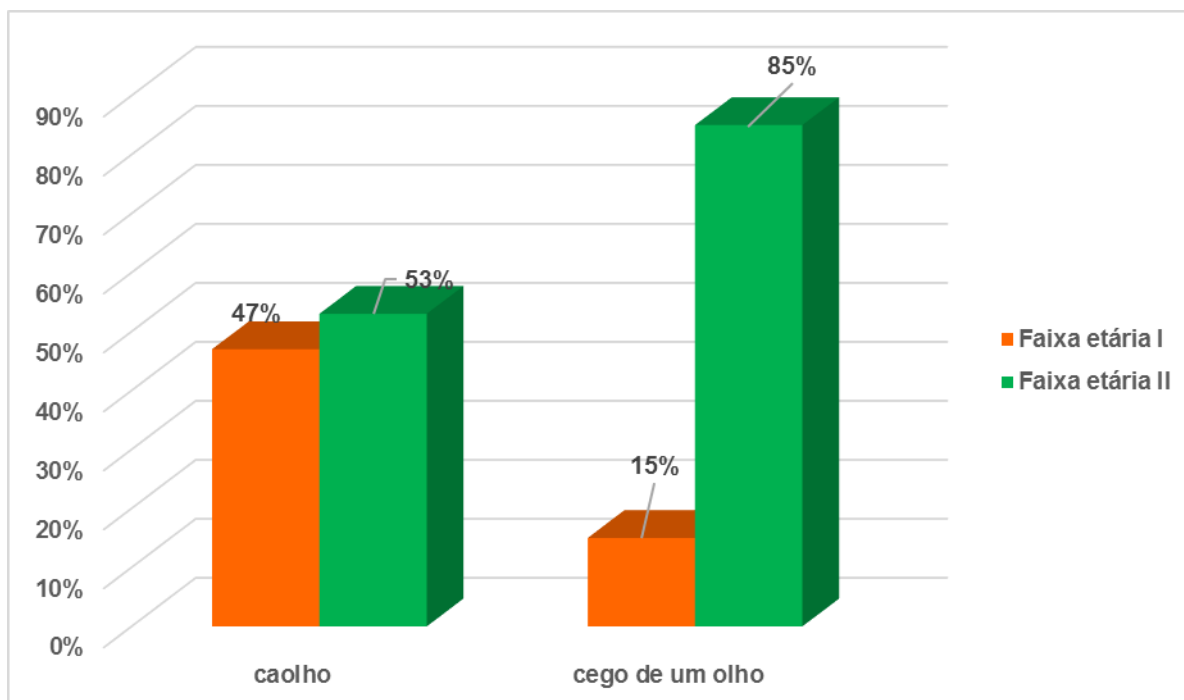
Nas capitais da região Norte, a figura mostra a predominância de *caolho*, seguida de *cego de um olho* em todas as localidades. Em algumas, há o acréscimo de outras formas léxicas como em, Macapá, *deficiente visual* e *aleijado do olho*, fornecidas, respectivamente, pelos informantes masculinos da segunda faixa etária e Ensino Fundamental e da primeira faixa etária de Curso Superior. Já em Rio Branco, há a ocorrência de *deficiente visual* e *zarolho*, dados como resposta pelos informantes de Ensino Fundamental, feminina da primeira faixa etária e masculino da segunda faixa etária. Em Porto Velho há uma ocorrência de *zarolho*, resposta fornecida pelo informante masculino da primeira faixa etária, Curso Fundamental. Ao analisar os dados da região Norte, observa-se uma homogeneidade dos dados, havendo apenas uma distinção nos extremos com Macapá, Rio Branco e Porto Velho.

Nas capitais da região Sul, Porto Alegre e Florianópolis alçaram 100% de produtividade com *caolho*, Curitiba foi a única que teve ocorrências de outras variantes lexicais como *zarolho* e *cego de um olho*. *Zarolho* teve duas ocorrências, e foi fornecida pelo informante masculino, faixa etária I, Ensino Fundamental e pelo informante feminino, faixa etária II, Curso Superior. Já o item léxico *cego de um olho* foi mencionado como resposta pela informante feminina, faixa etária II, Curso Superior. Focalizada a dimensão diatópica dos dados, na sequência, as variantes lexicais são analisadas segundo as dimensões sociais: diageracional, diassexual e diastrática, ou seja, respectivamente, segundo a idade, o sexo e a escolaridade.

4.1.1.1.1 Dimensão diageracional

Para verificar a dimensão diageracional das variantes lexicais catalogadas como denominações para “a pessoa que só enxerga com um olho” foram selecionadas as mais produtivas no âmbito das capitais das duas regiões geográficas. Assim, na região Norte figuram no gráfico as unidades lexicais *caolho* e *cego de um olho* e, na região Sul, *caolho*. A seguir, no Gráfico 3, observa-se essa dimensão nos dados nas capitais do Norte.

Gráfico 3 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas capitais da região Norte, segundo a variável “idade”.

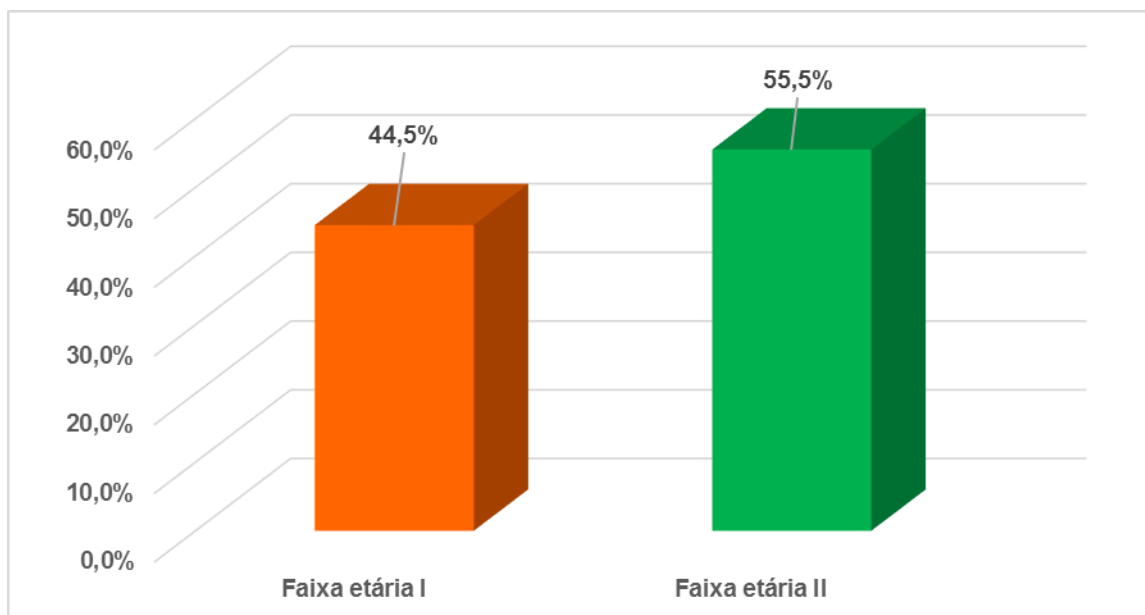


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Os dados oriundos das capitais da região Norte mostram que *caolho* foi 6% mais produtivo na fala dos informantes da faixa etária II, enquanto *cego de um olho* foi 70% mais produtivo na fala da faixa etária II. As duas variantes mais produtivas são na faixa etária II, uma vez que na fala dos indivíduos da faixa etária I houve mais casos de respostas invalidadas por não corresponderem ao referente pesquisado. Além dessas duas unidades léxicas, também, foi registrado *zarolho*, *deficiente visual* e *aleijado do olho*. O designativo *zarolho* foi fornecido em duas capitais, em Rio Branco/AC, pela informante feminina da faixa etária II, Curso Superior e, em Por Velho/RO, pelo informante masculino da faixa etária I, Ensino Fundamental. O item léxico *deficiente visual*, por seu turno, foi documentado nas capitais de Macapá/AP e Rio Branco/AC, respectivamente, informante masculino, faixa etária II, Ensino Fundamental e informante feminina, faixa etária I, Ensino Fundamental. Por fim, *aleijado do olho* foi fornecido em Macapá/AP pelo informante masculino, faixa etária I, Curso Superior. Nas capitais da região Sul, figurou como a mais

produtiva a variante *caolho*. O Gráfico 4 demonstra sua distribuição segundo as faixas etárias.

Gráfico 4 - Distribuição percentual da denominação *caolho* para *cego de um olho* nas capitais da região Sul, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

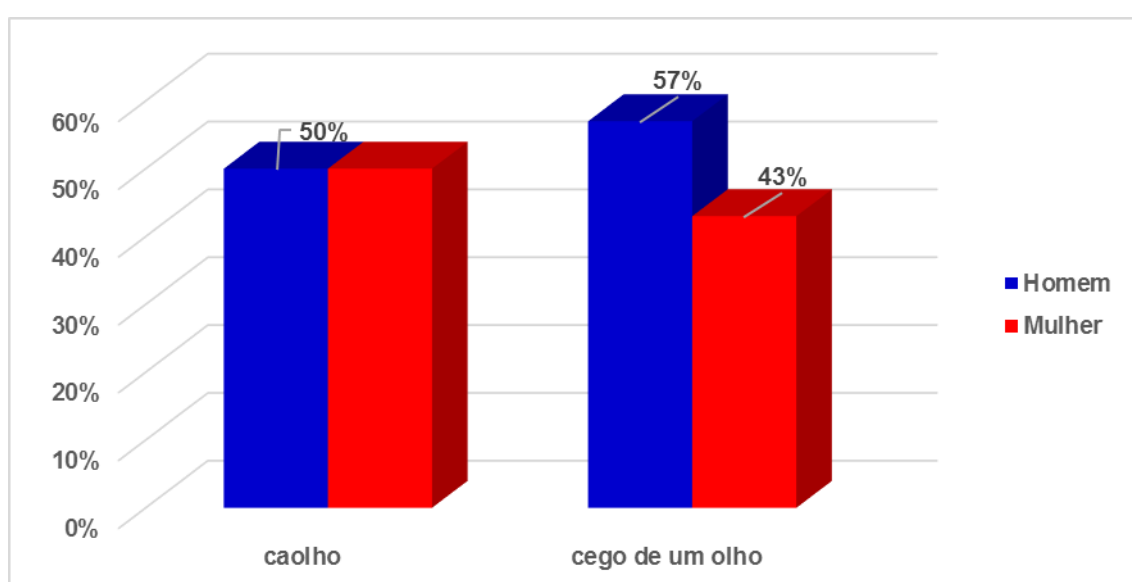
A distribuição das variantes segundo a variável “idade” revela uma leve predominância de *caolho* na fala dos indivíduos da faixa etária II. Os informantes da faixa etária I, assim como nas capitais do Norte, tiveram um acentuado número de ocorrências de *cego*, resposta considerada não válida e, também, de não respostas. Na capital paranaense, além dos casos de *caolho*, foram documentadas as variantes lexicais *zarolho* e *cego de um olho*. A primeira fornecida pelo informante masculino, faixa etária I, Ensino Fundamental e pela informante feminina, faixa etária II, Curso Superior, enquanto a segunda foi mencionada pela informante feminina, da faixa etária I, Curso Superior. Na dimensão diageracional, os dados lexicais registrados nas duas regiões geográficas não evidenciam grandes distinções, isso se deve também ao fato de a pergunta ter uma resposta mais específica que, por vezes, foge do conhecimento dos informantes, ou ainda, o falante confundir as duas características anatômicas, ou até três, com cego total, cego de um olho e

vesgo. Na sequência, o próximo tópico discute a dimensão sexual das denominações para a “pessoa que só enxerga com um olho”.

4.1.1.1.2 Dimensão diassexual

No Gráfico 5 podem ser visualizadas as variantes mais produtivas nas capitais da região Norte segundo a dimensão diassexual.

Gráfico 5 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas capitais da região Norte, segundo a variável “sexo”.

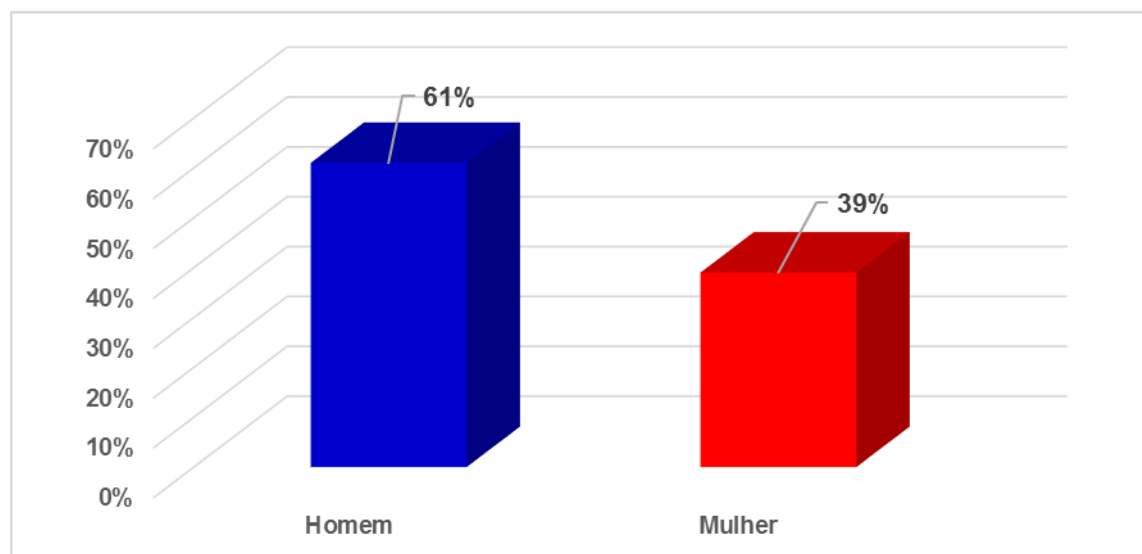


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nas capitais da região Norte, em relação à dimensão diassexual, nota-se que *caolho* teve número equivalente de ocorrência entre homens e mulheres. O item lexical *cego de um olho*, por sua vez, foi mencionado com uma leve diferença de ocorrência pelos informantes do sexo masculino: 14% a mais em relação às respostas das mulheres. Ainda na fala dos homens, obteve-se a ocorrência de outras três unidades lexicais, *zarolho*, mencionado pelo informante da faixa etária I, Ensino Fundamental de Porto Velho/RO; *deficiente visual*, pelo informante da faixa etária II, Ensino Fundamental e; *aleijado do olho*, pelo informante da faixa etária I, Curso Superior, os dois de Macapá/AP. Já entre as mulheres, foram mencionadas as variantes *deficiente visual* e

zarolho, as duas mencionadas em Rio Branco/AC pelas informantes de faixa etária I, a primeira pela informante do Ensino Fundamental e, a segunda, do Curso Superior. Em continuidade, apresenta-se a distribuição da unidade lexical *caolho* segundo os dois sexos nas capitais da região Sul.

Gráfico 6 - Distribuição percentual de *caolho* como denominação de *cego de um olho* nas capitais da região Sul, segundo a variável “sexo”.



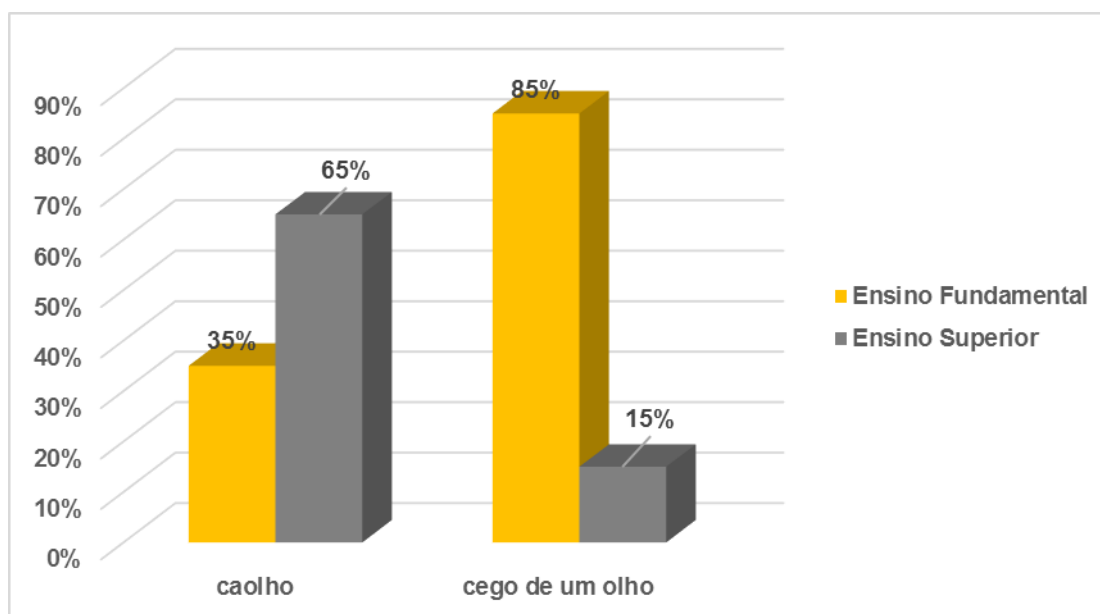
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Os dados do Gráfico 6 demonstram que o item léxico *caolho* foi mais utilizado pelos informantes do sexo masculino, com uma diferença de 22% em relação aos do sexo feminino. Nas capitais Porto Alegre/RS e Florianópolis/SC, esse designativo alçou 100% das respostas válidas. Somente na capital paranaense, Curitiba/PR, houve a ocorrência de mais duas unidades léxicas, *zarolho* e *cego de um olho*. Entre os informantes do sexo masculino, *zarolho* foi fornecido pelo indivíduo da faixa etária I, de Ensino Fundamental. Em contraposição, na fala das mulheres da capital de Curitiba/PR, além de *zarolho*, foi mencionada a variante lexical *cego de um olho*, as duas pelas informantes de Curso Superior, respectivamente, da Faixa Etária II e da Faixa Etária I. Na sequência, apresentam-se as respostas segundo a dimensão diastrática.

4.1.1.1.3 Dimensão diastrática

Nessa dimensão foi verificado em que medida os níveis de escolaridade interferem nas escolhas dos informantes das capitais das regiões Norte e Sul. Nesse sentido, no Gráfico 7, observa-se as respostas dos informantes das capitais do Norte segundo a variável “escolaridade”.

Gráfico 7 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas capitais da região Norte, segundo a variável “escolaridade”.

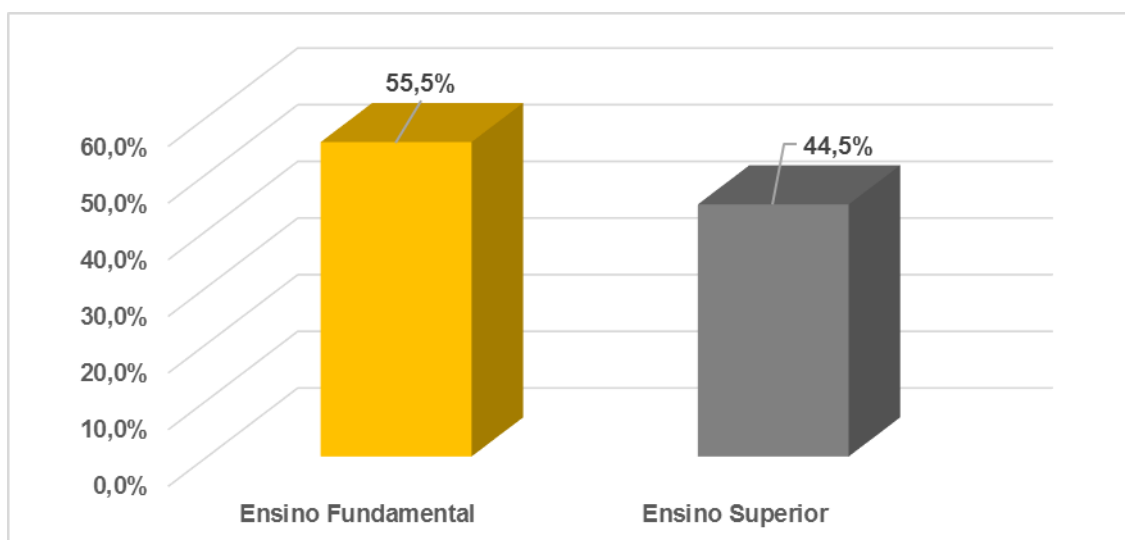


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Os dados do Gráfico 7 apresentam uma acentuada diferença entre as escolhas dos indivíduos das duas faixas etárias. Os informantes com Ensino Fundamental optaram por *cego de um olho*, com uma diferença em relação à outra faixa etária de 70%, já que os informantes com Curso Superior preferiram a unidade léxica *caolho*, com uma diferença de 30% comparando-se com a outra faixa etária. Além das duas variantes mais produtivas, foram documentadas nas capitais do Norte outras três formas de nomear o referente pesquisado: *zarolho*, *deficiente visual* e *aleijado do olho*. No universo de informantes com Ensino Fundamental, foram registrados uma ocorrência de *zarolho* (Porto Velho/RO – informante masculino, faixa etária I) e duas de *deficiente visual* (Rio Branco/AC – informante feminino, faixa etária I;

Macapá/AP – informante masculino, faixa etária II), enquanto entre os falantes com Curso Superior, houve um registro de *zarolho* (Rio Branco/AC – informante feminino, faixa etária I) e de *aleijado do olho* (Macapá/AP – informante masculino, faixa etária I). Na sequência, o Gráfico 8 traz a produtividade das unidades lexicais obtidas nas capitais da região Sul, de acordo com o nível de escolaridade.

Gráfico 8 - Distribuição percentual da denominação *caolho* para *cego de um olho* nas capitais da região Sul, segundo a variável “escolaridade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nota-se, no Gráfico 8, que *caolho*, com 100% das ocorrências nas capitais Porto Alegre e Florianópolis, foi mais frequente na fala dos informantes com Ensino Fundamental. Na capital paranaense, foram computados os registros de *zarolho* e *cego de um olho*. No nível fundamental, *zarolho* foi fornecido pelo informante masculino, da faixa etária I e, no nível superior, pela informante feminina, da faixa etária II. Já a unidade léxica *cego de um olho* foi mencionada pela informante da faixa etária I, Curso Superior. No próximo tópico, analisam-se os dados oriundos das localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil.

4.1.1.2 Localidades do interior

Para a pergunta 091/QSL – *cego de um olho*, nas localidades do interior foram apuradas oito variantes lexicais em um total de 160 ocorrências. Na Tabela 4 apresenta-se o conjunto dos dados registrados segundo cada região geográfica.

Tabela 4 - Distribuição percentual das denominações para “cego de um olho” nas localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil.

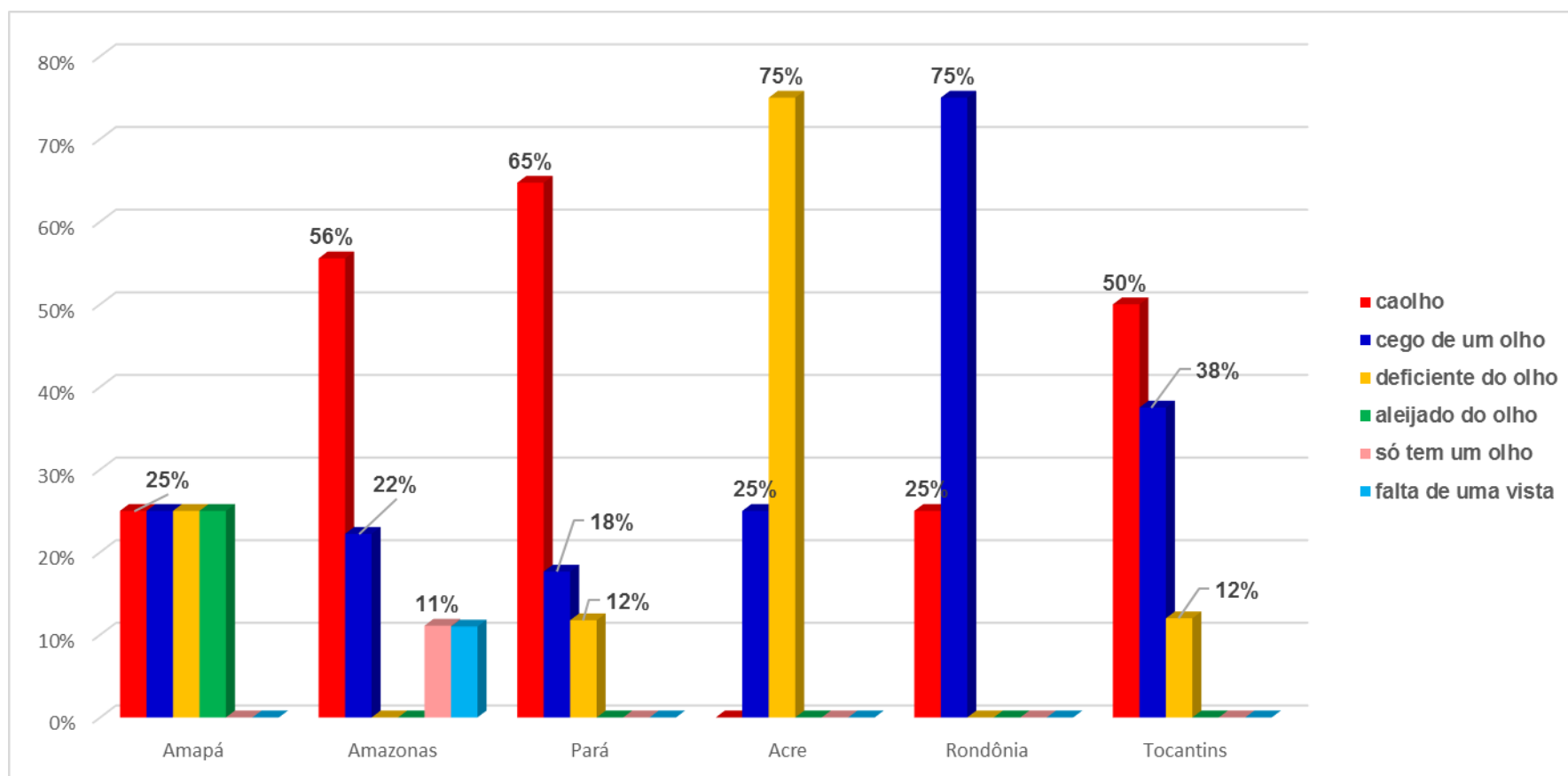
Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Caolho</i>	22	49%	74	64%
<i>Cego de um olho</i>	14	31%	22	19%
<i>Deficiente visual</i>	6	13%	2	2%
<i>Zarolho</i>			8	7%
<i>Falta de uma vista</i>	1	2%	4	3%
<i>Só tem um olho</i>	1	2%	3	3%
<i>Pícego</i>			2	2%
<i>Aleijado do olho</i>	1	2%		
Total	45	100 %	11 5	100 %

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

A Tabela 4 mostra que *caolho* foi o designativo mais produtivo nas duas regiões geográficas em estudo, seguido de *cego de um olho*. Além das respostas válidas, houve uma alta frequência de *cego* nas localidades do interior, 39 ocorrências. O número de não-respostas também foi bem significativo: 23 informantes não responderam à questão em estudo.

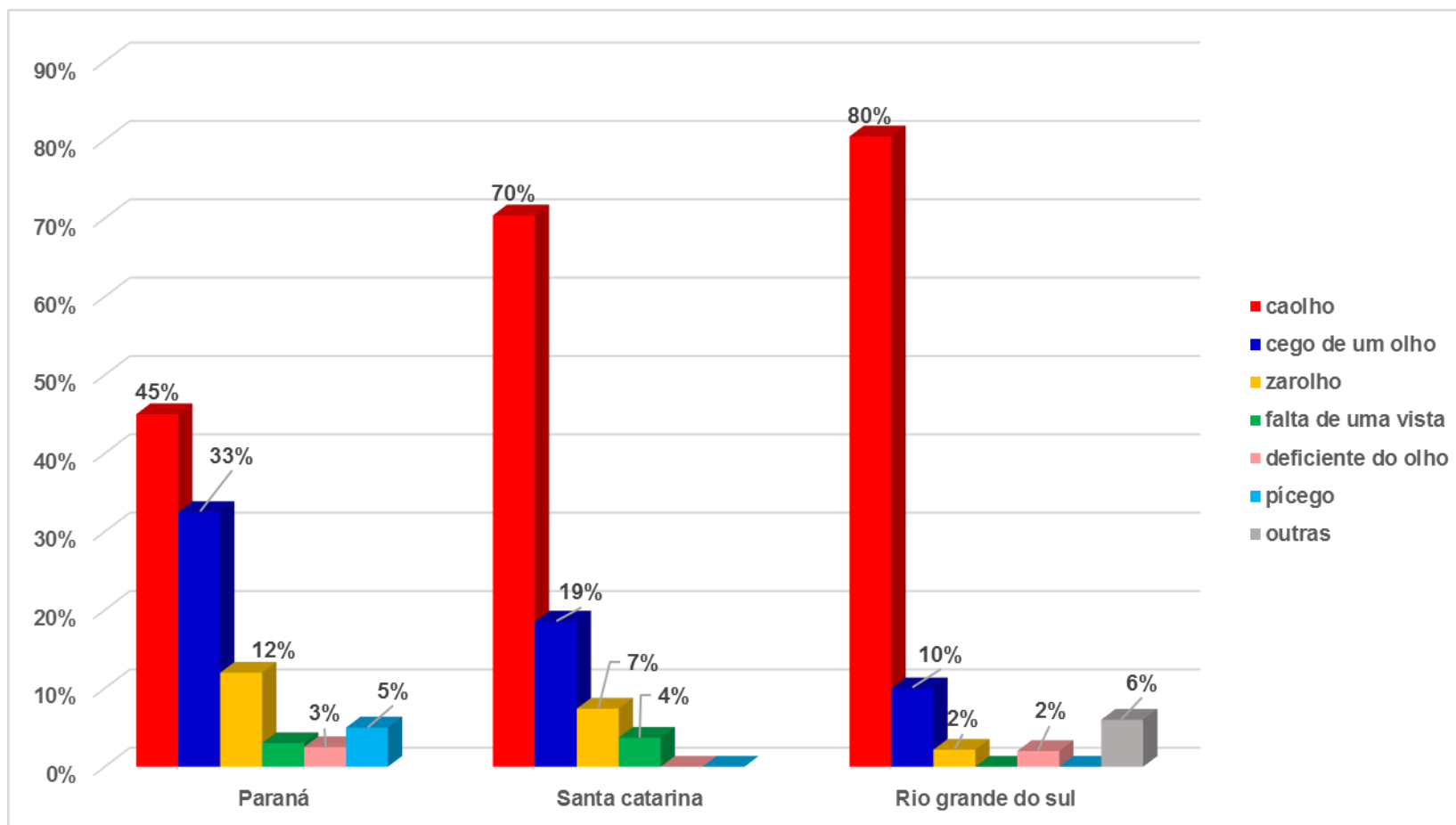
Nota-se que o item lexical *zarolho* foi fornecido apenas na região Sul, com oito ocorrências, o que revela uma possível confusão dos informantes em relação às duas características anatômicas, “só enxergar com um olho” e “ter os olhos voltados para direções diferentes”. *Pícego* foi outro designativo registrado apenas nas localidades sulinas, precisamente, na localidade de Morretes/PR. Em seguida, nos Gráficos 9 e 10 podem ser visualizadas as unidades lexicais segundo as localidades em que foram documentadas.

Gráfico 9 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas localidades do interior da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Gráfico 10 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas localidades do interior da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Os dados das localidades do interior da região Norte trazem dois itens lexicais não registrados nas capitais, *só tem um olho* e *falta de uma vista*. A produtividade das unidades léxicas mostra uma certa heterogeneidade entre os estados, à medida que não há nas localidades do interior uma forma léxica registrada em todas as localidades. No Amapá, registrou-se a ocorrência de quatro designativos, com ocorrência única, *caolho*, *cego de um olho*, *deficiente do olho* e *aleijado do olho*. Já nos estados de Amazonas, Pará e Tocantins, a unidade léxica *caolho* foi a mais produtiva, contrapondo-se com o Acre e Rondônia que tiveram como mais produtiva, respectivamente, *deficiente do olho* e *cego de um olho*. O exame dos dados das localidades do interior da região Norte evidencia diferenças no falar dos estados, visto que Acre e Rondônia se distanciam da norma veiculada no centro da região, especificamente, no Amazonas e no Pará, demonstrando que fatores históricos e geográficos podem ter interferido de forma marcante na construção de uma norma regional das localidades estudadas.

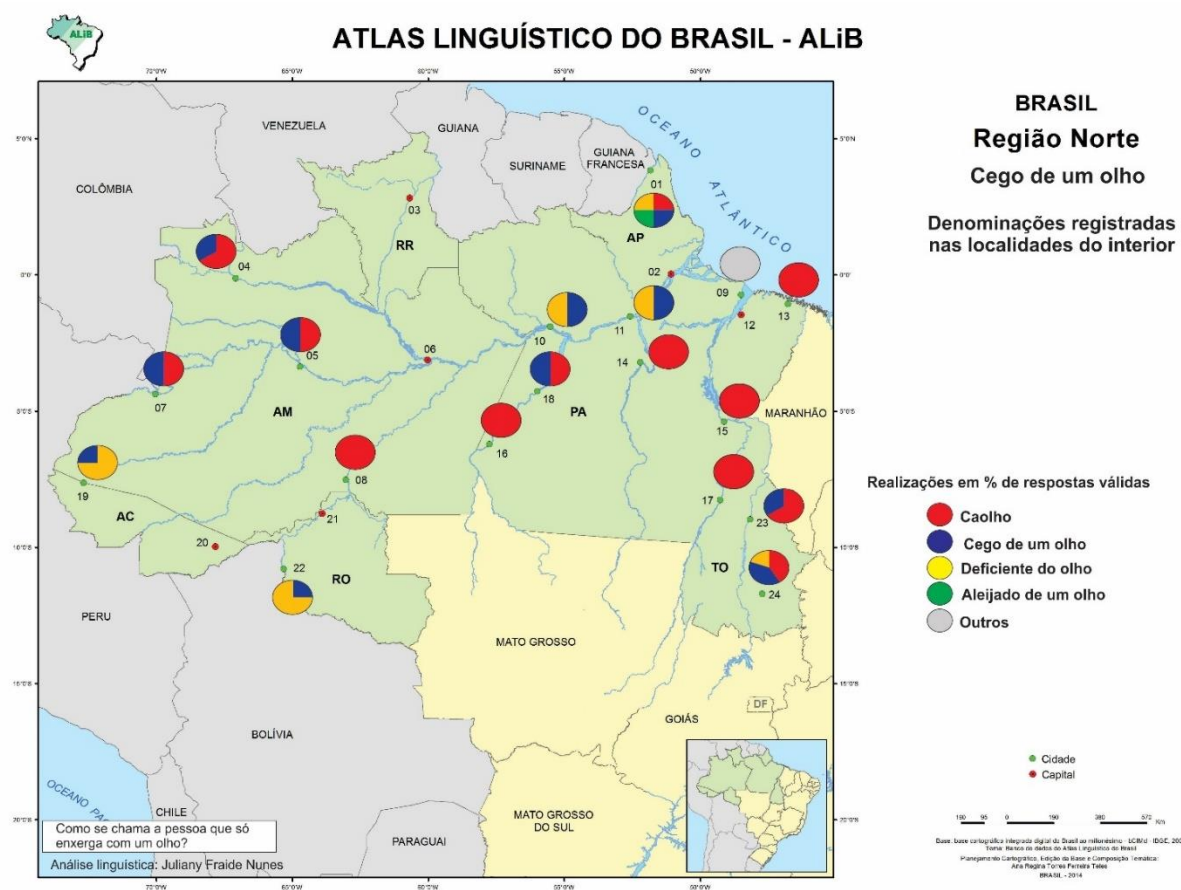
Na região Sul, o conjunto de variantes lexicais analisadas mostra que, embora *caolho* seja a mais produtiva, há outras várias formas de nomear a característica anatômica pelos informantes. Nessa região não se destaca um item léxico com realização no universo em exame.

O Paraná foi o estado em que *caolho* alçou menor produtividade, 45%, dividindo lugar com *cego de um olho*, *zarolho*, *falta de uma vista*, *deficiente do olho* e *pícego*. Essa última unidade léxica foi documentada apenas em Morretes (221), tendo sido fornecida pelos dois informantes do sexo masculino.

Em Santa Catarina, *caolho* obteve 70% das respostas válidas, seguida de outras variantes com menor grau de ocorrências: *cego de um olho*, *zarolho* e *falta de uma vista*.

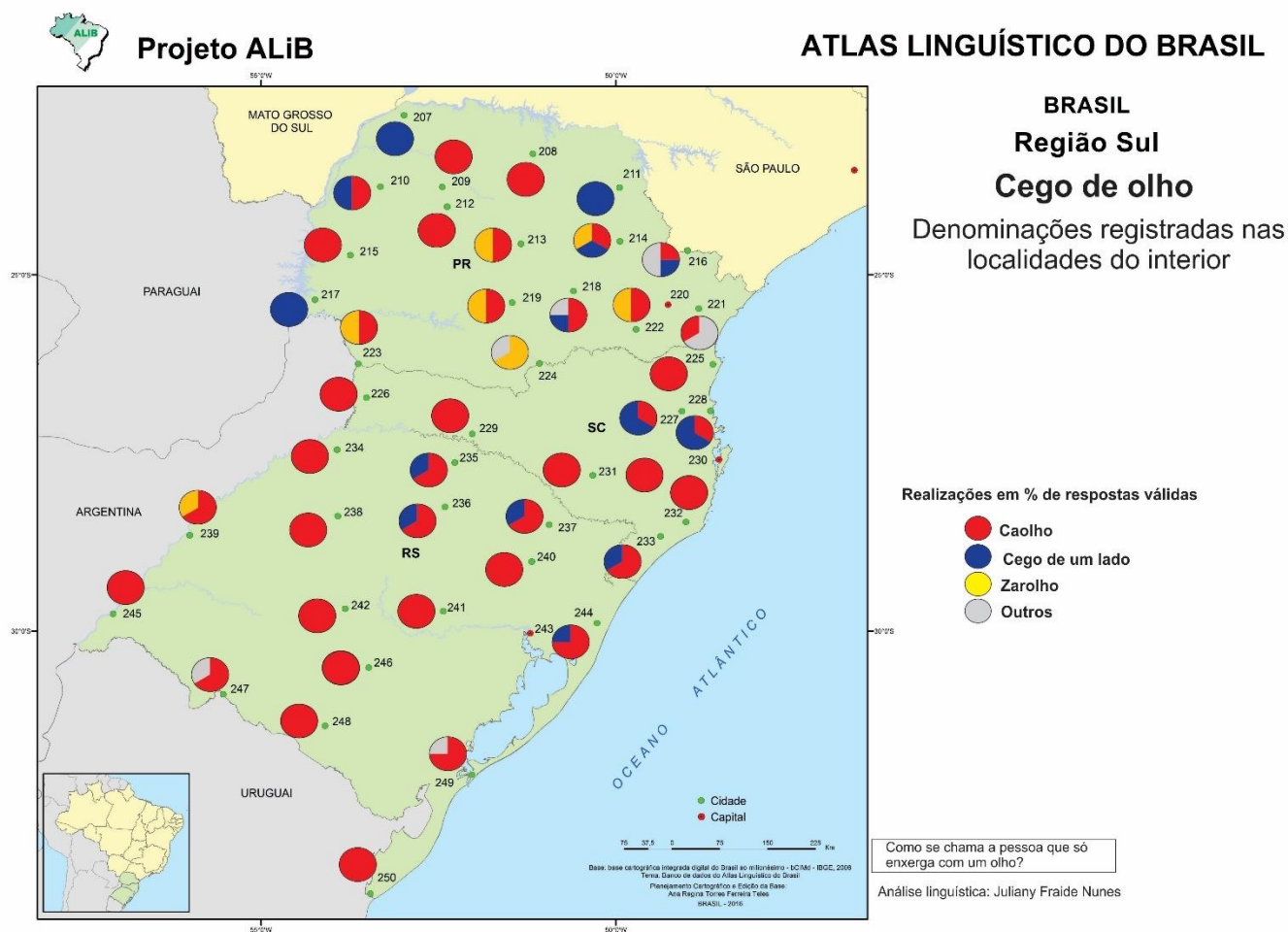
Por fim, no Rio Grande do Sul, além da alta ocorrência de *caolho*, foram documentados mais cinco outros itens léxicos: *cego de um olho*, *zarolho*, *deficiente do olho*, *pouca visão* e *só com um olho*. A seguir, nas figuras 17 e 18 é possível visualizar a disposição desses dados segundo a localidade em que foram documentados.

Figura 17 - Cego de um olho / respostas para a questão 091/QSL em localidades do interior da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Figura 18 - Cego de um olho / respostas para a questão 091/QSL em localidades do interior da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Nota-se pelos dados apresentados na Figura 17 que o item lexical *caolho* se mostra muito frequente nas localidades do interior, principalmente, dos estados do Amazonas e do Pará, concentrando-se na área central do mapa. Às margens, *caolho* vai dividindo espaço com as demais variantes léxicas, até que, em localidades como Cruzeiro do Sul/AC (019) e Guajará Mirim/RO (022) cede lugar aos designativos *cego de um olho* e *deficiente do olho*.

Outras duas localidades que se divergem das demais são Óbidos/PA (010) e Almeirim/PA (011), onde não é registrado o uso de *caolho*, apenas de *cego de um olho* e *deficiente do olho*.

Soure/PA (009) foi a cidade em que foram registradas quatro ocorrências de *cego*, resposta invalidada por não nomear o referente em questão e a ocorrência única de *doente do olho*, por essa razão, está representada pela cor cinza na Figura 17.

Nas localidades do Sul, *caolho* e *cego de um olho* se dispõem de maneira bem marcada, no Paraná, *cego de um olho* foi mais frequente nas localidades do interior, em Santa Catarina, na região Nordeste do Estado e, no Rio Grande do Sul, só é evidente na parte Norte mais para o leste do mapa.

Zarolho tem forte predominância no Paraná, pois dos oito registros desse item léxico, cinco foram em localidades paranaenses. Na fronteira com o Paraná, na localidade de Porto União/SC (224) também duas ocorrências e em São Borja/RS (239) verifica-se um registro de *zarolho*. Esse designativo foi muito citado como resposta para a pergunta 092/QSL “olhos voltados para direções diferentes”. Todavia, a partir da documentação também como resposta para a pergunta 091/QSL, observa-se que falantes não fazem muita diferença entre essas duas características anatômicas.

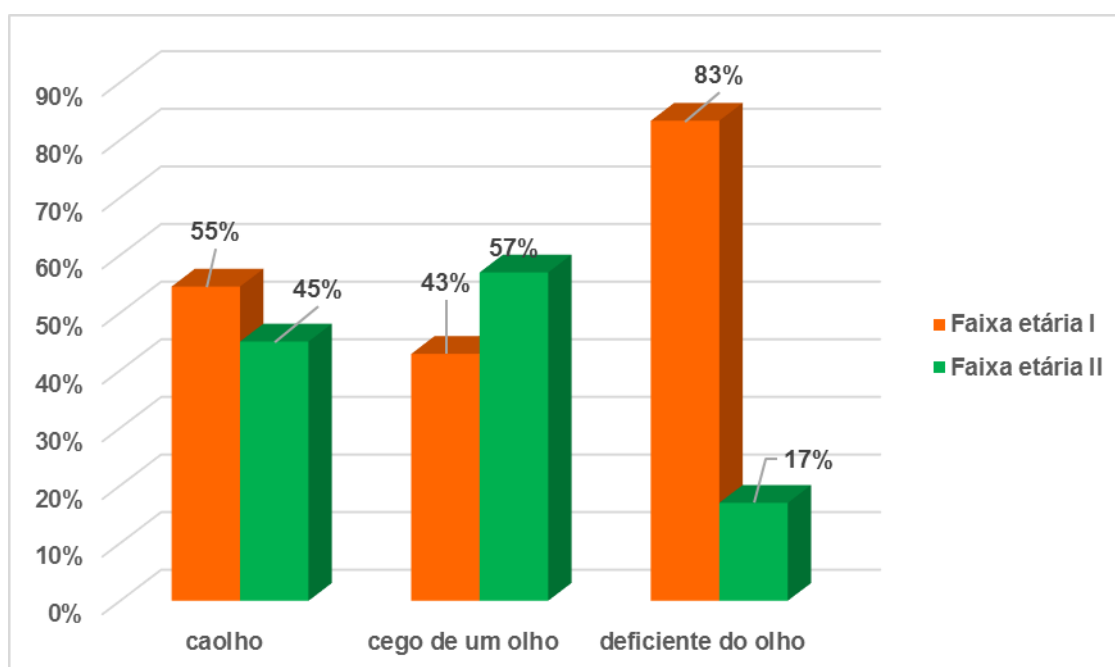
Ainda que com pouca ocorrência, nas localidades do interior da região Sul, constatou-se o registro de outras unidades léxicas. No Paraná, *deficiente do olho* (Morretes/221), *falta de uma vista* (Imbituva/218), *só tem um olho* (Adrianópolis/216), *pícego* (Morretes/221). Em Santa Catarina, *falta de uma vista* (Porto União/224). No Rio Grande do Sul, *deficiente do olho* (Santana do Livramento/247), *falta de uma vista* (São José do Norte/249), *só com um olho* (Vacaria/236).

Focalizada a dimensão diatópica dos dados, na sequência discute-se em que medida fatores sociais interferem nas escolhas dos falantes das duas regiões analisadas, a começar pela questão da variável idade.

4.1.1.2.1 Dimensão diageracional

Para a análise das variáveis sociais, selecionaram-se as unidades lexicais mais produtivas no *corpus*. Assim, no exame dos dados das localidades do interior da região Norte, foram analisadas as três variantes mais produtivas: *caolho*, *cego de um olho* e *deficiente do olho*.

Gráfico 11 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “idade”.

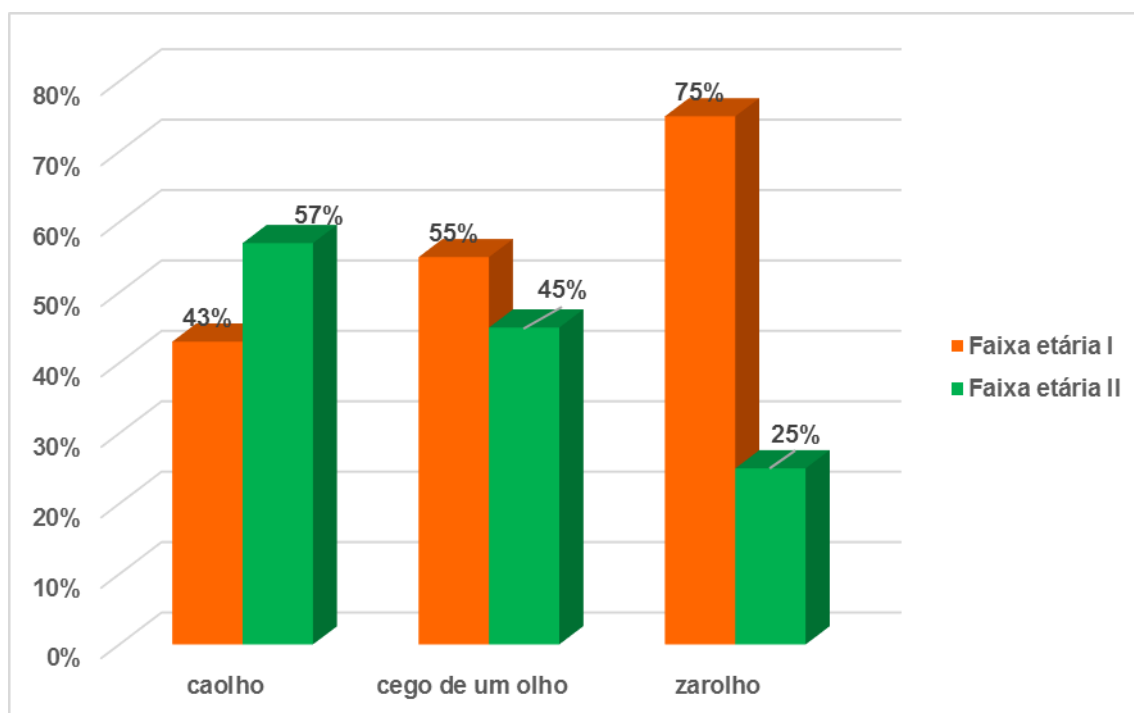


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Na região Norte, *caolho* e *cego de um olho* tiveram ocorrências equilibradas entre as duas faixas etárias, sendo o item léxico *caolho* mais produtivo na faixa etária I e *cego de um olho*, na faixa etária II. Já *deficiente do olho* alçou uma alta produtividade na faixa etária I, que pode ser explicada pelo fato de os falantes mais jovens tentarem utilizar termos mais neutros de

nomeação, que não sejam ofensivos. Nessa região, também, foram apurados mais dois designativos: *aleijado do olho* (Oiapoque/AP/001 – informante feminina, faixa etária I) e *só tem um olho* (Benjamin Constant/AM/004 – informante feminina, faixa etária II) com uma ocorrência cada e duas ocorrências únicas, *doente do olho* (Soure/PA/009 – informante feminina, faixa etária I) e *troncho* (Pedro Afonso/TO/023 – informante feminina, faixa etária II). Na sequência, no Gráfico 12, apresenta-se a distribuição dos dados das localidades do interior da região Sul, segundo a variável “idade”.

Gráfico 12 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Na região Sul, *caolho* alçou maior produtividade junto aos informantes da faixa etária II nas localidades do interior. O resultado ratifica dados das capitais que também apontaram *caolho* como designativo mais produtivo nessa faixa etária. Já as outras duas unidades léxicas, *cego de um olho* e *zarolho*, tiveram mais ocorrências na faixa etária I. Esses dados evidenciam, além da preferência dos informantes segundo a faixa etária, a relação estabelecida entre os itens léxicos, uma vez que *caolho*, termo já arraigado pelo uso, traz

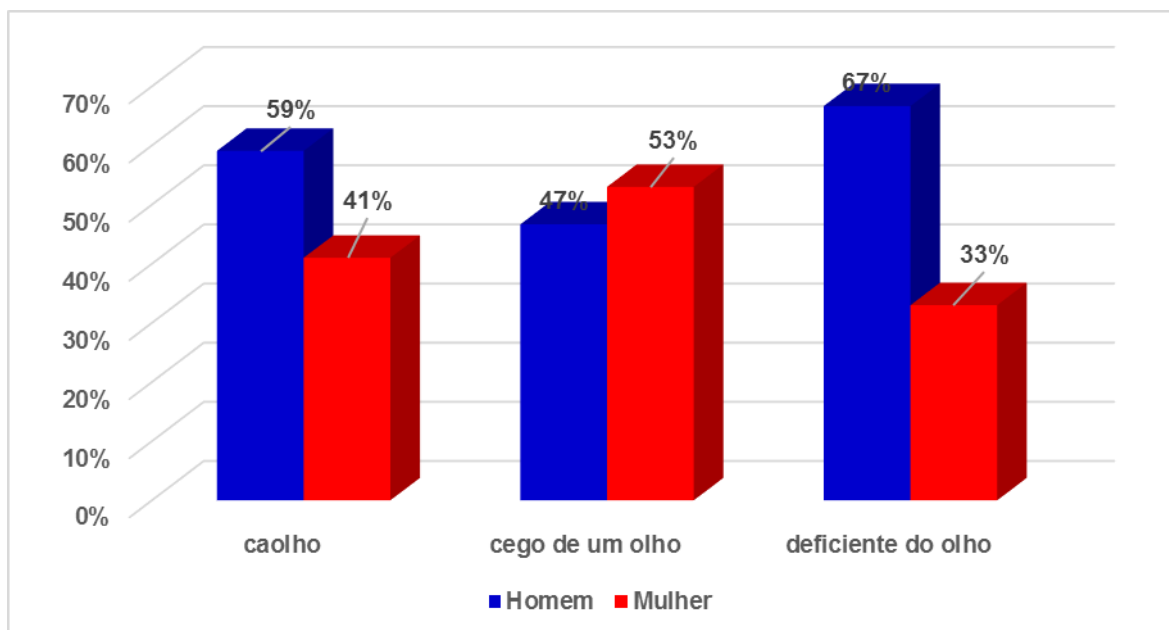
consigo um sentido pejorativo. Assim, percebe-se que os informantes da faixa etária I tentam se desvencilhar dessa relação e optam por itens de carga semântica mais neutra ou, ainda, itens considerados genéricos que podem nomear outros referentes.

As unidades léxicas *deficiente do olho*, *falta de uma vista*, *só tem um olho* e *pícego* também foram documentadas nas localidades do interior da região Sul com menor produtividade. *Deficiente do olho* foi fornecido por duas informantes do sexo feminino, as duas da faixa etária I, nas localidades de Morretes/PR/221 e Santana do Livramento/RS/247. Já *falta de uma vista* obteve quatro ocorrências, três na faixa etária II: Imbituva/PR/218 – informante feminina; Porto União/SC/224 – informante masculino; São José do Norte/RS/249 – informante masculino; e um na faixa etária I: Adrianópolis/PR/216 – informante feminina. *Só tem um olho* e *pícego* foram registradas na fala masculina, a primeira em Adrianópolis/PR/216 – informante faixa etária I e Vacaria/RS/237 – informante faixa etária II e a segunda em Morretes/PR/221 – informantes das duas faixas etárias. Na sequência, discutem-se os dados segundo a variável sexo.

4.1.1.2.2 Dimensão diassexual

Em continuação à análise das variáveis sociais, na dimensão diassexual, é verificado em que medida o sexo dos informantes interfere em suas escolhas. Nesse sentido, no Gráfico 13, visualizam-se as variantes lexicais mais produtivas registradas nas localidades do interior da região Norte, distribuídas segundo a variável sexo.

Gráfico 13 - Distribuição percentual das denominações para *cego um olho* nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “sexo”.



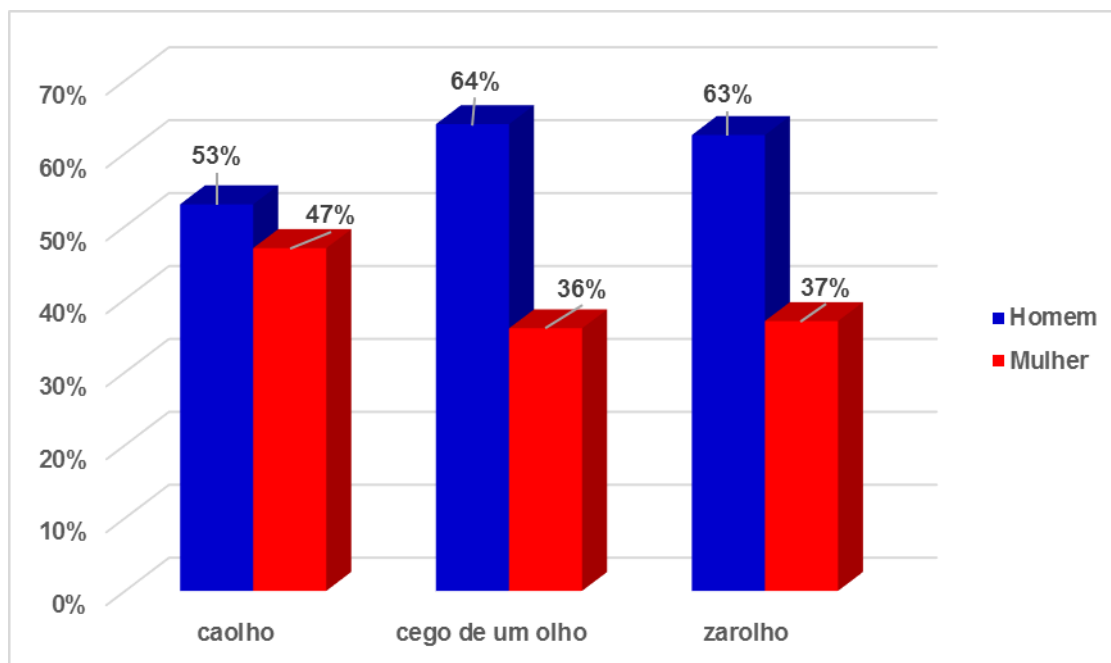
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Diferente das capitais da região Norte, o item léxico *caolho* não permaneceu empatado em termos da variável “sexo”, já que, nas localidades do interior, foi mais produtivo entre os homens, tendência que se confirma nos dados das localidades, uma vez que *caolho* representa uma escolha mais agressiva em relação às demais e, em face disso, é mais frequente entre homens que, normalmente, não controlam em suas escolhas lexicais a questão da maior ou menor agressividade. Em contrapartida, *cego de um olho* foi mais frequente entre as falantes femininas que, ao contrário de *caolho*, configura-se como um item lexical mais neutro que não leva consigo uma carga semântica mais ofensiva. *Deficiente do olho*, por fim, tem uma significativa produtividade entre os homens das localidades pesquisadas.

Outras unidades léxicas também foram mencionadas pelos informantes dessas localidades, com ocorrência única: *aleijado do olho* (Oiapoque/AP/001) e *só tem um olho* (Benjamin Constant/AM/007). Já como ocorrências únicas em todo o *corpus* da pesquisa surgem *doente do olho* (Soure/PA/009) e *troncho* (Pedro Afonso/TO/023), todas essas unidades léxicas foram mencionadas por

mulheres. A seguir, no Gráfico 14, apresenta-se a dimensão diasssexual das variantes lexicais mais produtivas das localidades do interior da região Sul.

Gráfico 14 - Distribuição percentual das denominações para *cego de um olho* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nota-se que as unidades léxicas mais frequentes foram mais produtivas entre os falantes masculinos. Esse fenômeno ocorreu em virtude de grande parte das informantes mulheres ter mencionado como resposta a variante *cego* que foi aqui invalidada por nomear outro referente. Outras unidades léxicas foram também apuradas: *deficiente do olho*, *falta de uma vista*, *só tem um olho* e *pícego*. *Deficiente do olho* foi registrada apenas entre mulheres da faixa etária I, com duas ocorrências, em Morretes/PR/221 e em Santana do Livramento/RS/247. *Falta de uma vista* obteve quatro ocorrências, duas entre mulheres (Adrianópolis/PR/216 e Imbituva/PR/218) e duas entre homens (Porto União/SC/224 e São José do Norte/RS/249). No caso de *só tem um olho* e *pícego*, foram documentadas apenas na fala masculina, a primeira em Adrianópolis/PR/216 e em Vacaria/RS/237 e a segunda em Morretes/PR/221.

Em síntese, a análise das variáveis sociais permite verificar que, no conjunto de respostas das duas regiões pesquisadas, *caolho* foi a mais

produtiva seguida de *cego de um olho*. Nota-se ainda que os dados dessa questão não evidenciaram grandes distinções entre as duas regiões, embora tenham apontado algumas diferenciações entre os estados de cada região, como, no caso, do interior do Norte que mostra como os estados do Acre, de Rondônia e do Tocantins se comportam de forma oposta aos estados do Amazonas e do Pará em termos de escolhas léxicas. As localidades do interior do Sul, por sua vez, como já atestado por Altenhofen (2005, p. 186), valendo-se de Koch (2000), apresentam significativas distinções entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, enquanto Santa Catarina, ora assemelha-se com o estado paranaense, ora com o rio-grandense do Sul. Em relação aos dados das capitais, os dados não demonstraram grandes diferenças. No próximo tópico, analisam-se os aspectos semânticos das unidades lexicais em exame.

4.1.2 Análise semântica

Para nomear a “pessoa que só enxerga com um olho” foram discutidas dez designações, a saber: aleijado do olho, caolho, cego de um olho, deficiente do olho, doente do olho, falta de uma vista, pícego, só tem um olho, troncho e zarolho. O Quadro 10 registra a dicionarização dessas unidades lexicais segundo diferentes dicionários.

Quadro 10 – Dicionarização das unidades lexicais apuradas como denominação para *cego de um olho* nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Dicionário	Ferreira (2004)	Houaiss (2001)	Moraes Silva (1813)	Bluteau (1712-1728)
<i>Aleijado do olho</i>	“1. Que tem algum defeito, deformidade ou mutilação física; defeituoso, estropiado”.	“1 que ou o que tem alguma imperfeição ou mutilação física”.		
<i>Caolho</i>		“1 que ou quem não tem um dos olhos”.		
<i>Cego de um olho</i>				
<i>Deficiente do</i>	“1. Em que há	“1 que tem algum		

<i>olho</i>	deficiência; falho, imperfeito”.	a deficiência; falho, falto”.		
<i>Doente do olho</i>	“1. Que tem doença; enfermo”.	“1 que ou quem possui alguma enfermidade; enfermo. 2 que ou aquele que padece de algum mal físico e/ou moral”.		
<i>Falta de uma vista</i>				
<i>Pícego</i>	“1. Bras. Pessoa míope, vesga, que enxerga mal”.	“pessoa que enxerga mal, que é míope ou vesga”.		
<i>Só tem um olho</i>				
<i>Troncho</i>	“1. Privado de algum membro ou ramo; mutilado, tronco, truncado”.	“1 membro cortado”.		
<i>Zarolho</i>	“1. Cego de um olho”.	“1 que não tem um olho, ou é cego de um olho”.		“Zanolho. Falta de hum do olho, ou que os tem atravessados.”

Fonte: Elaborado pela autora com base em Ferreira (2004); Houaiss (2001); Moraes Silva (1813); Bluteau (1712-1728).

Os itens elencados no Quadro 10, em sua maioria, não estão dicionarizados nas obras lexicográficas consultadas, pois são formas compostas formadas pelos indivíduos e solidificados pela norma, assim, embora, não estejam registradas em dicionários, são muito frequentes e recorrentes na fala dos informantes como, por exemplo, *aleijado do olho*, *deficiente do olho*, *doente do olho* e *troncho*.

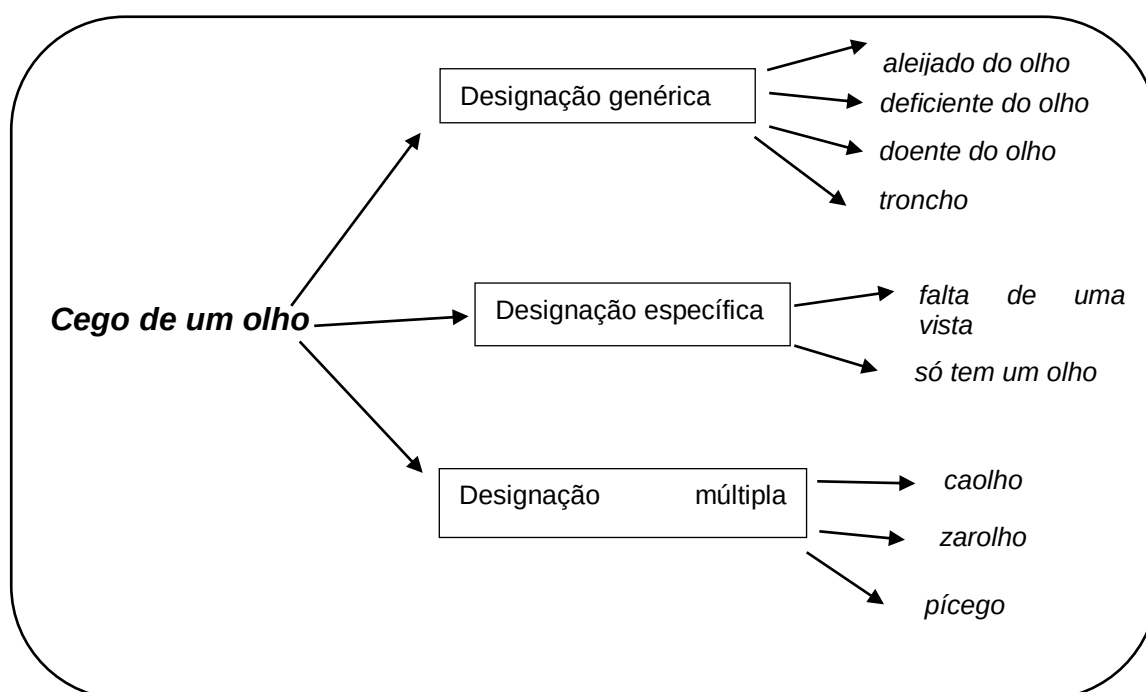
Observa-se que, dos designativos catalogados, *cego de um olho*, ainda não dicionarizado, é o que melhor remete ao sema da pergunta “pessoa que só enxerga com um olho”. Em continuação, os itens léxicos *falta de uma vista* e *só tem um olho* também respondem ao sema solicitado na questão em estudo.

É muito comum os informantes confundirem o teor das perguntas 091/QSL e 092/QSL pela similaridade de características anatômicas, nesse sentido, é muito comum fornecerem a mesma resposta para as duas questões. Há também o fato que o mesmo designativo tem diferentes sentidos em distintas localidades. Esse foi o caso observado com as variantes léxicas

caolho, *zarolho* e *pícego* que, com exceção da última, são muito frequentes como respostas para a 092/QSL, em especial, *zarolho* que é a resposta mais produtiva na região Norte do Brasil para “vesgo”. Notou-se pela análise dos dados que o item lexical *zarolho* foi produtivo nas localidades do interior do estado do Paraná, e na pergunta 092 esse designativo é muito comum também nessas mesmas localidades, o que pode evidenciar que os informantes dessa região não fazem diferenciação entre uma anomalia e outra.

A partir da análise semântica dos dados foi possível verificar a presença de três traços semânticos fundamentais: i) designação genérica; ii) designação específica e iii) designação múltipla função que nomeia os referentes expressos na pergunta 091/QSL (Figura 19).

Figura 19 - Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos estabelecidos por Pottier (1978).



Fonte: Elaborada pela autora.

4.1.2.1 Tabus linguísticos

Das áreas da vida cotidiana perpassadas pelo tabu, com certeza, a do corpo humano é uma das mais expressivas, pois a cultura do ser humano é indissociável de seu corpo, tudo que vai à mente, passa antes pelo corpo físico,

por isso o tabu se torna intrínseco ao ser. Ao considerar todas as áreas do corpo humano, sem dúvida, o tabu está presente nos assuntos relacionados ao olho, uma vez que essa parte do corpo é como a janela do mundo por onde tudo passa.

Que o corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir (RODRIGUES, 2006, p. 62).

O olho como parte desse corpo sofre com as forças tabuísticas, desde as antigas civilizações em que era proibido denominar esse membro por ele referenciar o sol, maior deus de tribos malaias (GUÉRIOS, 1979, p. 122). No universo da pergunta 091/QSL, entende-se que *caolho* e *zarolho* podem ser considerados tabus, pois é consenso entre os informantes que esses itens léxicos podem ser usados como pejorativos e que, na maioria das vezes, é melhor evitá-los a fim de não magoar quem carrega essa deficiência corporal.

Dentre as unidades lexicais levantadas como respostas para essa pergunta, verificaram-se casos de disfemismo, de expressão genérica e de designações específicas. Como disfemismo foram consideradas as unidades lexicais *caolho*, *zarolho*, *pícego* e *troncho*. Esta última, embora esteja entre as designações genéricas, tem cunho pejorativo ao denominar partes do corpo. Já como expressão genérica foram classificados os itens léxicos *aleijado do olho*, *deficiente do olho* e *doente do olho*. Por fim, como designações genéricas, assim chamadas, pois não fazem parte do grupo de disfemismos por não serem pejorativas e, também, não se agrupam às expressões genéricas por nomearem apenas o conceito em pesquisa, *falta de uma vista*, *só tem um olho* e *cego de um olho*. Finalizadas as análises da pergunta 091/QSL, a próxima seção apresenta as discussões referentes à pergunta 092/QSL – *vesgo*.

4.2 - QSL 092 – A pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes

Ao todo, para nomear o conceito expresso pela pergunta 092/QSL, foram registradas nove variantes lexicais em um total de 334 ocorrências. Na Tabela é visualizada a produtividade das variantes levando em conta todo o universo pesquisado, ou seja, regiões Norte e Sul do Brasil.

Tabela 5 - Distribuição percentual das designações para *vesgo* nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Item lexical	Nº de ocorrências	Porcentagem
<i>Vesgo</i>	198	59%
<i>Zarolho</i>	77	23%
<i>Estrábico</i>	28	8%
<i>Caolho</i>	9	3%
<i>Olho torto</i>	7	2,1%
<i>Birolho</i>	7	2,1%
<i>Instalação trocada</i>	4	1,2%
<i>Olho atravessado</i>	2	0,6%
<i>Mirolho</i>	2	0,6%
Total	334	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

A partir dos dados apresentados na Tabela 5 observa-se que *vesgo* foi o designativo mais citado pelos informantes para nomear a característica anatômica em análise com mais de 59% de ocorrências em todo o universo pesquisado, seguido de *zarolho*, o segundo mais mencionado pelos falantes (23%), e de *estrábico* (8%). Na Tabela 6 são informadas as porcentagens das variantes documentadas segundo a região geográfica.

Tabela 6 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* entre as regiões Norte e Sul do Brasil.

Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Vesgo</i>	57	40%	141	74%
<i>Zarolho</i>	63	44%	14	7%
<i>Estrábico</i>	11	8%	17	9%
<i>Caolho</i>	2	1%	7	4%

<i>Olho torto</i>	5	3%	2	1%
<i>Birolho</i>			7	4%
<i>Instalação trocada</i>	4	3%		
<i>Olho atravessado</i>	2	1%		
<i>Mirolho</i>			2	1%
Total	144	100%	190	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Verifica-se, na Tabela 6, que enquanto na região Norte *zarolho* foi a forma mais produtiva, na região Sul *vesgo* teve um maior número de ocorrências, o que evidencia uma diferença significativa no falar das duas regiões no que diz respeito às denominações para o referente em pauta. Em terceiro lugar, *estrábico* tem o mesmo percentual nas duas regiões. Já as designações *instalação trocada* e *olho atravessado* foram registradas somente na região Norte, enquanto *birolho* e *mirolho* tiveram registro apenas na região Sul. Na sequência, para melhor visualização, apresentam-se os dados registrados nas capitais das duas regiões geográficas.

4.2.1 Análise geossociolinguística

4.2.1.1 Capitais

Nas capitais das duas regiões geográficas estudadas foram apuradas oito variantes lexicais. A Tabela 7 traz a distribuição e a produtividade dos dados das capitais dos estados pertencentes às regiões pesquisadas.

Tabela 7 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas capitais das regiões Norte e Sul do Brasil.

Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Vesgo</i>	27	43%	21	84%
<i>Zarolho</i>	20	31%		
<i>Estrábico</i>	9	14%	2	8%

<i>Caolho</i>	1	2%	1	4%
<i>Olho torto</i>	1	2%		
<i>Instalação trocada</i>	3	5%		
<i>Olho atravessado</i>	2	3%		
<i>Mirolho</i>			1	4%
Total	63	100%	25	100%

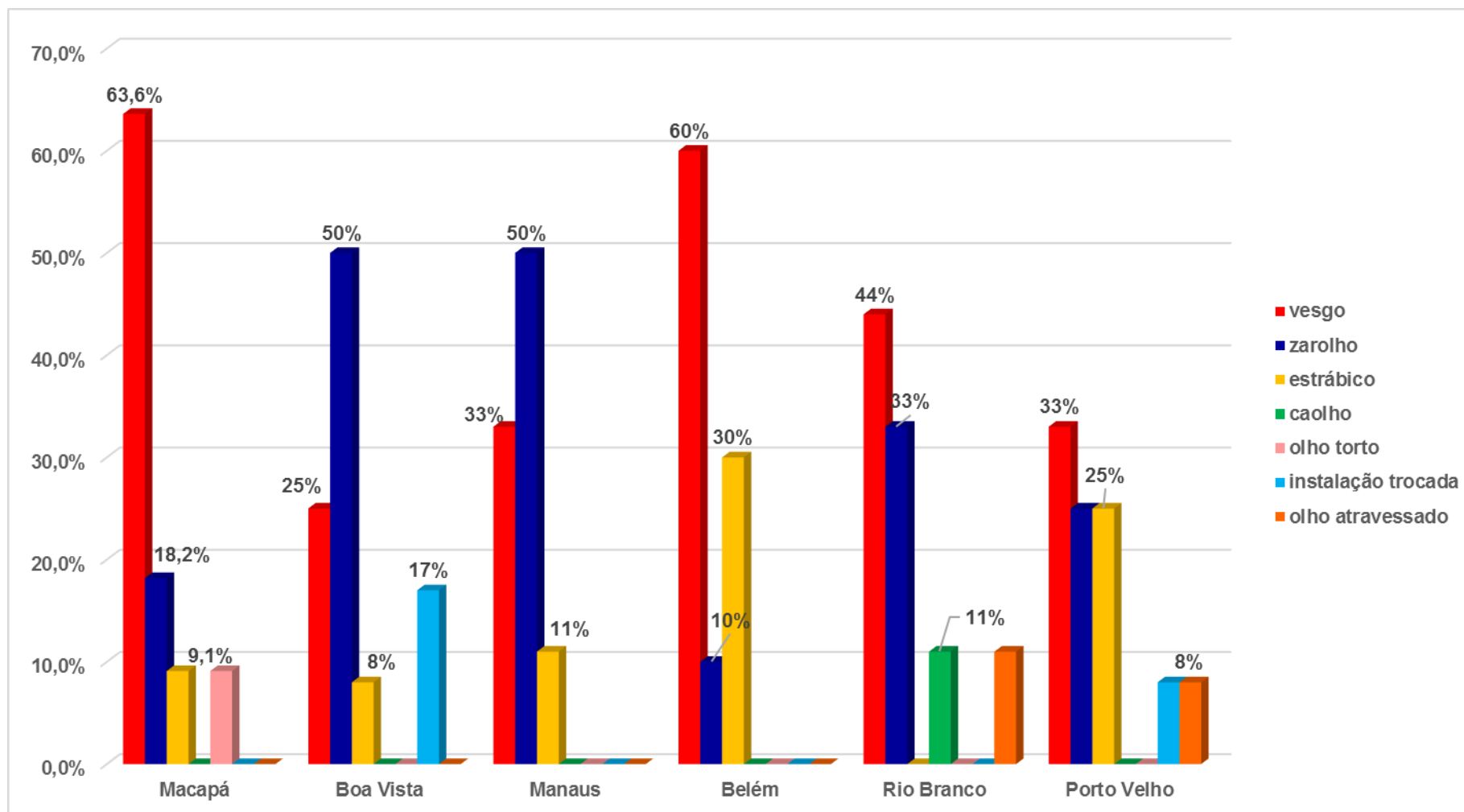
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Nota-se, pela Tabela 7, uma maior diversidade de designativos na região Norte, fenômeno que pode ser explicado pelos diferentes fluxos migratórios internos, ora oriundos da região Nordeste, ora entre os estados da própria região Norte, o que acarreta um leque de falares. Já na região Sul, os dados demonstram uma norma homogênea no universo das capitais, sem muitas variações, com a predominância de *vesgo*.

Nas capitais do Norte, há duas formas léxicas em competição, no caso, *vesgo* e *zarolho*, que quase estão empatadas em termos de índice de produtividade. Nessa região, *zarolho* mostra-se muito frequente em detrimento da região Sul que, nas capitais, nem é registrado. *Olho torto*, *instalação trocada* e *olho atravessado* foram outras designações que só foram fornecidas nas capitais do Norte.

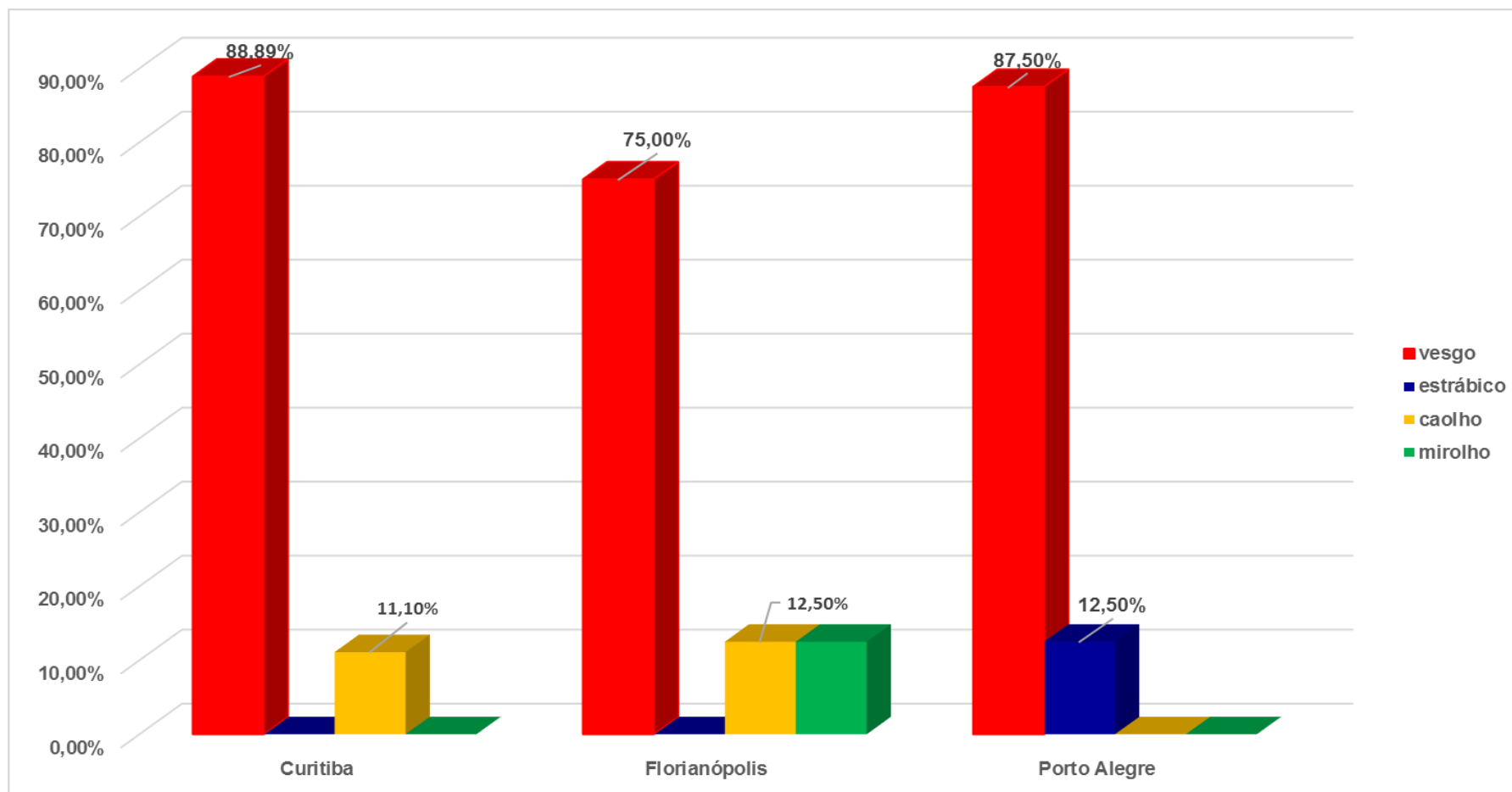
Já *mirolho* obteve uma única ocorrência na região Sul, especificamente, em Florianópolis/SC, unidade léxica essa que vai ser muito recorrente nas localidades do interior. No universo das capitais pode-se verificar distinções entre as duas regiões. Os gráficos 15 e 16 trazem as variantes registradas nas capitais das regiões Norte e Sul.

Gráfico 15 - Distribuição percentual das denominações para vesgo nas capitais da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Gráfico 16 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas capitais da região Sul.



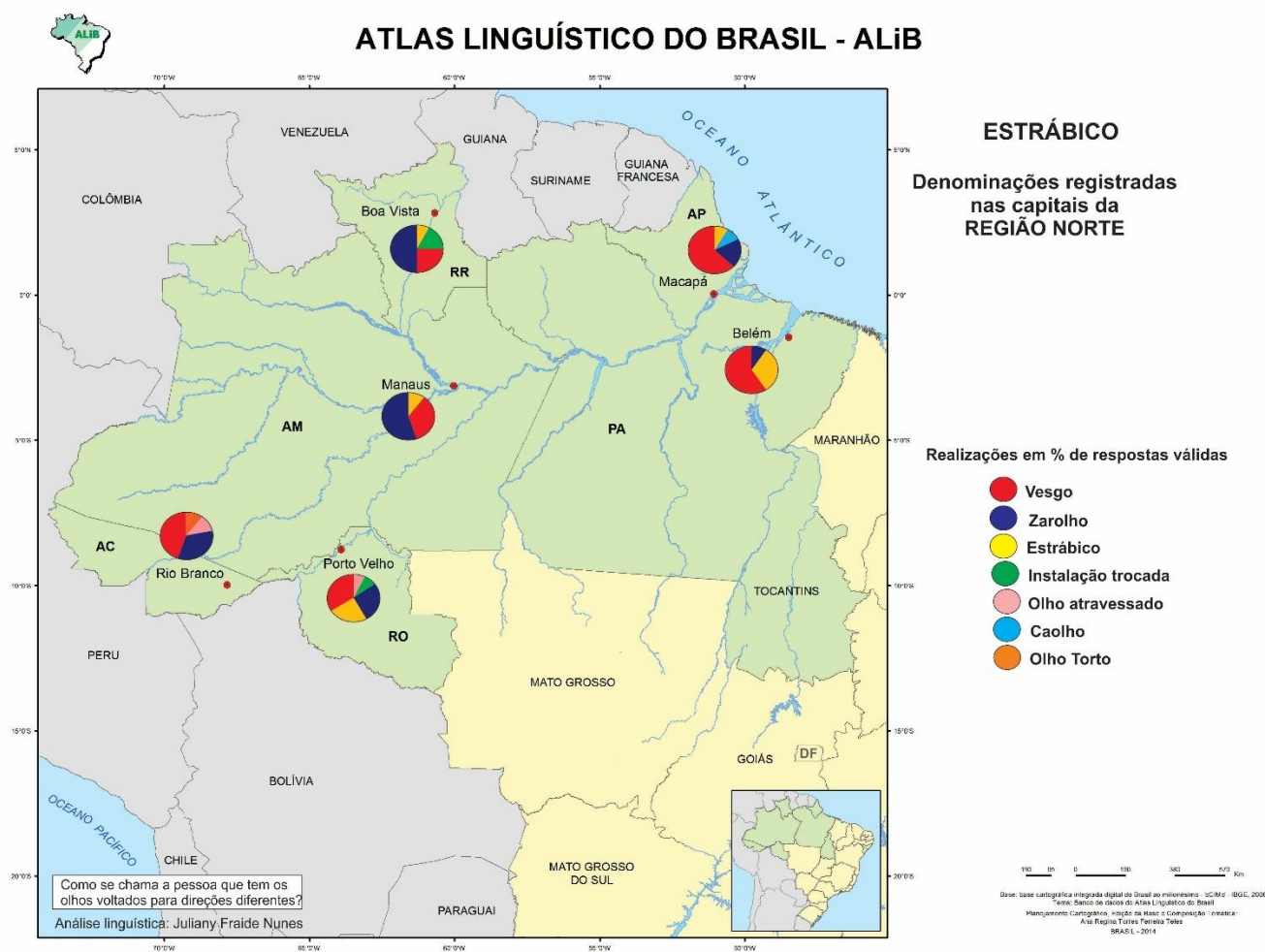
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nas capitais da região Norte, conforme se observa no Gráfico 15, *vesgo* foi a variante mais produtiva em quatro capitais, ao contrário de *zarolho* que se destacou em duas, ainda que figure em todas as localidades. Diferente da pergunta 091/QSL, em Manaus/AM e em Belém/PA, os dados se divergem, com a variante léxica mais frequente em cada uma delas, respectivamente, *zarolho* e *vesgo*.

Em Macapá/AP e em Belém/PA, *vesgo* alça grande produtividade, o mesmo ocorre com *zarolho* em Boa Vista/RR e em Manaus/AM, enquanto em Rio Branco/AC e em Porto Velho/RO, as duas unidades léxicas estão equilibradas, com índices de ocorrência quase empatados. O item léxico *estrábico*, muito utilizado pelos informantes de nível superior, só não está registrado na capital de Rio Branco/AC, única onde foi registrado *caolho*. Outros designativos também foram documentados, como *olho torto*, em Macapá/AP, *instalação trocada*, em Boa Vista/RR e em Porto Velho/RO e *olho atravessado*, em Rio Branco/AC e em Porto Velho/RO.

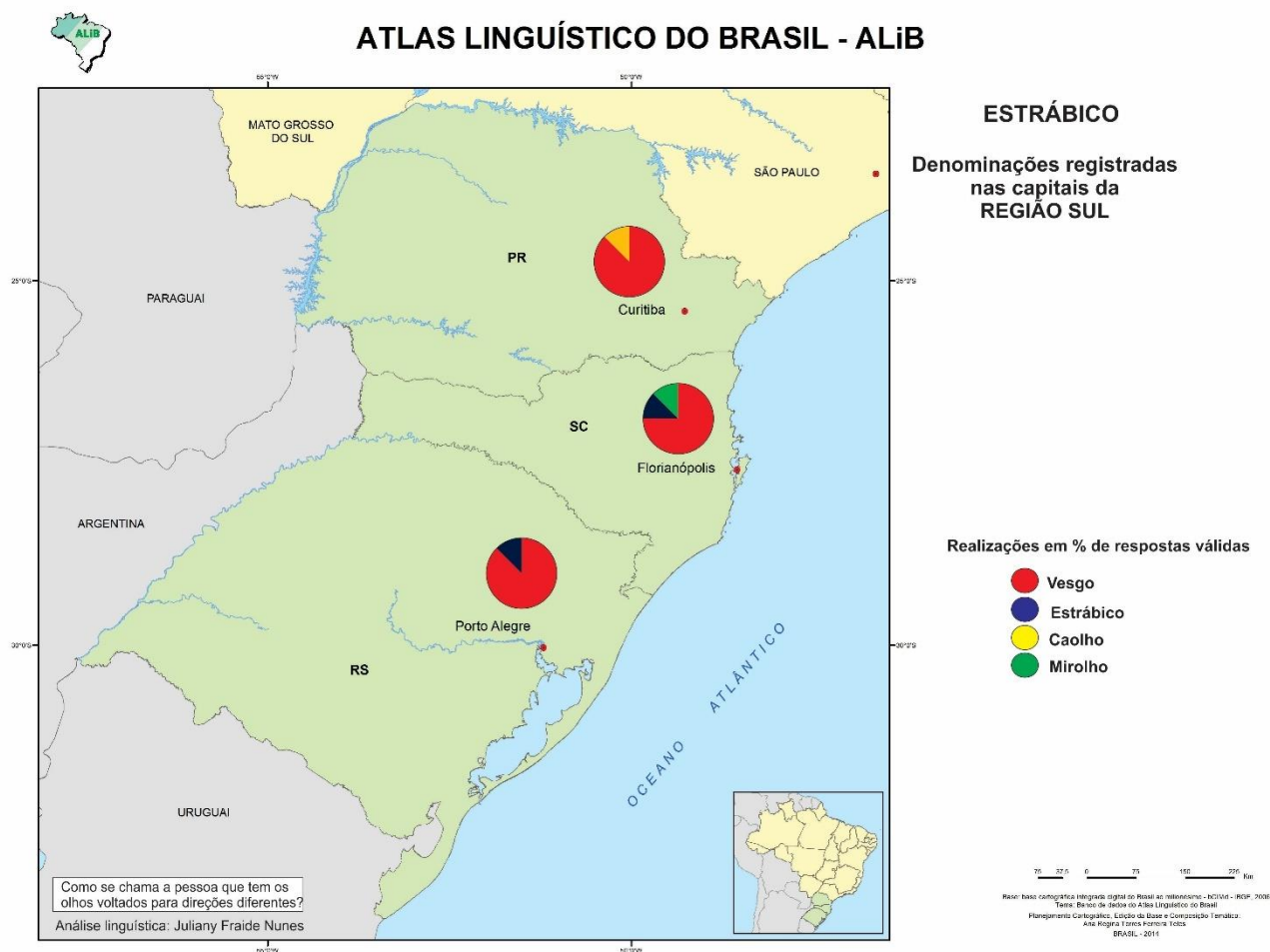
Nas capitais da região Sul, diferente da região Norte, há uma unidade léxica (*caolho*) que se sobressai e outras três com baixo índice de frequência, isso mostra que nessa região há uma forma léxica solidificada pelo uso e utilizada por quase todos seus informantes sem o registro de segundas ocorrências. O designativo *estrábico* só é fornecido em Porto Alegre/RS por um informante, enquanto *caolho* aparece em Curitiba/PR e em Florianópolis/SC, nessa última capital, acrescenta-se *mirolho*. A partir dos dados das capitais, já se verifica distinções importantes entre as regiões. Na sequência, nas figuras 20 e 21, é visualizada a disposição dos dados lexicais nas capitais em estudo.

Figura 20 - Vesgo / resposta para a questão 092/QSL nas capitais da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Figura 21- *Vesgo* / resposta para a questão 092/QSL nas capitais da região Sul.



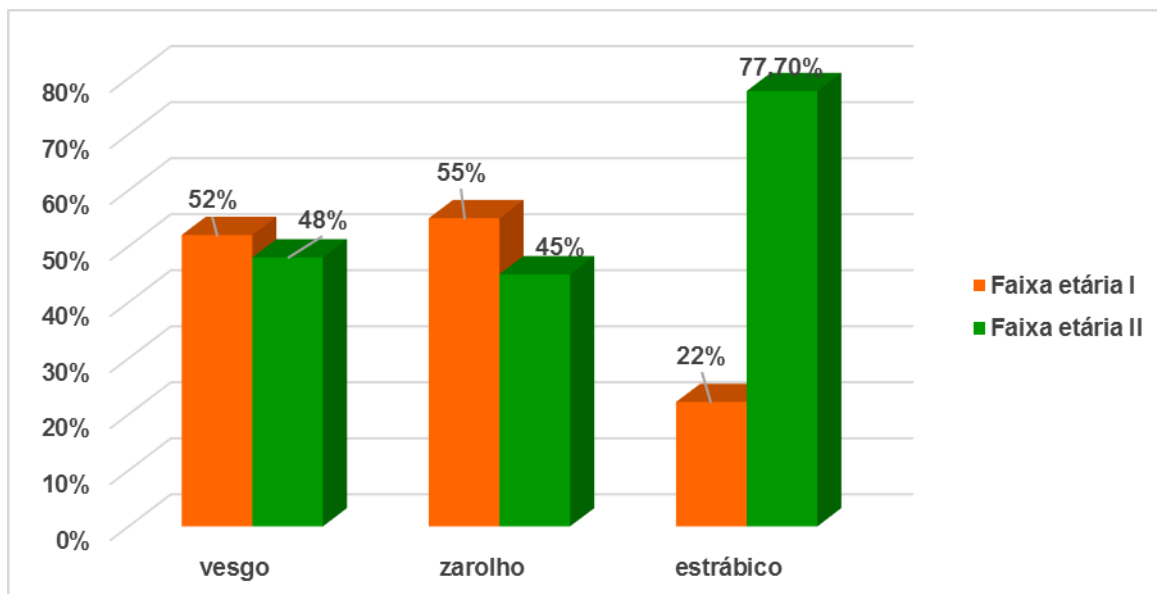
Na Figura 20, carta linguística das capitais da região Norte, observa-se que *vesgo* e *zarolho* têm ampla distribuição entre as localidades, porém com índices de frequência distintos. Em Macapá/AP e em Belém/PA, *vesgo* alça maior produtividade, diferenciando-se das capitais vizinhas Manaus/AM e Boa Vista/RR que registram *zarolho* como mais recorrente. As demais unidades léxicas têm disposição difusa no território, não representando áreas dialetais.

Já, na Figura 21, carta linguística das capitais da região Sul, o mapeamento dos dados evidencia a significativa produtividade de *vesgo* em detrimento de *estrábico*, *caolho* e *mirolho*. O registro de *estrábico* se deu em duas capitais com apenas duas ocorrências. *Caolho* foi fornecida apenas em Curitiba/PR, esse designativo foi muito produtivo na pergunta 091/QSL. Mais adiante, nos dados das localidades do interior, será possível analisar a maior frequência de *mirolho* e de outra forma bem semelhante, *birolho*. A fim de verificar traços sociais nas escolhas dos informantes, nos próximos tópicos, são analisados os dados segundo as variáveis idade, sexo e escolaridade, a começar pela idade.

4.2.1.1.1 Dimensão diageracional

Para analisar essa variável social foram selecionadas as variantes mais produtivas fornecidas nas capitais de cada região. Assim, no Norte, figuram no gráfico os itens léxicos *vesgo*, *zarolho* e *estrábico* e, no Sul, *vesgo*. No Gráfico 17 podem ser verificadas as unidades léxicas mais produtivas da região Norte.

Gráfico 17 - Distribuição percentual das denominações para vesgo nas capitais da região Norte, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

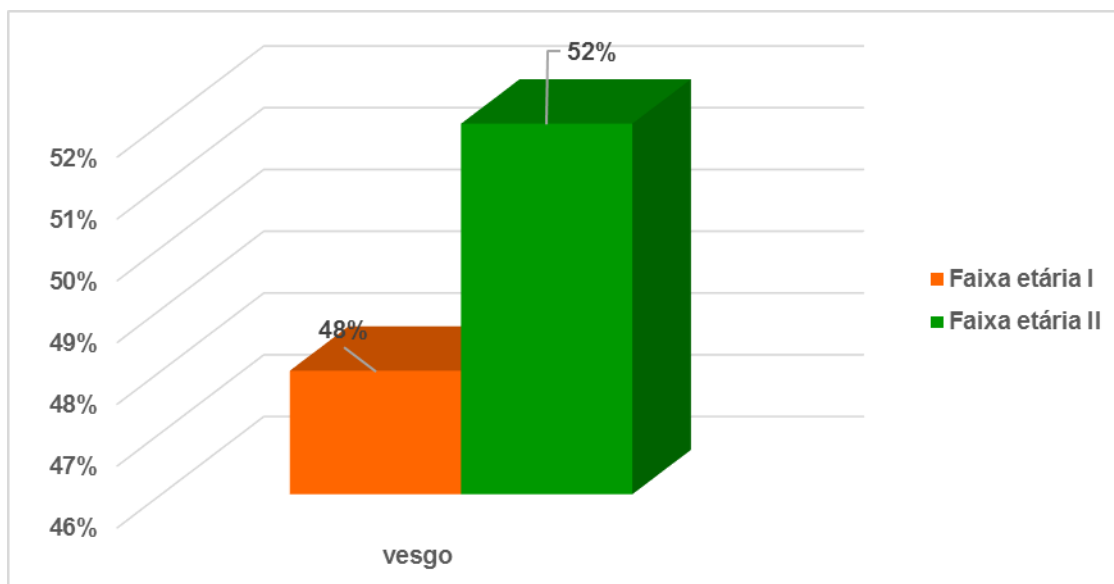
No Gráfico 17, observa-se uma distribuição equilibrada de *vesgo* e *zarolho* entre a faixa etária I e a faixa etária II. Já a forma *estrábico* foi mais produtiva entre os informantes da faixa etária II.

O designativo *instalação trocada* obteve três ocorrências, todas na faixa etária II de curso superior, nas capitais de Porto Velho/RO e Boa Vista/RR, isso demonstra que o uso dessa unidade léxica demarca uma norma lexical anterior e que pode estar em vias de desuso. A mesma situação ocorre com os itens léxicos *caolho* e *olho atravessado* que também só foram registrados entre falantes da faixa etária II, diferente de *instalação trocada*, essas foram documentadas na fala dos informantes de Ensino Fundamental. No universo das capitais do Norte, *olho torto* teve uma ocorrência em Macapá/AP, pelo informante da faixa etária I, masculino de Ensino Fundamental.

Os dados apresentados evidenciam diferentes traços na fala dos falantes dessa região, com itens como *vesgo* e *zarolho*, mais produtivos na faixa etária I, o que demonstra uma norma lexical contemporânea e itens léxicos só registrados na fala da faixa etária II, podendo evidenciar formas léxicas que, com o tempo, vão desaparecer da fala dos indivíduos das

localidades onde foram registradas. No Gráfico 18 segue a distribuição dos dados da região Sul segundo critérios diageracionais.

Gráfico 18 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas capitais da região Sul, segundo a variável “idade”



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

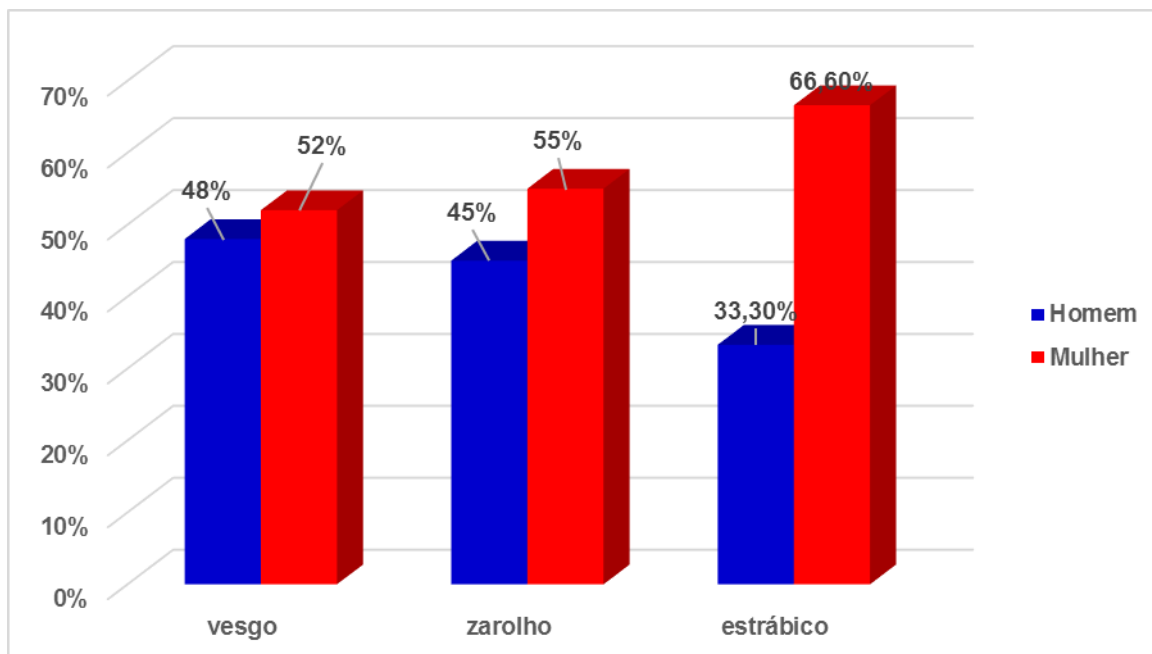
Nas capitais do Sul, verificou-se que *vesgo* está mais presente entre os informantes da faixa etária II, ratificando a proposição de uma norma lexical vigente com a maior produtividade desse item lexical. Como menor frequência, os itens *caolho* e *mirolho* tiveram uma ocorrência cada e, *estrábico*, duas, todas na faixa etária I.

Caolho e *mirolho* foram fornecidos, respectivamente, nas capitais de Curitiba/PR (informante feminina, Ensino Fundamental) e Florianópolis/SC (informante masculino, Ensino Fundamental). Já, *estrábico* foi registrado em Florianópolis/SC (informante feminina, Curso Superior) e em Porto Alegre/RS (informante feminina, Ensino Fundamental). Nos dados das capitais sulistas, observa-se um item léxico (*vesgo*) mais solidificado na fala dos informantes e formas mais recentes (*caolho*, *mirolho* e *estrábico*) que incorporam essa norma vigente na região. Na sequência, discutem-se os dados lexicais segundo a variável “sexo”.

4.2.1.1.2 Dimensão diassexual

Segundo essa dimensão prevalece a escolha pelas unidades léxicas mais produtivas no universo da região pesquisada. Nesse sentido, no Gráfico 19, observam-se os designativos mais produtivos nas capitais da região Norte.

Gráfico 19 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas capitais da região Norte, segundo a variável “sexo”



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

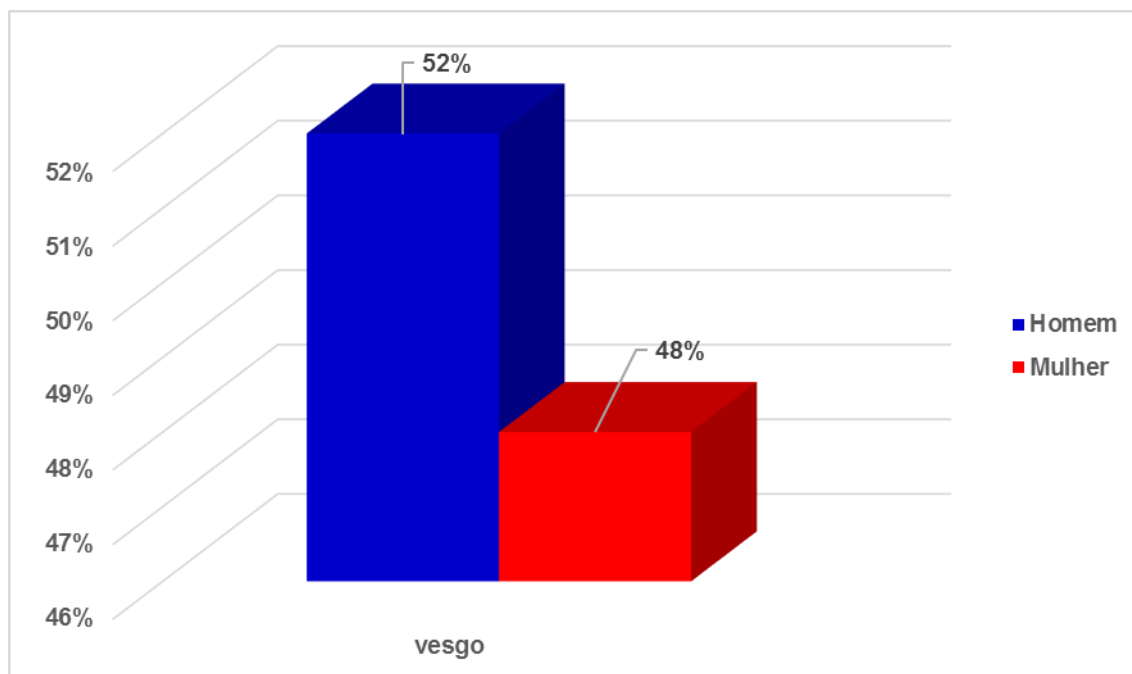
No caso de *vesgo* e de *zarolho*, a distinção é tênue, não há uma grande disparidade. Já *estrábico* é um designativo majoritariamente feminino, em detrimento dos itens léxicos *caolho* (Rio Branco/AC) e *olho torto* (Macapá/AP), ambos fornecidos apenas por homens.

O designativo *olho atravessado* foi registrado apenas na fala das mulheres nas capitais de Porto Velho/RO e Rio Branco/AC. As três ocorrências de *instalação trocada*, por seu turno, foram documentadas na fala entre os informantes de Porto Velho/RO (informante masculino) e Boa Vista/RR (informante masculino e informante feminino).

As variantes léxicas foram mais produtivas entre as mulheres, pois, em sua maioria, forneceram mais de uma resposta, o que, no conjunto dos dados,

representou maior índice de ocorrências do que entre os homens. A seguir, no Gráfico 20, dispõem-se os dados das capitais da região Sul.

Gráfico 20 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas capitais da região Sul, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

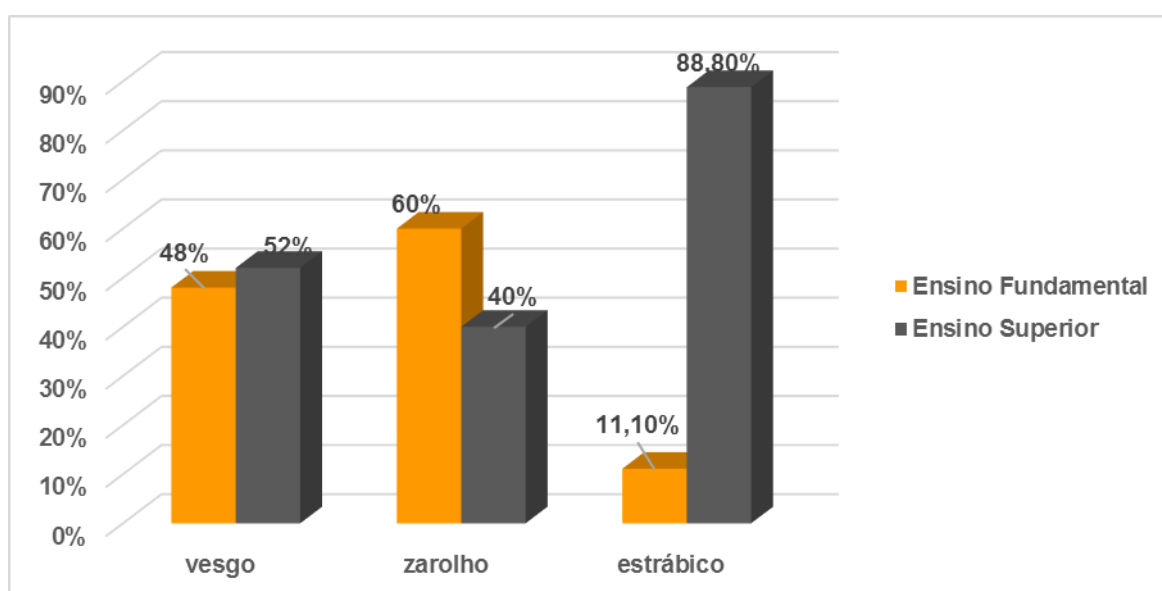
No Gráfico 20, observa-se que a presença de *vesgo* é equilibrada entre homens e mulheres, ainda que figure maior produtividade na fala masculina. As duas ocorrências de *estrábico* foram fornecidas apenas por mulheres nas capitais de Florianópolis/SC e Porto Alegre/RS. Os designativos *caolho* e *mirolho*, cada um com uma ocorrência, foram registrados somente entre os homens.

O universo das capitais das regiões Norte e Sul, o uso de *estrábico* majoritário entre as mulheres ratifica o aspecto conservador da fala feminina em detrimento dos homens que utilizam outros itens léxicos, muitas vezes, despreocupados com o sentido pejorativo neles evocado. Para finalizar a análise das variáveis sociais, no próximo tópico, analisa-se a dimensão diastrática.

4.2.1.1.3 Dimensão diastrática

Com a metodologia adotada pelo Projeto ALiB, os dados das capitais podem ser analisados segundo a variável “escolaridade”, uma vez que nesse universo há o acréscimo de quatro informantes com esse grau de escolaridade. Assim, no Gráfico 21, apresentam-se os dados mais produtivos nas capitais da região Norte, segundo a “escolaridade”.

Gráfico 21 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas capitais da região Norte, segundo a variável “escolaridade”

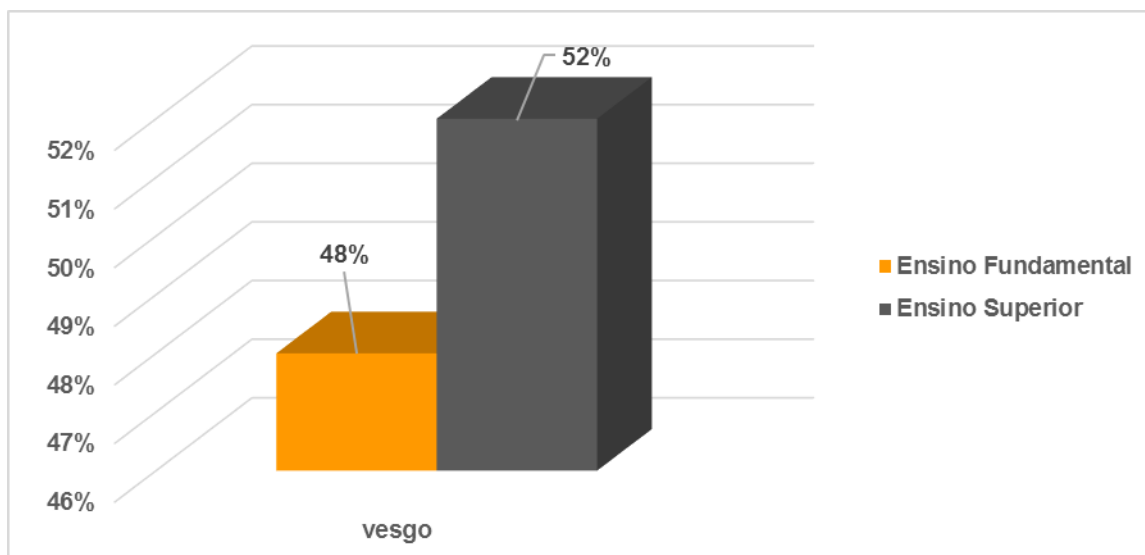


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Além de *vesgo* e *zarolho*, no Gráfico 21, *estrábico* se mostra muito significativo na fala dos informantes de Curso Superior, o que pode ser explicado pelo fato de esse item léxico ser, dentre todos os designativos apurados, o de caráter mais técnico-científico.

Os itens léxicos *olho atravessado*, *olho torto* e *caolho* foram documentados somente na fala dos indivíduos de Ensino Fundamental. Em contraposição, a forma *instalação trocada* foi registrada apenas na fala de informantes de Curso Superior. Para completar a análise da dimensão diastrática, no Gráfico 22, observa-se a distribuição percentual das unidades léxicas para “estrábico” apuradas nas capitais da região Sul.

Gráfico 22 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas capitais da região Sul, segundo a variável “escolaridade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Como item mais produtivo das capitais da região Sul, *vesgo* foi mais frequente entre os informantes de Curso Superior. Já os itens *caolho* (Curitiba/PR) e *mirolho* (Florianópolis/SC), com uma ocorrência cada, foram registrados apenas na fala dos indivíduos com Ensino Fundamental. Por fim, as duas ocorrências de *estrábico* foram fornecidas entre os falantes com os dois graus de escolaridade, no Ensino Fundamental em Porto Alegre/RS e, no Ensino Superior, em Florianópolis/SC.

Finalizada a análise, segundo as dimensões sociais nas respostas fornecidas para “estrábico” nas capitais das duas regiões em estudo, foi possível depreender que essas variáveis interferem diretamente na escolha dos informantes como, por exemplo, o uso de *estrábico*, significativamente, por mulheres e de Curso Superior, que colabora a hipótese de esse designativo ser mais técnico em relação aos demais e, assim, não possuir sentido pejorativo e ser mais conhecido pelos informantes do grau de escolaridade Ensino Superior.

Na sequência, no próximo tópico, analisam-se os dados das localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil.

4.2.1.2 Localidades do interior

Nas 59 localidades do interior foram apuradas nove variantes léxicas em um total de 245 ocorrências. Na Tabela 8 podem ser verificados os dados percentuais dos designativos segundo a região em que foram registradas.

Tabela 8 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil.

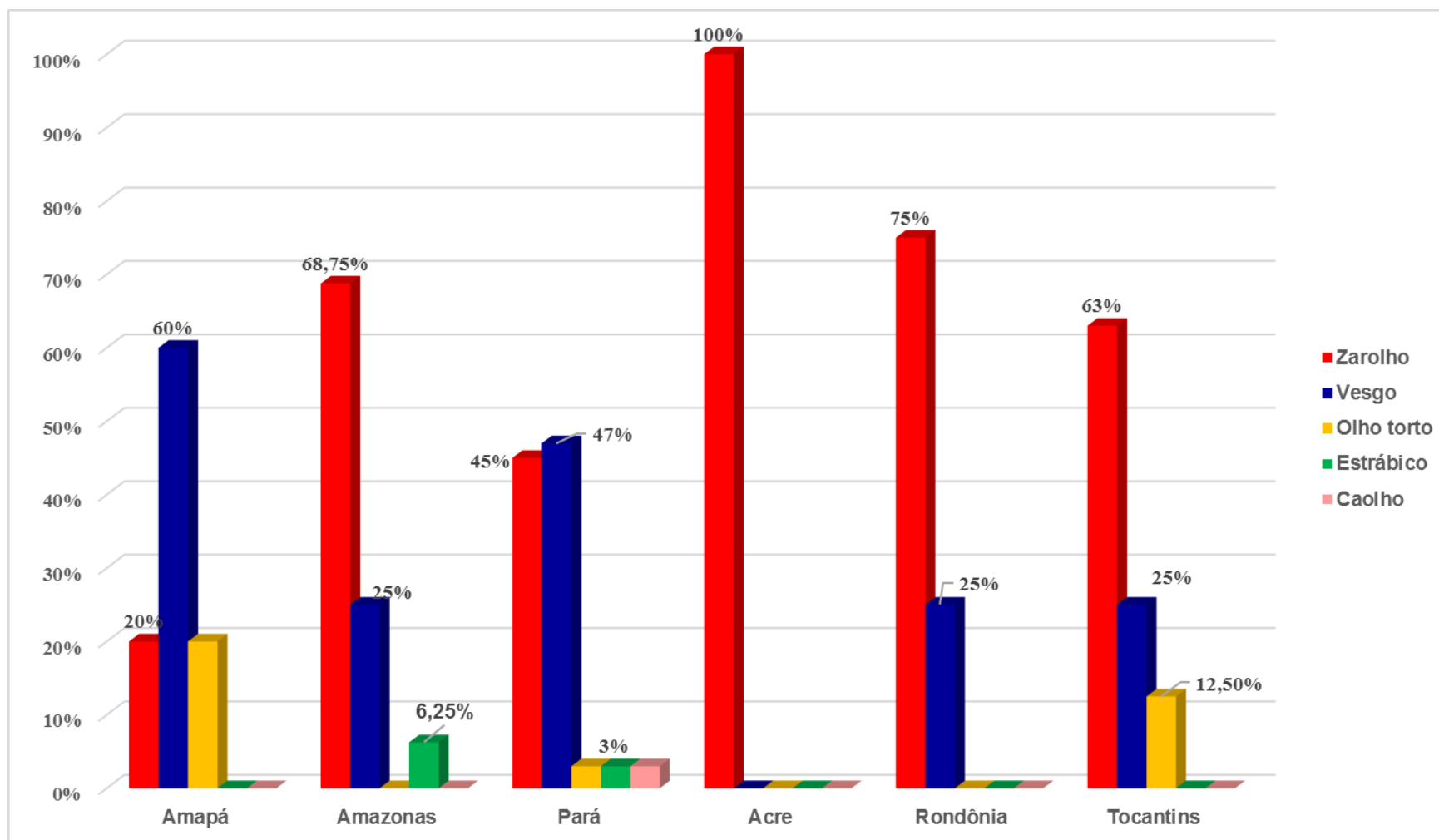
Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Vesgo</i>	30	38%	120	73%
<i>Zarolho</i>	43	54%	14	8%
<i>Estrábico</i>	2	3%	15	9%
<i>Caolho</i>	1	1%	6	4%
<i>Olho torto</i>	3	4%	2	1%
<i>Birolho</i>			7	4%
<i>Instalação trocada</i>	1	1%		
<i>Mirolho</i>			1	1%
Total	80	100%	165	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

As localidades do interior das regiões Norte e Sul se comportam de maneira distinta. No Norte, diferente das capitais, *zarolho* foi a mais produtiva, enquanto no Sul foi *vesgo* a mais frequente. *Estrábico* teve baixa produtividade no Norte, mas no Sul alçou índices bem significativos de produtividade. Um dado relevante foi a presença de *birolho* no universo das localidades do interior que caracteriza um traço da norma lexical dos falantes das localidades do Sul.

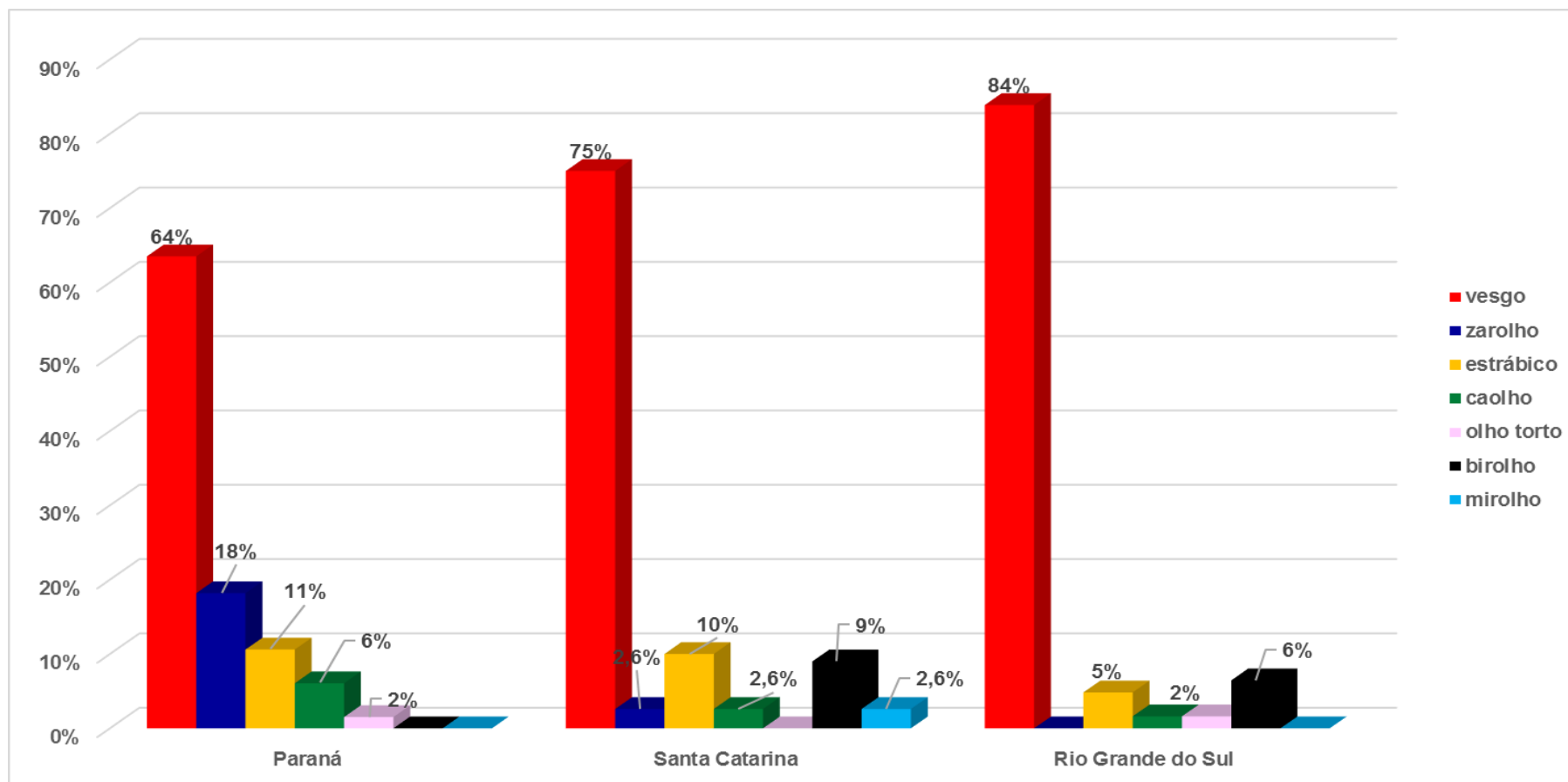
No conjunto de respostas, houve dois casos de não-respostas na região Norte, em São Gabriel da Cachoeira/AM/004 e Itaituba/PA/018, e sete na região Sul. No Paraná, em Londrina/208, em Terra Boa/209, em Cândido Abreu/213, em Adrianópolis/216 e em Lapa/222. Em Santa Catarina, em Concórdia/229. No Rio Grande do Sul, em Três Passos/234 e em Santa Cruz do Sul/241. A seguir, nos gráficos 23 e 24, apresentam-se a distribuição percentual dos dados lexicais registrados nas localidades do interior das regiões Norte e Sul.

Gráfico 23 - Distribuição percentual das denominações para vesgo nas localidades do interior da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Gráfico 24 - Distribuição percentual das denominações para vesgo nas localidades do interior da região Sul.

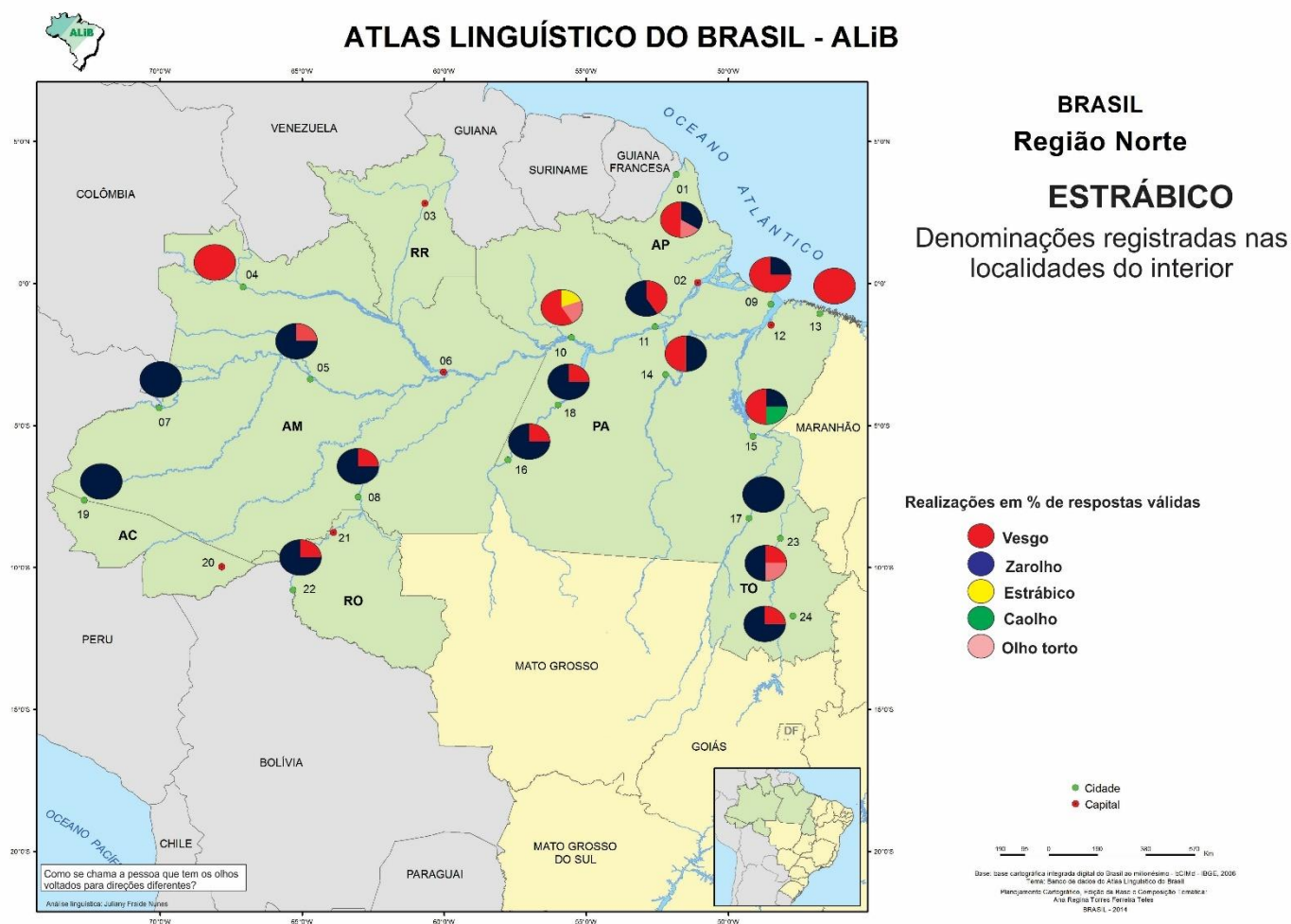


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

A partir do Gráfico 23, nota-se a alta produtividade de *zarolho* em relação a *vesgo* nas localidades do interior, diferentemente das capitais. Somente nas localidades do interior dos Estados do Amapá e do Pará, *vesgo* foi mais produtivo. A variante léxica *olho torto* foi mencionada como resposta por três informantes: em Oiapoque/AP/001, em Óbidos/PA/010 e em Pedro Afonso/TO/023. *Estrábico* foi pouco frequente, somente duas ocorrências, em Tefé/AM/005 e em Óbidos/PA/010. *Caolho* e *instalação trocada* tiveram apenas uma ocorrência cada, respectivamente, em Marabá/PA/015 e em Benjamin Constant/AM/007.

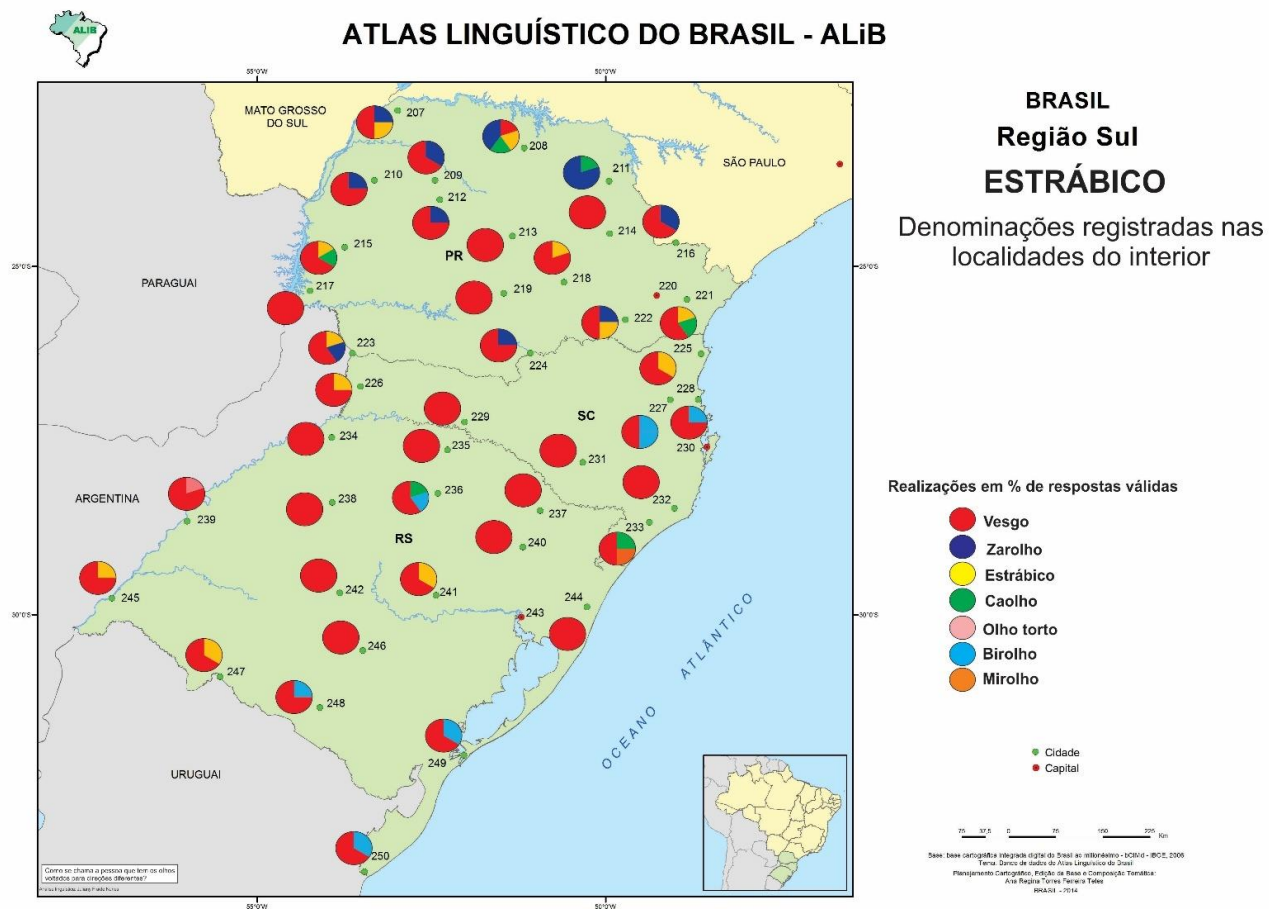
Já nos estados da região Sul, verifica-se que o item léxico *vesgo* continua liderando a produtividade. Há ainda a ocorrência de *zarolho* em sete localidades paranaenses e uma em Santa Catarina, na divisa com o Paraná. O Gráfico 24 mostra a produtividade de *birolho*, item léxico só registrado na região Sul, precisamente, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esse designativo marca diatopicamente uma área do Sul e define um possível aspecto da sócio história dessa região. Nas Figuras 22 e 23, podem ser visualizadas as ocorrências das variantes documentadas em cada localidade das duas regiões geográficas.

Figura 22 - Vesgo / resposta para a questão 092/QSL nas localidades do interior da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Figura 23 - Vesgo / resposta para a questão 092/QSL nas localidades do interior da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Nota-se, pelo conteúdo da Figura 09, que *vesgo* alçou 100% de produtividade em São Gabriel da Cachoeira/AM/004 e em Bragança/PA/013 e foi a mais produtiva no Oiapoque/AP/001, em Soure/PA/009 e em Óbidos/PA/010. Já o item lexical *zarolho* obteve 100% de frequência em Benjamin Constant/AM/007, em Cruzeiro do Sul/AC/019 e em Conceição do Araguaia/TO/017. Pode-se depreender, pela disposição dos dados no mapa, que a unidade lexical *vesgo* é mais produtiva ao Norte e o item léxico *zarolho* mais produtivo ao sul da região Norte do Brasil, com graus distintos de ocorrências. Esse fenômeno encontra explicação na sócio história da região Norte, pois é evidente o caminho de *vesgo* que se inicia na entrada do Oceano Atlântico em território nacional e vai perdendo força para *zarolho* conforme adentra ao interior, mostrando a influência lusa na fala dos informantes dessa região.

Há casos bem pontuais de realização de três itens lexicais: *estrábico* em Tefé/AM/005 e em Óbidos/PA/010; *caolho* somente em Marabá e *olho torto* em Pedro Afonso/TO/023 e em Óbidos/PA/010. Verifica-se ainda que em apenas três localidades houve o registro de três variantes distintas: Óbidos/PA/010: *vesgo*, *olho torto* e *estrábico*; Marabá/PA/015: *vesgo*, *zarolho* e *caolho*; Pedro Afonso/TO/023: *vesgo*, *zarolho* e *olho torto*. Esse fenômeno pode ser explicado pelas migrações internas tão frequentes nessa região do Brasil.

Na região Sul, como já anteriormente assinalado e pelos dados da Figura 10, nota-se que o item lexical *zarolho* foi registrado apenas no Paraná e em uma localidade de Santa Catarina na fronteira com o Paraná. Logo, esse designativo foi mais produtivo ao norte do Paraná e, por extensão, no norte da região Sul, enquanto no sul do estado predomina a forma *vesgo*, cuja área de dispersão estende-se para os outros dois estados sulistas (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), confirmando, assim, a predominância de *vesgo* na norma lexical dos falantes do sul do Brasil. A unidade lexical *birolho*, por seu turno, merece destaque pela distribuição das ocorrências: em duas localidades de Santa Catarina (Blumenau/227 e Itajaí/228) e em três localidades do Rio Grande do Sul (Bagé/248, São José do Norte/249 e Chuí/250) próximas da fronteira com o Uruguai, o que pode evidenciar um caso de influência de contato linguístico. A partir da busca desse designativo em atlas linguísticos de

diferentes lugares, constatamos que essa forma de nomear é de origem galega e é a mais produtiva como designação da “pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”, está documentada no Atlas Linguístico da Galícia (Carta 120) (BLANCO, GARCÍA, FERNÁNDEZ, 2005, p. 201).

Na carta linguística correspondente às localidades da região Sul, é possível confirmar as hipóteses defendidas por Altenhofen (2005) com base nos estudos de Koch (2000), verificadas nas cartas do ALERS (2001). No estado de Santa Catarina, pode-se observar a “área de transição” ou ainda “leque catarinense” em que o estado está claramente dividido, a parte norte assemelha-se com a região paranaense, com a utilização de *zarolho* em porto União/224 e a parte sul com a região rio-grandense, com o registro de *birolho* em Itajaí/228 e Blumenau/227 e em localidades como Concórdia/229) Lages/230 e Tubarão/231 com 100% de produtividade de *vesgo*.

Também pode ser verificado o “feixe paranaense” (ALTENHOFEN, 2005) na zona lateral do norte do Paraná em que se marca quase a ausência de *vesgo* e a grande produtividade de *zarolho*, um dos motivos dessa diferenciação é a colonização mais recente, por essa razão, essa região pode ser denominada de Paraná moderno.

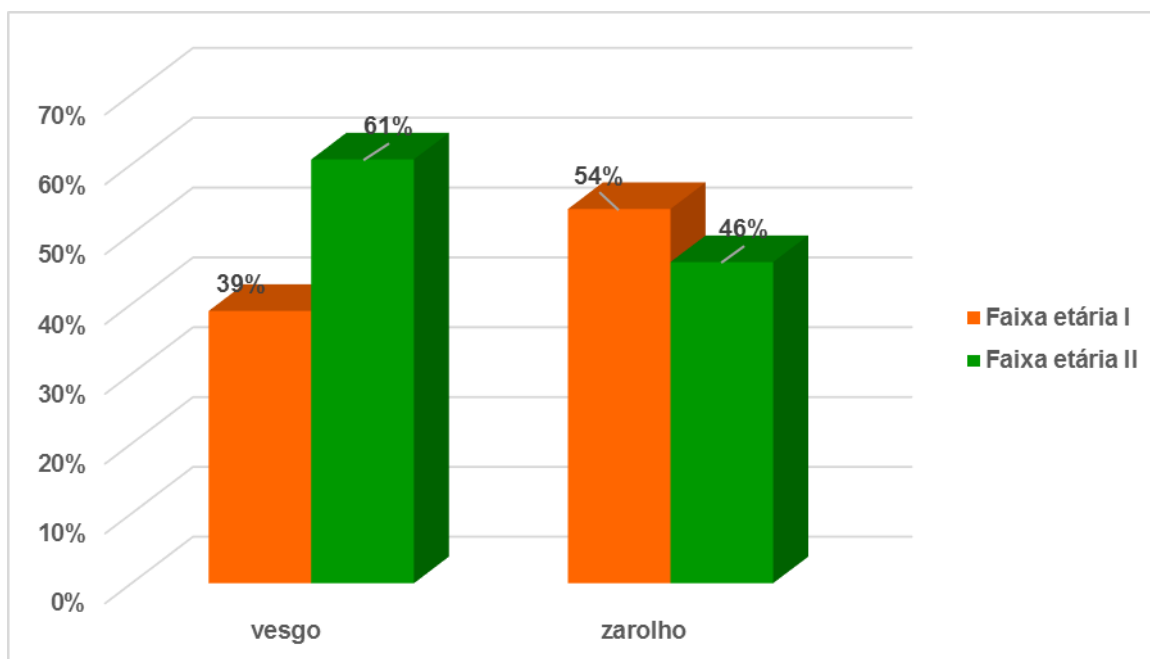
Por fim, a fronteira bilíngue do estado do Rio Grande do Sul é bem demarcada com o uso de *birolho* nas localidades de Bagé/248, São José do Norte/249 e Chuí/250. Essa unidade léxica mostra seu movimento com o registro nas localidades de Passo Fundo/236, Itajaí/228 e Blumenau/227.

A distribuição diatópica das variantes que nomeiam a “pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes” aponta para distinções entre o falar nortista e o falar sulista, como bem ilustra o uso das unidades lexicais *zarolho* e *vesgo*, com a predominância massiva de *zarolho* em toda a região Norte e de *vesgo* na região Sul. Após a distribuição diatópica dos dados, no próximo tópico, é discutida a interferência das variáveis sociais na norma lexical dos falantes das regiões Norte e Sul do Brasil.

4.2.1.2.1 Dimensão diageracional

Para analisar essa dimensão foram selecionadas as variantes lexicais mais produtivas das duas regiões geográficas. No Norte, foram mais frequentes *vesgo* e *zarolho* e, no Sul, *vesgo*, *zarolho*, *estrábico*, *caolho* e *birolho*. Na sequência, apresentam-se os dados da região Norte.

Gráfico 25 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “idade”.

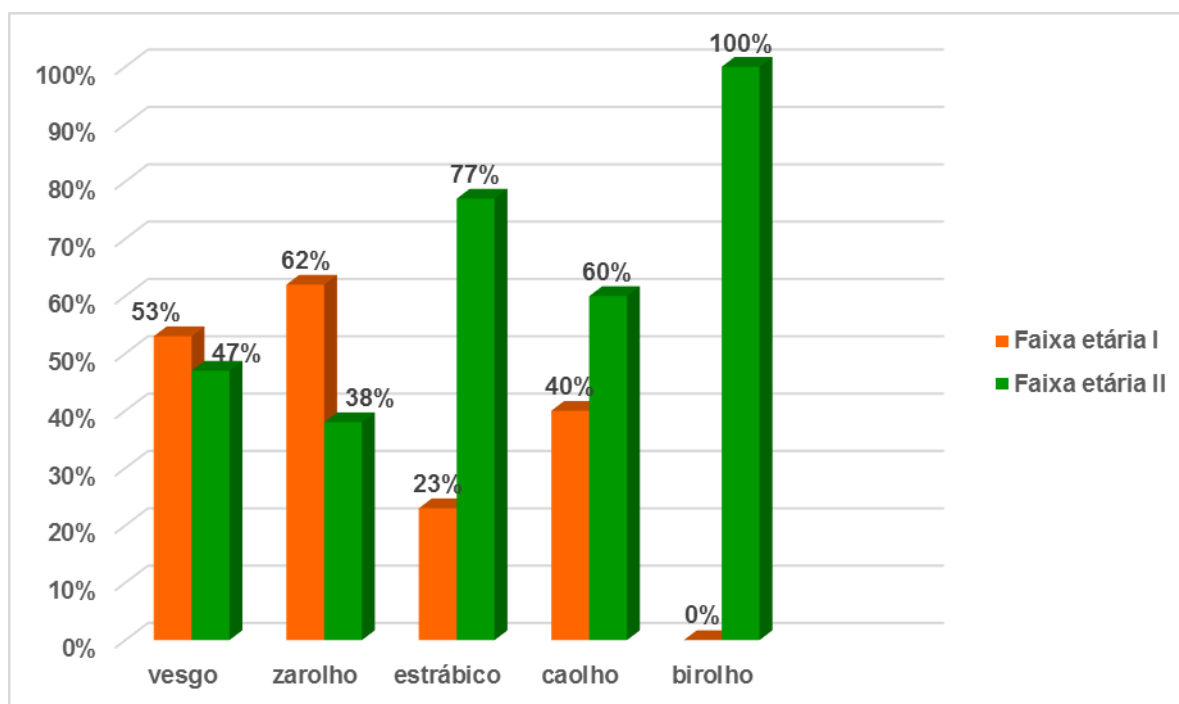


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Verifica-se pelos dados do Gráfico 25 que o item lexical *vesgo* foi mais produtivo junto aos informantes da faixa etária II e *zarolho* entre os da faixa etária I, o que pode demonstrar uma possível mudança em movimento com *zarolho* sobrepondo *vesgo*, uma vez que é mais produtivo na faixa etária I. Há ainda o registro de unidades léxicas menos frequentes, no caso, *olho torto* (três), *estrábico* (dois), *instalação trocada* (um) e *caolho* (um). Na faixa etária I foi identificado o uso de *olho torto* (Oiapoque/AP/001 e Pedro Afonso/TO/023), *estrábico* (Tefé/AM/005) e *caolho* (Marabá/PA015). Já, na faixa etária II, *olho torto* e *estrábico* (Óbidos/PA/010) e *instalação trocada* (Benjamin

Constant/AM/007). Em continuação, no Gráfico 26, visualiza-se a dimensão diageracional dos dados das localidades da região Sul.

Gráfico 26 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nas localidades do Sul, *vesgo* e *zarolho* foram mais produtivas na faixa etária I, e *estrábico*, *caolho* e *birolho* na faixa etária II. Vale salientar o caso de *birolho* estar registrado somente na faixa etária II, ratificando seu uso e demarcando uma possível norma lexical anterior sendo sobreposta pelo uso *vesgo* e *zarolho* na atualidade.

Com menor produtividade, documentaram-se as ocorrências dos itens léxicos *olho torto* (duas) e *mirolho* (uma), respectivamente, em Adrianópolis/PR/216 – faixa etária I/São Borja/RS/239 – faixa etária II, e em Criciúma/SC/233 – faixa etária II.

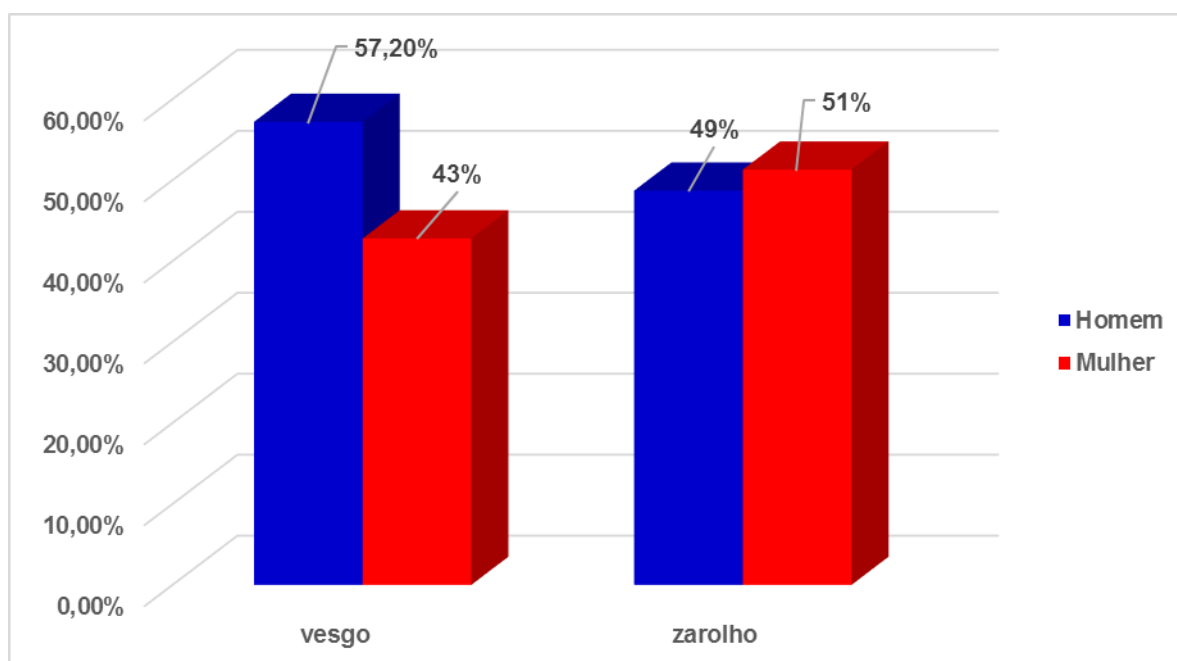
Os dados diageracionais das localidades do interior das regiões Norte e Sul mostram diferentes normas léxicas em competição, como no caso de *zarolho* e *vesgo* no Norte, e *vesgo* e *zarolho* em contraposição ao *birolho* no Sul. Os resultados da distribuição segundo a variável “idade” reiteram as

diferenças entre a fala de diferentes faixas etárias, sendo ratificados com os exemplos de cada região geográfica. Na sequência, focaliza-se a dimensão diassexual dos dados.

4.2.1.2.2 Dimensão diassexual

É muito frequente a ocorrência de tendências diferentes na fala de homens e de mulheres. No Gráfico 27 verifica-se a distribuição percentual das unidades lexicais mais frequentes registradas nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “sexo”.

Gráfico 27 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “sexo”.

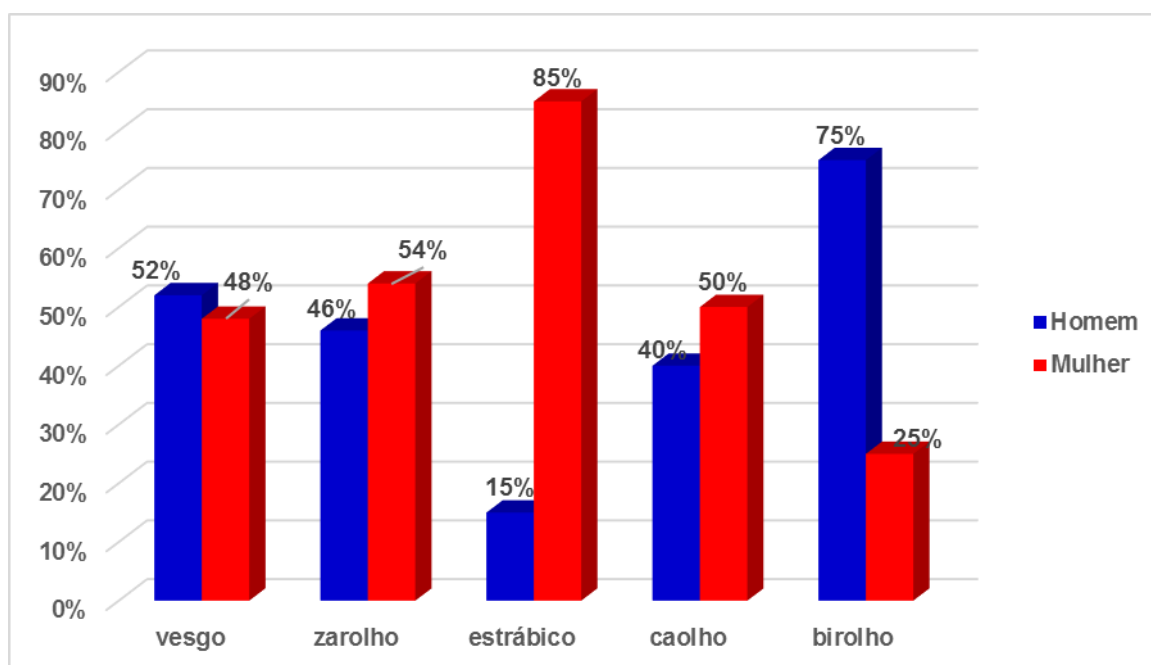


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Observa-se, no Gráfico 27, a maior produtividade de *vesgo* entre os homens e *zarolho* entre as mulheres. Os outros itens léxicos com menor frequência foram, em sua maioria, fornecidos pelos informantes do sexo masculino, no caso, *olho torto* (Oiapoque/AP/001 e Óbidos/PA/010); *caolho* (Marabá/PA/015), *estrábico* (Óbidos/PA/010) e *instalação trocada* (Benjamin Constant/AM/007). Duas ocorrências foram registradas na fala do sexo

feminina, *olho torto* (Pedro Afonso/TO/023) e *estrábico* (Tefé/AM/005). Para finalizar, no Gráfico 28, visualiza-se a distribuição percentual das unidades léxicas mais produtivas das localidades do interior, segundo a dimensão diasssexual.

Gráfico 28 - Distribuição percentual das denominações para *vesgo* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nas localidades do interior da região Sul, *vesgo* foi mais produtivo na fala dos homens, em contraposição a *zarolho* que foi mais frequente entre as mulheres, estabelecendo, assim, a mesma relação dos dados da região Norte. O uso da forma *estrábico* mais entre as mulheres ratifica a hipótese do traço de conservadorismo da fala feminina e a tendência de evitar o uso de itens pejorativos. Cabe salientar a disposição de *birolho* que foi mais recorrente na fala dos homens da região Sul.

Além dos itens léxicos mais produtivos visualizados no Gráfico 28, houve duas ocorrências de *olho torto* e uma de *mirolho* registradas entre as mulheres; duas de *olho torto* nas localidades de Adrianópolis/PR/216 e São Borja/RS/239 e uma de *caolho* na localidade de Passo Fundo/RS/236.

Assim como nas capitais, o exame dos dados das localidades do interior conforme as variáveis sociais apontam para distintas normas que se entrelaçam entre os falantes, ora uma mais produtiva, ora outra. Finalizada a análise geossociolinguística, no próximo tópico, verifica-se a questão semântica dos dados.

4.2.2 Análise semântica

Para fundamentar a análise semântica das unidades lexicais documentadas, foram consultados sistematicamente quatro dicionários da Língua Portuguesa com vistas a verificar a questão da dicionarização das formas em análise: Bluteau (1712-1728); Silva (1813); Houaiss (2001); Ferreira (2004)³⁹.

As unidades lexicais *vesgo* e *zarolho* já aparecem dicionarizadas nos dicionários de Língua Portuguesa produzidos nos séculos XVIII e XIX, respectivamente, Bluteau (1712-1728) e Silva (1813). Em Bluteau (1712-1728) encontraram-se os verbetes *vesgo*, na acepção de “o que mete hum olho por outro... *strabo*” e *zanolho*, como “falto de hum olho, ou quem os tem atravessados... *strabo*”. Há também *strabismo*, “palavra de medico”. O dicionário de Silva (1813), por sua vez, define *strabismo* como “s.m. Cirurg. Má posição do olho dentro da sua órbita”; *vesgo*, como “adj. Que tem a vista torcida, metendo um olho pelo outro” e *zanolho*, na acepção de “zarolho”. “Convulsão no olho, que impede o seu movimento”. Percebe-se que essas acepções têm como ponto de partida os semas atribuídos a *strabo*, termo derivado do Latim que quer dizer “que eh o vesgo, ou torto dos olhos” (BLUTEAU 1712-1728).

Nos dicionários contemporâneos – Houaiss (2001) e Ferreira (2004) – as definições dos itens léxicos *vesgo*, *caolho* e *zarolho* não são muito esclarecedoras. Em Ferreira (2004), no verbete *vesgo* só há remissiva para *estrábico*. Já *caolho*, em Houaiss (2001), é definido como “que ou quem não tem um dos olhos; estrábico” e *zarolho* como “que não tem um olho, ou é cego

³⁹ De acordo com a necessidade de complementação e/ou confirmação de informações foram consultadas as obras de Cunha (1986); Machado (1952); Caverio (1977); Dicionário da Real Academia Galega (2012).

de um olho; que sofre de desvio de um ou ambos os olhos; *estrábico*, *vesgo*". Ferreira (2004), por sua vez, define *zarolho* como "cego de um olho" e remete o usuário para *estrábico*. Já no verbete *caolho*, o dicionarista faz remissiva para *estrábico* e *zarolho*. Esses dados retirados dos dicionários ratificam a posição de Isquerdo (2003, p. 172) de que "o usuário comum da língua confunde-se ao estabelecer a diferença entre "olho torto" e "caolho" [...], por isso atribui a eles as mesmas designações".

Uma possível etimologia atribuída às formas *caolho* e *zarolho* foi buscada em Cunha (1986), para quem *caolho* deriva do termo "ka", originário da língua quimbundo do continente africano, que significa "pequeno", com a palavra de origem latina "olho". O termo *caolho* não foi encontrado nos dicionários de Bluteau (1712-1728) e de Silva (1813), o que pode indicar a origem mais recente do termo, em comparação às demais variantes.

O item lexical *zarolho*, como indicam Bluteau (1712-1728) e Silva (1813), deriva do termo "zanolho" que, segundo Machado (1952), procede da junção do item lexical "zanaga", de origem obscura, com o termo de origem latina "olho". Já em Houaiss (2001), *zarolho* é apresentado como derivado da junção do vocábulo "zanaga", que advém de "zayarca", oriunda da língua Basca na acepção de atravessado, com o termo de origem latina "olho".

Em relação à etimologia das unidades lexicais *vesgo* e *estrábico*, observa-se, a partir da consulta aos dicionários selecionados, que *estrábico* é derivado do termo "strabico", proveniente da palavra "strabo", que tem origem do latim e significa "vesgo ou torto dos olhos" (Bluteau 1712-1728). Já o termo *vesgo*, segundo Machado (1952), tem origem obscura. Houaiss (2001), todavia, registra que esse item lexical deriva do espanhol "*bisgol/bizco*". O dicionário de língua espanhola de Caverio (1977) define "bizco" como "estrábico, vesgo, zarolho, torto dos olhos, estrabão". Essa informação trazida pelo dicionário espanhol explica a etimologia registrada em Houaiss (2001). Nesse sentido, quando o informante de Chuí (RS) emprega *bisca* como equivalente de *vesgo*, vale-se dos conhecimentos de outra língua em contato com o português na fronteira seca do Brasil com o Uruguai, no caso o espanhol.

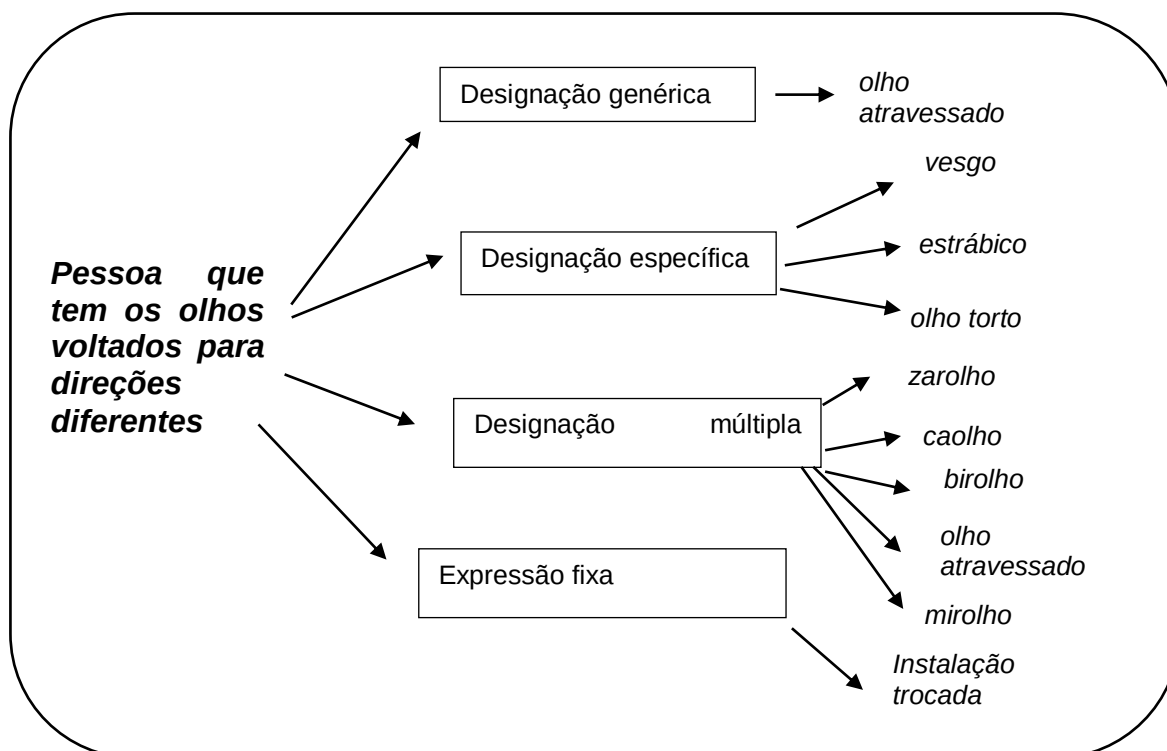
As unidades léxicas *birolho* e *mirolho* não constam nos dicionários de Língua Portuguesa consultados. Porém, como já mencionado, *birollo* é uma

unidade léxica que se origina da língua galega na acepção de “Que ten a vista torta, cada ollo mirando nunha dirección” (REAL ACADEMIA GALEGA, 2012), nomeando, assim, o conceito em foco neste estudo. *Mirolho* foi aqui considerada uma variante de *birollo*.

Já as unidades léxicas *olho torto* e *instalação trocada* não estão dicionarizadas. Em relação a *olho torto*, entende-se que se trata de um termo genérico usado para designar o conceito em causa. A unidade lexical *instalação trocada*, por seu turno, pode ser classificada como uma expressão fixa, com base na proposta de Gross (1996, p. 38-39), pois nessa expressão observa-se um alto grau de fixidez, forma com sentido metafórico e ainda com composição indecomponível. De acordo com Mejri (1997, p. 49), o significado de uma sequência fixa dessa natureza não consegue ser apreendido a partir dos elementos da sequência, mas sim por meio do contexto. Como *estrábico* se caracteriza pela falta de paralelismo entre os eixos visuais, *instalação trocada* remete a essa falta de simetria, nesse sentido, há uma similaridade entre a expressão utilizada e o conceito buscado.

Como analisado na questão 091/QSL, verificou-se os traços semânticos das unidades lexicais fornecidas para vesgo e foram distribuídas da seguinte forma, conforme a figura 24: i) designação genérica; ii) designação específica; iii) designação múltipla escolha e; iv) expressão fixa.

Figura 24 - Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos estabelecidos por Pottier (1978).



Fonte: Elaborada pela autora.

4.2.2.1 Tabus linguísticos

É sabido que o olho, parte do corpo humano, tradicionalmente carrega consigo muitos tabus arraigados na cultura popular. Segundo Guérios (1979), antigamente, durante a época das caçadas, era proibido pronunciar a palavra *olho*, em virtude da crença de que isso atrairia mau-olhado e, assim, provocaria um período de pouca caça. Desse modo, em virtude dessa crença o termo foi sendo substituído por outros, com carga semântica menos ofensiva. Por essa razão, no estudo do vocabulário relativo às partes do corpo humano, em especial ao olho, a questão dos tabus linguísticos não pode ser desconsiderada. Neste trabalho, as variantes lexicais documentadas para nomear "a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes" foram classificadas, segundo os meios de substituição propostos por Guérios (1979) para palavras-tabu.

Dentre o conjunto de variantes estudadas, o item lexical *estrábico* não se enquadrou nos meios de substituição, pois é considerado o termo técnico para

nomear o conceito em causa. Já como designativos disfêmicos, assim classificados por se configurarem como uma “expressão grosseira ou desagradavelmente direta, em vez de outra, indireta ou neutra” (FERREIRA, 2004), foram classificadas as denominações *vesgo*, *zarolho*, *caolho* e *instalação trocada*. O item *olho torto*, por sua vez, configura-se como uma expressão genérica, enquanto os itens lexicais *birolho* e *bisca* não foram classificados dentre os meios de substituição, pois a possível origem dessas duas unidades lexicais remete a outra base linguística, razão pela qual, por ora, elas não puderam ser classificadas de acordo com os meios de substituição de palavras-tabus (Guérios, 1979). Terminadas as análises da pergunta 092/QL, o próximo tópico analisa a pergunta 102/QL.

4.3 - QSL 102 – A sujeirinha dura que se tira do nariz

Para nomear “a sujeirinha dura que se tira do nariz” foram registradas 11 unidades léxica válidas, contabilizando 328 ocorrências nas regiões Norte e Sul do Brasil. Nesse sentido, na Tabela 9, podem ser visualizadas as porcentagens correspondentes às variantes léxicas levantadas.

Tabela 9- Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Variante	Ocorrência	Porcentagem
<i>Tatu</i>	120	37%
<i>Meleca</i>	60	18%
<i>Bustela</i>	53	16%
<i>Cataraca</i>	36	11%
<i>Ranho</i>	30	9%
<i>Caca/cacaca</i>	12	4%
<i>Cascão</i>	4	1%
<i>Moco</i>	7	2%
<i>Bolinha</i>	2	1%
<i>Catota/cateta</i>	2	1%
<i>Titica</i>	2	1%
Total	328	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Além do universo de respostas apresentado na Tabela 9, para a pergunta 102 foram registradas duas ocorrências únicas, *tipura* e *potoca*, respectivamente fornecidas, nas localidades de São Gabriel da Cachoeira/AM/004 e Porto Alegre/RS/243. Também houve o registro de cinco casos de informantes que não souberam ou não quiseram responder a pergunta: em Porto Velho/RO (informante feminina da faixa etária II, Curso Superior); em Concórdia/SC/229 (informante feminina da faixa etária II); Santa Cruz/RS/241 (informante masculino da faixa etária II) e Em São José do Norte/RS/249 (informante masculino da faixa etária II), todos com a escolaridade de Ensino Fundamental.

Ademais das respostas consideradas válidas, foram apurados outros nove designativos que, por critérios de validação, não foram considerados para

este estudo, foram eles: *catarro*, *sujeira do nariz*, *tutano*, *dente*, *massa*, *castanha*, *sapo*, *coruja* e *remela*. *Catarro* e *remela* não foram validadas por se tratarem de secreções líquidas, ao contrário da pergunta que solicita “a sujeirinha dura” e ainda *remela* se trata de uma secreção do olho. *Sujeira do nariz* não foi considerada válida, pois se encontra no conceito na pergunta, “sujeirinha do nariz” e os demais itens léxicos não foram validados por não nomearem o conceito em estudo. A seguir, na Tabela 10, podem ser identificadas as variantes léxicas catalogadas distribuídas entre as regiões Norte e Sul do Brasil.

Tabela 10 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Tatu</i>			120	61%
<i>Meleca</i>	35	27%	25	13%
<i>Bustela</i>	53	41%		
<i>Cataraca</i>	36	28%		
<i>Ranho</i>			30	15%
<i>Caca/cacaca</i>	4	3%	8	4%
<i>Cascão</i>	1	1%	3	2%
<i>Moco</i>			7	4%
<i>Bolinha</i>	1	1%	1	0,5%
<i>Cateta/catota</i>			2	1%
<i>Titica</i>			2	1%
Total	130	100%	198	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

A partir dos dados da Tabela 10, verifica-se a diferença entre as duas regiões, uma vez que a variante mais produtiva em cada uma delas, respectivamente, foi *bustela* e *tatu*, não foi documentada na outra, o que permite observar uma norma lexical bem distinta nas duas regiões. Além das unidades léxicas *tatu* e *bustela*, bem demarcadas em cada uma das regiões Norte e Sul, a segunda mais produtiva, *cataraca* e *ranho* também apresentam significativa produtividade em apenas uma das regiões. Para a análise dos

dados, as respostas fornecidas pelos informantes foram distribuídas em duas categorias: capitais e localidades do interior.

4.3.1 Análise geossociolinguística

4.3.1.1 Capitais

Nas nove capitais em estudo, seis da região Norte e três da região Sul, foram catalogados oito itens léxicos em um total de 82 ocorrências, a Tabela 11, ilustra a produtividade de cada uma delas.

Tabela 11 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas capitais das regiões Norte e Sul do Brasil.

Variante	Região Norte		Região Sul	
Tatu			15	54%
Meleca	16	29%	9	32%
Bustela	21	38%		
Cataraca	15	27%		
Ranho			1	4%
Caca/cacaca	3	5%	2	7%
Bolinha	1	2%		
Cateta/catota			1	4%
Total	56	100%	28	100%

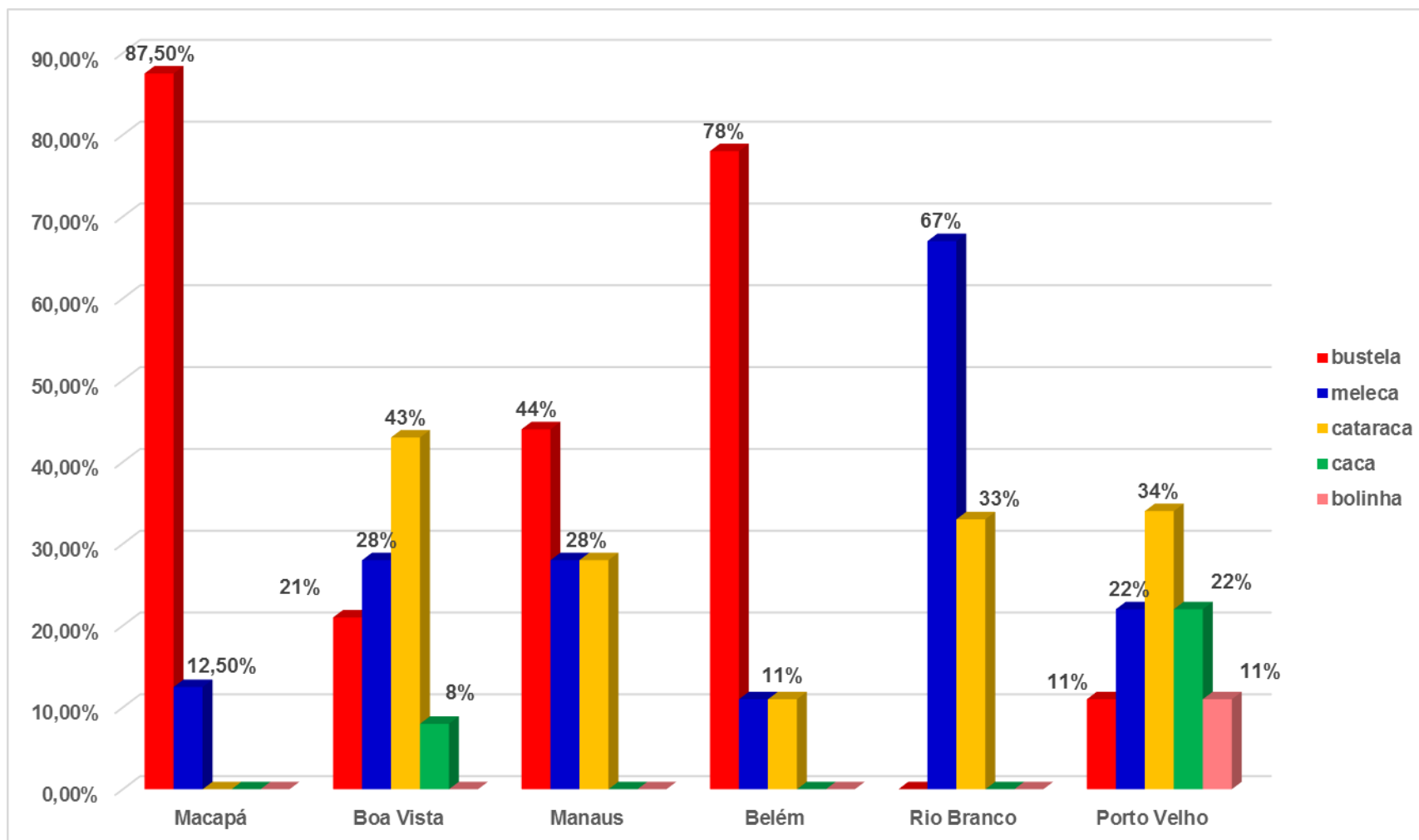
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Nota-se na Tabela 11 como os dados se comportam nas duas regiões pesquisadas, *bustela*, a mais produtiva na região Norte, é seguida de *meleca* e de *cataraca*, com exceção de *meleca*, já se pode verificar que as outras duas variantes são específicas da região Norte. No caso da região Sul, *tatu* é a forma com maior frequência com mais de 50% de registros no *corpus*, seguida de *meleca*, *caca*, *ranho* e *cateta*.

O item léxico *meleca* alçou alta produtividade nas duas regiões, como a segunda mais produtiva, já demonstrando ser um designativo comum nas duas áreas geográficas. Outra variante comum nas duas regiões foi *caca/cacaca* com três e duas ocorrências, respectivamente, nas regiões Norte e Sul do Brasil. As demais variantes registradas não tiveram grande produtividade, no

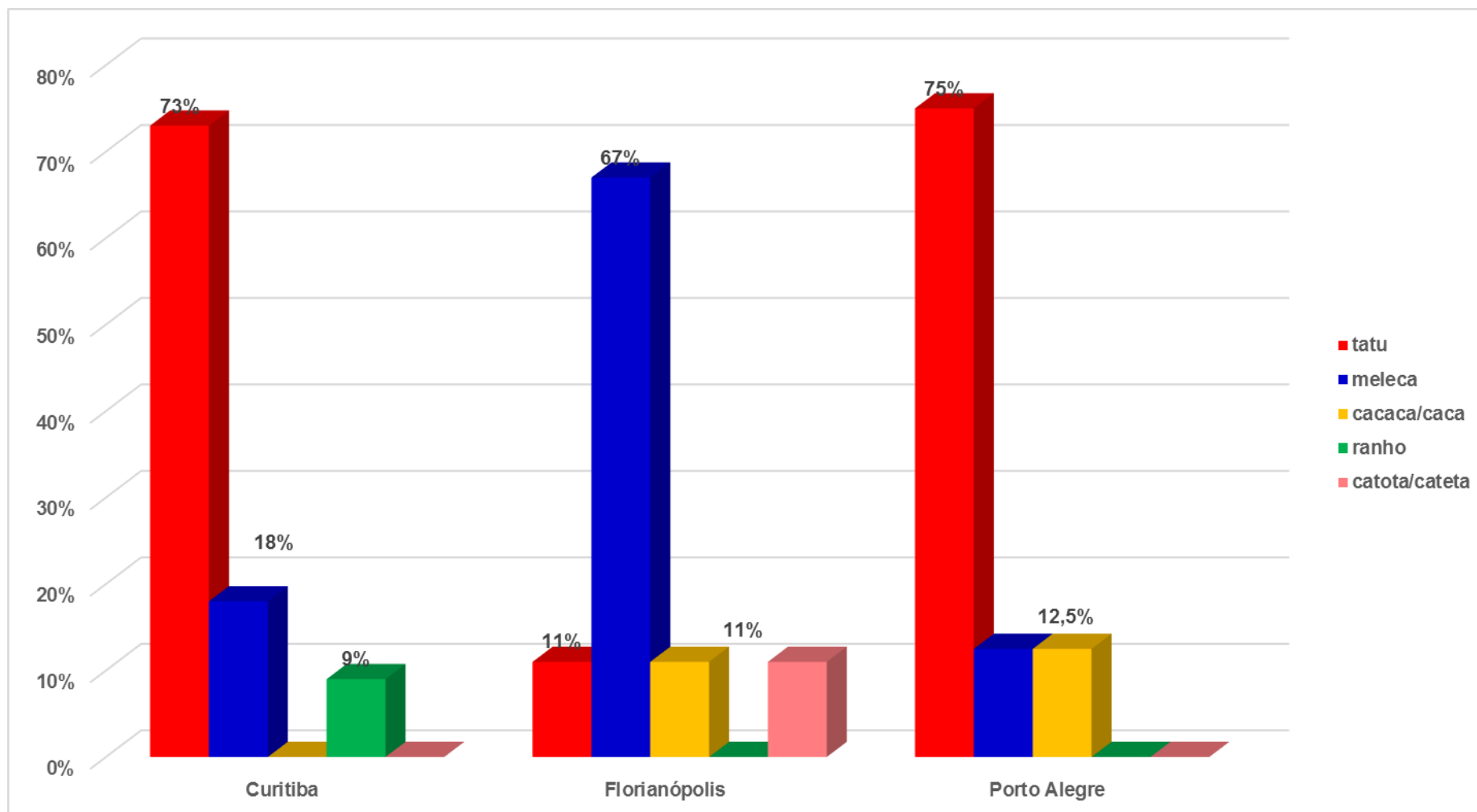
universo das capitais, *ranho* e *cateta*, uma ocorrência cada na região Sul e *bolinha*, na região Norte. Em sequência, visualizam-se as variantes de acordo com a capital em que foram registradas, nos gráficos 29 e 30, apresentam-se os dados segundo as capitais da região Norte e da região Sul.

Gráfico 29 - Distribuição percentual das denominações para a *sujeira dura do nariz* nas capitais da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Gráfico 30 - Distribuição percentual das denominações para a *sujeira dura do nariz* nas capitais da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pelo autora.

Observa-se nos dados representados no Gráfico 29 como se comportam esses dados em cada uma das capitais da região Norte. *Bustela* é a variante mais frequente em Macapá/AP, Manaus/AM e Belém/PA. Em Boa Vista/RR e Porto Velho/RO diminui a produtividade desse item léxico e em Rio Branco/AC não tem nenhuma ocorrência. Em Macapá/AP, a frequência de *bustela* alçou quase 100% das respostas válidas. Essa disposição dos dados está ligada à relação com o processo de colonização das capitais. Rio Branco/AC, por exemplo, em sua origem, teve seu desenvolvimento distante das demais capitais com grande contingente de moradores oriundos do Nordeste, por essa razão, torna-se uma capital distinta das demais.

Não só Rio Branco/AC evidencia uma disposição de dados distinta. Em Porto Velho/RO e em Boa Vista/RR ocorre o mesmo. Não pode ser desconsiderado o fato de Manaus/AM e Belém/PA terem sido as primeiras a serem fundadas e, assim, se configuram como as grandes metrópoles da região Norte, as matrizes. Já os demais estados foram povoados às margens, muitas das vezes, com um contingente não nortista, o que interferiu em toda a cultura de cada uma das capitais, modificando também o falar de cada uma delas. Nesse sentido, em Boa Vista/RR e em Porto Velho/RO, a unidade lexical mais produtiva foi *catraca*, seguida de *meleca* e *bustela*.

Além dos itens léxicos mais produtivos, também ocorreram outras formas de denominação menos frequentes, como *caca* e *bolinha*, itens considerados genéricos, pois podem nomear outros referentes com características parecidas. A forma *caca* foi documentada em duas capitais, Boa Vista/RR e Porto Velho/RO, com baixa produtividade, respectivamente, informante feminina, faixa etária II, Curso Superior e informante masculino, faixa etária I, Curso Superior. *Bolinha* foi mencionada apenas por um informante de Porto Velho/RO, o mesmo que forneceu *caca*, informante masculino de Curso Superior da faixa etária I.

Nas capitais da região Sul, no Gráfico 30, nota-se que *tatu* é a mais frequente em Curitiba/PR e em Porto Alegre/RS com mais de 70% em cada uma dessas localidades, já Florianópolis/SC se comporta de forma diferente com *meleca* como mais produtiva, com 67% de registros.

Assim como nas capitais da região Norte, percebe-se que *meleca* é utilizada em todas as localidades pesquisadas, um item comum entre os falantes das duas regiões. O mesmo ocorre com *caca/cacaca*.

Distinta das outras duas capitais, está Florianópolis/SC, em que a frequência de *tatu* é bem reduzida em relação às outras localidades, características de fala diferente na região Sul. *Catota* também foi citada apenas na capital catarinense.

Apresentadas as variantes e suas devidas porcentagens de uso em cada capital, a seguir, nas Figuras 25 e 26, respectivamente, cartas linguísticas para os designativos para “sujeira do nariz” nas capitais do Norte e do Sul, apresenta-se o mapeamento das unidades léxicas registradas e a consequente visualização de possíveis isoléxicas nas duas regiões.

Figura 25 - Sujeirinha dura do nariz / Resposta à questão 102/QSL – Capitais da região Norte.

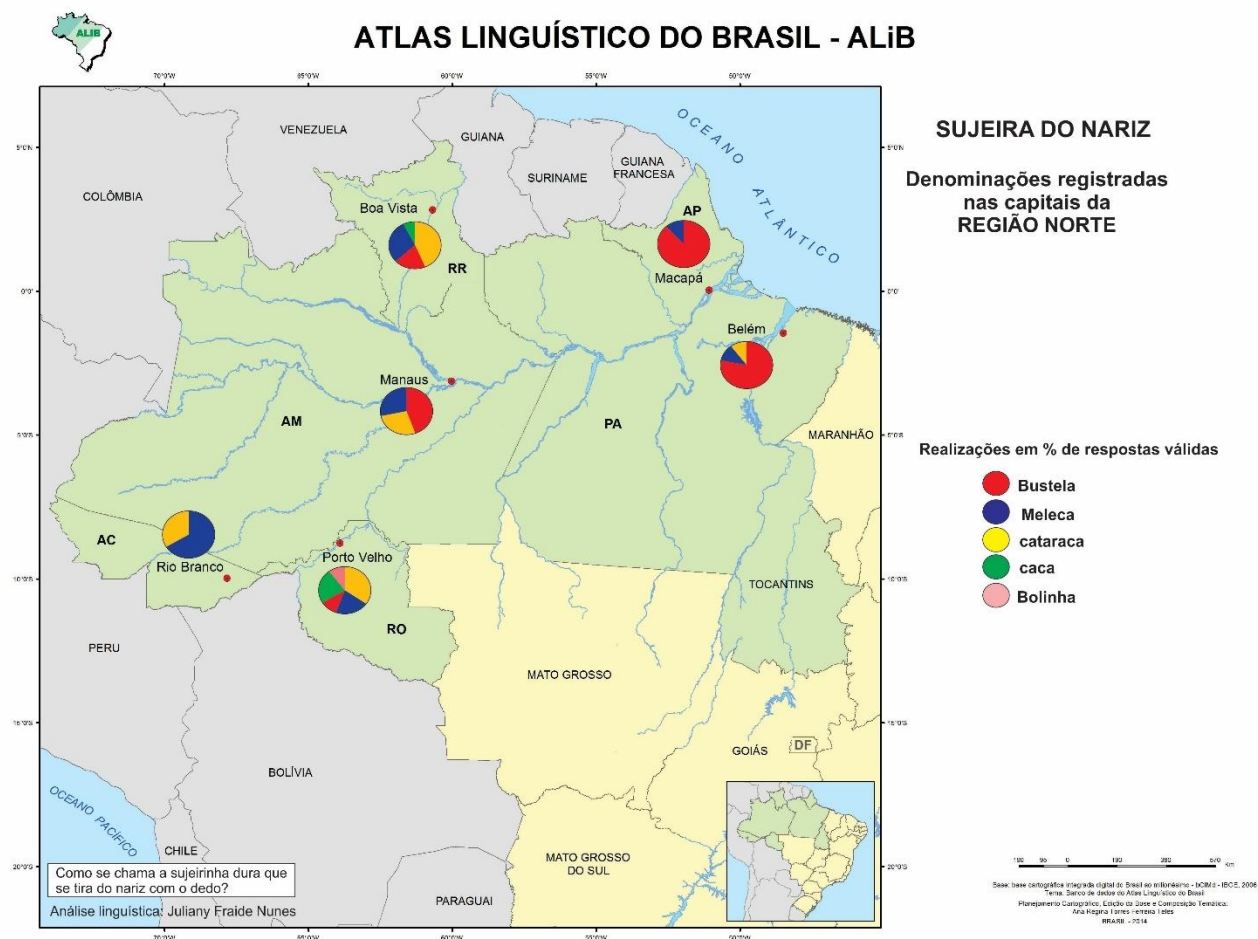
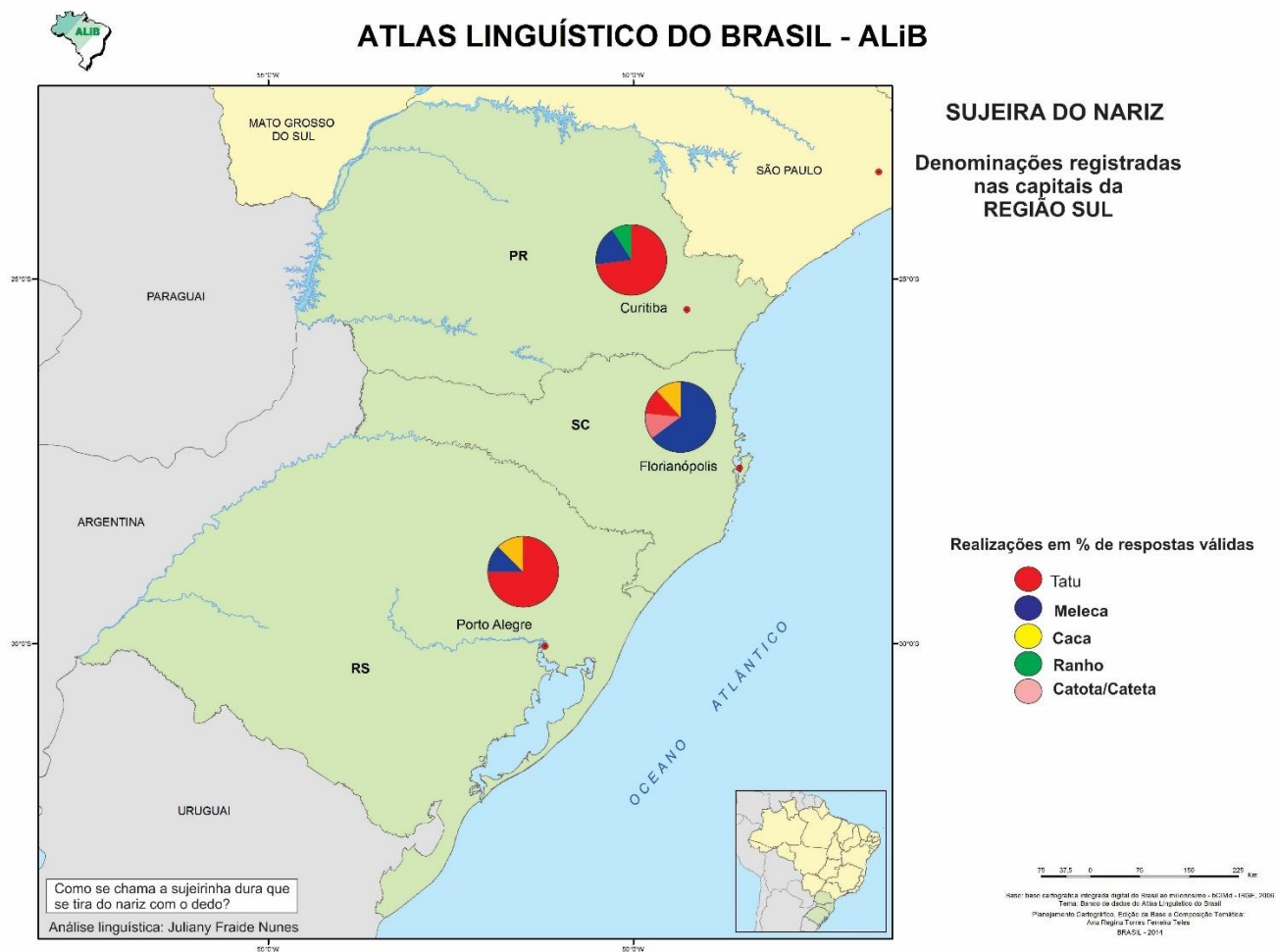


Figura 26 - Sujeirinha dura do Nariz / Resposta à questão 102/QSL – Capitais da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

De acordo com as duas cartas linguísticas, é possível verificar, na primeira, o mapeamento de *bustela*, mais produtiva na região, com a maior produtividade no centro do mapa. Conforme se distancia a sua frequência vai diminuindo, dando lugar a *cataraca*. Já o item léxico *meleca* pode ser observado em todas as capitais, com grande produtividade em Rio Branco/AC e nas demais sempre como a terceira variante mais produtiva.

Em Porto Velho/RO, cidade com maior diversidade de designativos, além de *bustela*, *meleca* e *cataraca*, há também o registro de *caca/cacaca* e de *bolinha*, as duas citadas, como já mencionado, pela informante feminina, faixa etária I, curso superior. A outra ocorrência de *caca/cacaca* foi citada em Boa Vista/RR pelo informante masculino, faixa etária I, Curso Superior.

Já na região Sul, há a presença de *tatu* em todas as capitais, em menor frequência em Florianópolis/SC, que teve como mais produtiva a unidade léxica *meleca*.

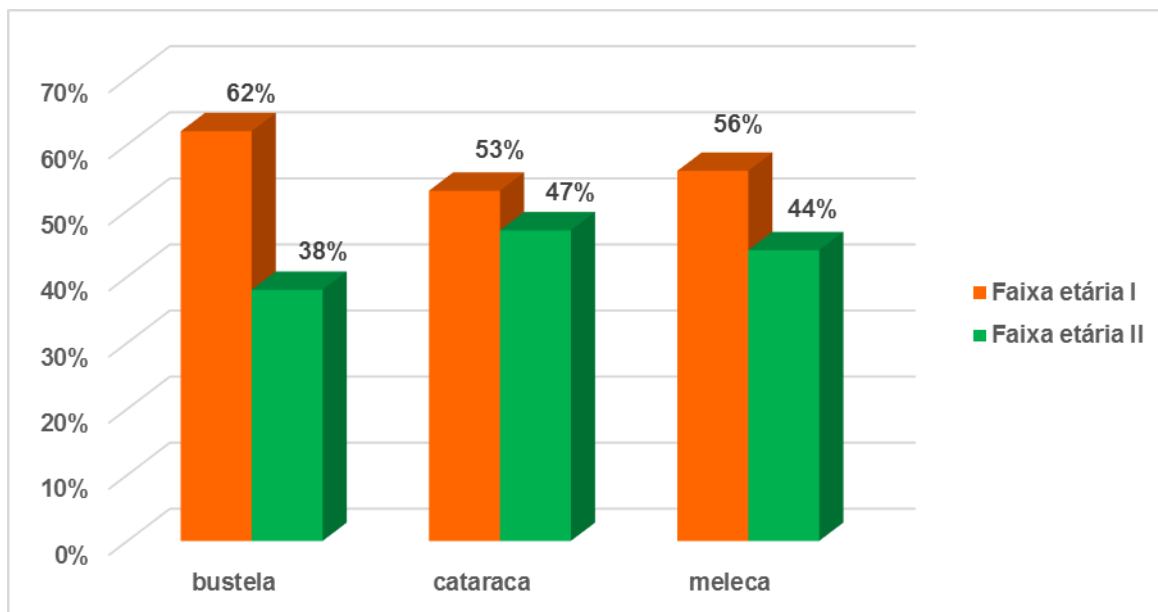
No Paraná houve a única ocorrência da forma *ranho*, citada pelo informante masculino da faixa etária II, Curso Superior. Já na capital catarinense foram registrados os usos de *catota* e *caca/cacaca*, dados como resposta, respectivamente, pelo informante masculino, faixa etária I, Curso Superior e pela informante feminina, faixa etária II, Curso Superior. Por fim, em Porto Alegre/RS, além de *tatu* e *meleca*, também houve uma ocorrência de *caca/cacaca*, mencionada pelo informante masculino, faixa etária II, Curso Superior.

Focalizada a dimensão diatópica dos dados, na sequência, os dados são examinados segundo as variáveis sociais; diageracional, diassexual e diastrática.

4.3.1.1.1 Dimensão diageracional

A análise se inicia com os dados das capitais da região Norte, para a contraposição das duas faixas etárias, foram escolhidas as três variantes mais produtivas: *bustela*, *meleca* e *cataraca*. Assim, no gráfico 31, são apresentadas as respostas para “sujeira dura do nariz” divididas segundo a faixa etária.

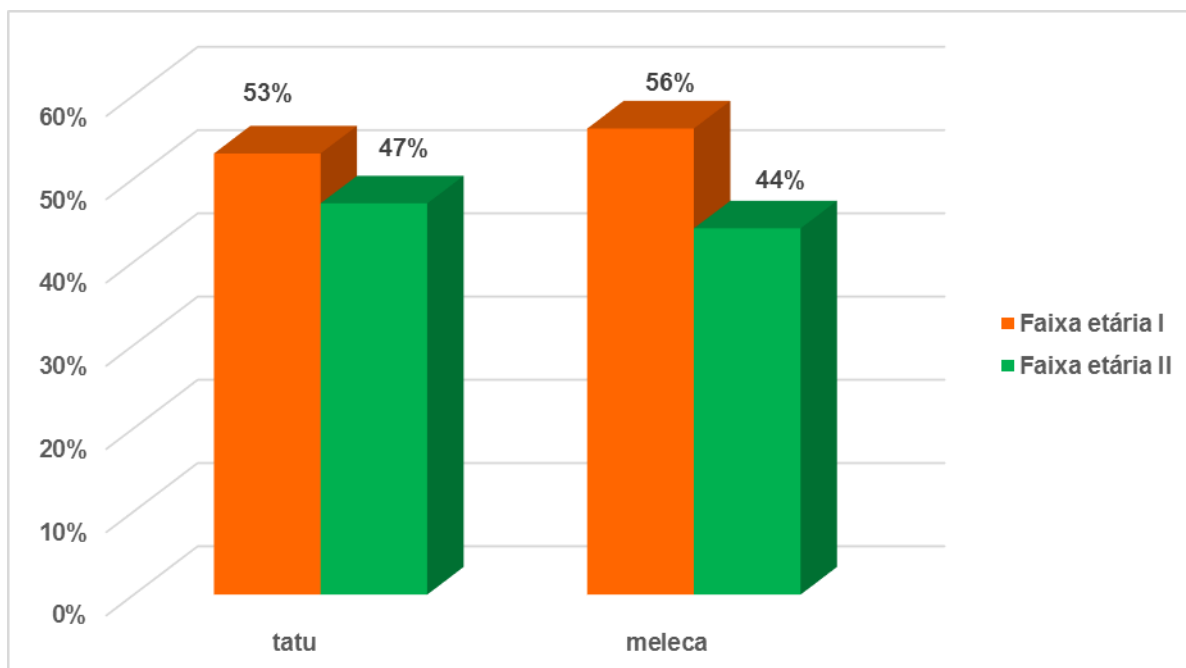
Gráfico 31 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas capitais da região Norte, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pelo autor.

Os dados mostram um equilíbrio entre as duas faixas etárias ao fornecer respostas para “sujeira do nariz”, *cataraca* e *meleca* estão praticamente empatadas, os dois são formas de nomeação comum às duas faixas etárias. *Bustela* se diferencia um pouco, pois foi fornecida de maneira mais significativa pelos informantes da primeira faixa etária, o que pode evidenciar ser um item mais comum de uma norma léxica recente. Os itens léxicos *caca/cacaca* e *bolinha* que não estão no gráfico pela baixa produtividade foram fornecidos, respectivamente, em Porto Velho, pela informante feminina, faixa etária II, Ensino Fundamental e pelo informante masculino, faixa etária I que, por sua vez, também mencionou *bolinha*. Na sequência, verifica-se a distribuição diageracional dos dados das capitais da região Sul.

Gráfico 32 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas capitais da região Sul, segundo a variável “idade”.



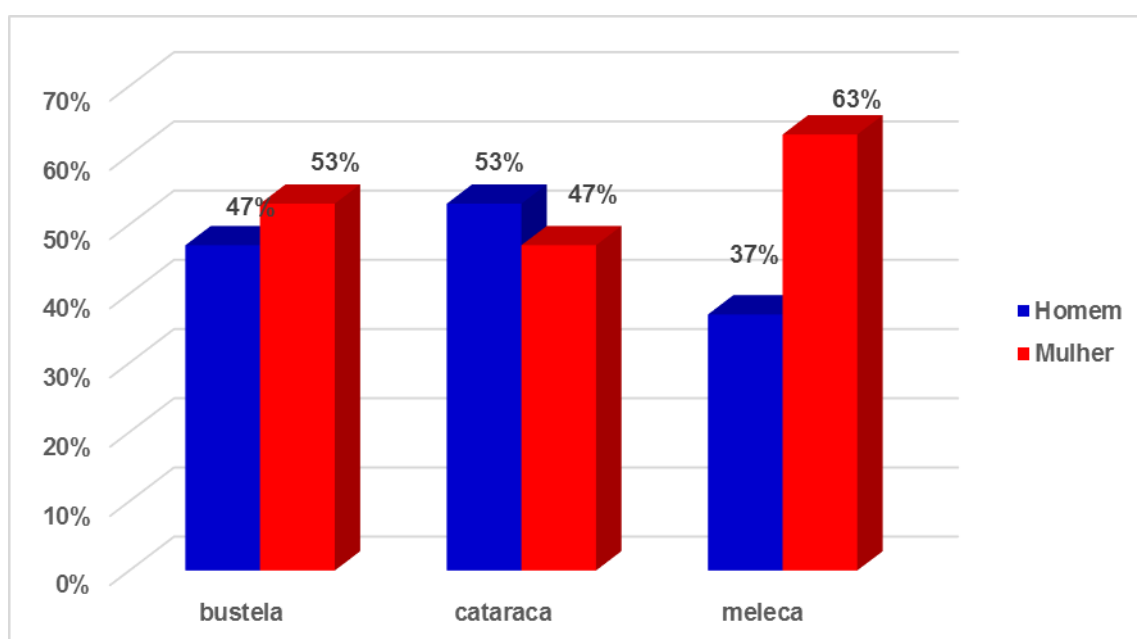
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

De acordo com o gráfico 32, assim, como no Norte, as variantes não apresentam índices discrepantes entre as faixas etárias, *tatu* e *meleca* estão quase empatados. As demais unidades léxicas fornecidas *caca/cacaca*, *ranho* e *catota*, que obtiveram baixa ocorrência, foram mencionadas em: *caca/cacaca* – dois informantes da baixa etária II, uma em Florianópolis, Curso Superior e outro em Porto Alegre também Curso Superior. Já *catota* foi fornecida na capital catarinense pelo informante, da faixa etária I, Curso Superior. A partir dos dados apresentados, observa-se que os itens menos produtivos são dados como resposta, em sua maioria, por informantes com Curso Superior, os de Ensino Fundamental tentam não se comprometer muito e, normalmente, fornecem denominativos já consagrados pelo uso. Apresentada a dimensão diageracional dos dados, pode-se verificar que essa não é a variável que mais interfere na escolha dos falantes das capitais para a pergunta em estudo, pois os dados permaneceram em números próximos. Finalizada essa dimensão, a próxima é a diasssexual que corresponde ao gênero dos informantes.

4.3.1.1.2 Dimensão diassexual

Para analisar a dimensão diassexual, assim, como a diageracional, optou-se por selecionar as unidades léxicas que obtiveram maior frequência. Nesse sentido, no gráfico 33, pode ser verificado os designativos fornecidos pelos informantes das capitais da região Norte, segundo a dimensão diassexual.

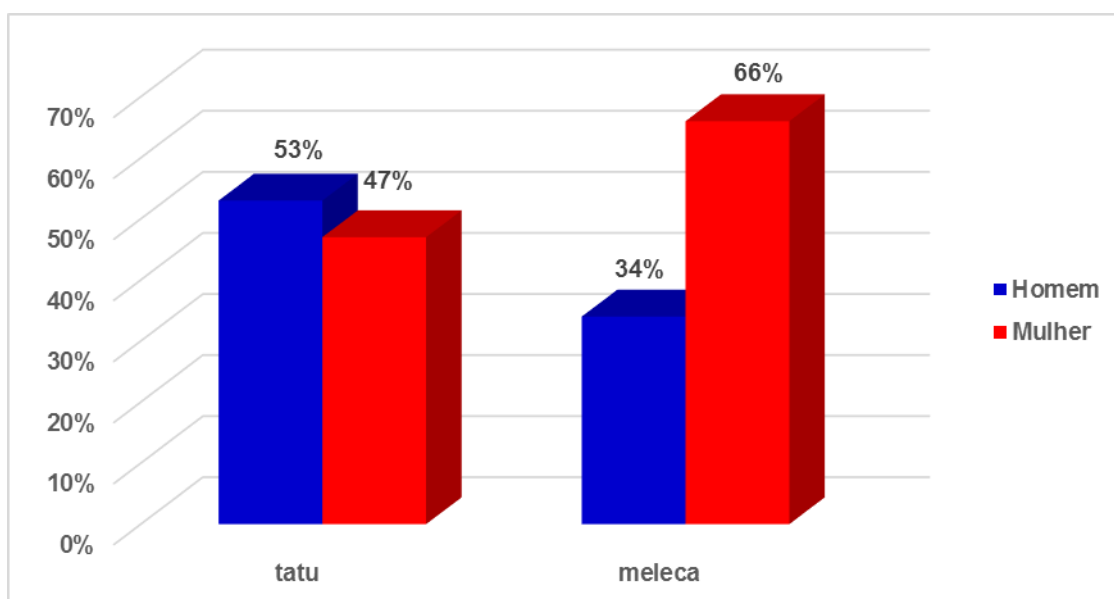
Gráfico 33 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha do nariz* nas capitais da região Norte, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

No Gráfico 33, nota-se que *bustela* e *meleca* são mais fornecidas pelas mulheres e *cataraca* pelos homens. *Bustela* e *meleca* foram bem equilibradas em relação a distribuição dos dois gêneros, já *meleca* teve um número maior de ocorrências por mulheres, o que pode ser pelo fato de na hora de se comunicarem as mulheres preferirem itens mais neutros. O item léxico *caca/cacaca* foi fornecido por dois informantes de Porto Velho, um do sexo masculino e outro do sexo feminino e em Boa Vista por uma informante do sexo feminino. Já *bolinha* foi mencionada por um informante do sexo masculino. A seguir, apresentam-se os dados lexicais distribuídos segundo a dimensão diassexual das capitais da região Sul.

Gráfico 34 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha do nariz* nas capitais da região Sul, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

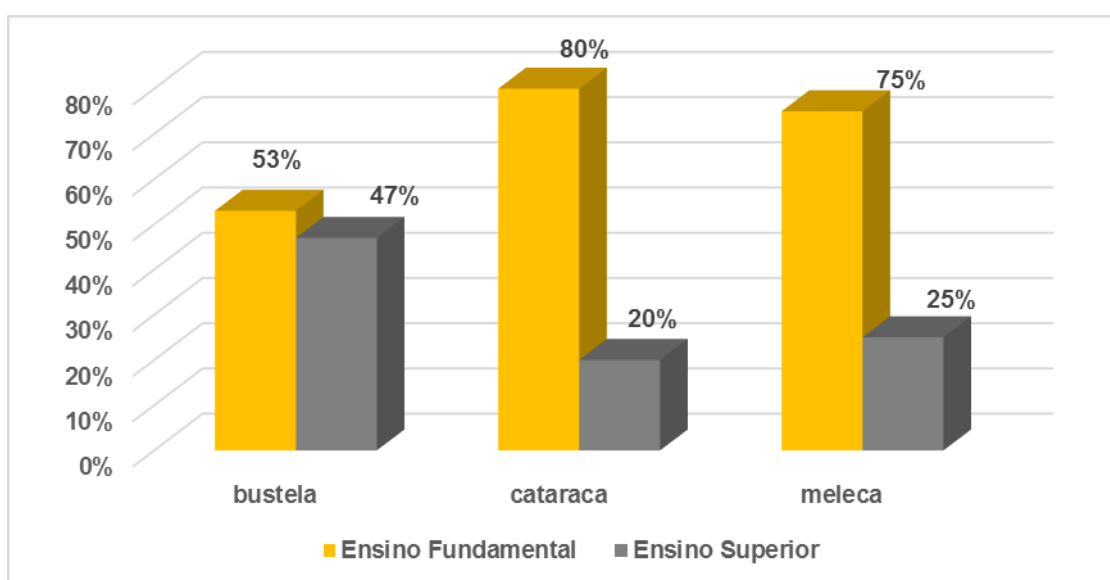
Verifica-se no gráfico 34 que há uma diferente distribuição das duas variantes léxicas, *tatu* mais fornecida por homens e *meleca* por mulheres. Como já visto, *meleca* é uma preferência das mulheres na hora de nomearem o referente em estudo, especialmente, nas capitais sulinas, alcançando 66% das respostas válidas. Já *tatu*, com pouca diferença, mas, mais fornecido por informantes homens, podendo ser, pelo fato de que designativos originários de processo de assimilação à animais, em sua maioria, são mais utilizados por informantes do sexo masculino.

Os itens léxicos *catota* e *caca/cacaca* e *ranho* com 4 ocorrências, *catota* apareceu em Florianópolis, na fala do informante masculino da faixa etária I, Curso Superior e, *caca/cacaca*, na capital catarinense pela informante feminina da faixa etária II, Curso Superior e, em Porto Alegre/RS, pelo informante masculino da faixa etária II, Curso Superior, *ranho*, por fim, foi dado como resposta pelo informante masculino, da faixa etária II, Curso Superior de Curitiba/PR. Para finalizar as dimensões sociais, no próximo tópico, analisa-se as respostas de acordo com o grau de escolaridade.

4.3.1.1.3 Dimensão diastrática

No universo das respostas para “sujeira do nariz” nas capitais Norte e Sul do Brasil, a dimensão diastrática foi a mais produtiva, a partir dela, pode-se verificar significativas diferenças entre a fala dos dois graus de escolaridade da pesquisa. Na sequência, no gráfico 35, podem ser analisadas as respostas das capitais da região Norte.

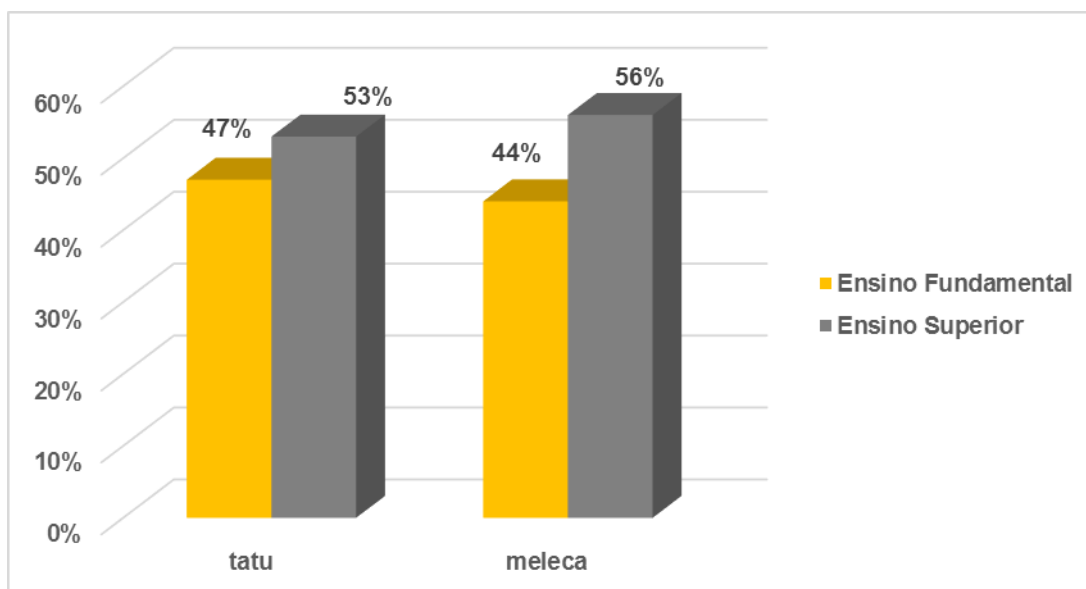
Gráfico 35 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas capitais da região Norte, segundo a variável “escolaridade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

No gráfico 35, *bustela* alçou números parecidos nos dois graus de escolaridade, um pouco maior no Ensino Fundamental. Já *cataraca* foi muito produtiva junto aos informantes de Ensino Fundamental, quase totalizando 100%, o que permite analisar que se trata de uma unidade léxica de menor prestígio com apenas 25% no Ensino Superior. *Meleca*, por seu turno, obteve acentuada ocorrência na faixa do Ensino Superior que, como já mencionado, se trata de item mais genérico, e é muito comum tanto na fala dos informantes do gênero masculino quanto nos dos informantes de Curso Superior, ambos utilizam essas unidades por serem consideradas mais formais. A seguir, no gráfico 36, apresenta-se os dados lexicais das capitais da região Sul.

Gráfico 36 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas capitais da região Sul, segundo a variável “escolaridade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Diferente da região Norte, a distribuição dos dados lexicais segundo os graus de escolaridade não apresenta muita diferença, apenas de pequena porcentagem, *tatu* e *meleca* foram mais mencionadas por informantes de Curso Superior. As duas foram mais frequentes nesse grau de escolaridade por dois motivos: i) os informantes de Ensino Superior foram os que forneceram mais respostas invalidadas pelos critérios, já apresentados e; II) os mesmos informantes foram os que mais mencionaram unidades léxicas pouco produtivas que não figuram no gráfico 36.

A partir dos dados das capitais das duas regiões geográficas, Norte e Sul, foi possível depreender significativas diferenças entre os falantes dos dois extremos do país e uma norma lexical bem delimitada. Finalizados os dados das capitais, no próximo tópico analisam-se os dados das localidades do interior.

4.3.1.2 Localidades do interior

Para nomear “sujeira do nariz” nas localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil foram computadas 243 ocorrências. Dessas ocorrências, 74 foram na região Norte e 169 na região Sul. Na tabela 12 visualizam-se os dados divididos entre as duas regiões.

Tabela 12 - Distribuição percentual das denominações para a *sujeirinha dura do nariz* nas localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil.

	Região Norte		Região Sul	
tatu			101	60%
meleca	19	25%	16	10%
bustela	32	43%		
catraca	21	28%		
ranho			29	17%
caca/cacaca	1	1%	6	4%
casção	1	1%	6	4%
moco			7	4%
bolinha			1	0,6%
cateta/catota			1	1%
titica			2	1%
Total	74	100%	169	100%

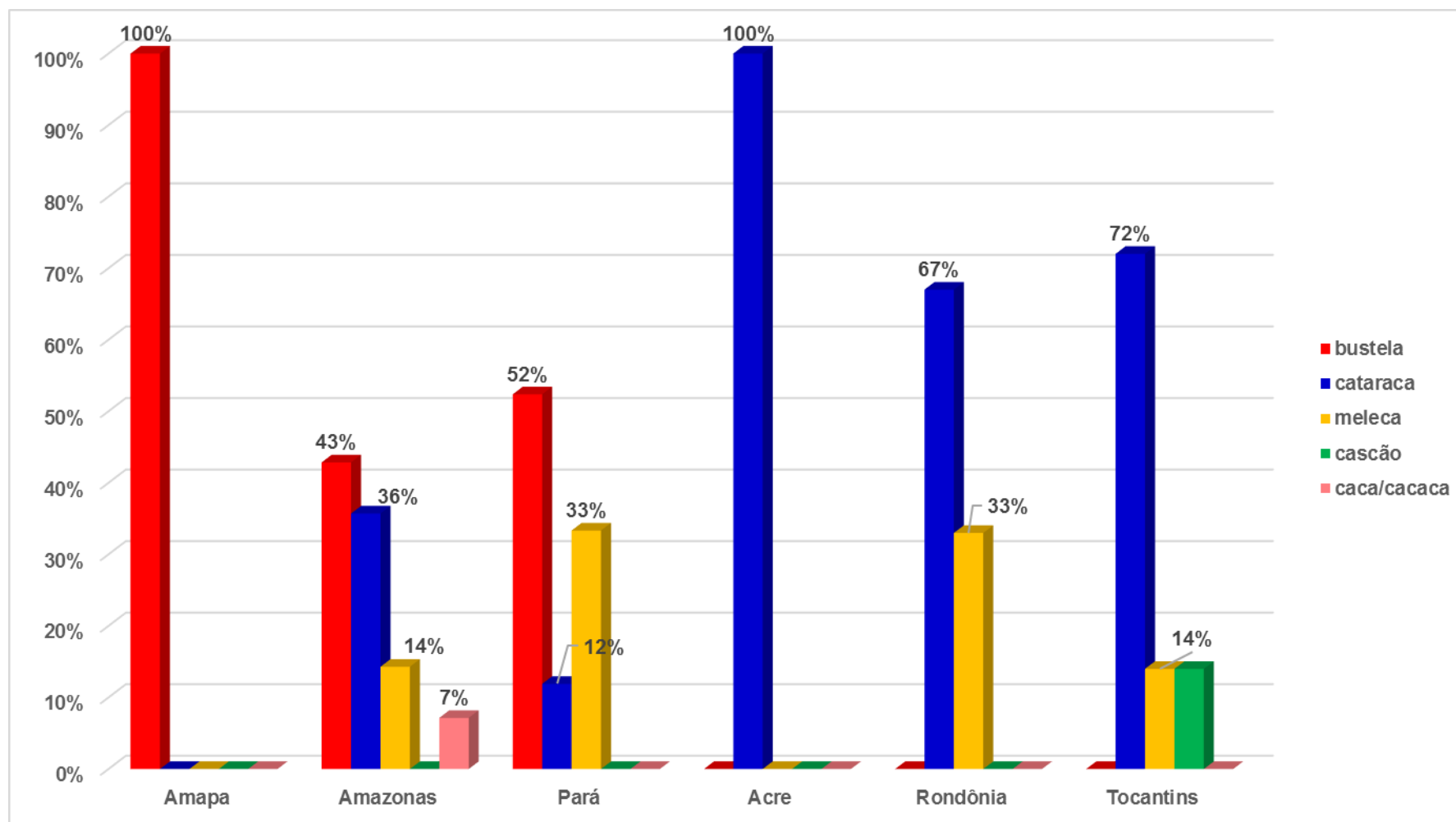
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Assim, como nas capitais, nas localidades do interior, os dados revelam uma acentuada diferença entre as duas regiões. No Norte, tem-se a variante léxica *bustela* como a mais produtiva, seguida de *catraca* e *meleca*, essas duas últimas aparecem quase empatadas. Há também a utilização de *caca/cacaca* e *casção* com uma ocorrência cada.

Já na região Sul, *tatu* é a mais produtiva com mais de 50% do total de respostas válidas, seguido de *ranho* e *meleca*. Após essa tríade mais produtiva, há o caso de *moco*, unidade fornecida apenas nas localidades do Rio Grande do Sul, com significativa produtividade, seguida de *caca/caca* e *casção*. *Titica* alçou duas ocorrências na mesma localidade, Criciúma/SC (233) em Santa Catarina. E os itens léxicos *bolinha* e *cateta/catota* tem uma ocorrência cada.

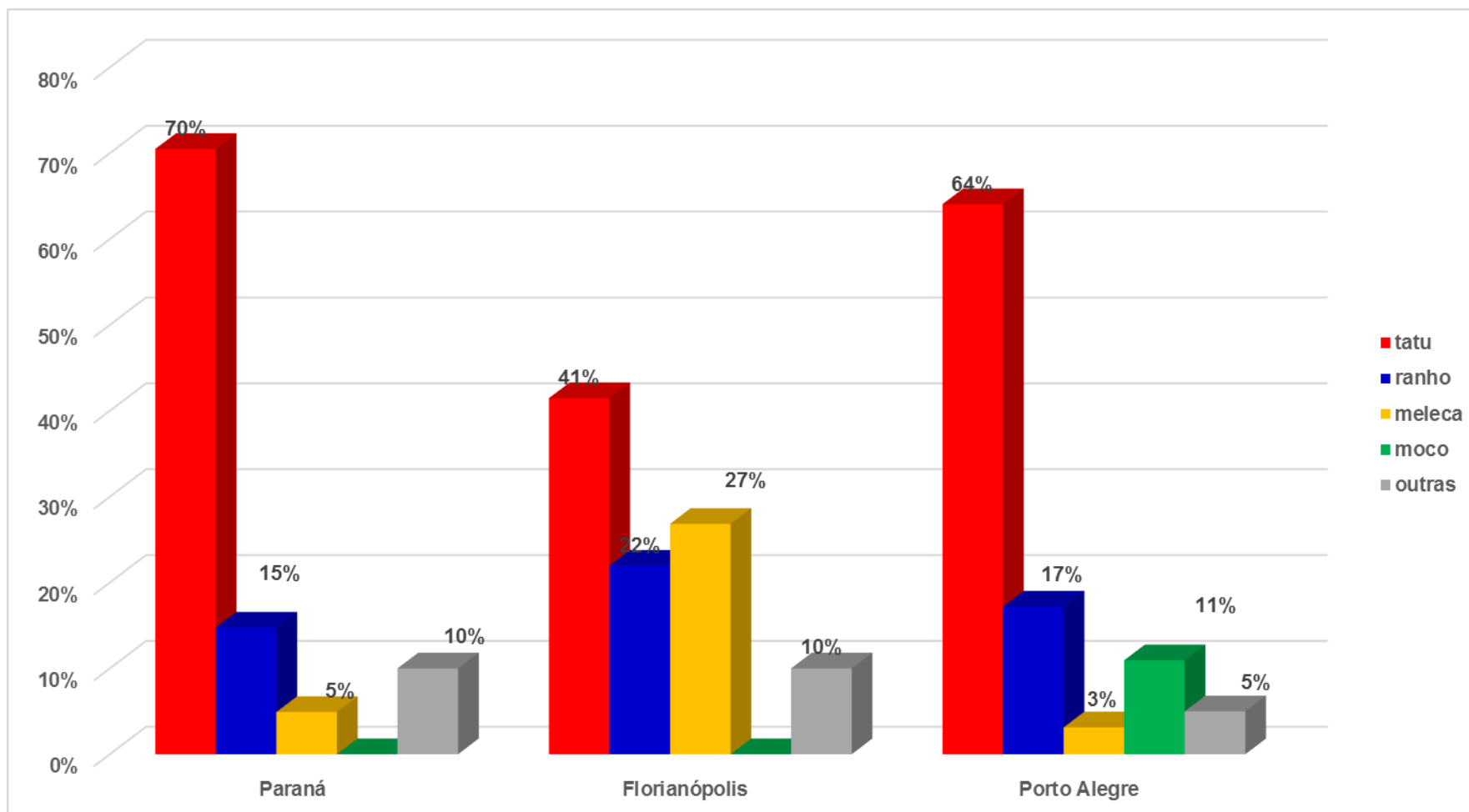
Nesta primeira análise, observa-se que os dados das capitais e das localidades do interior não diferem muito em relação a pergunta 102 – “sujeirinha dura do nariz”. Na sequência, serão observados os dados nos recortes dos estados em que foram documentadas, das regiões Norte e Sul.

Gráfico 37 - Distribuição percentual das designações para *sujeirinha dura do nariz* nas localidades do interior da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Gráfico 38 - Distribuição percentual das designações para *sujeirinha dura do nariz* nas localidades do interior da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Os dados das localidades do interior da região Norte ratificam os dados das capitais, em que se pode verificar uma diferença entre Amapá, Amazonas e Pará dos estados de Acre e Rondônia.

No Amapá, *bustela* alçou 100% das ocorrências válidas. Já no Amazonas, *bustela* foi a mais produtiva, seguida de *cataraca* e *meleca* e uma ocorrência de *caca/cacaca*. No Pará, o quadro de respostas foi semelhante ao do Amazonas, com a diferença que *meleca* foi a segunda mais produtiva seguida de *cataraca*. Pode-se observar que esses três estados representam uma parte da região Norte, já os outros três estados são formados por aspectos linguísticos diferenciados, reflexos dos processos colonizatórios distintos de cada estado.

No Acre, *cataraca* obteve 100% das respostas. Já em Rondônia a mais produtiva foi *cataraca*, seguida de *meleca*; quanto a *Tocantins*, obteve-se *cataraca*, uma ocorrência de *meleca* e outra de *casção*. Nesses estados não houve nenhum registro de *bustela*, designativo muito comum nas localidades dessa região.

Na região Sul, os dados lexicais das localidades do interior mostram para a alta frequência de *tatu* no Paraná e em Porto Alegre, já em Santa Catarina há uma queda e um equilíbrio com outras formas lexicais, *ranho* e *meleca*. Nesse universo da região Sul, observa-se também que *ranho* passa a frente de *meleca*, sempre a segunda mais produtiva. Assim como *tatu*, *ranho* se mostrou muito produtiva nas localidades do interior, um possível traço da norma lexical da região.

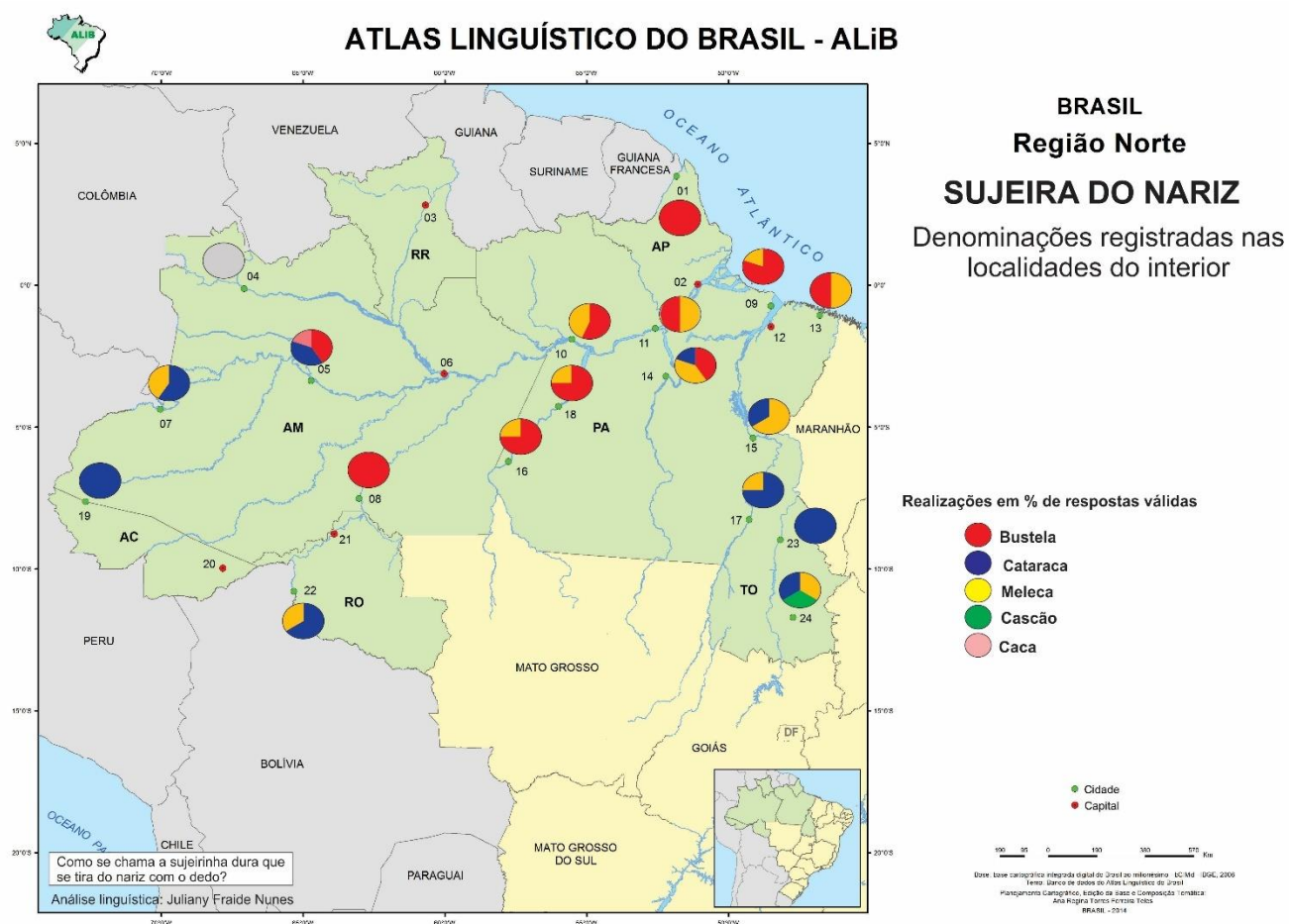
No Paraná, além do registro de *tatu*, *ranho* e *meleca*, houve três ocorrências de *caca/cacaca* e as ocorrências únicas de *cateta*, *casção* e *bolinha*. *Caca/cacaca* foi fornecida em duas localidades: Nova Londrina (207) e Umuarama (210), na primeira cidade foi dada como resposta pelo informante masculino da primeira faixa etária e pela informante feminina da segunda faixa etária, já na segunda localidade foi fornecida apenas pela informante feminina da segunda faixa etária. *Casção* e *cateta* foram registradas na localidade de Terra Boa (209), dadas como resposta, respectivamente, por um informante, masculino, faixa etária I e pela informante feminina, faixa etária II.

Em Santa Catarina, ademais das unidades léxicas apresentadas no Gráfico 38, foram catalogados outros dois designativos: *cascão* e *titica*. *Cascão* obteve duas ocorrências em Concórdia (229), pela informante feminina da primeira faixa etária e pelo informante masculino da segunda faixa etária. *Titica*, por seu turno, teve dois registros em Criciúma (233), fornecidos pelos informantes masculinos das duas faixas etárias.

Já no Rio Grande do Sul, *caca/cacaca* alçou três (3) ocorrências, em Erechim (235) e Flores da Cunha (240) foi fornecida pela informante feminina da primeira faixa etária e em Santana do Livramento (247) foi dada como resposta pela informante feminina da segunda faixa etária.

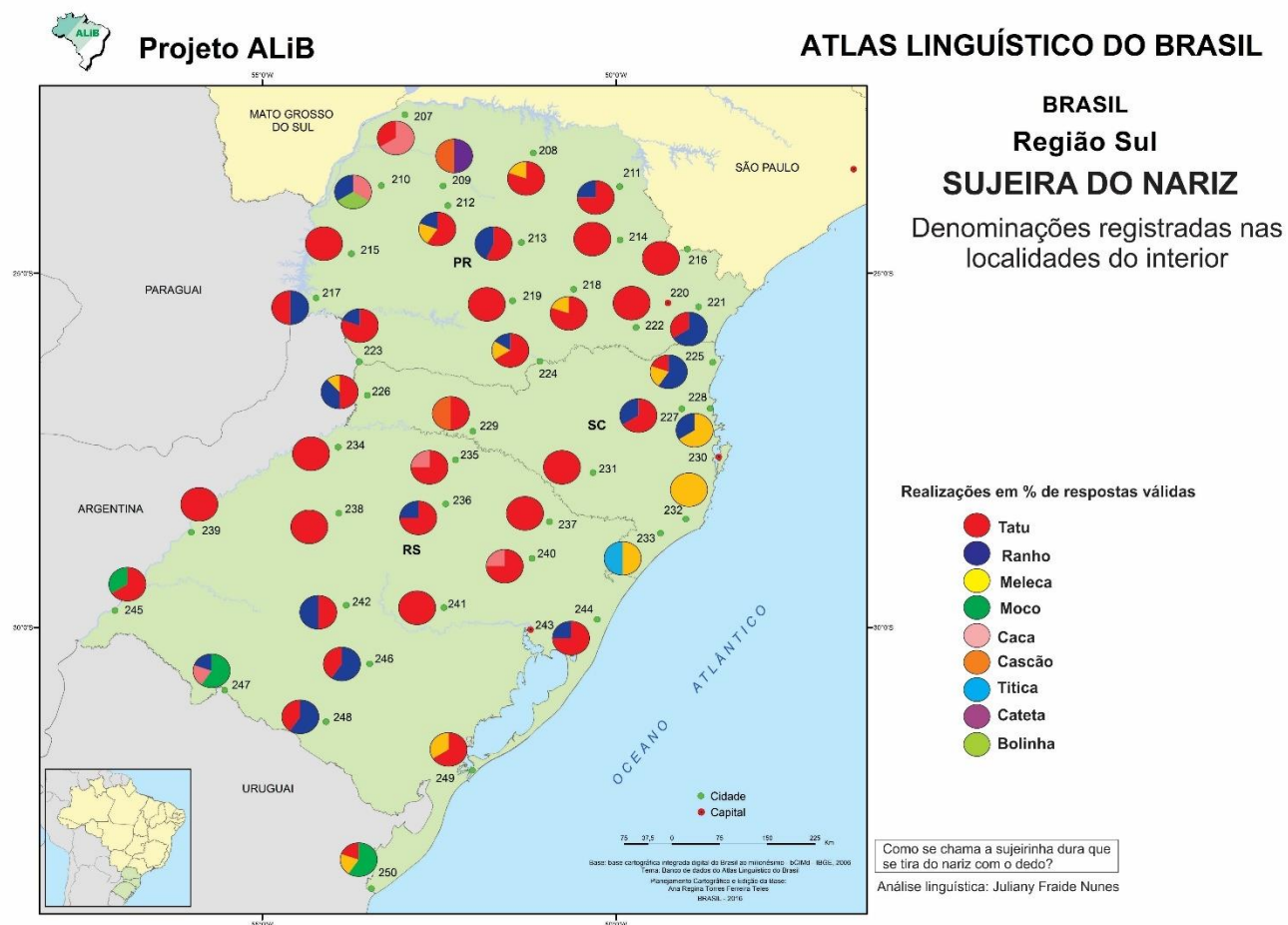
Apresentadas as variantes e devidas porcentagens das localidades do interior, a seguir, nas figuras 27 e 28, respectivamente, as cartas linguísticas para os designativos para “sujeirinha dura do nariz” nas localidades do interior do Norte e do Sul com vistas a ilustrar o mapeamento das unidades léxicas registradas e a possível visualização de isoléxicas nas duas regiões.

Figura 27 - Sujeirinha dura do nariz / Resposta à questão 102/QSL – Localidades do interior da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora

Figura 28 - Sujeirinha dura do Nariz / Resposta à questão 102/QSL – Localidades do interior da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Na região Norte, observa-se a disposição de *bustela* em contraposição com *cataraca*, *meleca* é fornecida em praticamente todas as localidades. Vale ressaltar que São Gabriel da Cachoeira/AM (004) está registrado em cinza, pois dos quatro (4) registros da localidade, três (3) foram inválidas (*sujeira do nariz*, *massa* e *dente*) e uma (1) foi ocorrência única em todo o *corpus* (*tipura*). Nota-se uma possível isoléxica, uma vez que *bustela* localiza-se na parte central da carta e *cataraca* segue às margens da região.

Já, na região Sul, *tatu* é predominante, apenas não é encontrado em Nova Londrina (207), Terra Boa (209), Umuarama (210), Itajaí (228), Tubarão (231), Criciúma (233) e Santana do Livramento (247). *Ranho* é documentado em menor frequência, mas também muito significativo.

Na região Norte do estado do Paraná, as localidades de Nova Londrina (207), Terra Boa (209) e Umuarama (210) diferem das demais, com ocorrências diversificadas e sem o registro de *tatu*.

As três localidades do interior de Santa Catarina: Itajaí (228), Tubarão (231) e Criciúma (233) tem comportamento distinto das outras localidades, essa região litorânea do estado catarinense se torna avessa às demais.

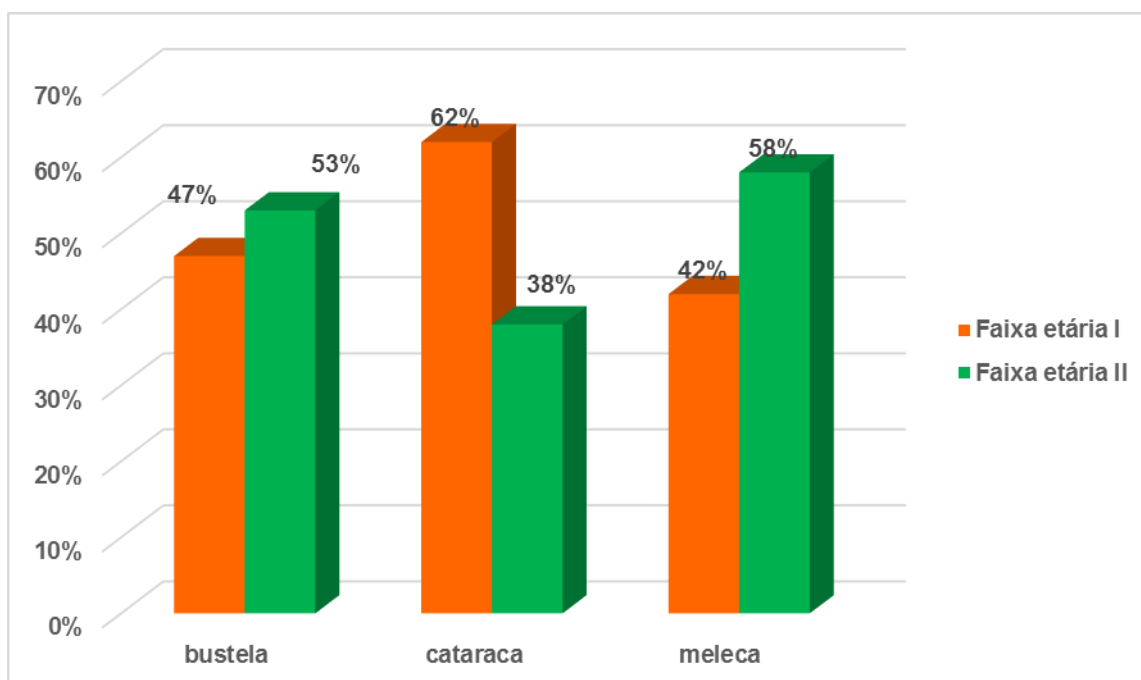
Um ponto peculiar dos dados das localidades do interior da região Sul foi o registro de *moco*, documentada em Uruguaiana (245), Santana do Livramento (247) e Chuí (250), todas fronteira com outros países, a primeira com a Argentina e as outras duas com o Uruguai. Essas localidades apresentam uma norma bem marcada em detrimento das demais com uso de unidades léxicas, ora híbridas⁴⁰, ora empréstimo linguístico. Finalizada a análise diatópica das unidades léxicas catalogadas, a seguir, verifica-se as dimensões diageracional e diassexual dos designativos mais frequentes no *corpus* das localidades do interior da região Sul.

⁴⁰ Utiliza-se o termo híbrido, quando o item léxico é formado por base portuguesa e base de outra língua.

4.3.1.2.1 Dimensão diageracional

Para demonstrar a dimensão diageracional dos dados das localidades do interior para “sujeira dura do nariz”, foram selecionadas as três (03) variantes mais produtivas: *bustela*, *meleca* e *cataraca*. O gráfico 39 ilustra as respostas divididas segundo a faixa etária.

Gráfico 39 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

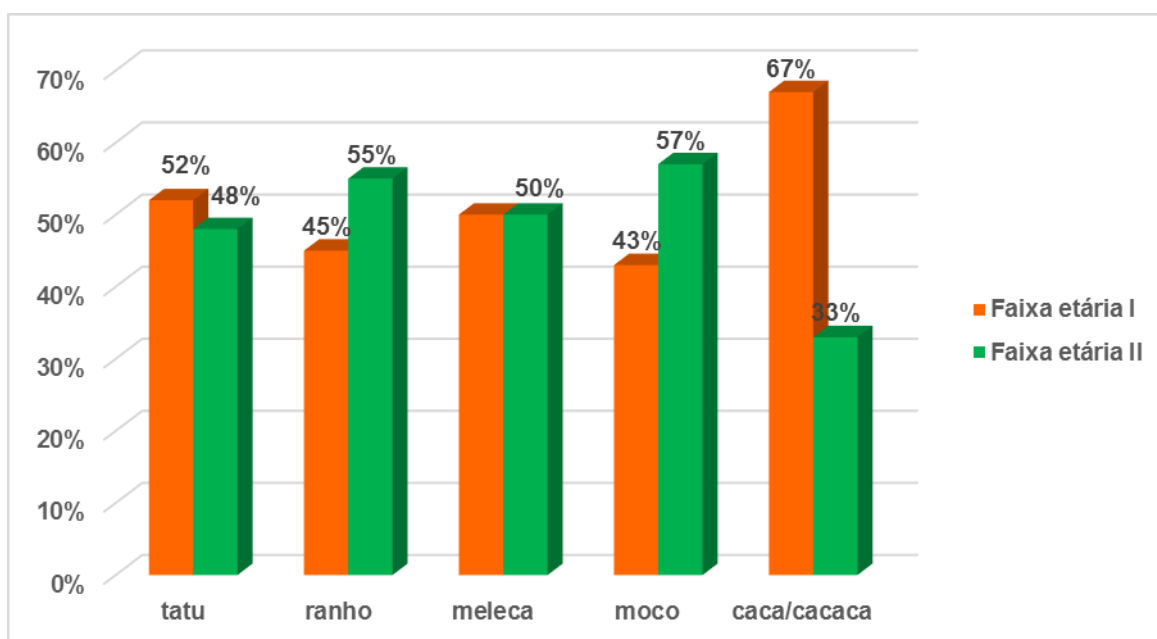
Nas localidades do interior da região Norte foram apuradas cinco (05) variantes, duas (02) delas (*casção* e *caca/cacaca*) não figuram no gráfico por terem alcançado apenas uma ocorrência. *Casção* foi fornecida em Natividade/TO (024) pela informante feminina da faixa etária II e *cacaca* em Tefé/AM (005) pelo informante masculino da faixa etária I.

No gráfico 39, observa-se a disposição dos designativos com maior frequência: *bustela*, *cataraca* e *meleca*. *Bustela* foi mais produtivo junto aos informantes da segunda faixa etária, embora a diferença entre uma faixa é outra seja bem pequena. Já *cataraca* atingiu uma diferença maior, sendo a mais produtiva na faixa etária I. Por fim, os dados relativos à *meleca*

apresentam uma maior produtividade na faixa etária II. Os dados das localidades do interior se contrapõem um pouco aos das capitais, uma vez que *bustela* e *meleca* tiveram um número maior de ocorrências da faixa etária I nas capitais, já *catraca* obteve uma porcentagem semelhante nos dois *corpus*.

Nas localidades do interior, ocorreu uma ocorrência única, *tipura*, fornecida pelo informante masculino da primeira faixa etária em São Gabriel da Cachoeira/AM (004). Finalizada a análise das variantes lexicais recolhidas na região Norte, no gráfico 40, apresenta-se a disposição dos itens léxicos registrados nas localidades do interior da região Sul.

Gráfico 40 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Diferente das capitais, nas localidades do interior, além de *tatu* e *meleca*, *ranho*, *caca/cacaca* e *moco* também alçaram grande produtividade. A partir do gráfico 40, verifica-se que as ocorrências dos quatro primeiros itens léxicos permaneceram em equilíbrio entre as duas faixas etárias. O mesmo ocorreu com os dados das capitais, o que reitera que nessa região do Brasil, não há uma acentuada diferença entre as duas faixas etárias. Já *caca/cacaca* obteve uma alta produtividade junto à faixa etária I, esse item pode ser

considerado mais genérico, assim, no desconhecimento de outros itens mais específicos, o informante fornece esse.

Vale lembrar que o designativo *moco* é registrado apenas nas localidades do interior do Rio Grande do Sul e, embora seja pequena a diferença entre as duas faixas etárias, foi mais frequente na fala dos informantes da faixa II, o que pode evidenciar ser um item em vias de desuso.

Nas localidades do interior, houve também a ocorrência de outras quatro (04) formas léxicas, *casção*, *bolinha*, *cateta/catota* e *titica*. *Casção* foi dado como resposta em dois estados, Paraná e Santa Catarina, registrados, respectivamente, em Terra Boa, fornecido pelo informante masculino da faixa etária I, e em Concórdia, fornecidos pela informante feminina da faixa etária I e pelo informante masculino da faixa etária II. Já, as variantes lexicais *bolinha* e *cateta* foram documentadas no estado paranaense, a primeira em Umuarama/PR, utilizada pelo informante masculino da primeira faixa etária e a segunda, em Terra Boa, pela informante feminina da segunda faixa etária.

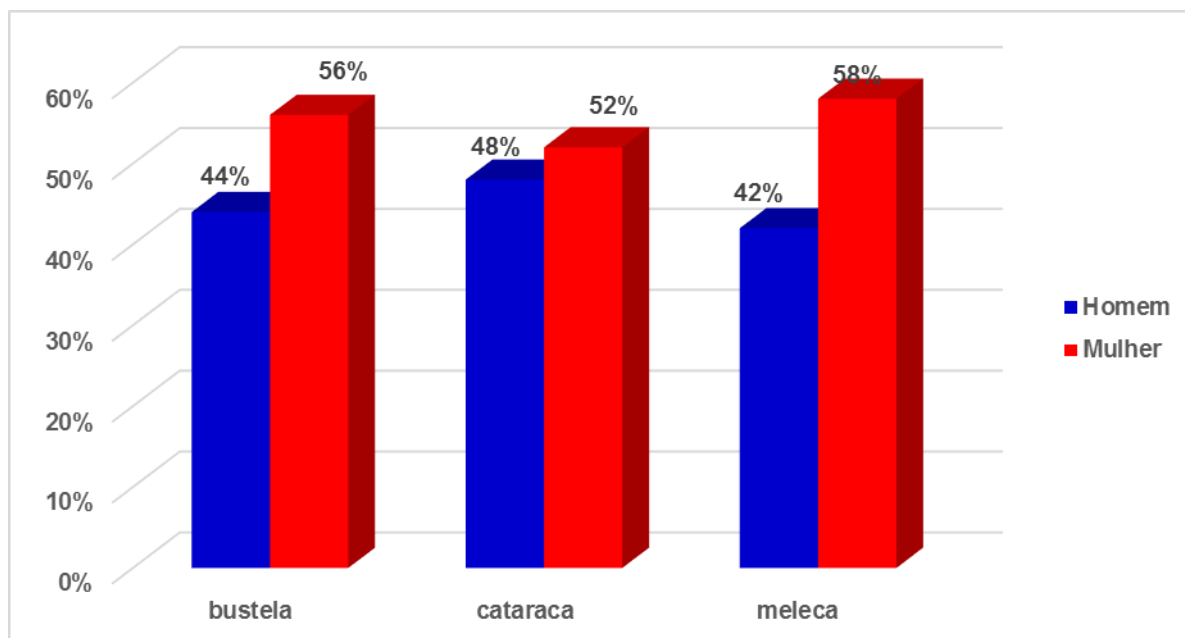
O item léxico *titica* foi documentado apenas em uma localidade de Santa Catarina, Criciúma, dada como respostas pelas duas informantes femininas das duas faixas etárias. Ao fim da disposição dos dados, segundo a faixa etária das localidades do interior das regiões Norte e Sul, observou-se que, são poucas as distinções, os dados se comportam de forma semelhante, utilizados pelas duas faixas etárias. Finalizada a dimensão diageracional, no próximo tópico, apresentam-se os dados da dimensão diassexual.

4.3.1.2.2 Dimensão diassexual

Nesta etapa, os dados serão analisados segundo o viés do gênero. Nas localidades do interior da região Norte foram catalogadas como mais frequentes as formas léxicas *bustela*, *catraca* e *meleca*. Além dessas três (03) que obtiveram mais ocorrências, também foram registradas nas localidades outras duas unidades léxicas, *casção* e *caca/cacaca*. *Cacaca* foi documentada em Tefé/AM (005), fornecido pelo informante masculino da faixa etária I e *casção*, em Natividade/TO (024), pela informante feminina da faixa etária II. No

gráfico 41, podem ser visualizados as três variantes mais produtivas nas localidades do interior da região Norte, de acordo com o gênero.

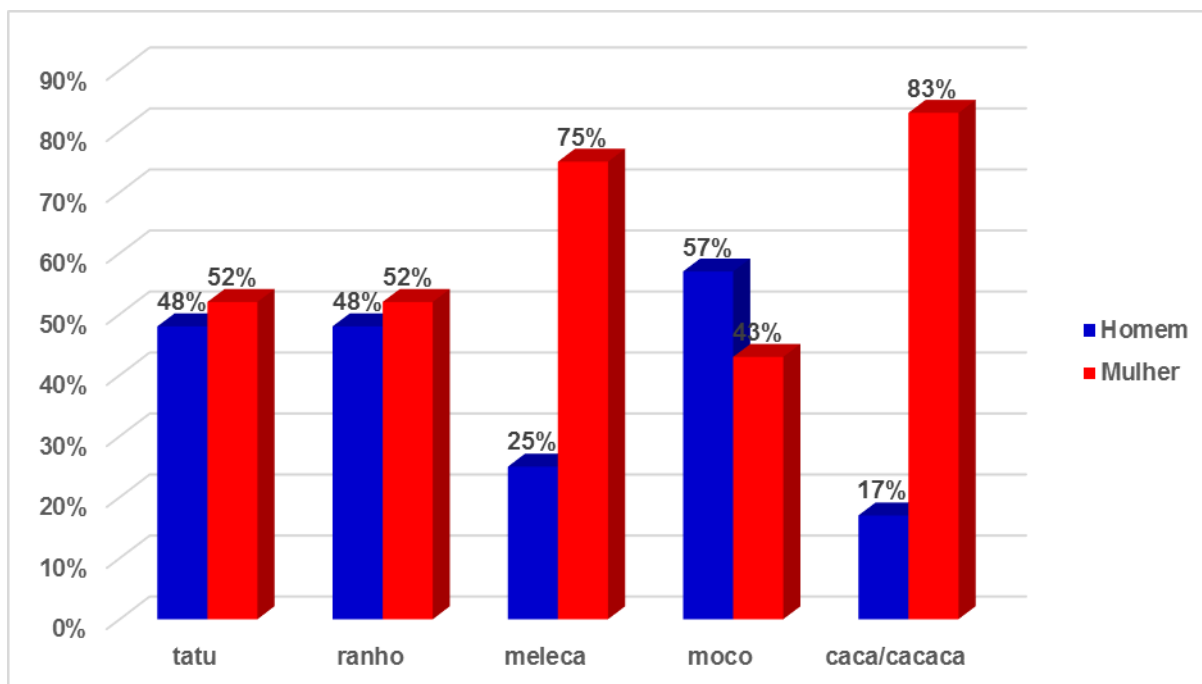
Gráfico 41 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura* do nariz nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

No gráfico 41, nota-se que as três unidades léxicas mais produtivas foram mais recorrentes na fala das mulheres. Isso ocorre, porque na faixa dos homens foi onde mais ocorreu casos de não resposta e respostas não válidas por não contemplarem o pedido da questão, ao todo cinco (05) casos. Na sequência, no gráfico 42, são apresentados os designativos fornecidos pelos informantes das localidades do interior do Sul, segundo o fator “gênero”.

Gráfico 42 - Distribuição percentual das denominações para *sujeirinha dura do nariz* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Dos itens léxicos do gráfico 42, *tatu* e *ranho* e se comportam de maneira semelhante e não há uma grande diferença entre os dois gêneros. Já *meleca* e *caca/cacaca* tiveram uma acentuada distinção, com, respectivamente, 75% e 83% das respostas válidas fornecidas por mulheres. Esse fato, já mencionado, ocorre, pois as informantes femininas têm como preferência, a utilização de itens mais genéricos e com cargas semânticas mais neutras.

O designativo *moco*, fornecido apenas nas localidades do Rio Grande do Sul, foi mais produtivo na fala dos homens, completando, dessa forma, a alta ocorrência de *meleca* e *caca/cacaca* na fala das mulheres. As variantes pouco mencionadas, *cascão*, *cateta* e *titica*, foram fornecidas em: i) *cascão* - Terra Boa/PR, informante masculino/faixa etária I; Concórdia, informante feminina/faixa etária I, informante masculino/faixa etária II; ii) *cateta* - Terra Boa/PR, informante masculino/faixa etária I; iii) *titica* - Criciúma/SC, informantes masculinos, faixas etárias I e II.

Terminada a análise geossociolinguística dos dados, pode-se analisar as distinções, primeiro, das regiões pesquisadas, segundo, das capitais em relação às localidades do interior.

Na região Norte, as duas variantes lexicais mais produtivas, *bustela* e *cataraca*, fazem uma divisão dos estados da região, com *bustela* mais recorrente no Amapá, Amazonas e Pará e *cataraca* em Roraima, Acre e Rondônia. Essa divisão se atribui aos fatores externos à língua, como a história e a geografia dos estados. Nas localidades do interior, verificou-se que os dados registrados acompanham a divisão dialetal das capitais, e os designativos registrados em Tocantins se assemelham aos dos estados de Roraima, Acre e Rondônia.

Como se mudasse de país, as formas lexicais documentadas na região Sul diferem muito das da região Norte, como mais produtiva obteve-se *tatu*, seguido de *meleca* nas capitais e *ranho* nas localidades do interior. Nas capitais, Florianópolis/SC se diferencia das outras duas capitais, e registra como mais produtiva *meleca*, *tatu* quase não aparece, o que caracteriza o “leque catarinense” (ALTENHOFEN, 2005, p. 188), zona de transição entre um estado e outro. Nas localidades do interior, as cidades litorâneas, Itajaí (228), Tubarão (232) e Criciúma (233) se diferem das demais ao não fornecerem *tatu*, apenas *meleca* como resposta, o que as configura como uma faixa isoléxica.

Outro ponto importante, é a região de contato linguístico localizada na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai em que são documentados sete (07) casos de *moco*, item oriundo de outra base linguística. O próximo tópico, apresenta a análise semântica dos dados lexicais para “sujeira do nariz”.

4.3.2 Análise semântica

Para a análise semântica dos dados, recorreu-se a dicionários da língua Portuguesa de diferentes épocas: Ferreira (2004), Houaiss (2001), Moraes Silva (1813) e Bluteau (1712-1728). Para a pergunta 102/ QSL “como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo” foram apurados doze (12) ocorrências válidas: *bolinha*, *bustela*, *caca/cacaca*, *cascão*, *cataraca*, *catota/cateta*, *meleca*, *potoca*, *ranho*, *tatu*, *tipura* e *titica*. Dessas unidades léxicas, duas (02) foram ocorrências únicas, *potoca* e *tipura*. As variantes léxicas *caca* e *cacaca* foram agrupadas por serem de uma mesma base

morfológica, *cateta* e *cateto* também foram agrupadas pelo mesmo critério. No quadro 11, visualiza-se os designativos catalogados e seus respectivos significados nos quatro dicionários consultados.

Quadro 11 - Dicionarização das unidades léxicas para nomear *sujeirinha dura do nariz*.

Dicionário	Ferreira (2004)	Houaiss (2001)	Moraes Silva (1813)	Bluteau (1712-1728)
Bolinha				
Bustela	“1. Pequena ferida com crosta; pústula”.	“ 1 MED; <i>obs!</i> . p equena ferida com crosta”.	Bostella – “pústula, ferida”.	
Cacá/ Cacaca	“Bras. Fam. V. caca”.	“Uso: informal. 1. excremento, fezes 2. Derivação: por extensão de sentido. qualquer porcaria”.	“excremento humano”.	
Cascão	“2. Crosta endurecida de qualquer massa ou substância pastosa; 6. Bostela de ferida.”	“ 6 camada de sujeira na pele do corpo 7 crosta de ferida; bostela”.		
Cataraca	“Bras. Caraca1. Caraca: Bras. Pop. Secreção nasal ressequida; cataraca”.	“Regionalismo: Brasil. m.q. ² caraca ('secreção')”.		
Catota/ cateta	“Bras. N.E. Pop. Meleca”.	“Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal. muco nasal ressequido; meleca”.		
Meleca	“Bras. Pop. Secreção nasal ressequida”.	“Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 1. muco		

		ressecado do nariz”.		
moco		“2 m.q. meleca (no sentido de 'muco ressecado')”.		
Potoca				
Ranho	“Pleb. V. muco”.	“muco que se acumula nas fossas nasais e escorre das narinas”.	“O monco do nariz”.	“Excremento pituitoso, que sae pelas ventas do nariz”.
Tatu		“Uso: informal. ranho seco”.		
Tipura				
Títica	“1. Excremento de aves. 2. Merda (4)”.	“Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 1. excremento, esp. de aves; caca”.		

Fonte: Ferreira (2004); Houaiss (2001); Moraes Silva (1813); Bluteau (1712-1728).

No Quadro 11, observa-se que apenas uma denominação está dicionarizada no dicionário Bluteau (1712-1728), *ranho*. Essa unidade lexical, muito recorrente na região Sul do Brasil, é encontrada nos dicionários como muco do nariz que, muitas vezes, é mole, porém, alguns informantes a forneceram como denominação da *sujeirinha dura*. Assim, como nem todos a caracterizaram como dura ou mole e, dada a sua representatividade no *corpus*, decidiu-se por mantê-la como resposta, uma vez que se tirada, não haveria argumentos suficientes para essa opção.

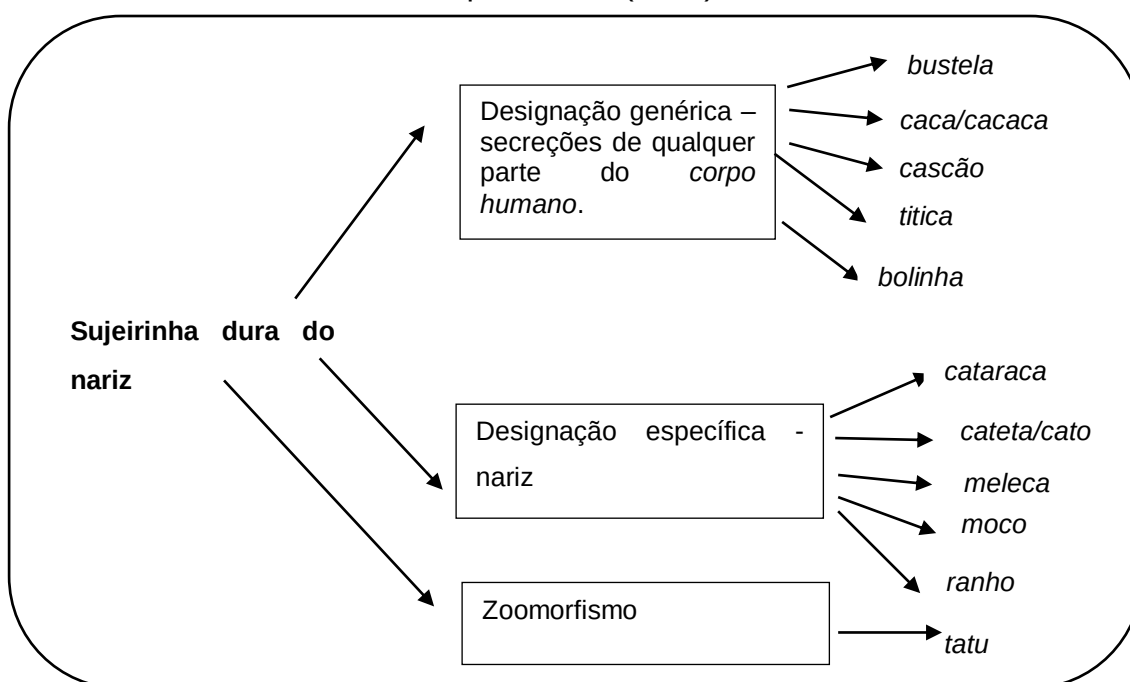
Não foram encontradas dicionarizadas as variantes léxicas *bolinha*, *potoca* e *tipura*. Dessas unidades, *bolinha* pelo processo de assimilação, consegue-se chegar ao conceito de “sujeirinha dura do nariz”.

Além de estar registrado no Houaiss (2001), verificou-se que moco é oriundo da língua espanhola, pois, está documentado no Real Academia Española (2012) como “humor espeso y pegajoso que segregan las membranas mucosas, y especialmente el que fluye por las ventanas de la nariz” e, ao verificar, onde foi catalogado o item léxico *moco*, nas localidades

do interior da região Sul, situado na fronteira com o Uruguai, infere-se que se trata de mais um empréstimo de outra língua que foi solidificado pelo uso de falantes do português no Brasil.

A partir das informações lexicográficas dos onze (11) itens léxicos, depreende-se que 5 deles têm sentidos mais gerais de sujeira, como em *bustela*, *caca/cacaca*, *casção* e *titica* que poderiam ser utilizados para outras secreções do *corpo humano*. Já, *cataraca*, *cateta/catota*, *meleca*, *moco*, *ranho* se referem ao referente pesquisado. Por fim, *tatu* por remeter ao animal se configura como zoomorfismo. Na figura 29 visualiza-se as unidades léxicas classificadas segundo os traços semânticos.

Figura 29 - Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos por Pottier (1978).



Fonte: Elaborada pela autora.

4.3.2.1 Tabus linguísticos

O nariz carrega consigo o tabu, pois é uma parte do *corpo humano* que expõe secreções, e essas secreções é que são tabuizadas. Por essa razão, é muito comum que, os informantes não hora de nomearem “a sujeirinha dura do nariz”, ou acham graça ou ainda, em um primeiro momento, fornecem itens

neutros que, nem sempre, são os mais utilizados. Sobre isso, Rodrigues (2006, p. 138) salienta que toda parte do *corpo* que expela algum tipo de substância sofre forças tabuísticas, pois é natural do ser humano sentir nojo de toda substância expelida, ainda mais, se for líquida.

Nesse sentido, mesmo que inconscientemente, é inerente que o indivíduo forneça itens tabuizados para responder o referente em estudo. Dos onze (11) designativos registrados, *bolinha* e *casção* foram considerados expressões genéricas, pois são analogias de outras características atribuídas ao nariz. Já os itens léxicos *caca/cacaca*, *cataraca*, *catota/cateta* foram classificados como eufemismo, pois não trazem carga semântica pejorativa e, mesmo assim, nomeiam o conceito pesquisado. Por fim, *bustela*, *meleca*, *moco*, *ranho*, *tatu* e *titica* foram consideradas expressões disfêmicas, uma vez que trazem consigo traços tabuísticos, ou ainda, pejorativos em relação ao excremento que sai do nariz. Finalizada a análise semântica da pergunta 102/QSL, na próxima seção, são discutidos os dados lexicais registrados para a pergunta a 109/QSL.

4.4 - QSL 109 – O mau cheiro embaixo dos braços

Para nomear o mau cheiro embaixo do braço foram apuradas vinte e quatro (24) unidades lexicais, perfazendo 295 ocorrências nas regiões Norte e Sul do Brasil. Esses designativos foram agrupados segundo o sema mais forte, totalizando quatorze (14) variantes lexicais, a junção de mais de uma unidade será explicada na análise semântica. Assim, na tabela 13, podem ser visualizadas as porcentagens correspondentes aos itens lexicais levantados.

Tabela 13 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro embaixo dos braços* nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Variante	Ocorrência	Porcentagem
<i>Asa</i>	63	21,36%
<i>Cheiro de sovaco/variantes</i>	47	15,93%
<i>Cê-cê</i>	43	14,58%
<i>Catinga/ variantes</i>	34	12%
<i>Inhaca</i>	28	9,49%
<i>Fedor/variantes</i>	26	9%
<i>Sovaqueira</i>	19	6%
<i>Gambá/variantes</i>	18	6,10%
<i>Galheiro/variantes</i>	5	1,69%
<i>Cheiro forte</i>	4	1,36%
<i>Caititú/variantes</i>	4	1,36%
<i>Porco/variantes</i>	4	1,36%
Total	295	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Nota-se que o item lexical *asa* foi o mais produtivo, seguido de *cheiro de sovaco*. A forma *asa*, ainda que se configure como uma das mais recorrentes, foi registrada apenas na região Sul, com alta produtividade no estado do Rio Grande do Sul. A unidade lexical *cheiro no sovaco*, por sua vez, foi registrada nas duas regiões geográficas, em todos os estados pesquisados, enquanto os seis (06) itens lexicais formados com nomes de animais (zoomorfismos), predominaram na região Norte. Das perguntas selecionadas para este estudo, essa foi a que forneceu maior variedade de formas de nomear o referente, essa criatividade do falante se deve ao fato de o cheiro nas axilas, além de ser

tabuizado por remeter a odor desagradável, também é uma das características que os indivíduos mais fazem graça um com o outro, comprovado pelo significativo número de ocorrências de designativos com o uso de nomes de animais. A seguir, na Tabela 14, podem ser analisados os designativos registrados e distribuídos entre as regiões Norte e Sul do Brasil.

Tabela 14 - Distribuição percentual das designações para o *mau cheiro embaixo do braço* nas regiões Norte e Sul do Brasil.

Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>Asa</i>			63	36%
<i>Cheiro no sovaco</i>	1	0,8%	46	26%
<i>Cê-cê</i>	38	31%	7	4%
<i>Catinga</i>	17	14%	17	10%
<i>Inhaca</i>	26	21%	2	1,1%
<i>Fedor</i>	2	1,7%	24	14%
<i>Sovaqueira</i>	15	12%	4	2,3%
<i>Gambá</i>	8	7%	10	6%
<i>Galheiro</i>	5	4%		
<i>Porco</i>	3	2,5%	1	0,6%
<i>Cheiro forte</i>	2	1,7%	2	1,1%
<i>Caititú</i>	4	3,3%		
Total	121	100%	174	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 14, verifica-se que *asa* foi documentada apenas na região Sul, ao contrário, na região Norte *cê-cê* foi a mais produtiva. As demais variantes tiveram níveis equilibrados quanto à porcentagem.

No *corpus* estudado, ocorreram seis (06) casos de ocorrências únicas. Na região Norte foram catalogados os designativos *pixé* (Macapá/AP - feminino, faixa etária II, Curso Superior), *mucura* (Soure/PA/009 - masculino, faixa etária I, Ensino Fundamental) e *vencido* (Óbidos/PA/010 - masculino, faixa etária II, Ensino Fundamental). Na região Sul, foram registradas como ocorrências únicas *bodum* (Curitiba/PR - feminino, faixa etária II, curso superior), *fedor de cebola* (Florianópolis/SC - feminino, faixa etária I, curso superior) e *cheiro ruim* (São Francisco do Sul/SC/225 - feminino, faixa etária II, Ensino Fundamental).

No universo pesquisado, nove (09) informantes não souberam ou preferiram não responder a pergunta em análise, quatro (04) na região Norte: Bragança/PA/013 (masculino, faixa etária I), Altamira/PA/014 (feminino, faixa etária II), Jacareacanga/PA/016 (masculino, faixa etária II) e Guajará Mirim/RO/022 (masculino, faixa etária I), todos da escolaridade Ensino Fundamental, e cinco (05) na região Sul: Porto Alegre (masculino, faixa etária II, curso superior), Terra Boa/PR/209 (feminino, faixa etária I), Tomazina/PR/211 (feminino, faixa etária I), Morretes/PR/221 (masculino, faixa etária II) e Barracão/PR/223 (masculino, faixa etária I), com exceção da resposta fornecida em Porto Alegre de Curso Superior, os demais foram do nível Fundamental.

A análise dos dados, na sequência, seguiu o mesmo critério adotado nas demais perguntas, ou seja, foram distribuídos em duas categorias: capitais e interior.

4.4.1 Análise geossociolinguística

4.4.1.1 Capitais

No universo das capitais, foram registradas oito (08) variantes lexicais em um total de 74 ocorrências. Na tabela 15 podem ser verificadas a produtividade de cada uma delas.

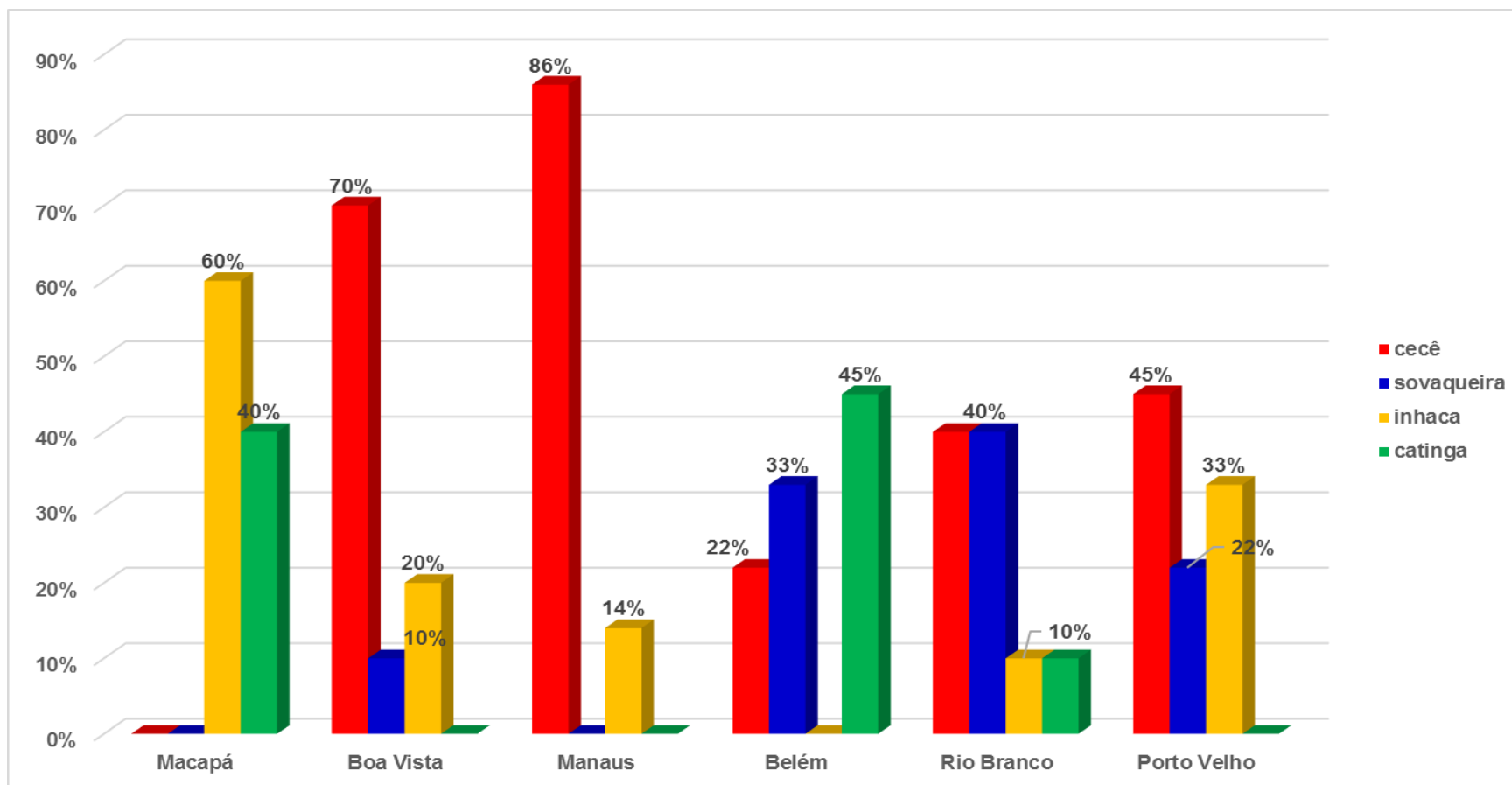
Tabela 15 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas capitais das regiões Norte e Sul do Brasil.

	Região Norte		Região Sul	
<i>Cê-cê</i>	23	46%	1	4%
<i>Inhaca</i>	10	20%	1	4%
<i>Catinga</i>	7	14%	3	13%
<i>Sovaqueira</i>	10	20%		
<i>Asa</i>			8	33%
<i>Cheiro no sovaco</i>			7	29%
<i>Fedor</i>			3	13%
<i>Porco</i>			1	4%
Total	50	100%	24	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

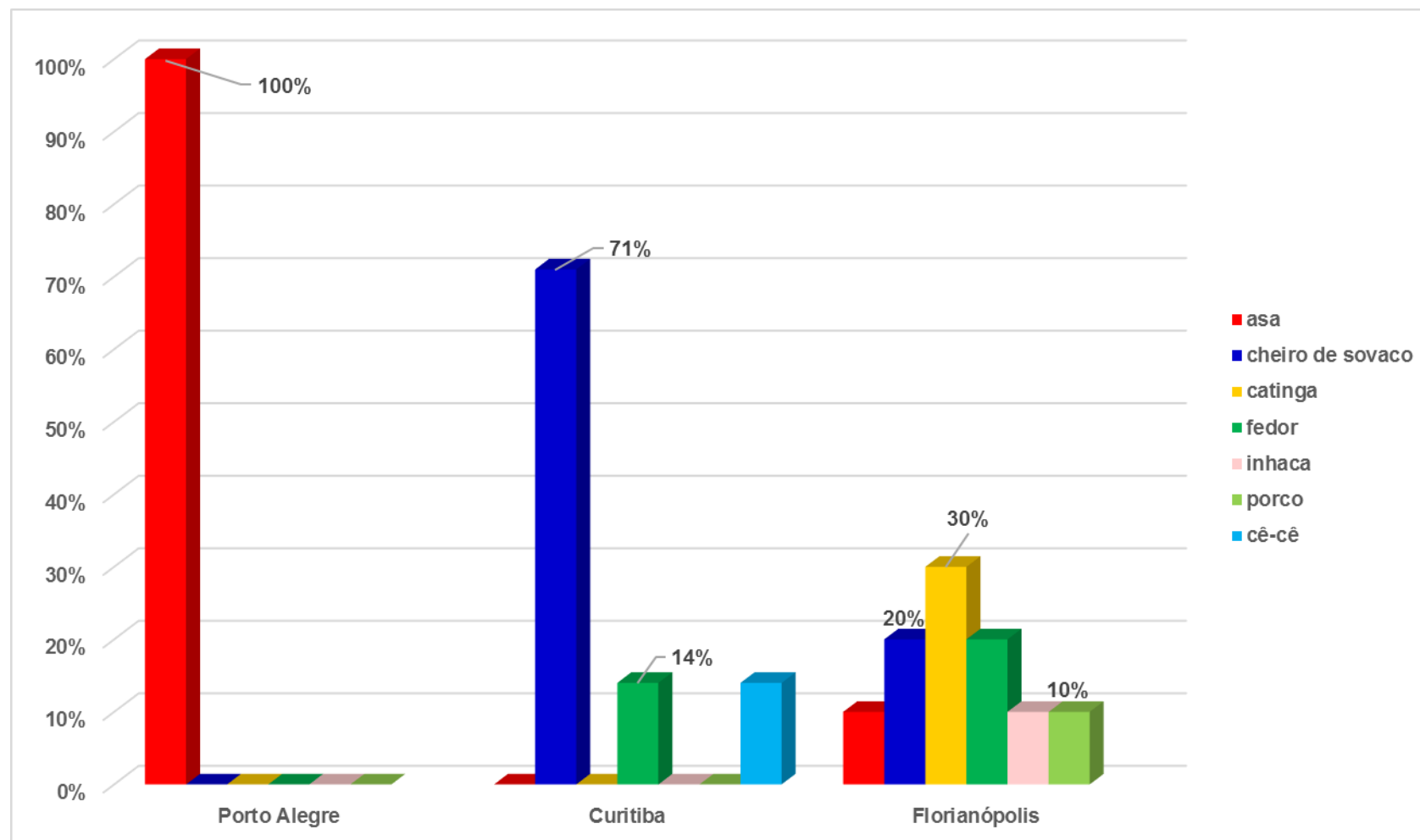
Nas capitais do Norte, o item lexical *cecê* foi o mais produtivo, já na região Sul, a mais frequente foi *asa*. Na pergunta 109/QSL, as duas regiões geográficas apresentam comportamentos bem distintos no fornecimento de itens léxicos, como *sovaqueira* que, com dez (10) ocorrências no Norte, sequer é mencionado por um único informante no Sul. A partir dos dados das capitais já se pode verificar que os informantes sulistas utilizam itens léxicos mais neutros em relação ao Norte que tendem ao uso de *inhaca* e *catinga*, por exemplo. Em sequência, nos gráficos 43 e 44 pode ser visualizada a distribuição percentual das variantes lexicais em cada capital das duas regiões geográficas.

Gráfico 43 – Distribuição percentual das designações para o *mau cheiro nas axilas* nas capitais da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Gráfico 44 - Distribuição percentual das designações para o mau cheiro nas axilas nas capitais da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nas capitais da região Norte, nota-se pelos dados que *cê-cê* foi a unidade mais produtiva em Boa Vista/RR, em Manaus/AM e em Porto Velho/RO. Já em Rio Branco/AC aparece empatada com *sovaqueira* e, em Belém/PA, como a terceira mais produtiva, não foi registrada em Macapá/AP. O item léxico *sovaqueira*, por sua vez, foi documentado em Belém/PA, Rio Branco/AC, Porto Velho/RO e Boa vista/RR, nas primeiras três capitais com a mesma porcentagem, respectivamente, com *catinga*, *cê-cê* e *inhaca*. Destoante das demais capitais, em Macapá/AP, o designativo *inhaca* foi o de maior ocorrência, seguido de *catinga*.

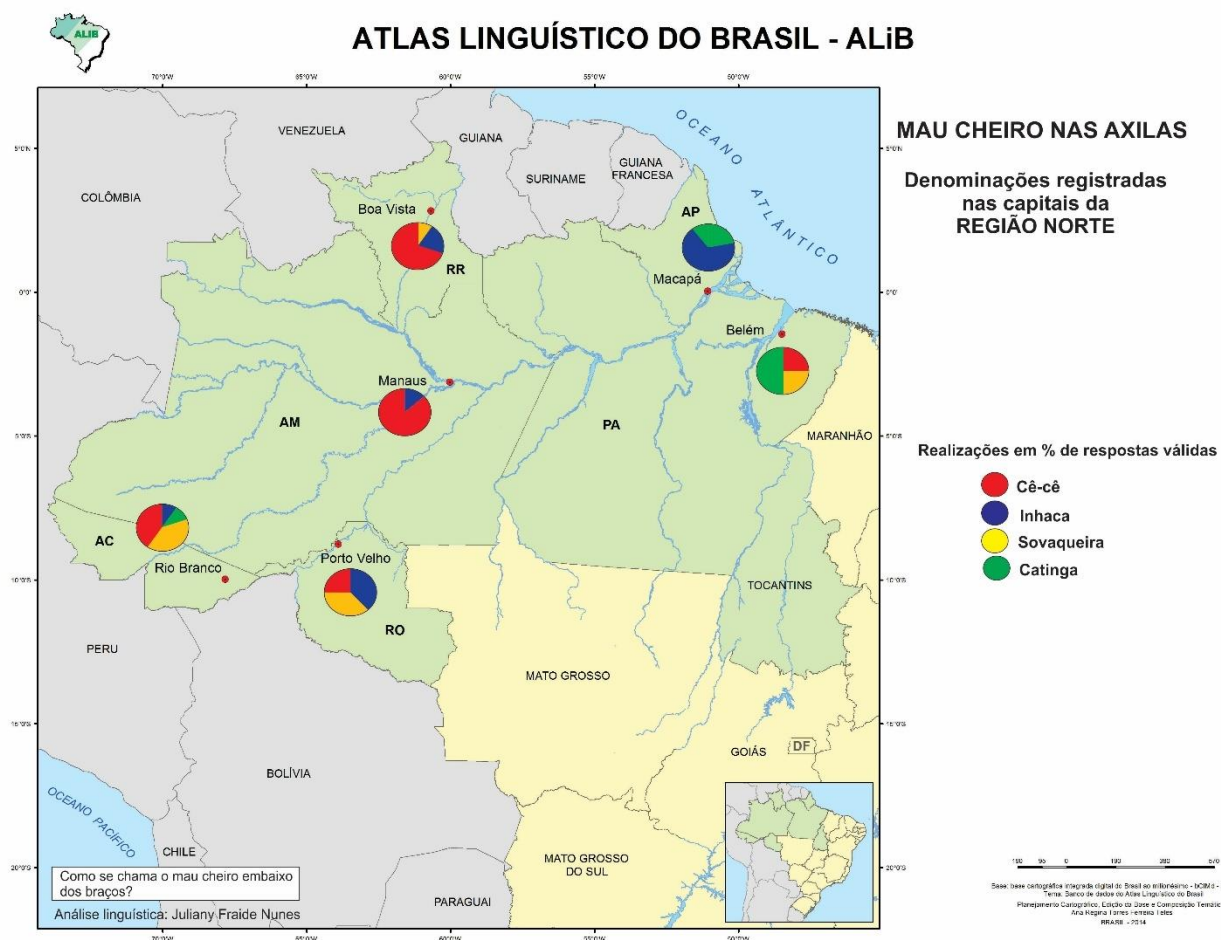
Nas capitais da região Sul, fato distinto da região Norte, nessa região a variante mais produtiva foi *asa*, que alçou 100% de produtividade em Porto Alegre/RS. Em Curitiba/PR, *asa* não foi mencionada e em Florianópolis, houve uma ocorrência única. Das nove (09) ocorrências de Curitiba/PR, cinco (05) foram de *cheiro de sovaco*, seguido com uma de *fedor* e de *cê-cê*.

Em Florianópolis/SC, foram ao todo dez (10) ocorrências distribuídas em seis (06) variantes, dessas *catinga* teve três (03) ocorrências, seguida de *cheiro de sovaco* e *fedor* com duas (02) ocorrências cada uma. As demais variantes tiveram uma (01) ocorrência: *porco*, *inhaca* e *asa*.

No universo de respostas das capitais do Sul houve dois (02) casos de ocorrência única: *fedor de cebola* (Florianópolis – masculino, faixa etária I, Curso Superior) e *vodum* (Curitiba – masculino, faixa etária II, Curso Superior). Foi registrado apenas um (01) caso em que o informante não soube responder (Porto Alegre – masculino, faixa etária II, Curso Superior).

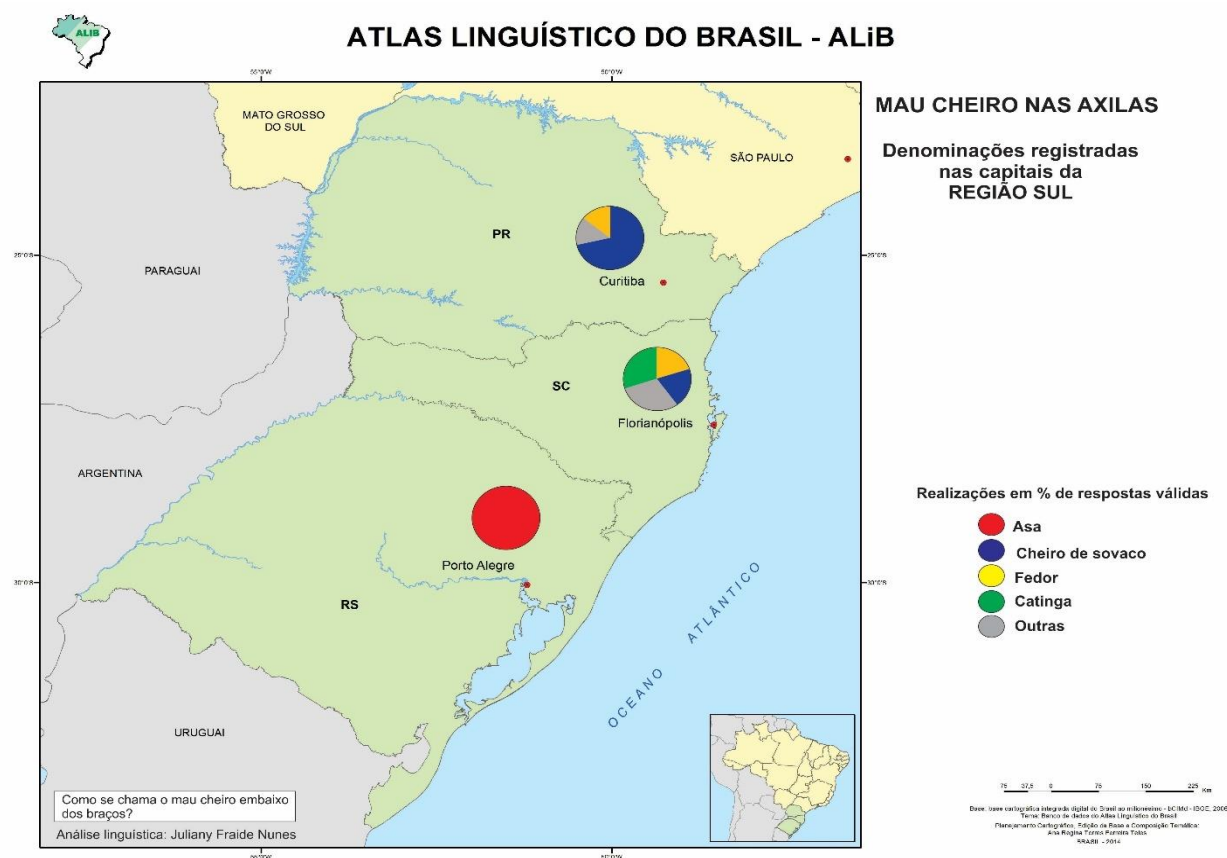
Além da alta produtividade de *asa* em Porto Alegre/RS (100% das ocorrências), verifica-se que em Curitiba/PR e em Florianópolis/SC houve uma grande diversidade de variantes no universo da pergunta, o que é muito comum em determinadas questões do *corpo humano*, que os falantes evocam denominações, muitas das vezes, criativas e que provocam a comicidade, como é o exemplo de *porco* e até a própria unidade léxica *asa*. A seguir, nas figuras 30 e 31 é possível visualizar a disposição dados segundo a localidade em que foi documentada.

Figura 30 - Mau cheiro nas axilas / Resposta à questão 109/QSL – Capitais da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Figura 31 - *Mau cheiro nas axilas* / Resposta à questão 109/QSL – Capitais da região Sul.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

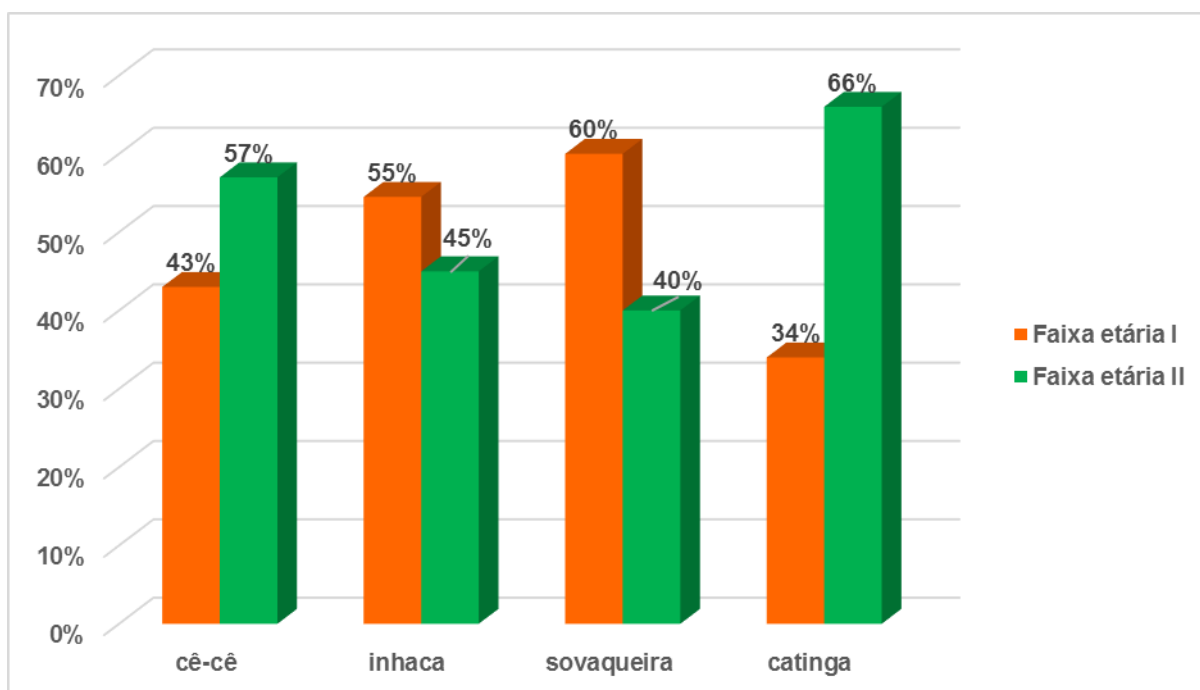
Nas capitais da região Norte, *cê-cê* só não é documentado em Macapá/AP que tem como o mais produtivo *inhaca*. Já, *sovaqueira* é registrado em grande quantidade em Belém/PA, Rio Branco/AC e Porto Velho/RO. A disposição dos dados nessa região não demarca diatopicamente nenhuma forma léxica, o que pressupõe que, as respostas para essa pergunta, não são motivadas por fatores sócio históricos.

As três capitais do Sul se comportam, assim como as capitais do Norte, de maneira distinta, em Curitiba/PR, *cheiro no sovaco* é a mais produtiva, seguida de *fedor* e *cê-cê*, cada uma com uma ocorrência. Florianópolis/SC foi a capital sulista que forneceu a maior diversidade de itens léxicos, um total de seis (06) unidades léxicas e uma (01) ocorrência única, *fedor de cebola*. Além das que figuram a carta linguística, há ainda o registro de *asa*, *inhaca* e *porco*, cada um com uma (01) ocorrência. Enfim, em Porto Alegre/RS, *asa* alçou 100% de produtividade. Para verificar as variáveis sociais dos dados, nos próximos tópicos, analisa-se as dimensões diageracional, diassexual e diastrática das variantes lexicais registradas nas capitais das duas regiões geográficas.

4.4.1.1.1 Dimensão diageracional

Para verificar a variável social “idade” nas capitais da região Norte, foram selecionadas as quatro (04) unidades léxicas *cê-cê*, *inhaca*, *sovaqueira* e *catinga*, no gráfico 45, visualiza-se a produtividade de cada uma delas segundo as duas faixas etárias do estudo.

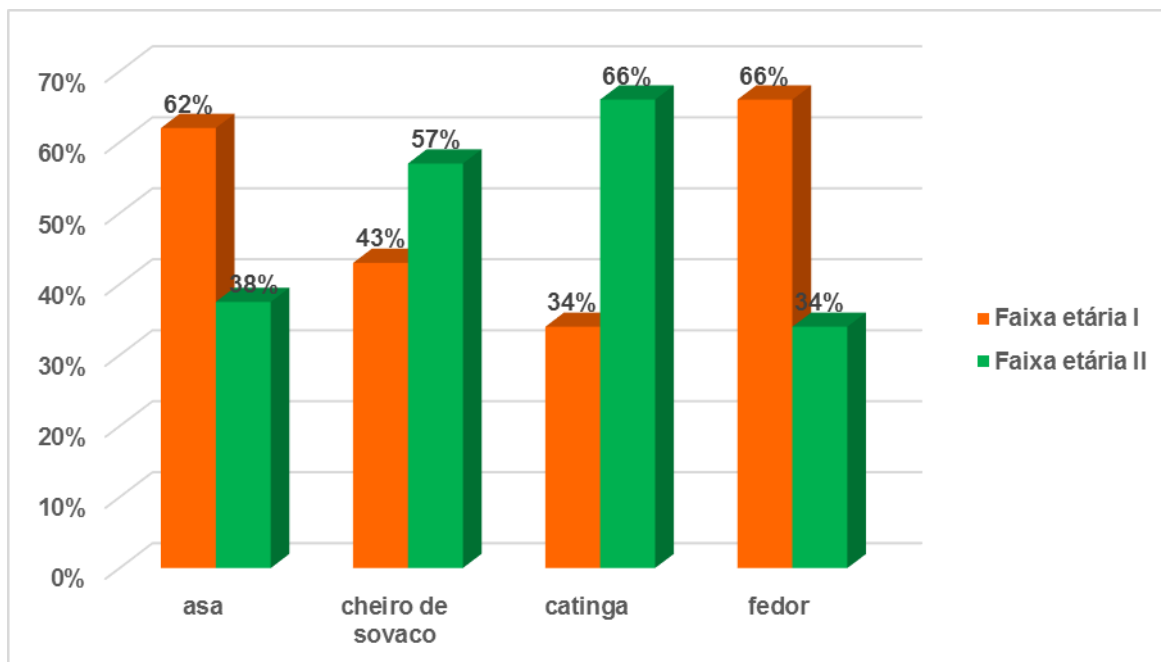
Gráfico 45 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas capitais da região Norte, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Observa-se que, na faixa etária I, predomina o uso de *inhaca* e *sovaqueira* e, já, na faixa etária II, são mais fornecidos os itens *cê-cê* e *catina*. A partir da disposição dos dados, pode-se inferir, de um lado, que *sovaqueira* se trata de um designativo de uso mais recente que, à medida do tempo, se insere na norma local dos falantes, do outro lado, *catina* e *cê-cê* já são solidificadas pelo uso. Ao verificar o uso de *cê-cê*, nota-se que, dentre os designativos catalogados, se trata do que porta a carga semântica mais neutra, o que pode evidenciar traços de conservadorismo na fala dos indivíduos da faixa etária II. A seguir, no gráfico 46, verifica-se a distribuição percentual das unidades léxicas mais produtivas para “mau cheiro nas axilas” nas capitais do Sul.

Gráfico 46 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas capitais da região Sul, segundo a variável “idade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

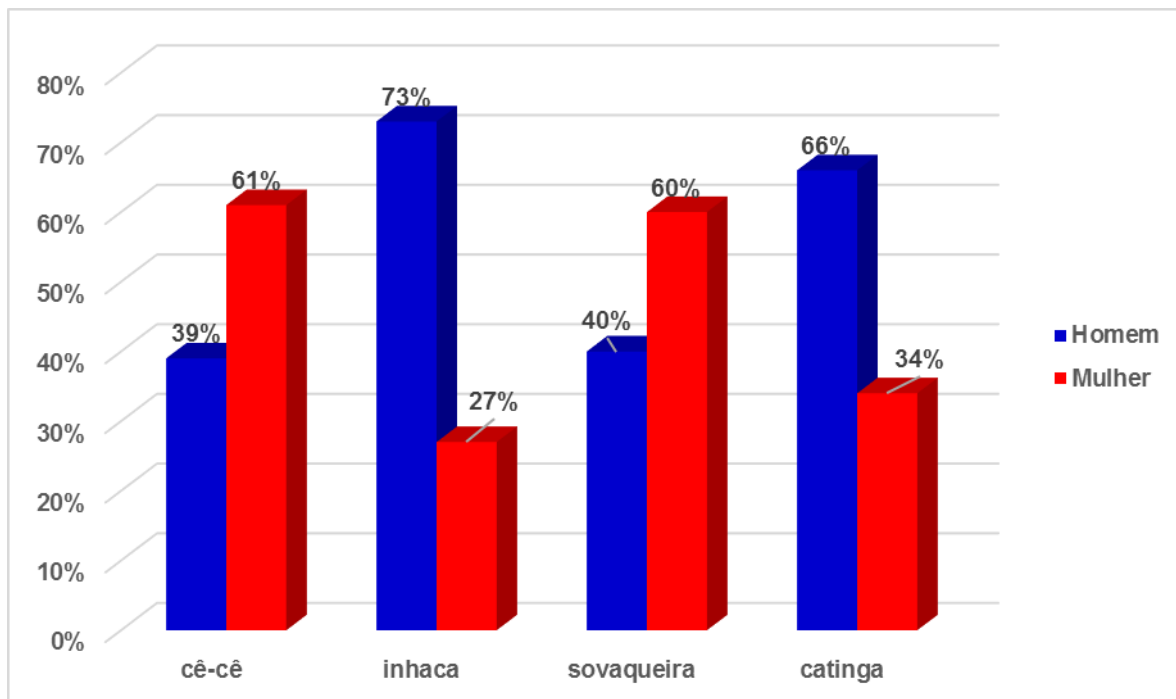
No gráfico 46, *asa* e *fedor* foram mais produtivos na fala da faixa etária I, e *cheiro de sovaco* e *catinga* na faixa etária II. Como nas capitais do Norte com o uso *cê-cê*, no Sul o uso de *cheiro de sovaco* também mostra traços de conservadorismo da faixa etária II ao utilizar termos mais genéricos e menos agressivos. Essa escolha se torna comum na fala de informantes da faixa etária II e, principalmente, na fala das mulheres, conforme, observa-se na dimensão diassexual. Em Florianópolis/SC, também foram registrados o uso de *porco* (faixa etária I) e *inhaca* (faixa etária II), cada um com uma ocorrência. Na sequência, com a dimensão diassexual, verifica-se a variável “sexo”.

4.4.1.1.2 Dimensão diassexual

Para verificar distinções na fala de homens e mulheres, assim como na dimensão diageracional, foram selecionadas as unidades lexicais mais produtivas nas capitais das regiões Norte e Sul. Nesse sentido, no gráfico 47,

apresentam-se os designativos catalogados nas capitais do Norte, segundo a dimensão diagenérica.

Gráfico 47 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas capitais da região Norte, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

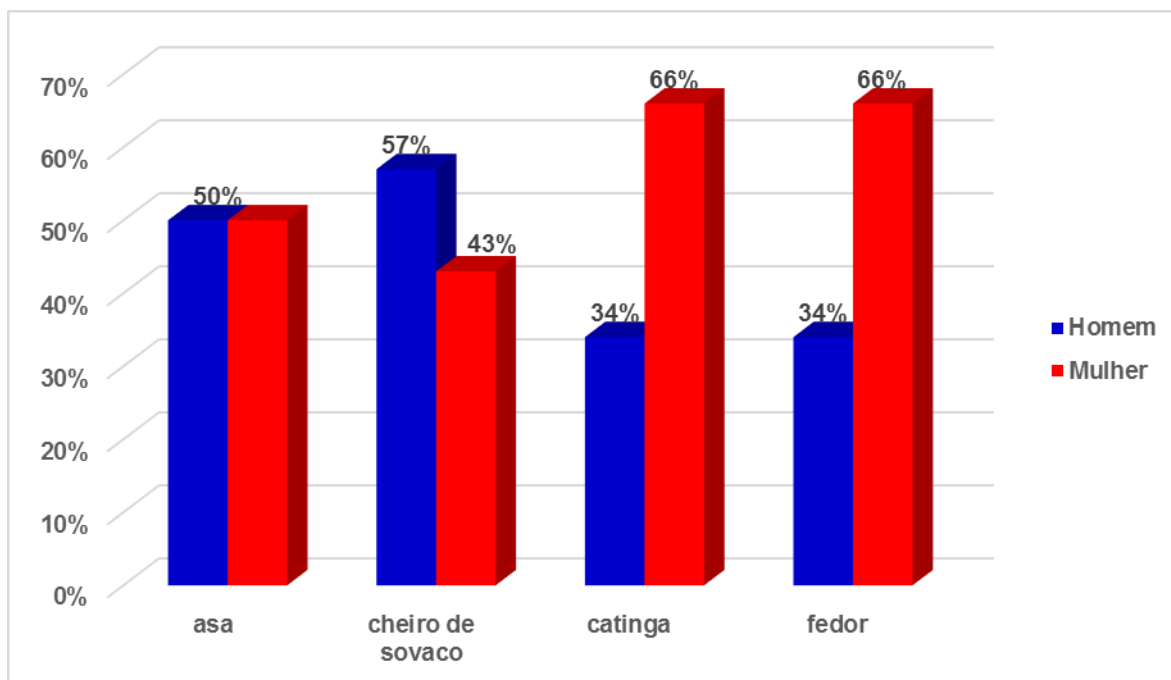
Os dados diassexuais mostram uma clara distinção entre a fala dos homens e a fala das mulheres, uma vez que o comportamento de cada variante lexical é bem acentuado a um dos gêneros.

Na fala das mulheres, *cê-cê* e *sovaqueira* foram bem produtivos, o primeiro desses designativos, considerado o que carrega uma carga semântica mais neutra, caracteriza a fala feminina que prefere esses itens menos agressivos ao nomear partes do *corpo humano* que, mas que outras áreas semânticas, trazem muitos termos tabuizados.

Já na fala dos homens, é bem acentuado o uso de *inhaca*, com carga semântica bem pejorativa, junto de *cattinga*. Observa-se que os informantes do sexo masculino utilizam mais termos agressivos, nem sempre proposital, mas, sim, porque as mulheres, naturalmente, tendem a analisar muito mais a própria

fala que homens. Em continuidade, no gráfico 48, discute-se os dados diassexuais das capitais do Sul.

Gráfico 48 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas capitais da região Sul, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

A disposição dos dados da região Sul difere das informações das capitais do Norte, *catinga* e *fedor* são mais frequentes na fala das mulheres, o que pode demonstrar um comportamento distinto entre os gêneros nas capitais sulinas.

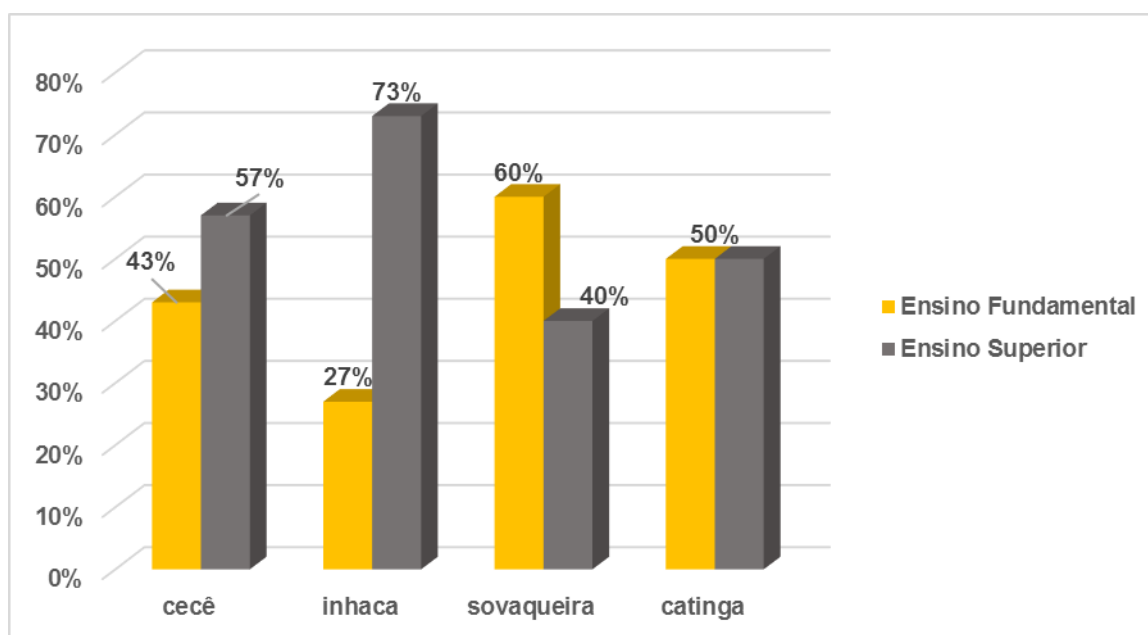
O item léxico *asa* atinge níveis iguais nos dois gêneros e *cheiro de sovaco* tem porcentagem maior na fala de homens. Em Florianópolis/SC, *porco* foi fornecido por um informante masculino e *inhaca* por uma informante feminina.

O conjunto de dados diassexuais, principalmente, nas capitais do Norte marca socialmente a fala das mulheres, bem mais conservadoras do que os homens. Para finalizar a análise de variáveis sociais, no próximo tópico, verifica-se a dimensão diastrática.

4.4.1.1.3 Dimensão diastrática

Como já mencionado, essa variável social, só é possível analisar nos dados das capitais, pelo critério de acréscimo de informantes de Curso Superior que se contrapõem os de Ensino Fundamental. Para nomear as partes do *corpo humano*, é comum que os informantes com Ensino Superior prefiram a utilização de itens léxicos já solidificados pela norma⁴¹ e que possuem menor carga pejorativa. No gráfico 49, visualiza-se a distribuição percentual das unidades léxicas para “mau cheiro nas axilas”, segundo a dimensão diastrática.

Gráfico 49 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas capitais da região Norte, segundo a variável “escolaridade”



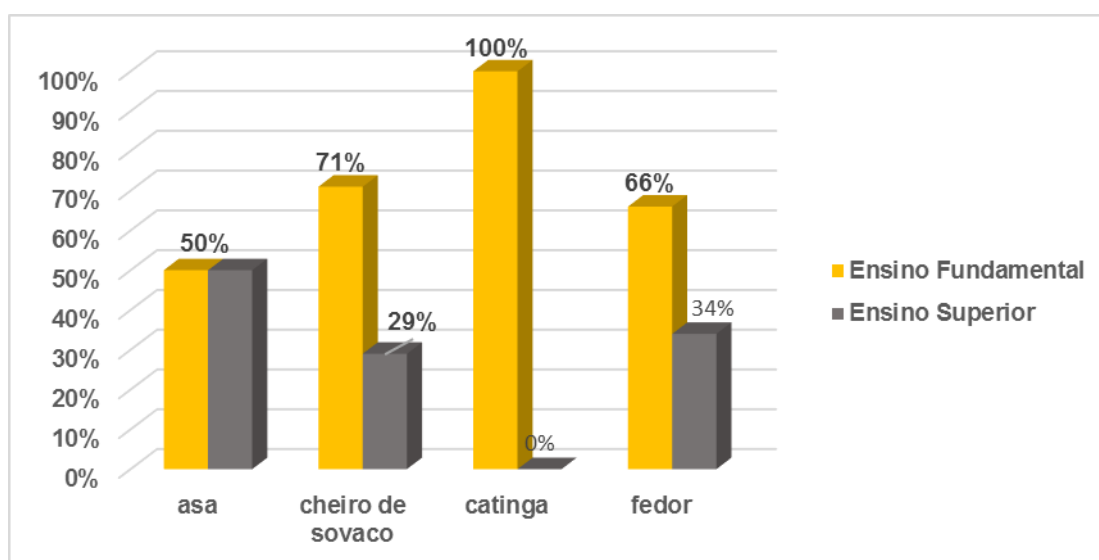
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

No nível fundamental, foi mais produtivo *sovaqueira*, em detrimento, do nível superior em que *cê-cê* e *inhaca* foram mais recorrentes. *Catinga* aparece empatado nos dois níveis de escolaridade. Assim, como nas outras variáveis sociais, a diastrática também demarca a fala de cada nível de escolaridade, o que permite verificar que, além dos aspectos diatópicos, os sócio históricos

⁴¹ 1.2 Norma linguística, p. 40.

também interferem na fala dos indivíduos. Para finalizar a análise da variável de “escolaridade”, no gráfico, a seguir, são apresentados os dados das capitais da região Sul.

Gráfico 50 - Distribuição percentual das denominações para *o mau cheiro nas axilas* nas capitais da região Sul, segundo a variável “escolaridade”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nas capitais da região Sul, *cheiro de sovaco* e *fedor* são mais produtivos na fala dos indivíduos de Ensino Fundamental. *Asa* marca produtividade igual nas duas faixas de escolaridade e *catinga* alça 100 % de produtividade na fala dos falantes de nível fundamental. Em Florianópolis/SC, *porco* está registrado junto ao informante de nível fundamental e *inhaca* no nível superior.

Enfim, as variáveis sociais têm um papel muito importante na análise dos dados, uma vez que, quando um determinado item não pode ser explicado diatopicamente, a variável social pode suprir essa necessidade na pesquisa. Finalizadas a análise das capitais, o próximo tópico, apresenta dados das localidades do interior da região Norte e Sul.

4.4.1.2 Localidades do interior

Nas localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil foram registradas doze (12) unidades léxicas e suas variantes em um total de 223 ocorrências. Na tabela 16 podem ser visualizadas o número de ocorrência e suas devidas porcentagens dos designativos fornecidos nas duas regiões geográficas.

Tabela 16 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas localidades do interior das regiões Norte e Sul do Brasil.

Item lexical	Região Norte		Região Sul	
<i>asa</i>			55	36%
<i>cheiro no sovaco</i>	1	1%	39	26%
<i>catinga</i>	10	14%	14	9%
<i>fedor</i>	2	3%	21	13%
<i>cê-cê</i>	15	21%	6	4%
<i>sovaqueira</i>	5	7%	4	3%
<i>gambá</i>	8	11%	10	7%
<i>inhaca</i>	16	23%	1	0,7%
<i>galheiro</i>	5	7%		
<i>cheiro forte</i>	2	3%	2	1,3%
<i>porco</i>	3	4%		
<i>caititú</i>	4	6%		
Total	71	100%	152	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Nas 18 localidades do interior da região Norte, foram registradas treze (13) designações distribuídas em 86 ocorrências. Em comparação aos dados das capitais, há uma diferença com o número de unidades lexicais em relação à produtividade, pois, nas capitais, os quatro itens de maior ocorrência foram *cecê*, *cheiro no sovaco*, *inhaca* e *catinga*, já nas localidades do interior, *inhaca* obteve maior produtividade, seguida de *cê-cê*, *catinga* e *gambá*. Esse último, foi o nome de animal mais produtivo em todo o universo pesquisado.

Além da alta ocorrência dos itens *cecê*, *inhaca* e *catinga*. Mostra-se, também, o uso de *sovaqueira*, *galheiro* e *caititú*. Desses itens, os dois últimos

são animais que, por analogia, do odor que exalam, nomeiam o referente em questão. Uma ocorrência única curiosa foi a de *vencido*, registrada em Óbidos (PA), fornecida pelo informante masculino da faixa etária II. Essa forma pode ser justificada pelo fato de, atualmente, ser comum o uso de produtos que inibem o cheiro desagradável, assim, usualmente, quando acaba o efeito, diz-se que está *vencido*.

Já, nas localidades do interior da região Sul, *asa* é a mais produtiva entre os designativos, seguido de *cheiro de sovaco*, *fedor* e *catinga*. Como nas capitais do Norte, *gambá* se mostra muito produtivo com dez (10) ocorrências.

No Sul, com a significativa frequência de *asa*, é possível traçar marcas diatópicas no território, como será apontado, *asa* tem uma maior ocorrência nas localidades do Rio Grande do Sul e vai se disseminando rumo ao norte com o Paraná. Os dados relacionados ao *mau cheiro nas axilas* permitem verificar, desde a uma norma geral vigente no Sul, mas também pequenas normas locais que se tornam muito evidentes com uso específico de determinados itens léxicos.

Esse fator não é diferente na região Norte em que a grande produtividade nomes de animais para nomear esse referente em estudo, marca as regiões em que são fornecidas como pequenos territórios em que vigora uma norma regional.

Outra questão muito evidente, principalmente, nas localidades do interior das duas regiões é a grande diversidade de itens léxicos fornecidos para nomear o referente em estudo, o que mostra a relação de analogia que o informante faz para nomear partes do *corpo humano*, pois, utiliza-se de elementos de seu cotidiano que tem um odor desagradável e fazem, por meio de metáfora, a assimilação.

Ao contrapor as duas regiões, verifica-se que, enquanto no Norte utiliza-se mais *sovaqueira*, no Sul, é *cheiro de sovaco*, tornando, assim, um item com carga semântica bem menos pejorativa. Para verificar a produtividade das variantes léxicas registradas em cada umas das regiões, nas tabelas 17 e 18, a seguir, verifica-se o percentual de ocorrências de cada um dos designativos. Diferente das análises das outras perguntas, não será utilizado gráfico, pois, dado o número de variantes fornecidas não é bem visual o uso de gráfico.

Tabela 17 - Distribuição percentual das designações para o mau cheiro nas axilas das localidades do interior dos estados da região Norte do Brasil.

Variante lexical	Amapá	Amazonas	Pará	Acre	Rondônia	Tocantins
<i>Cê-Cê</i>		47%	13%		33,4%	11%
<i>Inhaca</i>	33%	6%	34%			22%
<i>Catinga</i>		15%	27%			
<i>Gambá</i>	67%	10%	7%	17%		11%
<i>Sovaqueira</i>		6%	3%	17%	66,6%	
<i>Galheiro</i>						56%
<i>Caititú</i>			13%			
<i>Fedor</i>				32%		
<i>Porco</i>		10%		17%		
<i>Cheiro forte</i>		6%	3%			
<i>Cheiro de sovaco</i>				17%		
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

Tabela 18 - Distribuição percentual das designações para o *mau cheiro* nas axilas das localidades do interior dos estados da região Sul do Brasil.

Variante lexical	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
<i>Asa</i>	8%	15%	75%
<i>Cheiro de sovaco</i>	31%	40%	11%
<i>Fedor</i>	27%	5%	8%
<i>Catinga</i>	8%	20%	3%
<i>Gambá</i>	12%	10%	
<i>Cê-cê</i>	6%	5%	3%
<i>Sovaqueira</i>	6%		
<i>Cheiro forte</i>		2,5%	
<i>Inhaca</i>	2%	2,5%	
Total	100%	100%	100%

Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Tabela elaborada pela autora.

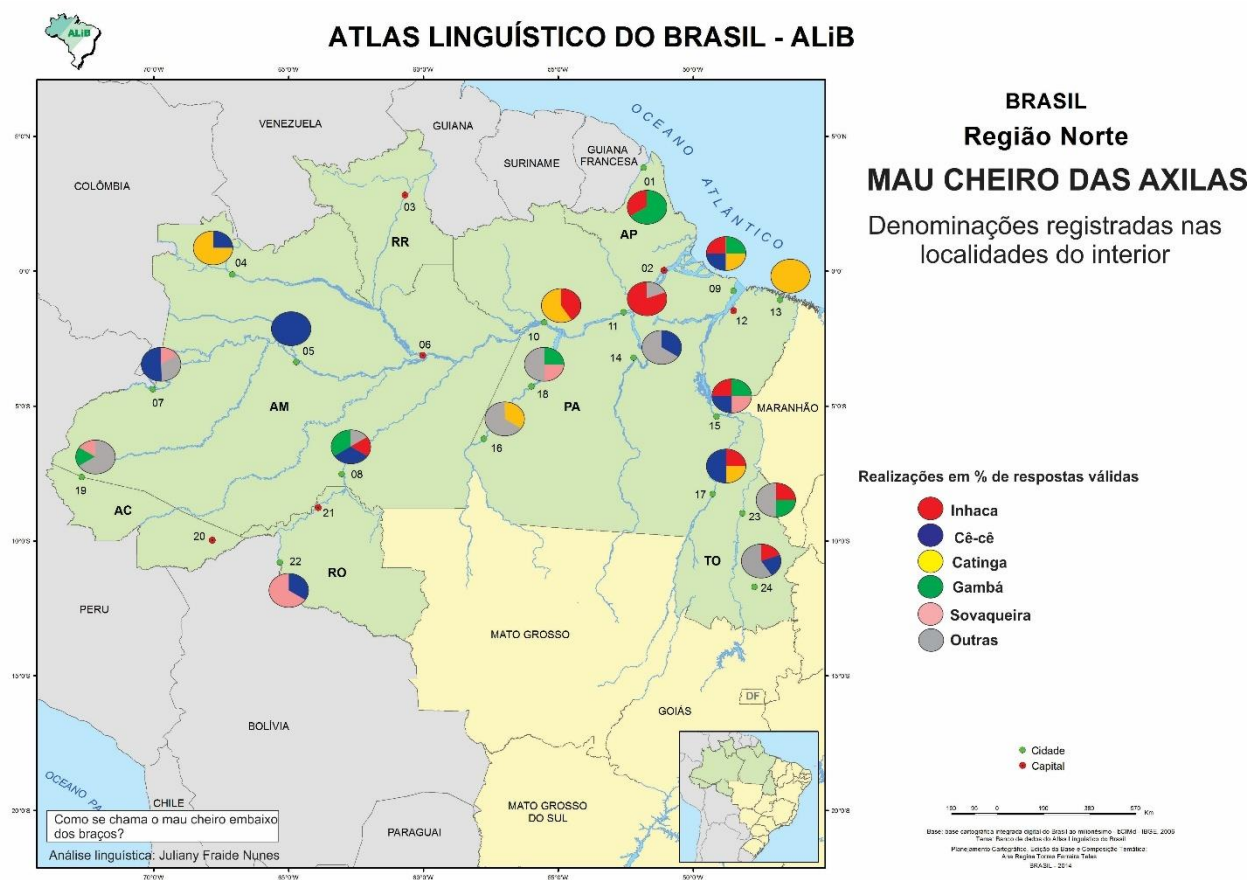
Nas localidades do interior da região Norte, nota-se uma grande diversidade de variantes léxicas, *inhaca* foi a mais produtiva, seguida de *cê-cê*. Embora muito produtivos, esses dois itens léxicos não estão registrados em todos os estados, por exemplo, *inhaca* só está documentado em Amapá, Amazonas, Pará e Tocantins. Isso se deve a grande quantidade de itens e cada item léxico, em especial os motivados por meio de analogia a animais, marcam uma determinada região como, *galheiro*, só fornecido nas localidades do interior de Tocantins. O designativo *sovaqueira* também foi bastante mencionado junto aos informantes, verifica-se que esse dado lexical é mais frequente na fala dessa região geográfica, pois, quando, observa-se os dados do Sul, *sovaqueira* dá lugar a *cheiro de sovaco*.

Das variantes motivadas por características de animais, *gambá* foi a mais fornecida, em cinco dos seis estados analisados. Os outros designativos *caititú*, *porco* e *galheiro* foram em menor proporção e restritos a determinados territórios.

Outra marca diatópica foi o uso de *fedor*, apenas no estado do Acre que, como já visto, se diferem em muitos aspectos de outros estados do Norte, um dos motivos é estar afastado das grandes metrópoles dessa região e, assim, seu processo de povoamento ter sido em tempo diferente.

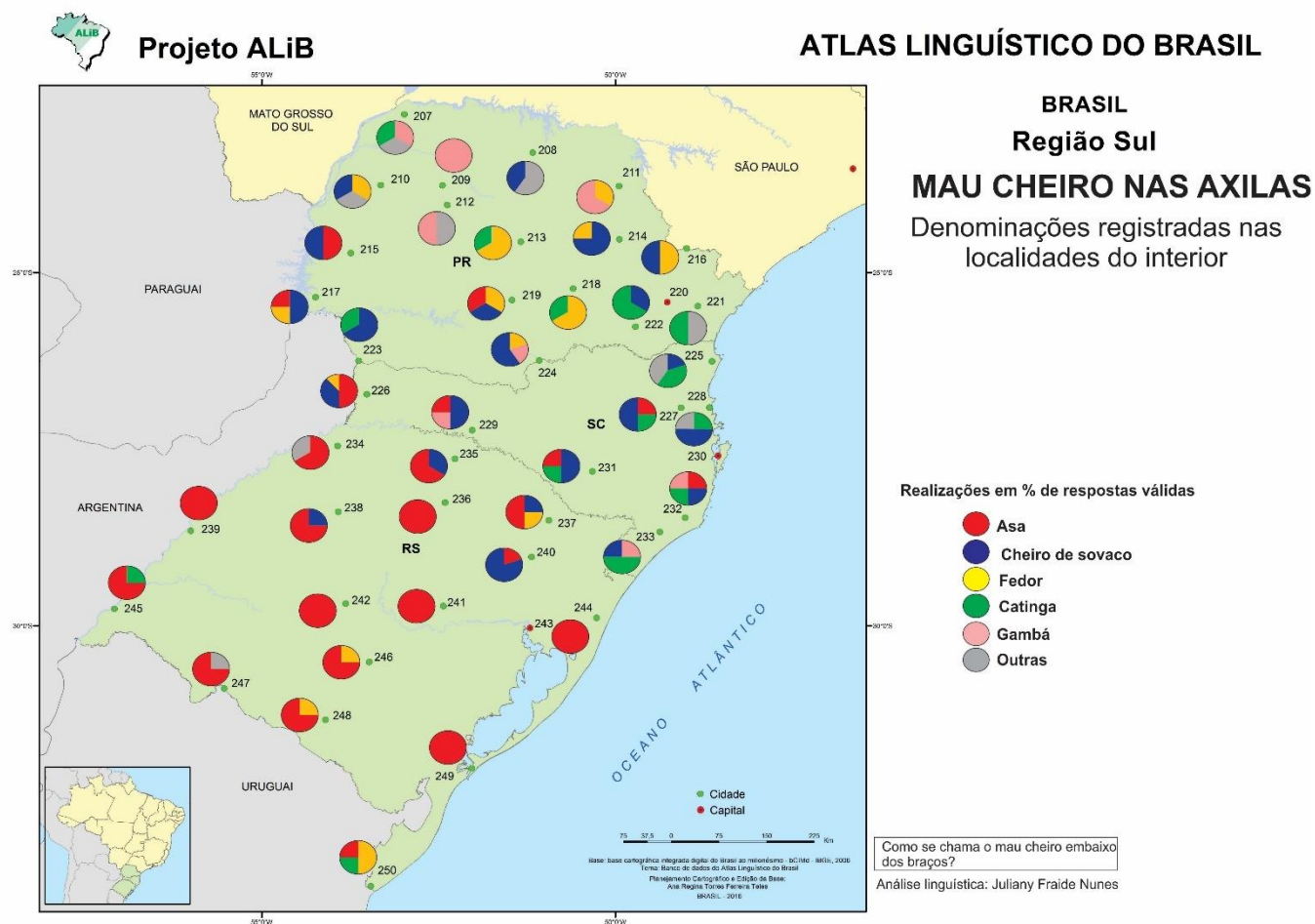
Nas localidades do interior do Sul, *asa* perfaz como a mais produtiva, embora a partir dos dados do quadro 6, verifica-se que sua maior produtividade é no estado do Rio Grande do Sul e a força dessa unidade léxica vai se perdendo conforme se distancia desse estado. Outro ponto a ser salientado, é a acentuada frequência de *gambá* nas localidades do interior paranaense, o que somou 12% das ocorrências, em Santa Catarina, já há o declínio de produtividade desse item e, no Rio Grande do Sul, não há registro. Depois da alta produtividade de *asa*, *cheiro de sovaco* e *fedor* figuram com alta produtividade também. Esses dados se contrapõem com os registrados no Norte e evidenciam normas lexicais totalmente distintas nas duas grandes regiões geográficas. Para melhor visualização dos dados, nas figuras 32 e 33, podem ser observados os registros das unidades lexicais nas localidades do interior da região Norte e da região Sul.

Figura 32 - Mau cheiro nas axilas / Resposta à questão 109/QSL – Localidades do interior da região Norte.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora

Figura 33 - Mau cheiro nas axilas / Resposta à questão 109/QSL – Localidades do interior da região Sul.



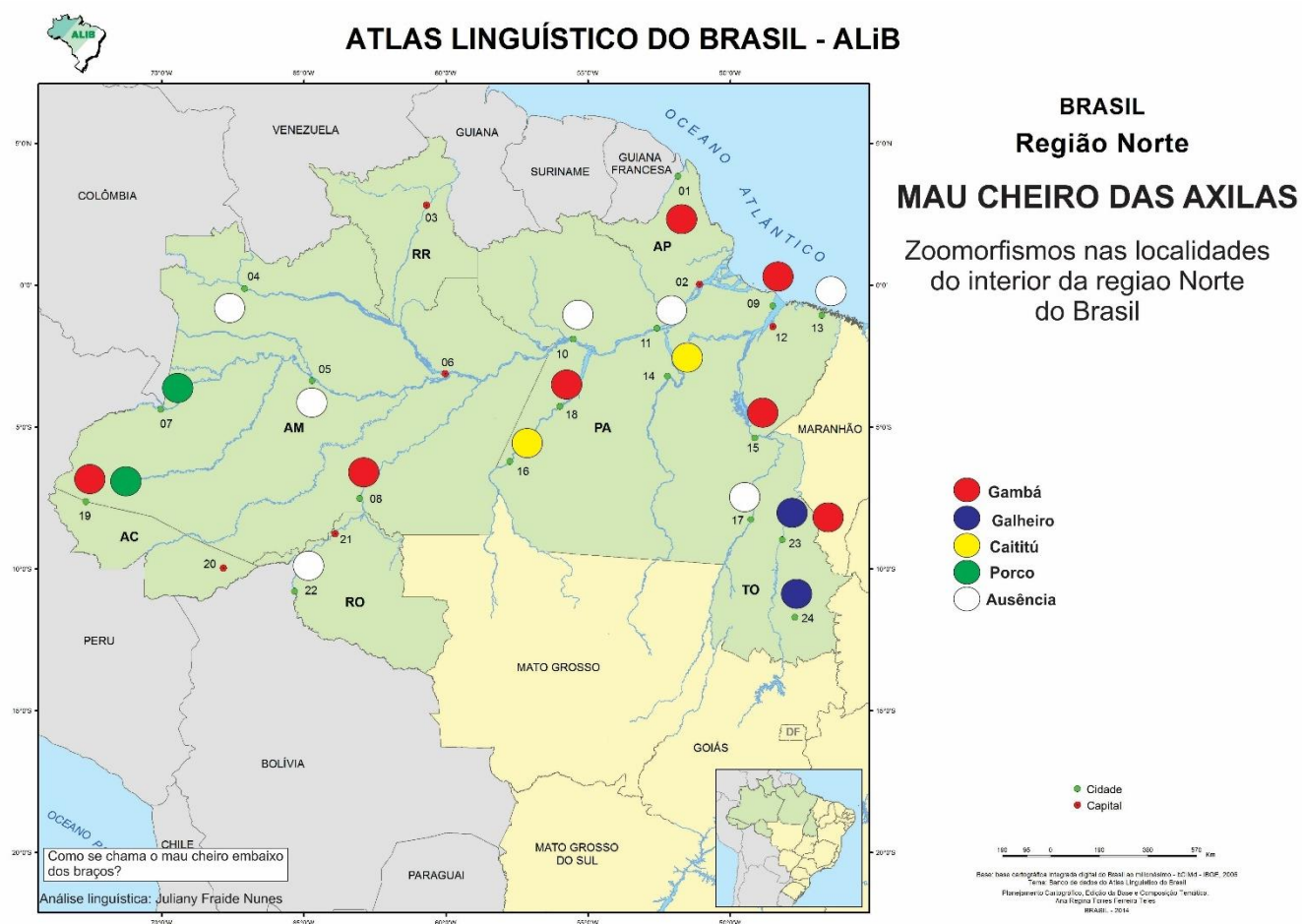
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Nota-se na figura 19, a disposição de *inhaca* e *cê-cê* por todo o território do Norte. Na localidade de Tefé/AM (005), *cê-cê* alçou 100% da produtividade.

O uso de *catinga* também foi bem significativo, com em Bragança/PA (013) que registou 100% das respostas válidas e em São Gabriel da Cachoeira/AM (004) que teve 75% das ocorrências.

Além da produtividade das variantes mapeadas, a utilização de nomes de vários animais para designar essa característica anatômica, ademais de *gambá*, houve o registro de *galheiro*, *caititú*, *porco* e *mucura*. Fato peculiar foi o caso de *galheiro* fornecido apenas no estado de Tocantins, nas localidades de Pedro Afonso (023) e Natividade (024). Nessa última localidade, dos quatro informantes, três deram como resposta formações a partir de *galheiro*. Já *caititú* foi citada em duas localidades do Pará, Altamira (014) e Jacareacanga (016), respostas dos informantes da faixa etária I, tanto masculino, quanto feminino, o que pode apresentar uma possível nova forma de nomeação em curso. O designativo *porco*, por sua vez, foi a resposta de três informantes, um de Benjamin Constant (007) e outro de Cruzeiro do Sul (019), todos os entrevistados que forneceram essa resposta são do sexo masculino, no caso de Benjamin, é da faixa etária II, já em Cruzeiro do Sul (019), foram os dois informantes masculinos que deram como resposta designativos com o sema *porco*, de ambas faixas etárias. Por fim, *mucura* foi ocorrência única de um informante masculino da faixa etária I de Soure (009). Para a visualização das ocorrências de itens com nomes de animais, na figura 34 podem ser verificados a disposição geográfica das designações catalogadas.

Figura 34 - Registro de zoomorfismos como respostas para a pergunta 109 / QSL - Região Norte.



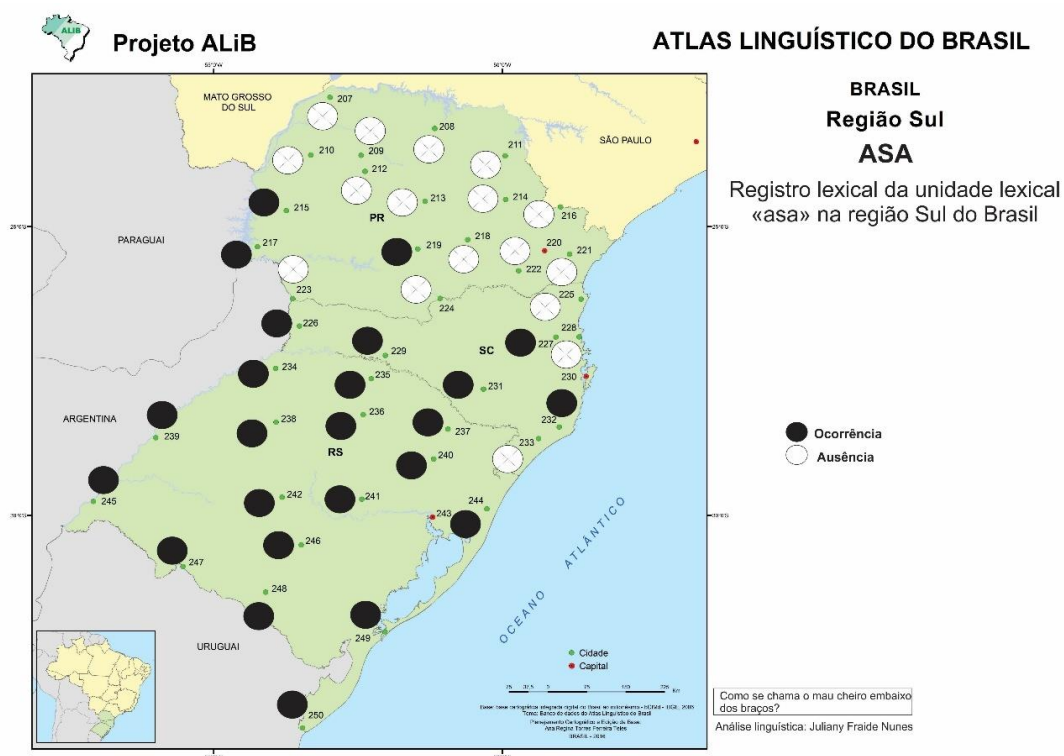
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

A variante *catinga* marca diatopicamente a região leste de Santa Catarina, zona lateral açoriano-catarinense (ALTENHOFEN, 2005) e continua em direção ao norte paranaense. Já *gambá* demarca a parte Norte do Paraná, o chamado Paraná moderno ou ainda o feixe paranaense, segundo Koch (2000).

O designativo *cheiro de sovaco* está concentrado na área central da região Sul, com ênfase no território de Santa Catarina, a parte norte do estado do Rio Grande do Sul e área central do Paraná. *Fedor*, por seu turno, concentra-se em duas áreas demarcadas, no Paraná, a região central e leste e, no Rio Grande do Sul, no território quase fronteira com o Uruguai, as localidades de Caçapava (246), Bagé (248) e Chuí (250).

Asa teve maior frequência nas localidades do interior do Rio Grande do Sul, também teve acentuada produtividade no estado de Santa Catarina, região Sul do estado, e vai dispersando até ser registrado em três localidades do interior do Paraná, na figura 35, esse movimento de *asa* pode ser verificado.

Figura 35 - Asa / Respostas para a questão 109 / QSL - Região Sul



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Figura elaborada pela autora.

Finalizando a análise diatópica dos dados das duas regiões geográficas, notou-se significativas distinções entre as duas regiões.

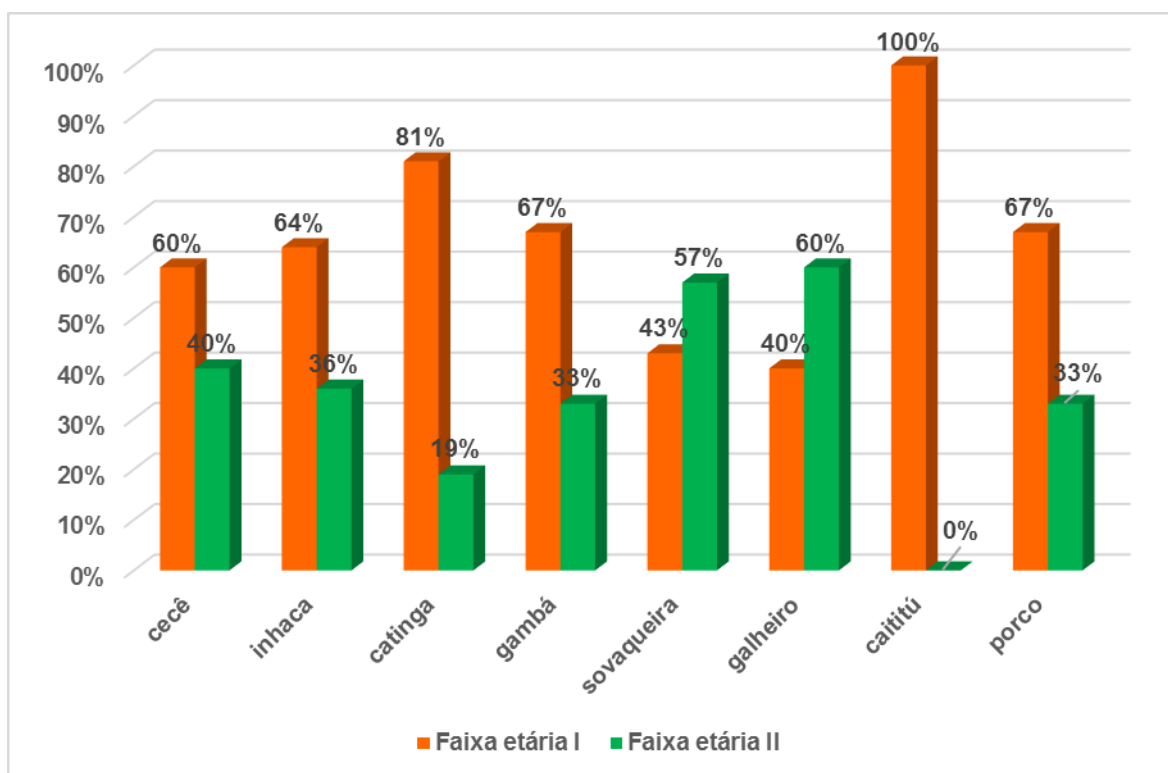
No Norte, verificou-se que *inhaca* e *cecê* se disseminam não em competição, mas em complementação uma da outra, uma vez que, na maioria dos casos, as duas formas léxicas foram fornecidas conjuntamente. Os designativos originados de nomes de animais, além de muito produtivos, delimitaram dialetalmente as regiões em que foram documentadas.

Na região Sul, observou-se a distribuição de *asa* em todo o território do Sul, embora, quanto mais se avance ao norte, mais *asa* perde força. Também possível ratificar as delimitações de áreas dialetais, defendidas por Koch (2000) e Altenhofen (2005), com dados lexicais. Para completar a análise geossociolinguística, nos próximos tópicos, apresentam-se as dimensões diageracional e diassexual.

4.4.1.2.1 Dimensão diageracional

Para a análise da variável “idade” nos dados das localidades do interior da região Norte, foram selecionadas as unidades léxicas fornecidas como resposta válida nas regiões Norte e Sul. Assim, no gráfico 51, é possível verificar a disposição dos dados segundo a variável “idade” nas localidades do interior da região Norte.

Gráfico 51 - Distribuição percentual das denominações para o mau cheiro nas axilas nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “idade”.

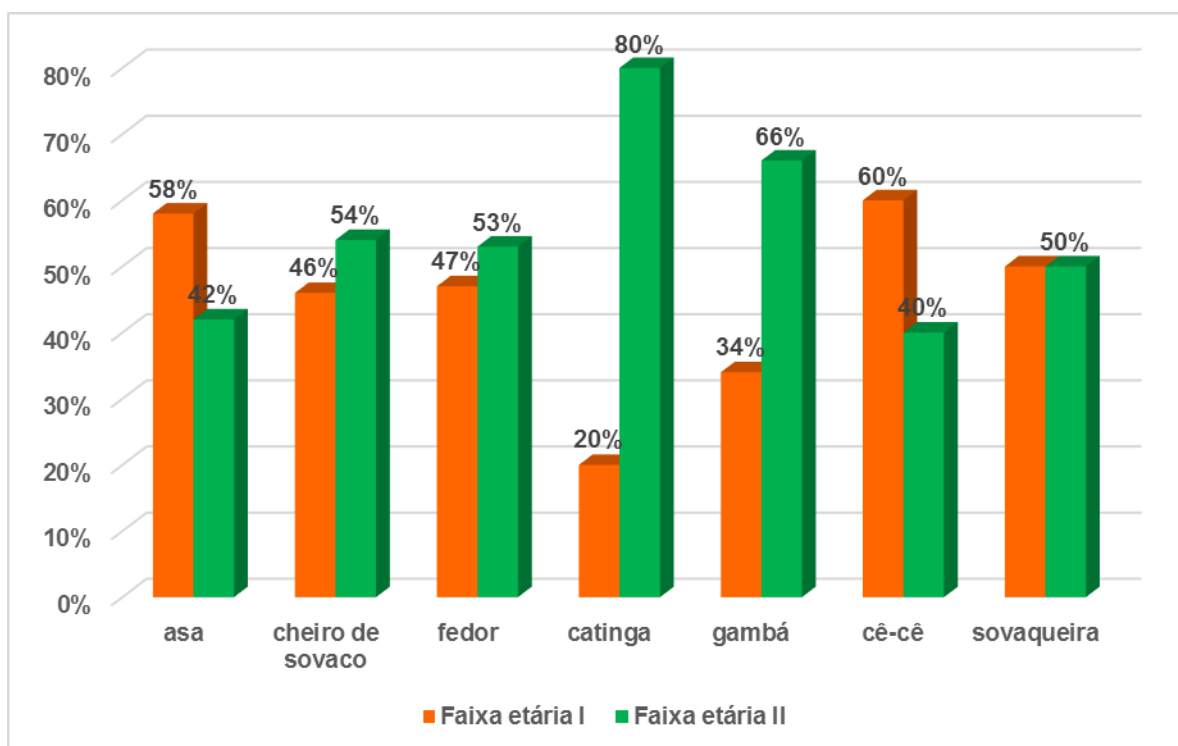


Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Conforme visualiza-se no gráfico 51, *cê-cê*, *inhaca*, *catinga*, *gambá* e *porco* foram mais utilizadas na fala da faixa etária I, em detrimento, de *sovaqueira* e *galheiro* que foram na faixa etária II e *caititú* foi fornecido somente pelos informantes da faixa etária I.

Os designativos derivados de nomes de animais foram mais frequentes na fala da faixa etária I, o que mostra que essa parcela dos informantes não tem uma preocupação, nem com o item ser pejorativo, ou até mesmo agressivo, ou ainda com aspectos de carga negativa. Na sequência, no gráfico 52, visualiza-se a distribuição percentual dos dados das localidades do interior, segundo a dimensão diageracional.

Gráfico 52 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “idade”.



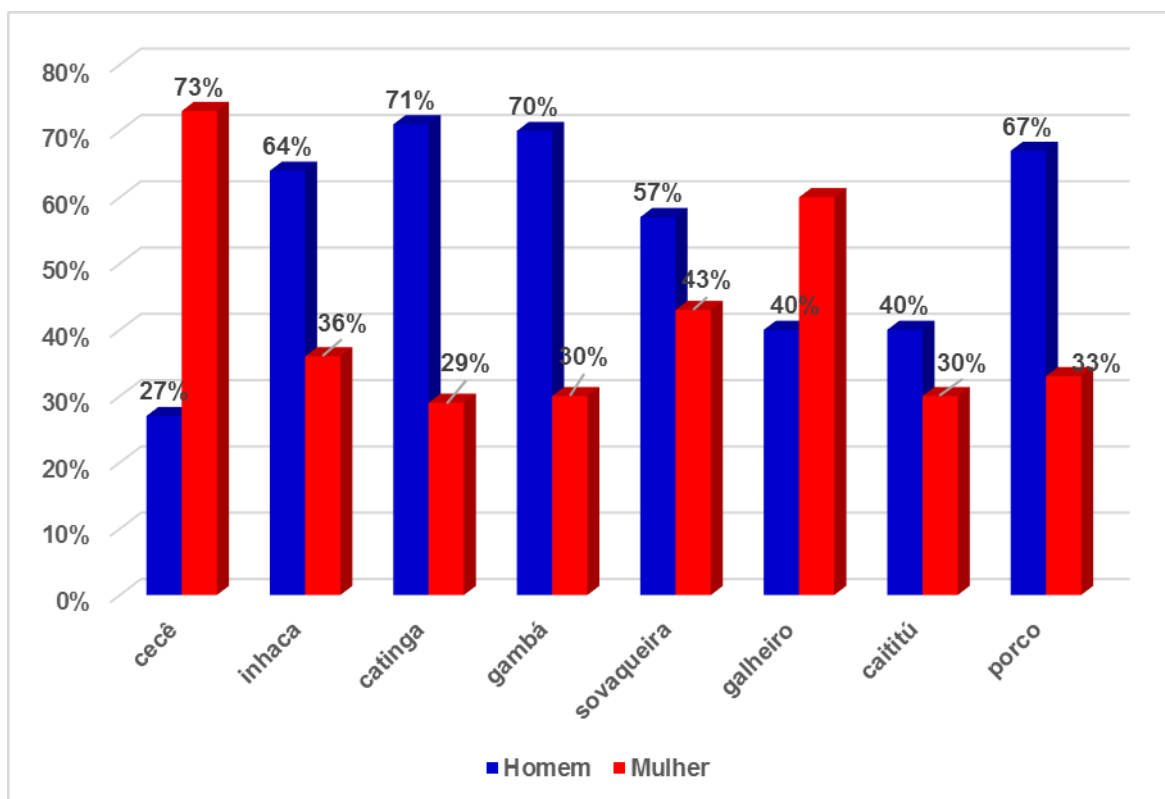
Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Nas localidades do interior da região Sul, *asa* e *cê-cê* foram mais produtivos na fala da faixa etária I. Os itens léxicos *cheiro de sovaco*, *fedor*, *catinga*, *gambá*, por seu turno, foram mais frequentes na faixa etária II e *sovaqueira* teve suas ocorrências empatadas entre as duas faixas etárias. Esses dados podem evidenciar que os informantes da faixa etária I utilizam itens léxicos mais conhecidos, enquanto que os falantes da faixa etária II tendem a mencionar uma variedade maior de designativos. No próximo tópico, para finalizar, a dimensão diasssexual.

4.4.1.2.2 Dimensão diassexual

Como na análise diassexual, foram selecionadas as respostas válidas fornecidas pelos informantes das regiões. No gráfico 53, são visualizados os dados das localidades do interior da região Norte.

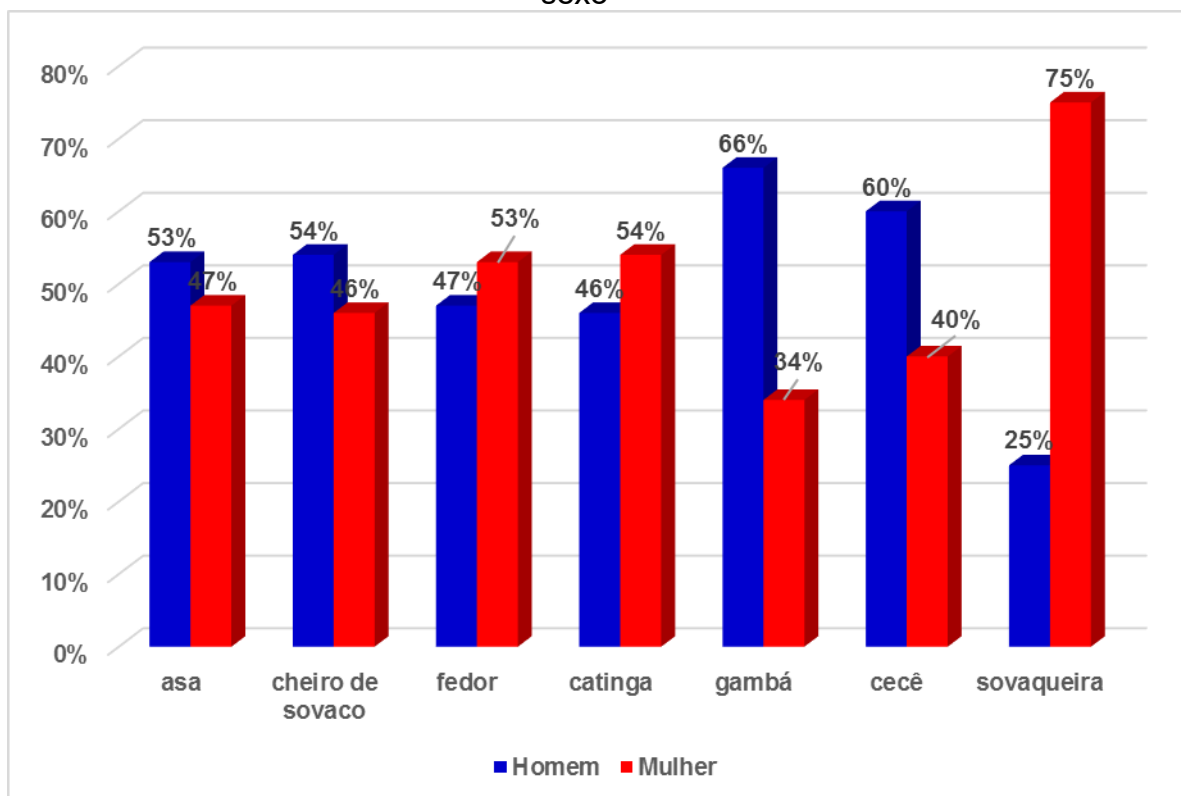
Gráfico 53 - Distribuição percentual das denominações para *o mau cheiro nas axilas* nas localidades do interior da região Norte, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Observa-se no gráfico 53 a disposição dos dados, *cecê* e *galheiro* foram fornecidos por um número majoritário de mulheres, já *inhaca*, *catinga*, *gambá*, *caititú* e *porco* foi mais fornecido por homens. Esses dados revelam que, normalmente, as mulheres tendem a utilizar formas de nomear menos comprometedoras, já os homens não pensam duas vezes antes de nomear o “mau cheiro” com nomes de animais, por exemplo. Para finalizar, no gráfico 54, apresentam-se os dados da região Sul.

Gráfico 54 - Distribuição percentual das denominações para o *mau cheiro nas axilas* nas localidades do interior da região Sul, segundo a variável “sexo”



Fonte: Banco de dados do ALiB (2017). Gráfico elaborado pela autora.

Na região Sul, foi bem equilibrada a disposição dos dados de *asa*, *cheiro de sovaco*, *fedor* e *catinga*, ainda que mais produtivo em um dos dois gêneros, a disposição dos dados não revelou considerações significativas. *Gambá* e *cê-cê* tiveram porcentagem acentuada na fala de homens e *sovaqueira* na fala das mulheres.

Assim, como nas demais regiões, os dados revelam o conservadorismo na fala das mulheres, evitando itens muito agressivos e pejorativos, como *gambá*.

Finalizada a análise geossociolinguística da pergunta 109/QSL, foi possível depreender significativas diferenças entre as duas regiões geográficas, a partir das escolhas lexicais, verificou-se diferenças oriundas dos processos de colonização, sócio históricos e, também, nas variáveis sociais. A seguir, o próximo tópico, traz a análise semântica das unidades lexicais.

4.4.2 Dimensão semântica

Como escolha metodológica, as 24 unidades léxicas fornecidas como resposta foram agrupadas em campos léxicos em que se levou em consideração o sema mais importante, ou ainda, o arquilexema do campo. Nesse sentido, no quadro 12, são observados o arquilexema de cada campo léxico e seus respectivos lexemas.

Quadro 12 - Relação dos campos léxicos que nomeiam o *mau cheiro nas axilas* com seus respectivos arquilexemas.

Arquilexema	Lexemas
<i>gambá</i>	cheiro de gambá, cheirando gambá, fedor de gambá
<i>cheiro de sovaco</i>	cheiro de sovaco, está com sovaco
<i>galheiro</i>	feder galheiro, cheiro de galheiro
<i>catinga</i>	catinga de sovaco, catinga de cecê, catingoso
<i>caititú</i>	caitituzão, fedor de caititu, cheiro de caititú
<i>porco</i>	porquinho, catinga de porco, cheiro de porquinho
<i>fedor</i>	fedorento, fedor de sovaco, sovaco fedido
<i>suor</i>	suor, suor forte

Fonte: organizado pela autora.

Com base no Quadro 12, observa-se que, embora cada variante lexical tenha seu sema completo pela união de dois semas distintos, sempre há um que é predominante na relação de sentido, nesse raciocínio, foram divididos os campos léxicos. Os itens não elencados: *asa*, *pixé*, *bodum*, *cheiro de cebola*, *mucura*, *taóca*, *está com bode* e *vencido* não estão no quadro, pois foram unidades lexicais unitárias não agrupadas.

Os itens com base nos semas *inhaca*, *catinga* e *fedor*, foram reunidos junto a esses campos, pois são unidades que classificam o cheiro dessa característica anatômica.

O conjunto de itens léxicos que em sua composição tem o nome de animais como *gambá*, *caititú*, *galheiro*, *porco*, *mucura* e *bode* podem ser

relacionados a um campo de animais que como característica semelhante tem um cheiro desagradável, normalmente exalado quando ameaçados.

Em suma, embora cada conjunto seja um campo léxico, é a totalidade do quadro que resulta em um grande campo léxico que tem como arquilexema *o cheiro nas axilas*.

A fim de verificar se os designativos nomeiam o conceito estudado, foram utilizados diferentes dicionários: antigos (Moraes Silva/1813; Bluteau/1712-1728) e contemporâneos (Ferreira/2004; Houaiss/2001), conforme o apresentado no quadro 13.

Quadro 13 - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam *o mau cheiro nas axilas*.

Dicionário	Ferreira (2004)	Houaiss (2001)	Moraes Silva (1813)	Bluteau (1712-1728)
Cecê	“Bras. Cheiro de corpo um tanto desagradavel”.	“Regionalismo: Brasil. Cheiro de corpo, fedor de suor; cê-cê”.		
Inhaca	v. bodum. “exalação fétida do bode não castrado; transpiração mau cheirosa de outros animais, também humanos”.	“Regionalismo: Brasil. fedor exalado por pessoa ou animal; bodum, catinga”.		
Catinga	“Cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo; bodum; morrinha.”	“1 odor desagradável ou nauseante”.	“Transpiração fétida dos sovacos, ou bodum”.	Palavra da angola. Fedor de negros”.
Gambá				
Sovaqueira	“o suor do sovaco”.	Regionalismo: Brasil. suor de		

		sovaco 3 Regionalismo: Brasil. odor desse suor; sovaquinho".		
Galheiro	"veado de galhos ou chifres grandes".	"Regionalismo: Brasil. 1 diz- se de ou veado de galhada (‘cornos’) grandes".		
Porco	"indivíduo sujo, imundo".	"Derivação: por extensão de sentido. Indivíduo sujo, sem higiene pessoal ou no local onde costuma ficar".	"sujo, imundo" (Moraes Silva, 1813).	
Mucura	"Bras. Zool. V. gambá".	"MASTZOO; AM AZ m.q. gamb á (no sentido de 'designação co mum')".		
Fedor	"fetidez". "qualidade de fétido, fedor".	"cheiro repugnante, nauseabundo; fedentina, fedorentina".		"mau cheiro".
Pixé	"Bras. Mau cheiro".	"Regionalismo: Norte do Brasil. mau cheiro" (Houaiss, 2001).		

Fonte: Ferreira (2004); Houaiss (2001); Moraes Silva (1813); Bluteau (1712-1728).

Para a elaboração do Quadro 13, foram consultadas a dicionarização de todas as variantes catalogadas, porém, algumas não foram encontradas, a maioria compostas, que tiveram apenas um dos semas da unidade lexical dicionarizada. Como os exemplos de expressões que possuem como base a unidade lexical *sovaco*, nome usual para a parte debaixo dos braços, em sua maioria, como *fedor de sovaco*, *catinga de sovaco*, ou ainda, *cheiro de sovaco*. Essas formas de nomear evidenciam como os usuários da língua, quando se

comunicam, fazem diferentes analogias e, assim, sempre acrescentam novas nomeações ao léxico ativo das comunidades de fala.

As unidades lexicais *galheiro*, *gambá*, *mucura* e *caititú* não foram encontradas nas obras lexicográficas consultadas na acepção em que foram usadas pelos informantes, todas remetem ao referente em busca, essas variantes podem ser explicadas pelas características anatômicas dos animais, pois *gambá* e *mucura* são seres que exalam um cheiro desagradável quando ameaçados, o item léxico *caititú* foi encontrado no *Glossário do linguajar amazônico* de Borzacov (2004), como “... Porco do mato”, que se assemelha com os itens compostos pela unidade lexical *porco*, conhecido por gostar de *habitats* com lama. Enfim, o designativo *galheiro* está dicionarizado, contudo não com a acepção válida nessa pesquisa. Ao se fazer a analogia entre as características do animal e da característica anatômica, pode-se inferir que o uso desse item léxico se dá pelo fato de *galheiro* ser um animal que vive no campo e, quando se sente ameaçado, solta odores desagradáveis. Devido ao alto valor de ocorrência nas duas localidades de Tocantins, pode-se tratar de uma variedade regional da língua portuguesa no Brasil.

Na área semântica *do corpo humano*, um fenômeno muito comum na hora de nomear partes em geral é o processo de metaforização em que o informante se vale que uma característica do mundo animal e, por correlação, denomina uma característica do ser humano. De acordo com Luna (2010)⁴², dois pesquisadores estudam esse fenômeno, em especial, na língua latina, Adams (1982)⁴³ e André (1991)⁴⁴. Segundos os teóricos, esse fato é mais comum com animais domésticos, que estão presente no cotidiano dos indivíduos, Adams (1982, p. 92-93) acrescenta que os principais fatores para esse processo metafórico de nomeação animal-humano são: “voces de la lengua estándar relativas a animales domésticos; términos del lenguaje

⁴² Essas informações foram retiradas da tese doutoral de Carolina Julià Luna defendida em 2010 com o título *Estructura e variación en el léxico del cuerpo humano*. Este trabalho analisa o processo de nomeação dos dedos da mão a partir de dados retirados de diferentes atlas linguísticos europeus.

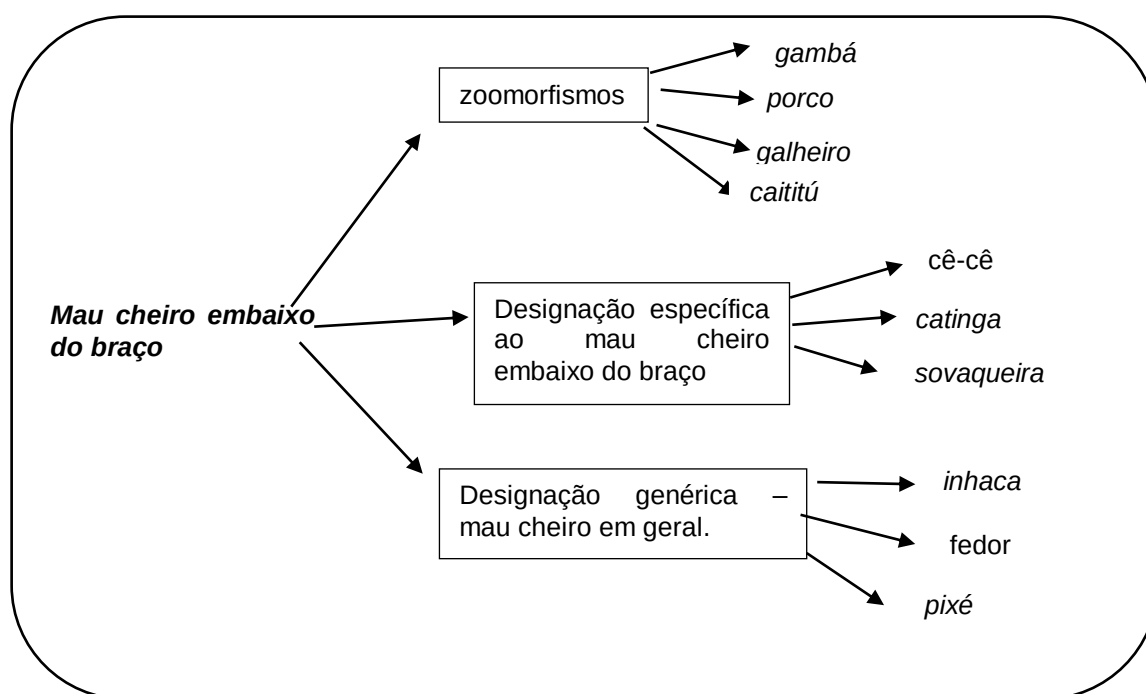
⁴³ ADAMS, James. *Anatomical terms transferred from animals to humans in latin*. Indogermanische Forschungen, 87, 1982, p. 90-109.

⁴⁴ ANDRÉ, Jacques. *Les mots à redoublement en latin*. Paris: Éditions Klincksieck, 1978.

específico del ámbito de la veterinaria; términos propios de granjeros; y terminología culinaria” (ADAMS, 1982, p. 92-93 *apud* LUNA, 2010, p. 128).

No caso específico do trabalho, nenhum desses fatores listados refletem as unidades léxicas catalogadas, porém, ao analisar as características dos animais fornecidas e a pergunta selecionada, pode-se verificar um ponto em comum entre eles que é o odor desagradável. Embora, não seja um dos tipos avaliados por Adams, essa analogia se enquadra também em um processo metafórico. Com base nas informações semânticas das unidades lexicais, na figura 36 visualiza-se as unidades léxicas classificadas segundo os traços semânticos.

Figura 36 - Distribuição das unidades léxicas segundo os traços semânticos por Pottier (1978).



Fonte: Elaborada pela autora. Figura elaborada pela autora.

4.4.2.1 Tabus linguísticos

Para finalizar a análise léxico-semântica, levando em conta a teoria dos tabus linguísticos e a escolha dos meios de substituição, infere-se dos itens catalogados e analisados, que todos podem ser classificados, por excelência,

como disfêmicos, por se tratarem de expressões que agravam a característica anatômica estudada. Em especial, os que se valem dos animais para comparar os odores, uma vez que esses animais, em especial, o *porco* tem um sema muito negativo na sociedade, por se tratar um ser que vive na sujeira.

4.5 Expressões fixas

No levantamento das respostas para as 32 perguntas da área semântica do *corpo humano* – questionário semântico-lexical-QSL, foi possível verificar, mesmo que sem análise de cada pergunta, uma rica fonte de expressões fixas utilizadas pelos informantes.

Nem todas têm uma fixidez total nos elementos que a compõem, muitas vezes, a fixidez está em um elemento apenas, mas, mesmo assim, configura a unidade fraseológica, com base na teoria de Gross (1996) e Mejri (1997).

Nesse sentido, verificou-se, no *corpus* de todas as perguntas, as unidades com mais de um elemento, para analisar a possibilidade de ser uma expressão fixa. Para tanto, foram utilizados os métodos propostos por Gross (1996). No Quadro 14, apresentam-se as expressões confirmadas como fixas.

Quadro 14 - Relação das unidades fraseológicas registrados na área semântica do *corpo humano* – Projeto ALiB.

Pergunta/QSL	Unidade fraseológica
089 – “a parte que cobre o olho”	<i>Capela do olho</i>
092 – “pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”	<i>Instalação trocada</i>
098 – “Últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta”	<i>Dente do juízo</i>
105 – “parte alta do pescoço do homem”	<i>Maçã de Adão</i>
111 – “a parte do corpo da mulher onde fica o nenê/bebê antes de nascer”	<i>Na madre</i>
116 – “pessoa de pernas curvas”	<i>Perna de alicate</i>
116 – “pessoa de pernas curvas”	<i>Perna de baladeira</i>
117 – “osso redondo que fica na frente do joelho”	<i>Bolacha do joelho</i> <i>tramela do joelho</i>

119 – “isto, apontar” (calcanhar)	<i>Calcanhar de Aquiles</i>
-----------------------------------	-----------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que, dentre as variantes lexicais registradas, as mais produtivas foram *dente do juízo* e *bolacha do joelho*, que podem já ser classificadas como do léxico ativo dos informantes, já cristalizadas na norma local das localidades pesquisadas.

Após o levantamento das possíveis unidades fraseológicas, foram consultadas obras lexicográficas para verificar a dicionarização das variantes lexicais. Dos itens levantados, foram encontrados apenas uma: *dente do juízo*. As duas primeiras entradas remetem às características buscadas, já o último foi encontrado como “ponto fraco ou vulnerável de alguém (do ponto de vista físico, moral, emocional ou intelectual)” (HOUAISS, 2001). Em continuação, tratar-se-á de cada um dos possíveis itens léxicos separadamente.

Capela do olho

(substantivo + preposição + artigo + olho)

Esse designativo é utilizado para nomear a parte sobre o olho, conhecida como pálpebra. A unidade léxica “capela” nomeia uma pequena originalmente no latim “capa pequena” e na atualidade o uso decorre da associação entre a pequena capa e a “capa do olho”. Segundo a classificação de Gross (1996), tem a fixidez parcial de um elemento nominal, no caso, capela, já, para Mejri (1997), é uma sequência fixa com sentido deduzível a partir dos elementos da sentença.

Instalação trocada

(substantivo + verbo/função adjetiva)

A sequência fixa *instalação trocada* apresenta uma fixidez completa (GROSS, 1996) e é uma sequência fixa deduzível a partir do contexto (MEJRI, 1997). A característica anatômica *estrábico* se caracteriza pela falta de paralelismo entre os eixos visuais, desse modo, instalação trocada remete a

essa falta de simetria, nesse sentido, sua origem é metafórica, há uma similaridade entre a expressão utilizada e o conceito buscado.

Dente do juízo

(substantivo + preposição + substantivo)

O *dente do juízo* é conhecido por ser o dente que nasce por último, já adulto. Na cultura popular, esse dente ficou denominado dessa maneira, pois é corrente falar que quando nascem os últimos dentes, a pessoa cria juízo, assim, os dentes siso são os *dentes do juízo*. Esse item fraseológico apresenta uma fixidez parcial, com uma parte do grupo nominal, no caso, juízo (GROSS, 1996). É uma sequência fixa que tem o sentido composicional (MEJRI, 1997).

Maçã de Adão

(substantivo + preposição + substantivo)

A unidade fraseológica *maçã de Adão* é conhecida pela sua origem bíblica do pecado original, início do mundo. Essa expressão tem cunho mitológico e religioso, com base na história registrada, Adão e Eva estavam no paraíso, quando apareceu a serpente que instigou Eva a comer o fruto proibido, que se imagina ser uma maçã, em seguida, os dois comem o fruto proibido e são expulsos do Jardim do Éden. Com efeito, quando Adão come a maçã, a semente para na região da garganta, o que, segundo o imaginário popular, originou o gogó masculino. É uma sequência fixa com sentido não deduzível pelos elementos, apenas pelo contexto (MEJRI, 1997). Tem fixidez completa (GROSS, 1996).

Na madre

(Preposição + artigo + substantivo)

Na madre é uma expressão, possivelmente oriunda da língua espanhola pelo *madre* e adaptada por falantes brasileiros, é utilizado para nomear o *útero*. Tem forte carga metonímica, pois considera-se a parte pelo todo, ou seja, o

órgão em que se guarda o bebê pelo todo que é a mãe. Essa expressão tem fixidez completa (GROSS, 1996) e é uma sequência fixa, não é deduzível apenas pelos elementos, se faz necessário o contexto também (MEJRI, 1997).

Perna de alicate e perna de baladeira

(substantivo + preposição + substantivo)

As duas unidades fraseológicas serão discutidas juntas por se resultarem de um mesmo processo metafórico a fim de nomear o referente “pernas curvas”. A variante lexical *perna de alicate* é constituída a partir do processo analógico do formato da perna com o formato do alicate, material utilizado para cortar que tem as hastes curvas. Já *perna de baladeira* é uma analogia ao estilingue, brinquedo formada por hastes de couro e uma forquilha fabricado para matar passarinhos. *Baladeira* é como se chama estilingue na região Norte do Brasil, conforme pode ser observado nas cartas linguísticas de estilingue publicadas no volume I do ALiB (CARDOSO et al, 2014).

As duas expressões fixas têm uma fixidez de uma parte do grupo nominal (GROSS, 1996) e são sequências fixas de sentido deduzível a partir dos elementos e do contexto (MEJRI, 1997).

Bolacha do joelho e tramela do joelho

(substantivo + preposição + substantivo)

O item lexical *bolacha do joelho*, terceiro mais produtivo no universo pesquisado, é utilizado para nomear o osso que se encontra na frente do joelho, nome técnico de rótula. A variante é usada pelo processo metafórico, uma vez que rótula tem o formato arredondado, como a bolacha. Portanto, os informantes de acordo com os objetos mais comuns em sua vivência, utilizam o designativo bolacha para nomear o osso, o que torna *bolacha do joelho*. O mesmo pode-se considerar de *tramela do joelho*, uma vez que por processo metafórico, tramela de trava da porta, torna-se o osso do joelho.

Considera-se essa unidade com um grau de fixidez parcial com só uma parte do grupo nominal (GROSS, 1996), é uma sequência fixa de sentido deduzível a partir dos elementos e do contexto. (MEJRI, 1997)

Calcanhar de Aquiles

(substantivo + preposição + substantivo)

Essa expressão é oriunda da mitologia grega em que conta que quando Aquiles nasceu, sua mãe, Tetis, o mergulhou no rio Estige e o tornou imortal, só havia uma parte do corpo vulnerável em Aquiles, o lugar que sua mãe o segurou para emergi-lo no rio, o calcanhar. Nesse sentido, essa expressão é totalmente metafórica e utilizada para expressar o ponto fraco de uma pessoa.

Segundo a nomenclatura, trata-se de um fixidez total (GROSS, 1996) e uma sequência fixa com sentido deduzível a partir dos elementos e do contexto (MEJRI, 1997).

Finalizada o capítulo de análise dos dados, apresentam-se as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O léxico de uma língua reflete os aspectos constituintes de uma sociedade, como a cultura, a história e a ideologia, dentre outros. Por essa razão, os estudos a partir de dados lexicais se tornam uma rica fonte de análise, não só de aspectos linguísticos, mas também de aspectos culturais e histórico-geográficos do espaço de origem do recorte do léxico em estudo.

Nessa vertente, esta Dissertação analisou dados lexicais oriundos de pesquisas dialetais que fornecem, sobretudo, uma amostra do falar de cada uma das regiões pesquisadas. Assim, ao considerar as duas regiões geográficas contempladas nesta pesquisa, Norte e Sul do Brasil, pode-se verificar características próprias de cada uma delas que, ao mesmo tempo, evidenciam semelhanças e individualidades. Para retratar a diversidade linguística das duas regiões, para este estudo, foram selecionadas quatro perguntas/QSL: 091 “a pessoa que só enxerga com um olho”; 092 “a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”; 102 “a sujeirinha dura que se tira do nariz” e; 109 “o mau cheiro embaixo dos braços”.

A pergunta 091/QSL “a pessoa que só enxerga com um olho” totalizou oito (08) variantes léxicas. Como a mais produtiva nas duas regiões geográficas foi registrada a unidade lexical *caolho*, não demonstrando diferenças dialetais entre o Norte e o Sul. Nessa questão, foi documentado um significativo número de não respostas, cerca de 21% do *corpus*, também houve muitos casos de respostas invalidadas por não corresponderem com o sema da pergunta, como o caso de *cego*.

O conjunto das respostas fornecidas para designar “a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes” (92/QSL) computou dez (10) variantes. A análise dos dados demonstrou que, enquanto *zarolho* alçou alta produtividade nas localidades da região Norte, *vesgo* representou a maioria das respostas dos informantes da região Sul. O item lexical *estrábico*, por sua vez, considerado o termo técnico para nomear o referente em questão, teve maior índice de ocorrência junto aos falantes com Curso Superior oriundos das capitais, em sua maioria, do sexo feminino, nas duas regiões investigadas.

Ao contrastar as perguntas 091/QSL e 092/QSL, pode-se verificar que uma parte dos informantes de cada uma das regiões não difere as duas características anatômicas e as consideram a mesma, quando perguntados, respondiam que *caolho* pode nomear as duas perguntas ou ainda que não há diferenças. O mesmo ocorreu com *zarolho*, porém em menor proporção.

No caso da pergunta 102/QSL “sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo” foram catalogados onze (11) unidades léxicas, dentre elas, *tatu* foi a mais produtiva. Nota-se, a partir das respostas para essa pergunta, uma clara diferença entre as duas regiões, uma vez que *bustela* marca diatopicamente a região Norte e foi a mais produtiva e, *tatu* pode ser verificado em todo o território do Sul, delimitando as duas regiões dialetais.

Já no universo da pergunta 109/QSL “o mau cheiro embaixo dos braços” foram apuradas vinte e quatro (24) unidades lexicais como respostas. Dessas ocorrências, grande parte é de itens compostos formados por designações, originalmente, relacionadas a dois conceitos como, por exemplo, *catanga de sovaco* ou ainda *inhaca de cecê*. Observou-se, a partir dos dados, a significativa presença de nomes de animais (zoomorfismo) que possuem odores bem característicos para nomear o *cheiro das axilas*: *gambá*, *porco*, *caititú*, *galheiro*, *mucura* e *bode*. Outro dado relevante em relação à pergunta 109/QSL foi a alta frequência do designativo *asa*, o mais produtivo na região Sul, em especial, nas localidades do Rio Grande do Sul. Em contrapartida, essa unidade léxica não teve nenhuma ocorrência na região Norte.

Por meio das respostas fornecidas para as quatro perguntas, analisaram-se traços da sócio história de cada uma das regiões. No Norte, com a disseminação de *bustela* e *cataraca*, verificou-se como o percurso de colonização iniciado pelos portugueses, por volta de 1600, nos estados de Pará e Amazonas influencia as escolhas lexicais. Nesses dois estados é muito frequente o uso de *bustela* que abrange as localidades próximas, à medida que se afasta, vai perdendo o vigor e vai se tornando mais produtivo o uso de *cataraca*. Esses dados delimitam áreas territoriais no Norte, como o grande centro formado pelo Amazonas, Pará e Amapá, Roraima no extremo Norte, isolado linguisticamente, e o Acre e Rondônia que demarcam outra área

dialetal. Por essa razão, não se pode considerar que a região Norte seja uma área dialetal homogênea.

A região Sul, por seu turno, foi analisada segundo a divisão das áreas dialetais, proposta, primeiramente, por Koch (2000) e, depois, revisada por Altenhofen (2005). Ao analisar as respostas fornecidas para a resposta 109/QSL, verificou-se que *asa* predomina nas localidades do Rio Grande do Sul e, à medida, que se avança ao Norte perde sua força, até chegar no Paraná com poucas ocorrências. Já *catínga* marca dialetalmente a área leste de Santa Catarina que pode ser chamado de área açoriana (ALTENHOFEN, 2005). Nesse estado também pode-se observar a menor ocorrência de *asa* e, em contraposição, o uso de *cheiro de sovaco* que evidencia essa área de transição (ALTENHOFEN, 2005) entre a área rio-grandense e a área paranaense. Com o registro de *gambá*, foi demarcado também a região norte do Paraná, conhecida como Paraná moderno ou feixe paranaense, distinto das outras áreas pelo seu processo sócio histórico. Por fim, a partir de designativos como *birolho* e *moco*, delimitaram-se as áreas de bilíngues de português em contato, principalmente, no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, assim como não se pode considerar a região Norte homogênea, também não cabe essa nomenclatura ao Sul. Esses dados ratificam, estudos como os de Altenhofen (2005) a partir dos dados do ALERS (2001) e Görski (2012) com dados fonéticos. Na perspectiva lexical, Romano (2015), em sua tese de doutorado, analisou o Centro-Sul do Brasil e, como resultados, apontou para uma heterogeneidade do falar sulista “verificou-se que o comportamento das variantes apresenta diferenças significativas, ratificadas pelas cartas de arealidade gradual” (ROMANO, 2015, p. 266)

Além do estudo diatópico dos dados, também foram analisados as variáveis sociais, idade, sexo e escolaridade. A partir do exame dos dados, observou-se traços de conservadorismo na fala dos informantes da faixa etária II e, sobretudo, na fala das mulheres. Esses dados colaboram para a hipótese de que as falantes do gênero feminino refletem mais sobre o uso das palavras e, assim, tendem a evitar itens que tenham carga semântica pejorativa ou agressiva.

No estudo a partir de perguntas da área semântica do *corpo humano* foi possível verificar a presença de tabus linguísticos na fala dos informantes das duas regiões. Como já salientado por Rodrigues (2006), o corpo carrega forças tabuísticas, pois é o primeiro acesso do ser humano com o mundo, assim, mesmo que inconsciente, o homem carrega consigo traços tabuísticos, essencialmente, na fala. Nas respostas fornecidas para as perguntas analisadas, verificou-se que o uso de palavras-tabus está mais presente na fala dos homens que das mulheres e, que, muitas vezes, unidades léxicas como *caolho*, *bustela* e *catinga* são utilizadas, mas sem levar em conta sua carga semântica pejorativa.

Por fim, esta pesquisa pode evidenciar o uso de itens léxicos formados por mais de um elemento, denominados expressões fixas. Em uma comunidade linguística, quando não encontram como nomear determinado objeto ou situação, é natural que, por processos metafóricos, os indivíduos criem novos designativos e acrescentam semas diferentes a unidades léxicas ou ainda, por processos de opacidade, troquem semas de palavras.

Em suma, este estudo, por meio de dados lexicais do Projeto ALiB: não só ratificou as diferenças entre as duas áreas geográficas, Norte e Sul, mas as subdivisões dialetais dentro de cada região; mostrou a interferência das variáveis sociais na fala dos informantes; comprovou a presença de tabus linguísticos e apontou para o uso de expressões fixas.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALINEI, Mario. L'Atlas Linguarum Europae: risultati, struttura, storia, prospettivi. In: MOUTON, Pilar García (Ed.). *Geolingüística*. Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994. p. 1-39.
- ALMEIDA, Laura de. *À guisa de uma tipologia para os tabus lingüísticos – proposta de um glossário*. 2007. 193p. (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciencias Humanas, São Paulo, 2007.
- ALTENHOFEN, Cléo. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci. (org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina. Edel, 2005, p. 177-208.
- ALTENHOFEN, Cléo; KLASSMANN, Mário Silfredo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Florianópolis, Ed. UFSC. 2001.
- ALVAR, Manuel. Qué es un dialecto?. In: ALVAR, Manuel. *Manual de Dialectología hispánica: El español y España*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996. P. 5-14.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário*. 4ª. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA, Cleuza de Menezes. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1,2.
- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 14ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990
- AUGRAS, Monique. *O que é tabu*. 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabu lingüísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolingüísticos*. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em estudos de linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- BALDINGER, Kurt. *Teoría semântica*. Hacia una semântica moderna. Madrid: Ediciones Alcalá, 1970.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BIDERMANN, Maria Tereza Camargo. A estruturação mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*, São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p. 131-145.
- BIDERMANN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e lingüística portuguesa*. n. 2, 1998, p.81-118.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico da palavra. In: *Revista Palavra*/ Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro, Grypho, 1999, p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. Teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001b, p. 13-22.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Editara Contexto, 2014.

BORZACOV, Eduardo Constantino. *Glossário do linguajar amazônico*. Eduardo Constantino Borzacov – Porto Velho/RO, 2004. 313 p.

BLUTEAU, Raphael. *vocabulario portuguez & latino*. Coimbra, 1712-1728. Disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1> >. Acesso em: 01 ago 2015.

CASTRO. Josué de. *Fisiologia dos Tabus*. 3. Ed. Rio de Janeiro, 1954

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística*: Tradição e Modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil*: volume II. Londrina: Eduel, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelinet al. *Documentos 4*: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2014b.

CARVALHO, Paola Mahyra de Oliveira. *Relações entre léxico e ambiente*: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil. 2015. 219 p. Dissertação (Mestrado em estudos de linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

CAVERO, David Ortega. *Diccionario Português-Español/ Español-Português*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, S.A, 1977.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. *La Dialectologia*. Madrid: Visor libros SL, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: Eduel, 2001.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de Fraseología Española*. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Trad. Agostinho Dias Carreiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Lingüística; 8.)

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua Linguagem*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

COSTA, Daniela de Souza Silva. *O léxico indígena nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico*. 209 p. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. trad. Frederico Pessoa de Barros [et al]. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUCROT, Oswald. *Princípios da semântica linguística*. (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix. Trad. Carlos Vogt, 1972.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia linguística*. Tradução Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Versão 5.0. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A Dialektologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Sousa. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervietal no Mato Grosso*. 299 p. 2014. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FREITAS-MARINS, Luciene Gomes. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. 310 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. 47. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GECKELER, Horst. *Semántica Estructural y Teoría del campo léxico*. Madrid: Editorial Gredos, 1971.

GÖRSKI, Edair Maria. Fenômenos variáveis na Região Sul do Brasil : aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado entre as três capitais. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, São Paulo, 41 (2) : p. 806-817, maio-ago 2012.

GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.

- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Tabus Linguísticos*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- GUIRAUD, Pierre. *El lenguaje del cuerpo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Características da população e dos domicílios*: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acesso em: dez. 2016.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (Orgs.) *História, região e identidades*. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2003, p. 165-181.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Achega para a discussão do conceito de regionalismos no Português do Brasil. In: *Alfa: Revista de Linguística / UNESP* v. 50 (2). São Paulo: UNESP, 2006, p. 9-24. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/01-Isquerdo.pdf>>. Acesso em: 15 jun 2011.
- ISQUERDO, Aparecida Isquerdo; TELES, Regina. *A rede de pontos*. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas linguístico do Brasil*: volume I. Londrina: Edue, 2014.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEACH, Edmund Ronald. *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983
- LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 63-92.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedades partidas – A polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- LUNA, Julià Carolina. *Estructura y variación en el léxico del cuerpo humano*. 2010. 665p. Tese (Doctorado em Filología española) – Universidad Autonoma de Barcelona, Barcelona, 2010.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 1ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1952. Quinto volume Q-Z
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Una teoría científica de la cultura*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1948.
- MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão Sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. 332 p. Tese de Doutorado (Programa de pós-graduação em Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.
- MEJRI, Salah. *Le figement lexical*. Tunis: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna*. Vol. 1. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- MORAES SILVA, Antônio de. *Diccionario da língua portugueza*. Lisboa, 1789. Disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/2> >. Acesso em: 01 ago 2015.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos. Tese de Doutorado. 477p. Araraquara: UNESP, 1999.
- OLIVEIRA, Dercir de. (org.). *ALMS – Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.
- REAL ACADEMIA GALEGA, 2012. Disponível em: <http://academia.gal/>, acesso em 25 dez 2016.
- RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1977.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. 7.ed., ver. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Volume 1: 285 p.
- ROSSI, Nelson et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- SANTOS, Regina Bega. *Migrações no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1994.
- SARAIVA, Danyelle Almeida. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 155 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística geral*. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969.

SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao estudo da Fala*. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971

SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1964.

SILVA NETO. Serafim. *Guia para estudos dialectológicos*. 2ª. Ed. Melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TERUEL, Fernando Carratalá. *Manual de vocabulario español: enseñanza y aprendizaje*. Castalia, 2006.

THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21: 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

TORRE, Maria Benedita Lima Della. *O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia*. 6. Ed. São Paulo, Editora Nacional, 1977.

TRISTÁ PÉREZ, A. Mª. Teoría fraseológica: visión general del problema. In: _____ *Fraseología y contexto*. La Habana: Ciencias Sociales, 1988, pp. 7-40.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VELARDE, Manuel Casado. *Lenguaje y cultura*. Madrid: Editorial Sintesis, 1991.

VILAÇA, Maria Giselda da Costa. *Tabus linguísticos na publicidade brasileira*. 2009. P. 132p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXOS



DECLARAÇÃO

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, intitulado **Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil: perspectiva geossociolinguística**, que desenvolvo sob a orientação **Aparecida Negri Isquerdo**, Diretor Científico do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (**Projeto ALiB**), dados do *corpus* desse Projeto, **declaro**:

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do **Projeto ALiB** a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Lingüístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Lingüístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE do Orientador.

Campo Grande, 24 de agosto de 2016 .

Juliany Fraide Nunes

RG: 1.857.164 SSP/MS CPF: 046.463.401-60

CIENTE

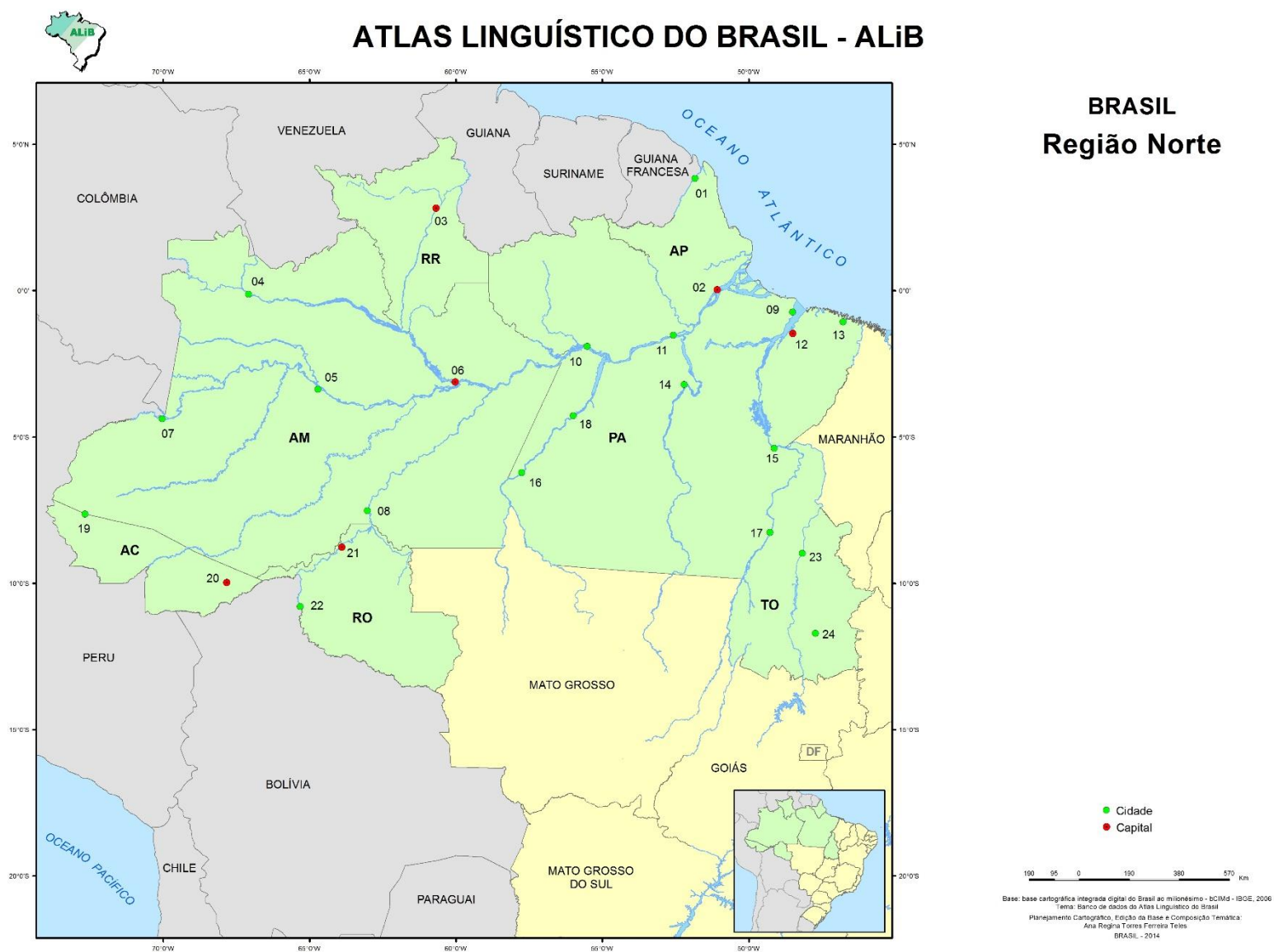
Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Diretor Científico

REGISTRADO no

Projeto ALiB sob nº 27

Projeto Atlas Lingüístico do Brasil
Suzana Alice Marcelino Cardoso
Diretora-Presidente







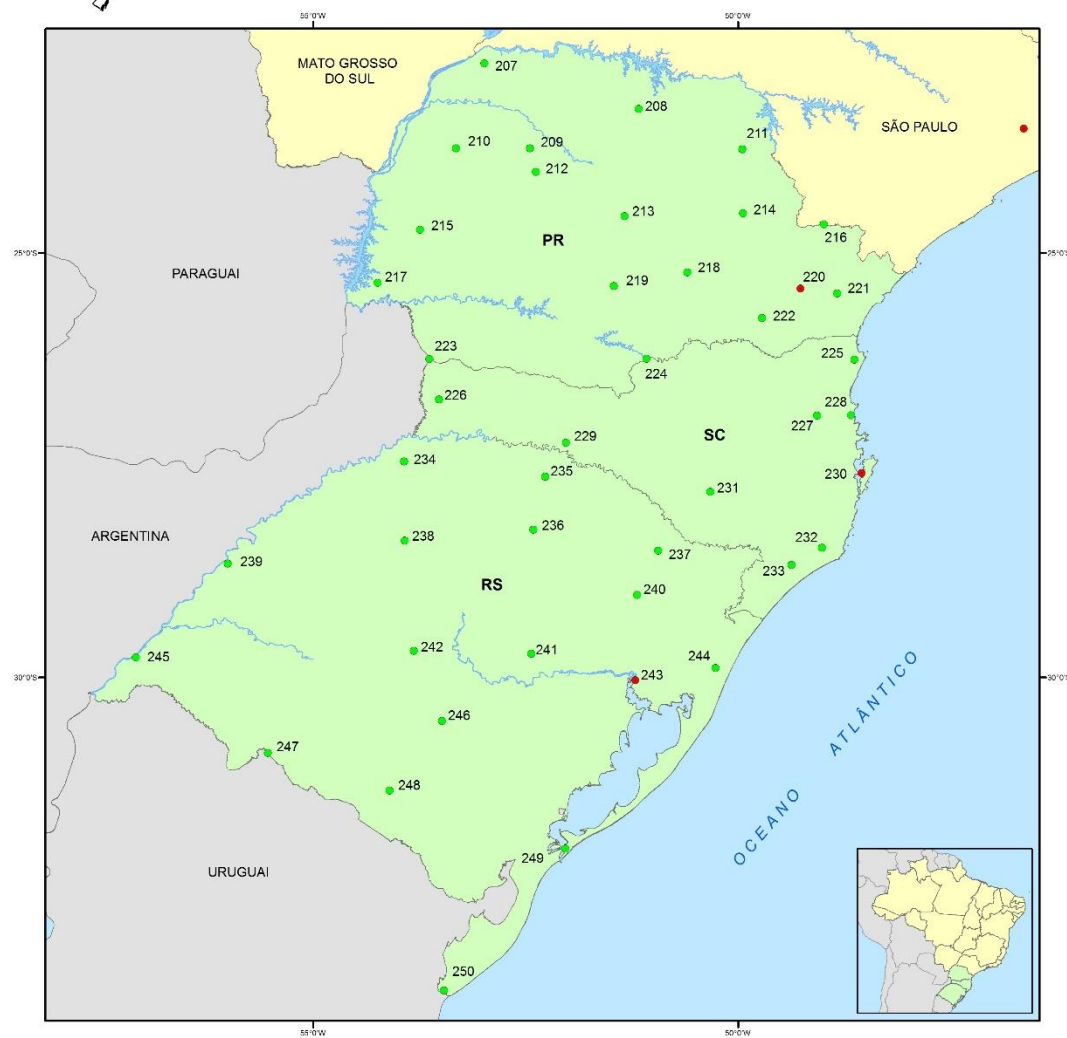
ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL - ALiB



Base: base cartográfica integrada digital do Brasil em milímetros - IBGE, 2008
 Tema: Banco de dados do Atlas Lingüístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição Temática:
 Ana Regina Torres Ferreira Teles
 BRASIL - 2014



ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL - ALiB



BRASIL Região Sul

● Cidade
● Capital

75 37,5 0 75 150 225 km

Base: base cartográfica integrada digital do Brasil ao milionésimo - IBGE/2008
Tema: Banco de dados do Atlas Lingüístico do Brasil
Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição Temática:
Ana Regina Torres Ferreira Teles
BRASIL - 2014